Autora best-seller do *The New York Times*

# Jill Mansell

Quando você menos espera...

## Tudo pode mudar

A Editora Arqueiro agradece a sua escolha.
Agora, você tem em mãos um dos nossos livros
e pode ficar por dentro dos nossos lançamentos,
ofertas, dicas de leitura e muito mais!

Clique aqui para assinar
nossa newsletter e receber
as novidades diretamente
em seu e-mail.

# Tudo pode mudar

# O Arqueiro

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis

e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

Jill Mansell

Quando você menos espera...

# Tudo pode mudar

ARQUEIRO

Título original: *This Could Change Everything*

Copyright © 2018 por Jill Mansell
Copyright da tradução © 2022 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com a Jane C. Judd Literary Agency via Yañez, parte da International Editors' Co. S.L. Literary Agency.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

*tradução:* Regiane Winarski

*preparo de originais:* Marina Góes

*revisão:* Camila Figueiredo e Rayana Faria

*projeto gráfico e diagramação:* Abreu's System

*capa:* Renata Vidal

*imagem de capa:* chempina | Shutterstock

*foto da autora:* © Charlotte Murphy

*e-book:* Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M248t

Mansell, Jill.
Tudo pode mudar [recurso eletrônico] / Jill Mansell; tradução Regiane Winarski. - 1. ed. - São Paulo: Arqueiro, 2022.
recurso digital

Tradução de: This could change everything.
Formato: epub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-65-5565-384-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Winarski, Regiane. II. Título.

CDD: 823
22-79040 CDU: 82-3(410)

Gabriela Faray Ferreira Lopes - Bibliotecária - CRB-7/6643

Todos os direitos reservados, no Brasil, por

Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

*Para Lizzie Neath, com extrema gratidão*
*pela doação incrivelmente generosa para ajudar*
*as vítimas do desastre de Grenfell Tower.*

# SUMÁRIO

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Sobre a autora

Sobre a Arqueiro

# Capítulo 1

O QUE PODERIA SER MAIS GLORIOSO do que se sentar a uma mesa na calçada de um café, em uma tarde ensolarada de junho, usando um chapéu novo maravilhoso e testemunhando um crime iminente?

Zillah Walsh ajustou a aba do fedora vermelho e se recostou na cadeira, observando com fascinação a cena que se desenrolava à sua frente. O garoto estava determinado a furtar a loja.

*Que emocionante.*

Era verdade que não tinha acontecido ainda, mas era óbvio que o clima era esse. Dava para ver pela linguagem corporal dele: a hesitação, o ar de casualidade fingida, os constantes olhares por cima do ombro esquerdo para o cliente idoso logo atrás.

Também estava bem evidente que ele não era o mais competente dos criminosos, visto que não tinha reparado que o dono da loja o observava através da vitrine.

Ah, pobre garoto.

O que ele estava fazendo era errado, óbvio que era, mas Zillah não pôde deixar de sentir pena. Ele estava com a mercadoria em mãos e fingia examiná-la enquanto a aproximava sorrateiramente do bolso do moletom.

Enquanto isso, o dono da loja tinha chegado mais perto da porta e estava se preparando para abordá-lo…

Ah, não, ela não podia deixar aquilo acontecer.

Zillah balançou o braço para atrair a atenção do garoto e gritou com sua voz mais potente:

– Querido, eu mudei de ideia! Pode comprar uns pra mim também? Vem aqui, você vai precisar de mais dinheiro.

Ela fez sinal para o garoto se aproximar e o viu notar, tardiamente, o dono da loja esperando para atacar.

O garoto colocou a mercadoria prestes a ser roubada de volta na estante e atravessou a rua estreita. Zillah tirou uma nota de cinco libras da bolsa.

– Compra um saco grande, volta e senta aqui comigo. Se ele perguntar, diz que sou sua avó.

O garoto fingiu inocência.

– E por que ele perguntaria?

– Não me venha com gracinhas. Acabei de livrar você de ser preso.

O garoto ergueu uma sobrancelha para ela com ar petulante.

– Tudo bem. Mas vou logo avisando que você é *bem* mais velha do que a minha avó.

Zillah sorriu quando ele se virou. Ela se perguntou brevemente se ele pegaria a nota de cinco e fugiria, mas não. Ele voltou ao mercado e estava escolhendo frutas na gôndola.

O dono lançou um olhar desconfiado na direção de Zillah e ela assentiu para ele de forma encantadora. Ah, sim, ser uma octogenária estilosa e articulada era bem útil às vezes.

– Aqui está.

De volta à mesa, o garoto entregou a ela um saco enorme de maçãs Pink Lady.

– Obrigada. Pode ficar com duas. E eu não sabia se você tomava café –

disse Zillah quando ele botou o troco na mão dela –, então pedi um suco de laranja.

Ela apontou para a cadeira vazia.

– Sente-se.

– Por que você está fazendo isso? – perguntou ele, sentando-se.

– Sinceramente? Eu fiquei intrigada. Os adolescentes de hoje não preferem roubar latas de energético ou de sidra? Não é todo dia que a gente ouve falar de adolescentes roubando maçãs.

O garoto tinha o rosto fino, cabelo escuro espetado e olhos alertas. As roupas eram baratas e estavam meio puídas.

– Eu gosto de maçã. A gente não tem em casa.

– Eu também gosto. Mas não vale a pena gastar seu réu primário com isso, não acha? – disse Zillah.

– Pensei que ninguém fosse se importar. Seria problema demais por uma coisa tão pequena.

– Talvez, mas não dá para certeza. Quantos anos você tem?

Quando o suco de laranja chegou, o acompanhante de Zillah tomou vários goles sedentos.

– Obrigado. Dezesseis. E você?

– Tenho 83.

– Nossa, que velha! Mas você está ótima. Para a sua idade, é claro.

– Obrigada – respondeu Zillah, séria. – Eu me esforço.

– Você parece… rica – disse ele de forma direta.

– Eu uso maquiagem. Compro roupas boas. Prefiro as coloridas às sem graça.

Ela indicou o casaco de seda azul-pavão, as contas vívidas em volta do pescoço, em seguida inclinou a cabeça e bateu na aba do chapéu vermelho.

– E também gosto muito de chapéus.

O garoto abriu um sorriso que iluminou seu rosto todo.

– Quer saber? Você não é *nada* parecida com a minha avó.

O nome dele era Ben, Zillah descobriu, e ele estava matando aula. Mas não importava, porque era uma aula de cidadania, que era chata e não servia para nada.

– Como você sabe que não serve para nada se não está lá para ouvir? – perguntou Zillah.

– Isso é bem o tipo de coisa que os professores dizem. Acontece que eu já fui vezes suficientes para saber que é chato.

Ben apontou para a mão esquerda dela, cuja parte de trás estava coberta por um curativo grande.

– O que houve aí?

– Estive no hospital hoje de manhã. Fiz uma microcirurgia.

– De quê?

– Remoção de tatuagem – disse ela, tomando um gole de café.

– *Sério?* – perguntou ele, e pareceu decepcionado quando a ficha caiu. – Ah, você está brincando. O que aconteceu de verdade?

– Um cisto sinovial.

– Isso é câncer?

Ela fez que não.

– Não, não é nada de ruim. Só drenaram fluido.

– Ah, que bom – disse Ben. – Mas o que você teria feito se fosse câncer? Sempre penso em coisas assim, você não? Você escreveria uma lista de coisas a fazer antes de morrer?

Zillah soltou uma gargalhada e colocou a xícara na mesa.

– Como é?

– Ah, fala sério, você já deve ter ouvido falar nisso. As pessoas fazem isso quando descobrem que vão morrer. Um primo meu mora em Swindon e o vizinho dele teve câncer. Ele fez uma lista de coisas que queria fazer e chegou até a andar de balão, o que foi bem legal, mas morreu antes de terminar a lista. Tipo, ele queria conhecer o Mick Jagger, mas não rolou. Todo mundo estava arrecadando dinheiro pra ele ir ver os Rolling Stones tocando, mas o dinheiro acabou sendo usado para pagar o enterro.

– Ah, sim, já ouvi falar dessas listas – disse Zillah, assentindo porque ele ainda estava olhando para ela intrigado.

– Se você descobrir que vai morrer, precisa fazer uma.

– Querido, eu tenho 83 anos. Aconteça o que acontecer, não me restam muitos anos. Acho que gente da minha idade não faz esse tipo de coisa.

Ben balançou a cabeça.

– Deve ser esquisito ser tão velha.

Zillah estava se divertindo imensamente, mais ainda porque o dono do mercado continuava olhando para eles, tentando entender se eram mesmo parentes.

– A gente se acostuma. Me conta, o que você colocaria na sua lista?

– Boa pergunta – disse ele, apontando para ela com entusiasmo. – O que eu colocaria? Bem, acho que uma noite com a Miley Cyrus. Sabe quem é?

– Cantora. Não usa muitas roupas. Famosa por rebolar. É essa?

– Ela mesma. E eu também nadaria com golfinhos. E com certeza ia querer ir à Disney. E teria um passe anual do zoológico.

– Do zoológico da Disney?

– Não, *daqui*.

Ben fez um gesto para trás e Zillah percebeu que o jovem apontava na direção do Zoológico de Bristol, que ficava cerca de um quilômetro atrás deles.

– Não me diga que você nunca foi lá – disse ele. – Nossa, é irado! O ingresso é bem caro, mas, se você pagar o passe anual, pode entrar quantas vezes quiser. Todos os dias, até.

Agora ele estava animado.

– Quais são seus animais favoritos lá? – perguntou Zillah.

– Ah, não me obriga a escolher. Quero trabalhar lá quando terminar a escola, ano que vem – explicou ele, com os olhos brilhando. – É o melhor lugar do mundo.

Quando terminaram as bebidas, Zillah pagou a conta e Ben disse:

– Ah, bem. Obrigado.

– O prazer foi meu. Você pode me fazer um favor para retribuir, se quiser.

Ele revirou os olhos de leve.

– O que é agora, hora do sermão? Chega de furtos?

– Você não precisa que eu diga isso, não é? Na verdade, eu queria saber se você pode me ajudar a carregar isto até o meu carro. A minha mão está doendo um pouco.

Ela indicou o curativo.

– E também porque eu sou muito, muito velha.

Zillah não era burra; ela sabia que havia uma pequena chance, quando se entregava seus pertences a um estranho, inclusive a bolsa, de ele sair correndo com tudo. Mas ela queria correr o risco, e isso significava torcer para que nada acontecesse.

Era uma caminhada colina acima passando pela Ponte Suspensa Clifton e atravessando o gramado largo que separava as lojas do hospital onde a microcirurgia daquela manhã tinha sido executada. Como sempre era um pesadelo parar o carro em Clifton, ela o havia deixado no estacionamento do hospital.

Quando chegaram lá, 15 minutos depois, Ben colocou as várias sacolas de compras no porta-malas e devolveu a ela a bolsa grande de couro.

– Obrigada – disse Zillah. – Estou muito grata.

– Carro legal – disse Ben, passando a mão de leve pela pintura azul-marinho do Mercedes.

– Eu sei. Posso te dar carona até em casa se você quiser.

Ele soltou uma gargalhada roncada.

– Você não sabe onde eu moro. Se tentar andar pela minha rua dirigindo essa coisa, vai ser sequestrada com certeza. Ou vão levar o carro e deixar você jogada na sarjeta.

– Bem, se você tem certeza…

Zillah abriu a bolsa e percebeu tardiamente que pagar a conta do café a deixara sem trocados. Ela balançou a cabeça.

– Ah, olha só, eu ia te dar um dinheirinho, mas não tenho mais nada. Desculpe.

A expressão de Ben se transformou; ele estava esperando uma gorjeta.

– Tudo bem – falou, tentando fingir indiferença. – Não tem importância.

– Aqui, escreve seu endereço para mim e eu envio pelo correio.

Ela encontrou uma caneta e uma nota fiscal velha no fundo da bolsa. Ben hesitou por um segundo, mas fez o que ela pediu. Ao devolver a caneta e o papel para ela, falou:

– Mas não precisa.

– Se eu enviar, vai chegar até você?

– Duas libras em um envelope? – falou ele, dando de ombros. – Milagres acontecem, acho.

– Leve as maçãs também – disse ela, sorrindo ao entregá-las. – São suas.

Naquela noite, já em casa, em Bath, ela preencheu um envelope para Ben, enfiou uma nota de dez libras e acrescentou um bilhete curto dizendo: *Gostei muito de te conhecer!*

Uma hora mais tarde, depois de ter olhado o site do Zoológico de Bristol e comprado on-line o passe anual no nome dele, ela imprimiu o comprovante e o incluiu na correspondência.

Em seguida, selou o envelope, preparou um gim-tônica gelado e ergueu a taça em um brinde silencioso.

Ele usaria o passe anual?

Venderia para ganhar um dinheirinho fácil?

Quem poderia saber?

*Bom, então um brinde a Ben, o ladrão de maçãs incompetente. Tim-tim!*

# Capítulo 2

Eram 17h e as luzes de Natal estavam acesas, iluminando a movimentada rua comercial enquanto flocos de neve caíam de um céu preto como tinta. Pela janela do terceiro andar do prédio de estilo georgiano, Conor McCauley observou os agitados consumidores de Bath, a atmosfera festiva, e ouviu à distância Mariah Carey cantar tudo o que ela queria de Natal. Mais perto, dava para ouvir também as cordas de um violino. A música era familiar e assombrosamente melódica, e ele abriu a janela pesada para ouvir com mais clareza.

Ali estava o violinista, alto e de cabelo comprido, parado no meio da rua que tinha sido fechada ao tráfego naquela noite. Enquanto tocava, as dobras de seu casaco comprido estilo Sirius Black balançavam em torno da calça jeans. Havia um chapéu no chão na frente dele, contendo algumas moedas. Poucas pessoas paravam para ouvir, ocupadas demais e com frio demais, mas ele continuou mesmo assim, o arco subindo e descendo, perdido na beleza da música…

No momento seguinte, Conor olhou melhor, porque o violinista não

estava mais sozinho. Uma garota tinha aparecido do nada e iniciara uma sequência de passos de balé que o deixaram sem ar. Ela usava um gorro branco com pompom, um casaco acolchoado, uma calça jeans e um cachecol comprido de tricô que balançava quando ela girava no ar, saltitando como uma gazela. Ela estava com tênis brancos simples, mas isso não a limitou. Conor viu o sorriso largo da garota quando ela ergueu os braços e rodopiou elegantemente mais uma vez em torno do violinista, como um fogo fátuo, e executou um salto gracioso no ar, seguido de uma série deslumbrante de piruetas.

Em dois minutos, a apresentação havia chegado ao fim. Apesar da neve que caía, um grupo de cerca de trinta pessoas tinha parado para olhar. Aplaudiram com entusiasmo e jogaram dinheiro no chapéu do violinista. Ciente das moedas de libra no bolso de sua calça, Conor ficou tentado a jogá-las também, mas era melhor não; se acertasse alguém na cabeça, poderia acabar matando a pessoa na hora, o que não seria uma coisa boa de se ver.

Ainda hipnotizado pelo inesperado e pelo charme daquela cena espontânea, Conor observou a garota de gorro branco acenar brevemente com os dedos enluvados para o violinista antes de pegar a sacola de compras que tinha deixado no meio-fio e desaparecer na multidão de consumidores alheios ao show.

Por um momento, Conor só quis correr pela escada e ir atrás da garota. Queria dizer como a breve performance tinha sido maravilhosa e descobrir quem ela era e o que a tinha levado a fazer aquilo. Se estivessem em uma comédia romântica, seria amor à primeira vista; o encontro casual na rua em um dia de neve mudaria a vida deles para sempre e levaria a…

A porta atrás dele se abriu e uma mulher de meia-idade carregando uma câmera e uma tortinha natalina apareceu na sala.

– Me desculpe por fazer você esperar, querido. É que Arthur não conseguia lembrar onde tinha colocado! A memória dele já não é mais a mesma, coitado. Pelo menos ele ainda sabe consertar câmeras, não é? Mas aqui está, devidamente consertada. E ele mandou essa tortinha como forma de se desculpar pela demora.

Quando Conor pagou e foi embora da pequena oficina no terceiro andar

do prédio, a garota de gorro branco com pompom tinha desaparecido havia tempo e o violinista de cabelo comprido também. Até a neve tinha parado de cair.

Era como em *A lenda dos beijos perdidos*, como se todo o cenário mágico que ele acabara de testemunhar nunca tivesse existido.

Absurdamente decepcionado, Conor fez a única coisa que pôde e deu uma mordida de consolo na tortinha.

Paciência.

# Capítulo 3

– Ah, Essie, olha só este lugar! Parece até que você é uma adulta de verdade agora!

– Eu sei. Não é estranho?

Essie ainda se maravilhava com o quanto sua vida tinha mudado nos últimos 12 meses. Aos 25 anos, ela e Scarlett estavam dividindo um apartamento velho e apertado, com uma grande quantidade de mofo no teto, pôsteres cobrindo as rachaduras nas paredes, vizinhos barulhentos em cima e embaixo e móveis que pareciam ter sido pegos em um lixão. E, conhecendo o proprietário do imóvel, era bem provável que essa tivesse mesmo sido a origem da mobília.

Mas então ela conheceu Paul, quase exatamente um ano antes, e, por algum milagre, ele gostou dela tanto quanto ela gostou dele. Melhor ainda, depois de onze meses juntos, o locador ganancioso anunciou que aumentaria o valor do aluguel e Paul disse:

– Por aquele buraco? Que audácia. Manda esse cara ir se ferrar, Essie.

– Ótima ideia – respondeu ela, de brincadeira. – Vou fazer isso e me

mudar para um hotel cinco estrelas.

Foi nessa hora que Paul segurou as mãos dela e olhou fundo em seus olhos.

– Estou falando sério, Ess. Eu te amo. Vai acontecer mais cedo ou mais tarde, então por que você não vem morar comigo?

Bem, quem em sã consciência recusaria uma proposta dessas? Paul era o tipo de namorado perfeito com quem a maioria das garotas apenas sonhava. Era gentil, atencioso, bonito e sempre esvaziava a lixeira da cozinha antes que ficasse cheia demais.

Scarlett o chamava de Príncipe Encantado. Naquele momento, ela olhava para o chalé com admiração.

– Você se deu muito bem, Cinderela.

– Eu sei que é lindo, mas não é por isso que estou aqui – disse Essie.

– É óbvio que eu sei disso! Sei que você moraria feliz até em uma barraca se estivesse com Paul. Só estou dizendo que o fato de ele ter uma casa assim é um bônus.

Essie sorriu e abriu a garrafa de vinho que tinha tirado da geladeira.

– Concordo, acho que não faz mal algum.

– Eu não consigo acreditar que tudo seja tão perfeito. Os copos fazem parte de um conjunto completo e… as persianas da cozinha são exatamente do mesmo tom dos ladrilhos do chão… até os panos de prato combinam com a torradeira!

– Não tem nada de errado em gostar das coisas combinando entre si – disse Essie, servindo o vinho. – Paul gosta que a casa dele seja bonita, e agora eu também gosto. Estou virando adulta. Saúde!

– Saúde. Não estou implicando com ele, você sabe que eu adoro o Paul. Só estou com inveja… Olha só pra isso – falou Scarlett, apontando empolgada. – Completamente vazia! Não tem uma louça suja na pia!

– Isso porque ele só saiu de tarde.

Como Scarlett a conhecia bem, Essie não precisou fingir ser uma deusa doméstica.

– Ele vai ficar dois dias fora e eu vou ter que deixar tudo lavado antes de ele voltar.

Uma hora depois, a fofoca foi interrompida por uma ligação do irmão de Essie, Jay.

– Oláááá, minha irmã preferida!

– Que barulheira é essa, Jay? – perguntou Essie, sem nem conseguir ouvi-lo direito com o ruído de vozes e música ao fundo. – Onde você está?

– Na biblioteca. Tudo bem, talvez não seja verdade. Estou em Bath. Vim para uma festa.

– E tem alguma festa aí?

– Acredite se quiser, tem. Espera aí, vou para um lugar mais tranquilo. A questão é que se a festa estivesse uma porcaria, eu ia voltar para casa. Mas não está, então só volto amanhã. O que significa…

Jay parou no meio da frase. Essie sabia o que significava. Ela disse:

– Você vai passar a noite no carro? Está frio, Jay. Melhor você arrumar um cobertor.

– Por acaso eu já falei que você é minha irmã favorita?

Ela era a única irmã dele.

– Talvez tenha falado uma ou duas vezes – disse ela.

– Ess. Adorável Ess. Posso dormir na sua casa?

Jay morava a 32 quilômetros, em Bristol, e tinha velhos amigos de faculdade em Bath. Três semanas antes, ele tinha passado a noite no quarto de hóspedes e voltado para casa na manhã seguinte.

– Tudo bem – disse Essie. – Paul não está em casa, mas não tem problema.

Ela sabia que Paul não se importaria.

– Que horas você vai chegar?

– Quem sabe? Mas vai ser tarde. Não precisa me esperar acordada, só deixa a chave em algum lugar que eu entro sozinho.

– Tudo bem. Vou esconder uma cópia embaixo do vaso azul ao lado da porta de entrada. Mas não faz barulho, ok? Vai ser horrível se eu tiver que te chutar para fora no meio da noite.

– Pode deixar, não vou fazer barulho nenhum! – prometeu Jay. – E vou levar o café da manhã. Obrigado, Ess. Você é demais.

Enquanto Essie falava com Jay, Scarlett foi olhar os cartões de Natal

enfileirados acima da lareira.

– Não tem purpurina em nenhum desses cartões.

– Eu sei.

Essie já tinha notado; ela gostava de purpurina.

– Nem Papai Noel. São todos tão… chatos.

Esse pensamento também tinha passado pela cabeça de Essie.

– A palavra é "elegantes".

– Quem *são* essas pessoas?

– Amigos da família. Da Marcia, principalmente.

Marcia era a mãe de Paul. Scarlett fez uma expressão solidária e pegou uma folha de papel dobrada que tinha sido deixada atrás de um dos cartões.

– O que é isso, uma carta de amor secreta? Não me diga que Paul deixa bilhetes românticos para você encontrar quando ele viaja… Ah, droga – disse ela, parecendo decepcionada. – Não é uma carta de amor.

– É uma circular natalina – disse Essie.

A circular, escrita por uma das tias de Paul, tinha chegado no dia anterior e, segundo ele, chegariam outras. Essie morrera de rir ao ler a primeira. Ele explicou que a família gostava da tradição de enviar esse tipo de carta contendo os principais acontecimentos do ano e que todos ficariam decepcionados se ela e Paul não escrevessem uma também.

– Eu já ouvi falar da tradição, mas nunca tinha visto uma… Ah, meu Deus, que maravilhoso, é Hyacinth Bouquet em carne e osso!

Scarlett soltou um gritinho, adotou uma voz imitando Hyacinth e começou a ler em voz alta:

– "Jonathan conseguiu não cair em desgraça e passou nas provas com onze A+ e um A-! É uma pena que não tenha conseguido nota máxima em tudo. Avisamos que ele terá que se esforçar *bem* mais daqui em diante! Enquanto isso, Hugo foi promovido mais uma vez e agora lidera uma equipe de setenta pessoas… ao que parece, a pessoa mais jovem a assumir uma posição sênior como essa na empresa!"

Curvada de tanto rir, Scarlett começou a passar os olhos na carta para procurar os melhores trechos.

– "As aulas de violino de Arabella continuam a todo vapor… ela recebeu

uma enxurrada de propostas para tocar em eventos de prestígio"… Ah, e "a temporada de Letitia no retiro de ioga no Arizona foi maravilhosamente relaxante depois da pressão de sua carreira meteórica no mundo bancário… Nas férias deste ano, passamos um mês maravilhoso em uma *villa* às margens do lago Como, onde nos acostumamos a esbarrar em um certo astro de cinema mundialmente famoso quase todos os dias. Jeffrey ficou com ciúmes da atenção que ele me deu em certa ocasião, quando deixei meus óculos escuros caírem acidentalmente ao lado do carro dele!"

– Como eu posso escrever uma coisa dessas? – perguntou Essie, que se encolheu de nervoso e fez uma careta. – Só de me *imaginar* tentando elaborar uma, fico morrendo de vergonha.

– Ai, isso é muito maravilhoso – disse Scarlett, que, apontando para o parágrafo final, gargalhou de prazer. – "Mal podemos esperar pelas hordas de pessoas que chegarão para a semana de alegria e diversão do Natal! As crianças e o restante da família estão *muito* ansiosos para vir comemorar as festas da forma tradicional!"

Scarlett riu com deboche.

– Rá, claro que estão! Posso imaginar a ansiedade.

– Bem, de acordo com Paul, o tal retiro de ioga da Letitia é na verdade uma clínica de reabilitação – revelou Essie. – Jonathan é um sabichão insuportável que gosta de atirar em pássaros com a espingarda de ar comprimido pela janela do quarto. E Arabella é uma garota insolente e meio piranha cujo hobby favorito é dormir com homens casados.

– Viu? Esse é o problema dessas coisas – disse Scarlett, balançando a carta com ar de triunfo. – Por que elas não podem ser sinceras sobre o que está acontecendo? Por que essa mania de fingir que têm uma vida perfeita? Isso só faz os outros se sentirem fracassados.

– Exatamente – disse Essie, assentindo com vigor. – Isso faria a gente gostar *mais* delas. Faz tanto sentido!

– É, isso mesmo. Bem, lembra o que a gente estava falando antes, sobre não saber o que comprar uma para a outra de Natal? – disse Scarlett, abrindo as mãos. – Problema resolvido, vamos fazer o seguinte: eu vou escrever uma

carta totalmente sincera para você e você escreve uma para mim. E mais ninguém vai saber disso, será nosso segredo. Que tal?

Achando a ideia divertida, Essie dividiu o restante do vinho entre as duas taças.

– Cem por cento sinceras?

– Sem restrições. Bota tudo para fora. Tipo uma terapia, só que mais barato.

– E só entre nós? – confirmou ela.

– Claro. Totalmente – garantiu Scarlett.

Scarlett confiava em Essie, e vice-versa.

– Beleza, eu topo. Vai ser divertido. E barato! – disse ela, erguendo a taça. – A verdade, só a verdade, nada mais que a verdade. Saúde!

E como é sempre bom não deixar para amanhã o que podemos fazer hoje, assim que Scarlett saiu do chalé para pegar o último ônibus para casa, Essie decidiu começar a escrever a dela. Sentada com o notebook no colo e a mente cheia de ideias, começou a digitar.

O tempo voou. As palavras, estimuladas pela garrafa de Sauvignon Blanc que tinham entornado mais cedo, saíram com tudo. Caramba, era muito divertido. E tão catártico!

Mas, falando sério, o mundo seria um lugar mais feliz se todo mundo tivesse a oportunidade de relaxar, deixar as inibições de lado e escrever uma carta daquelas. Provavelmente era assim no passado, quando as pessoas escreviam diários. Só que aquilo era mais divertido porque Scarlett leria o conteúdo em breve, morrendo de rir a cada trecho engraçado e apreciando cada…

Santo Deus, que barulho era aquele? Tinha um *golfinho* na cozinha?

Essie deixou o notebook de lado e deu um pulo do sofá, porque o barulho sobrenatural foi tão agudo que fez seus ouvidos doerem. No momento seguinte, gritou e pulou de volta no sofá, porque Ursula entrou na sala com um corvo em pânico e apavorado se debatendo em sua boca.

– Não!

Essie soltou um uivo de terror. Os olhos do corvo estavam arregalados e

ele dava berros horríveis. Assim como ela. Também batia as asas loucamente, tentando fugir.

Ah, Deus, aquilo era *tão* nojento. Nas poucas semanas em que Essie estava morando ali, Ursula tinha trazido para casa presentes estranhos, entre eles ratos e outros roedores, mas sempre mortos.

Aquilo já tinha sido bem horrendo, mas um corvo vivo era ainda pior. Essie gritou:

– *Larga, LARGA!*

Mas ela percebeu que esse comando significaria que ela teria que pegar o corvo. *Argh*, e o ruído agudo que ele emitia estava ficando mais alto. Essie saltou de cima das almofadas do sofá, bateu palmas e tentou espantar a gata assassina para a cozinha.

– *Kikkikki!* – gritou o corvo petrificado, as asas se debatendo enquanto Ursula corria e mergulhava pela sala com o bicho na boca.

– FORA! – gritou Essie, pegando uma almofada e a balançando na direção de Ursula.

Ah, não, agora havia gotas de sangue pingando no tapete. Em desespero, ela abriu a janela e correu atrás da gata pela sala mais algumas vezes. Foi como um daqueles esquetes frenéticos de Benny Hill que seu avô amava assistir na televisão anos antes, só que no caso dela estava mais para pesadelo do que para comédia.

Finalmente, Ursula soltou o corvo e olhou para Essie com uma expressão malévola, como quem diz "É assim que você me agradece?" antes de se virar e sair pela cozinha pela portinha na entrada dos fundos.

Evidentemente aliviado, o corvo voou, circulou a sala e soltou uma série de cocôs da vitória para comemorar o fato de ter escapado com vida.

– Não, *não*! – gritou Essie, se abaixando quando ele voou na direção dela, passando perto de sua cabeça.

O coração dela estava acelerado de pânico. Essie não suportava ver nenhuma criatura sentindo dor, mas o bater frenético das asas do corvo a estava deixando enjoada.

Momentos depois, tão subitamente quanto havia entrado na casa, o corvo encontrou a janela aberta e saiu voando até desaparecer no ar frio da noite.

Ainda bem. Finalmente.

Essie apreciou o silêncio abençoado e, aliviada, botou a mão no peito, ainda disparado. Em seguida, fechou a janela antes que a ave pudesse entrar de novo e se virou para observar a cena.

Uma carnificina. Havia penas espalhadas para todo lado e pontinhos de sangue que não apareceriam se Paul tivesse escolhido um tapete de cor escura em vez de creme. O que significava que estavam bem visíveis. E também havia manchas de cocô preto e branco de corvo também. O que mais uma pessoa podia querer às 23h30, não é mesmo?

Essie expirou lentamente. Não havia saída; ela teria que fazer o possível para limpar a sujeira antes que secasse. O tapete tinha sido bem caro. Se Paul estivesse ali, ele mesmo o teria feito, mas como estava em Londres a trabalho, a tarefa era dela.

Quarenta minutos depois, a portinha de gato bateu de novo e o protótipo de assassina entrou e se sentou no sofá para observar a operação limpeza sem nem piscar.

– Obrigada, Ursula.

Enquanto esfregava o tapete, Essie reparou como as patas da gata estavam recatadamente enfiadas embaixo do corpo.

– Não, sério. Muito obrigada. Você está ajudando bastante.

Eram vinte para a uma da madrugada quando ela terminou o trabalho, depois de ter esfregado as manchas até seus braços e ombros doerem. Ursula, que já dormia, abriu um olho lacônico quando Essie levou todos os utensílios de limpeza para a cozinha e lavou as mãos uma última vez. Finalmente, deixou a chave reserva da porta da frente embaixo do vaso ao lado da varanda, para que Jay pudesse entrar quando chegasse.

Pronto, tudo certo.

Ela estava moída.

Cama.

# Capítulo 4

SETE HORAS DEPOIS, ESSIE foi arrancada do sono pelo som do celular tocando na mesa de cabeceira. Após tatear, ainda de olhos fechados, ela apertou o botão de atender e murmurou:

– Oi?

– Ah, meu Deus, Ess! O que você fez? O que *aconteceu* depois que eu fui embora ontem à noite?

O simples gesto de esticar a mão para pegar o celular e segurá-lo junto ao ouvido fez seu ombro, dolorido pela esfregação da noite anterior, latejar intensamente. Essie se deitou de barriga para cima.

– Nem me lembra. Foi um pesadelo! Ursula entrou em casa com um corvo vivo na boca e ficou correndo com ele até soltá-lo, e aí o bicho ficou batendo as asas e *cagando* por todo lado, tinha manchas de sangue no tapete… Foi a coisa mais horrível que me aconteceu em anos e…

– Opa, opa – interrompeu Scarlett. – Eu não estou falando da Ursula. Estou falando do e-mail.

– Que e-mail?

– O que você *enviou*. A tal circular natalina! Ess, você abriu outra garrafa de vinho depois que eu saí?

– O quê?

Essie franziu a testa. Será que tinha aberto? Não, não houve mais vinho, só um monte de saponáceo, esponjas, água quente e removedor de manchas.

– Eu não mandei e-mail nenhum. Cem por cento de certeza de que não mandei.

– Bem, alguém mandou! Peraí, vamos com calma. Você escreveu a circular?

– Escrevi, mas não cheguei a enviar pra você.

– Você está certa, não enviou pra *mim* – disse Scarlett, suspirando. – Tudo bem, se prepara. Você enviou o e-mail pra *todo mundo* da sua lista de contatos.

– Não… eu não mandei para ninguém.

O estômago de Essie se embrulhou de medo, despertando mais rápido do que seu cérebro.

– Eu escrevi, mas só isso. Como assim mandei pra todo mundo da minha lista de contatos? Não, eu não… Impossível. Você está brincando, Scarlett?

No mesmo instante, Essie se livrou do edredom e pulou da cama.

– Quem me dera. Não, não estou brincando, Ess. O e-mail está bem aqui na minha caixa de entrada. Estou olhando para ele agora. Foi enviado para mais de duzentos endereços…

Ah, puta merda. *Puta merda*. Essie nunca tinha estado mais desperta na vida. Ela engoliu uma onda de náusea, abriu a porta do quarto e ouviu o barulho revelador da televisão no andar de baixo.

De nada adiantou ter feito a cama no quarto extra. Depois de uma noitada, Jay sempre preferia desabar no sofá e dormir com a televisão ligada. E, sim, lá estava ele, apagado, sem sapatos, mas ainda totalmente vestido.

E ali estava o notebook dela, na mesa de centro de mármore. Onde ela o tinha deixado antes de ir para a cama? No sofá, aberto. Agora estava fechado. As pernas de Essie estavam bambas quando ela terminou de descer a escada.

Ela já sabia o que encontraria. Mas ao abrir o notebook e ver o fato consumado, ao se dar conta da enormidade daquela situação, Essie foi

tomada por um novo patamar de pânico e desespero. Não havia outra forma concebível para ter acontecido, nenhuma.

– Ah, meu Deus, seu *idiota*…

Não adiantava, as palavras não vinham. Nada era ruim o suficiente. Essie sacudiu o ombro do irmão, sem nenhuma resposta, e deu um empurrão tão forte em Jay que ele rolou do sofá e caiu no chão com um baque.

– *Ai* – reclamou Jay, olhando para ela com incredulidade e assombro. – Pra que isso?

– O e-mail que você mandou. Foi você, não foi, Jay? Não acredito que você fez isso.

Descalça, ela mirou um chute na perna dele com tanta raiva que conseguiu errar completamente.

– Eu deixo você dormir aqui e é assim que me agradece? Como você pode ter *achado* que isso era uma boa ideia?

– O quê…?

Jay retorceu o rosto em aparente confusão.

– Nem tente se livrar dessa, Jay. Eu deixei meu notebook aberto, você viu o que eu tinha escrito e estava tão bêbado que achou que seria engraçadíssimo enviar para todo mundo que eu conheço. Eu vou te matar, Jay… Sério, não teve graça *nenhuma*! O que você fez vai me causar um monte de problemas. Talvez estrague tudo, você não entende? *Tudo*. Você enviou para o Paul, enviou para a *mãe* dele… Nossa, eu não consigo nem começar a imaginar o que vai acontecer quando eles virem, e é *tudo culpa sua*.

– Tudo bem, olha… eu não fiz nada. Mas acho que sei o que aconteceu – disse Jay de repente. – Foi a gata. Ela estava andando em cima do teclado. Aposto que foi isso. Você sabe como são os gatos.

Essie ficou olhando para o irmão.

– Você está mesmo dizendo que foi assim que o e-mail foi enviado?

– Juro por Deus!

– Você espera *mesmo* que eu acredite nisso?

– É isso que os gatos fazem, Ess! Eles andam em cima das coisas!

Ainda no chão, Jay imitou patinhas de gato com as mãos e fez uma mímica de caminhada.

– Então você acha que a Ursula apertou Todos e *depois* apertou Enviar. Aham, é claro que foi isso. Meu Deus… Paul vai terminar comigo, a mãe dele vai me demitir, a minha vida vai acabar e eu nunca, *nunca* vou te perdoar por isso, Jay…

Essie soltou um grito de susto ainda mais alto quando alguém atrás dela pigarreou. Ela se virou imediatamente.

– O que está acontecendo? Quem é *você*?

– Eu me chamo Lucas. Me desculpe. Eu fiz isso. Fui eu que mandei.

– Você *o quê*?

Essie ficou encarando o estranho na sala e olhou para o irmão no chão.

– Quem é esse cara, Jay? O que ele está fazendo aqui?

Aquela situação parecia o pior dos pesadelos, só que Essie estava acordada. Teria sido fácil demais se estivesse dormindo.

Jay deu de ombros.

– O nome dele é Lucas, a gente se conheceu na festa ontem. Ele perdeu o casaco com a carteira e as chaves, e não tinha como ir para casa. E eram umas quatro da manhã, então eu falei que ele podia ficar aqui. Eu sabia que você não se importaria.

– Você está me dizendo que um estranho passou a noite no nosso quarto de hóspedes, uma pessoa que você não faz ideia de quem seja, e você sequer pensou em me perguntar se tinha problema?

– Ah, para com isso – protestou Jay. – Às quatro da manhã? Você me falou para não te acordar! De qualquer modo, se eu tivesse perguntado antes, eu sei que você teria dito sim.

– Eu me ofereci pra ficar no sofá – disse Lucas –, mas seu irmão insistiu que eu ficasse com a cama.

– Mas antes disso você enviou minha carta para todos os meus contatos? – perguntou Essie, que mal conseguia suportar olhar para ele e tremia dos pés à cabeça. – Por quê? Por que você faria isso?

Ele balançou a cabeça, impotente.

– Me desculpe. Me desculpe mesmo. Foi uma péssima ideia. A gente voltou de uma festa superlegal, tinha tomado uns drinques… bem, muitos drinques… aí a gente veio para cá de táxi. Jay pegou seu notebook para

colocá-lo em um lugar seguro e foi nessa hora que tudo o que você tinha escrito apareceu na tela. Nós lemos, achamos hilário e aí Jay foi ao banheiro e eu… você sabe como é… enviei.

– Por quê?

Ele deu de ombros.

– Acho que a gente achou engraçado, então por que não fazer mais gente rir? Foi uma dessas decisões idiotas que a gente toma sem pensar. Quando eu me dei conta, estava apertando "enviar para todos", depois fechei o notebook e fui para a cama. Não foi culpa do seu irmão. Ele não sabia de nada. A culpa é toda minha.

Por entre os dentes trincados, Essie disse:

– Que ótimo.

– Novamente, me desculpe. Eu sou um idiota.

– Eu escrevi coisas horríveis sobre a mãe do meu namorado. Era uma piada entre mim e a minha melhor amiga. Mais ninguém deveria ver, principalmente as pessoas sobre as quais eu escrevi. Mas aí você decidiu enviar pra todas elas.

Essie estava sentindo uma dor no peito. Ela sabia que estava em choque; seu cérebro se esforçava para protegê-la, isolando os piores pensamentos de pânico que se debatiam lá dentro.

– Tem algum jeito de deletar o e-mail? Deve ter – disse Jay.

– Não tem. – Essie balançou a cabeça. – Não depois de enviado.

– Bem, deveria haver. – Jay franziu a testa. – Alguém precisa inventar um aplicativo para isso. A pessoa ficaria rica.

Lucas o encarou por um longo momento, a mandíbula contraída. Depois se virou para Essie.

– Tudo bem, já sei. Você pode dizer que não foi você quem mandou, pode dizer que fui eu que escrevi tudo. Não podem te culpar por isso, podem? Não se eu procurar as pessoas e explicar.

Essie considerou essa opção, querendo que fosse possível, mas ciente de que não era. Os detalhes que ela tinha incluído na carta só podiam ter vindo dela. Mais ninguém saberia daquelas informações.

– Não adianta, não daria certo. As pessoas vão saber que fui eu.

Lágrimas de frustração encheram os olhos dela à medida que foi se dando conta de que não tinha saída. Lamentar não resolveria nada.

– Me desculpe – repetiu Lucas.

– Não adianta ficar pedindo desculpas. Você não tem ideia do que fez. Você arruinou a minha vida. Literalmente *arruinou*.

As palavras ficaram entaladas na garganta de Essie e ela respirou, trêmula.

– Eu nem te conheço, mas já te odeio.

Ela detestava chorar, mas ia acontecer de todo modo; as lágrimas já desciam pelas bochechas e pingavam do queixo.

– E eu nunca mais quero te ver. Vai embora, por favor. Só sai daqui – disse ela, apontando para a porta de entrada. – Você já fez o suficiente.

Rompendo o silêncio mortal, Jay perguntou:

– E eu? Você quer que eu fique?

Essie fez que não.

– Não adianta. Não tem nada que você possa fazer.

– Tudo bem – disse ele, e olhou para Lucas. – Vamos nessa. Vou chamar um táxi.

Assim que ficou sozinha, Essie se sentou e escreveu um longo e-mail se explicando, para enviar a todos que tinham recebido a circular natalina. Nada daquilo era verdade, tinha sido tudo uma brincadeira, é claro. Tinham pregado uma peça nela, escrevendo e enviando o e-mail em seu nome, e nem era preciso dizer que nada daquilo era verdade.

Isso resolveria a questão em relação à maioria dos destinatários, os que não a conheciam tão bem. Eles leriam o e-mail, ririam, com sorte sentiriam pena pelo constrangimento que tinha sido causado, e esqueceriam o assunto.

Mas não as pessoas mais próximas. Essas, não.

Mas tinha que ser feito. Tremendo e sentindo-se mais nauseada do que nunca, Essie abriu o e-mail na tela e se obrigou a reler as palavras que tinha escrito.

*Ah, meu Deus…*

# Capítulo 5

Oi, AQUI é a Essie!

Bem, as festas estão chegando rápido e, surpresa, todos os maravilhosos planos de passar o ano focada no meu desenvolvimento pessoal foram por água abaixo. Eu continuo odiando alface, não consegui passar da página oito de *Anna Kariênina* e nunca me matriculei naquela aula noturna de conversação de espanhol. Quanto aos sessenta abdominais por dia… o que eu estava pensando? Não tem a menor chance!

Fora isso, o ano teve um começo muito feliz, quando conheci Paul. Ele é o amor da minha vida e estamos morando juntos, o que é maravilhoso, mesmo ele achando que não ronca. Só tem sido meio chocante perceber o quanto ele é organizado. Mas tudo bem, sei que com o tempo vou me acostumar com nossas sessões de passar aspirador domingo de manhã com o Gtech moderníssimo dele.

Estou em um emprego novo! E o que poderia ser melhor do que trabalhar para a mãe do seu namorado? Bem, seria ótimo se ela não fosse um pesadelo,

mas foi ideia do Paul e eu tive que aceitar. Eles precisavam de uma recepcionista nova no consultório odontológico e ele insistiu que eu seria perfeita para o cargo. Mas todas as outras pessoas lá são simpáticas; é só com a mãe dele que temos que tomar cuidado. Ela é totalmente mandona! O que faz sentido, acho, considerando que ela é minha *chefe*, mas, nossa, sério. Ela precisava mesmo ser tão bruxa?!

É por isso que estou com TANTO medo do Natal. Dez horas inteiras na casa dela… só de pensar, tenho vontade de fugir e me esconder. Na última vez que fomos almoçar lá, ela me pediu para pôr a mesa e brigou comigo por ter colocado uma das melhores toalhas de domingo em vez de uma de dia de semana. E quando me ofereci para lavar a louça depois, ela ficou irritada porque lavei os talheres antes das tigelinhas de pudim. Eu também dei uma bolsa bem bonita de aniversário para ela. Ela me perguntou de onde era e, quando respondi que tinha comprado em uma barraquinha no Guildhall Market, ela me olhou com cara de desprezo e falou: "Humm, sim, imaginei."

Então, meu melhor presente de Natal possível este ano seria *não* ter que passar a data com a mãe do Paul. Mas eu tenho que ir, então me desejem sorte. Pena eu não ter uma varinha de condão para trocá-la por alguém legal!

Bem, essas são as minhas notícias. Foi um ano de muitas mudanças e acontecimentos, como você pode ver. O lado bom é que agora eu tenho acesso ilimitado a fio dental!

Um feliz Natal para todos.

Com amor,

Essie

– Me desculpa, Ess – disse Scarlett, infeliz, quando Essie ligou para ela. –Sinto que a culpa foi minha. Se eu não tivesse tido essa ideia da cartinha, nada disso teria acontecido.

– Também dá pra dizer que foi minha culpa por ter escrito. Ou da Ursula

por ter levado o corvo para dentro de casa… ou do Jay por convidar aquele idiota para cá…

– Esse cara é o principal culpado, na verdade – concordou Scarlett. – Foi ele que enviou o e-mail. Isso foi pura maldade.

Essie ficou enjoada de novo.

– Eu sei.

Se bem que, para ser justa, ele não tinha sido maldoso. Só desmiolado.

– Você teve notícias de mais alguém?

Scarlett estava falando de Paul e da mãe dele.

– Ainda não. Continuo esperando ansiosamente por isso.

– Ah, meu Deus.

Essie quase conseguia ver a cara de pena que Scarlett estava fazendo.

– Boa sorte!

O som da chave girando na fechadura duas horas depois fez Essie dar um pulo de um metro de altura. Paul tinha viajado para um congresso muito importante em Dulwich, durante o fim de semana, e voltara dirigindo pela autoestrada M4.

Bastou olhar para a expressão dele para saber tudo que ela precisava.

Não que não esperasse isso, considerando que ele não tinha respondido nenhuma das mensagens de texto nem de voz.

– Eu não sei o que você achou que estava fazendo – disse ele com voz pétrea –, mas espero que esteja feliz com o resultado.

– Claro que não estou feliz, Paul! Foi um *acidente*! – disse ela, abrindo as mãos em um gesto de rendição. – Foi um erro absurdo, aquilo era para ser uma piada interna e jamais deveria ter chegado ao conhecimento da sua mãe!

– Ela sempre disse que eu merecia coisa melhor. Parece que estava certa.

Marcia tinha dito isso? *Uau.* Por outro lado, no fundo Essie sempre soubera que suas origens modestas não atendiam aos padrões da sogra.

– A questão não é ter chegado ao nosso conhecimento – disse Paul. – É

você ter escrito. Minha mãe te deu um emprego na clínica e é assim que você agradece. E é assim que agradece *a mim* por ter sugerido você para a vaga.

Ele estava furioso, e era compreensível; nem sinal da postura simpática de sempre, nem do sorriso fácil.

– Eu sei. Eu sei que foi péssimo, mas… – disse Essie.

– Mas pelo menos você conseguiu resolver seu problema – continuou ele. – Não precisa mais ficar com medo de passar o Natal na casa da minha mãe porque você não está mais convidada. Deve ser um alívio, né?

– Me desculpe, Paul. Não era para isso ter acontecido.

– E você não vai mais precisar ouvir meu ronco também. Apesar de eu não roncar.

Havia um tom frio na voz dele agora. Essie não conseguiu falar.

– Parece que estou olhando para uma estranha – disse ele, balançando a cabeça. – Você não é quem eu achei que fosse. Sinto que não te conheço.

Essie engoliu em seco. Ela era oficialmente uma pessoa horrível. O que mais havia a ser dito?

– E o que é *isso*? – perguntou ele, apontando para o tapete, que, sob a luz forte do dia, mostrava as manchas de sangue que, vejam só, não tinham sido completamente removidas. – O que aconteceu aqui?

– Ursula trouxe um corvo para dentro de casa pela portinha. Ainda estava vivo, sangrando. Eu fiz o possível para limpar.

– Ah, é mesmo? Que cuidadoso da sua parte, muito atencioso.

Ele fez uma pausa, depois ergueu uma sobrancelha com uma expressão cética.

– Ou você recebeu aquela sua amiga barulhenta aqui, hein? Essas manchas não seriam vinho tinto?

– Não é vinho! É *sangue* – protestou Essie.

Ela já tinha feito uma coisa muito ruim e fora descoberta. Ser acusada de outra coisa sendo inocente era muito injusto.

– Você usou o limpador de tapete com cloro. Ele é só para tapetes brancos – observou Paul. – Olha só essas partes desbotadas. Esse tapete é um berbere, custou mais de duas mil libras.

Paul balançou a cabeça, incrédulo.

– Você não sabe nem limpar um tapete direito.

Era difícil acreditar que apenas dois dias antes eles estavam dançando juntos na cozinha porque a música favorita dela da Adele tinha começado a tocar no rádio e, enquanto eles cantavam, Paul tinha interrompido a cantoria para dizer "Meu Deus, eu tenho tanta sorte de ter você". Essie tinha sorrido e respondido, brincalhona: "Tem mesmo." E, no meio da dança, ela chutou o pote de água de Ursula e os dois caíram na gargalhada…

Havia muitas lembranças felizes como essa.

Bem, no momento Paul evidentemente não estava sentindo que tinha tanta sorte.

Essie olhou para Ursula, que estava sentada no parapeito da janela balançando lentamente o rabo enquanto observava a conversa tensa. Ela estava perfeitamente ciente de que Ursula também nunca tinha gostado dela.

– Você sabe que não dá mais pra gente continuar juntos, né? – disse Paul.

– Sei.

Que forma de terminar.

– Você vai dar chilique?

– Não.

– Bem, fico grato por isso, acho.

Enquanto falava, ele tirou o celular do bolso e escreveu rapidamente uma mensagem de texto. Trinta segundos depois, Essie empalideceu quando o celular começou a tocar.

– É a minha mãe. Ela quer falar com você agora.

Não foi um dos pontos altos da vida dela. Mas tinha que ser feito. Com a boca tão seca quanto o Saara, Essie falou:

– Alô.

– Olá, Estelle. Estou ligando para agradecer por dizer o que pensa de mim. Tenho certeza de que nós duas vamos aproveitar o Natal melhor só por não termos que tolerar a companhia uma da outra.

Zing, zing, *ziiing*. As flechas envenenadas atingiam em cheio o peito de Essie. Ela engoliu com dificuldade.

– Olha, eu posso só dizer que…

– Acho que não precisamos nos dar o trabalho de dizer mais nada, Estelle.

Eu já sei tudo que preciso saber e vou aceitar seu pedido de demissão do consultório com dispensa imediata. Se puder me mandar isso por escrito até o fim do dia, agradeço.

– Ah, mas…

– E isso é mais do que você merece, mocinha. Agradeça ao seu anjo da guarda por eu não demitir você agora mesmo.

Um clique, seguido por silêncio. Marcia tinha desligado.

Pela janela da sala, Essie viu que lá fora tinha começado a chover pesado.

– É melhor você arrumar suas coisas – disse Paul, em tom de dispensa. – Não quero mais você aqui.

Era isso. O fim. Essie assentiu, pois que argumentos teria? Ela tinha insultado a mãe dele. Aquilo era o que ela merecia.

*Feliz Natal para mim.*

# Capítulo 6

Dormir em um colchão inflável cor-de-rosa não era nem um pouco luxuoso, mas era melhor (por pouco) do que dormir no chão.

Não que Essie estivesse dormindo. Como tinha cochilado uma hora antes, agora ela estava bem desperta novamente, melhor para aguentar a sensação horrível, entorpecida e vazia que irradiava do seu peito.

Infelicidade.

Desespero.

Fracasso.

Para o mundo, ela conseguia aparentar estar bem, mas por dentro estava arrasada. Ver Paul tão furioso tinha sido um choque; aquele era um lado dele que ela nunca tinha visto. Os dois tinham sido muito felizes, apesar das inúmeras diferenças. Sim, ele era organizado e tinha orgulho da própria casa, mas era um orgulho que ele podia ter. E sempre que ela implicava com o alto padrão dele, ele levava na esportiva. Eles se divertiam juntos; Paul era gentil e atencioso, ambicioso e trabalhador. Quando sugeriu o emprego de

recepcionista no consultório dentário movimentado da mãe, foi só por querer ajudar Essie a dar mais um passo na carreira dela.

O que foi legal da parte dele, mesmo que trabalhar no consultório não fosse o emprego ideal para ela. Lá no fundo, Essie desconfiava que Paul talvez ficasse mais feliz de dizer para as pessoas que a namorada era recepcionista de consultório do que garçonete.

O restaurante em que Essie trabalhava tinha fechado, e é claro que ela ficara grata pelo novo emprego na época. Mas, sendo bem sincera – algo que agora ela podia ser –, passar o dia atrás de uma mesa atendendo pacientes odontológicos não era uma ocupação das mais alegres.

Porque ninguém espera ansiosamente para ir ao dentista, não é? A maioria das pessoas está tensa ou morrendo de medo, ou com ódio por um procedimento tão horrível ser tão caro.

Trabalhar na indústria da hospitalidade era bem mais divertido. Bares e restaurantes eram onde Essie gostava de estar, em uma atmosfera calorosa e relaxada, com clientes felizes porque tinham saído para se divertir. Tendo passado muito tempo da juventude como cuidadora da mãe, Essie perdera muitas aulas na época de provas importantes e, com isso, sua média caíra muito, resultando em opções de carreira limitadas.

Felizmente, o trabalho no qual ela foi parar por necessidade, depois da morte da mãe, era bem na rua onde morava. Ao aceitar um emprego em um pub/restaurante movimentado, Essie descobrira que um cérebro rápido, um sorriso alegre e disposição para o trabalho eram tudo de que ela precisava. Quanto maior o esforço diário, maior o retorno.

E, tudo bem, talvez garçonete não ocupasse a mesma categoria de carreira que física nuclear, mas por sorte o mundo precisava de mais do que apenas físicos nucleares, e mesmo eles às vezes precisavam de um lugar para comer e beber.

Bem, supostamente. Pensando bem, Essie nunca tinha conhecido um físico nuclear.

Talvez eles preferissem comer os próprios sanduíches e beber o próprio chá de uma garrafa térmica.

Essie olhou para o teto e se deu conta de que o esforço para se distrair da

situação com Paul não estava dando certo. A dor da tristeza ainda estava ali, no meio do peito. A confusão toda tinha acontecido no sábado de manhã, e ela fora embora do chalé na tarde daquele mesmo dia. Se não tivesse acontecido, ela e Paul ainda seriam um casal, e dali a 12 meses (quem sabe?) poderiam estar se casando. E, nos anos futuros, talvez tivessem lindos filhos, bebês com uma mistura mágica dos olhos azuis de Paul e do sorriso largo dela…

Só que nada daquilo se materializaria mais. Os filhos haviam sido sumariamente deletados da possibilidade de existência.

Aquele futuro específico tinha chegado ao fim de uma vez por todas.

E agora Essie precisaria encontrar um novo.

Algo parecido com um inseto subiu pela mão dela e a garganta de Essie emitiu um som involuntário enquanto ela balançava o braço para jogar o bicho longe. O colchão inflável gemeu embaixo dela e ela ouviu Scarlett se virar na cama.

– Você está bem? – murmurou a amiga na escuridão.

– Estou. Me desculpe, acho que era uma aranha.

Naquele apartamento, já era para ela ter se acostumado.

– Ah, Ess, por que você não deita aqui comigo? Eu não me importo.

– Não precisa.

A cama de Scarlett era menor do que uma cama de casal padrão, o que não é ideal quando se tenta dividi-la com alguém com quem não se está envolvida romanticamente. Grata pelo colchão inflável, Essie estava determinada a não incomodar mais do que já estava incomodando.

Mas elas eram amigas havia anos. Lendo a mente dela, Scarlett esticou a mão e apertou o ombro de Essie em um gesto tranquilizador desajeitado.

– Você pode ficar aqui o tempo que quiser, Ess. Você sabe disso.

Essie esticou a mão para a amiga e murmurou:

– Obrigada.

Isso porque ela sabia que Scarlett estava sendo sincera. Se bem que, quando o locador descobrisse que ela estava de volta, a expulsaria na mesma hora.

Era noite de terça. No dia seguinte, Essie precisaria encontrar um lugar

para morar.

Quanto mais dezembro avançava, mais movimentadas as lojas ficavam. Na tarde de quarta, Zillah seguiu pela multidão e parou para ver a banda do Exército de Salvação tocar cantigas de Natal sob a sombra da enorme abadia.

O ar estava seco e frio. O mercado de Natal anual de Bath estava movimentado e Zillah estava usando sua aquisição mais recente. O chapéu fedora ametista caía bem nela, ela sabia, e já tinha recebido elogios. O garotinho sentado nos ombros do homem à esquerda observava o chapéu com fascínio. Zillah sorriu quando o menino se inclinou para tocá-lo e o pai, pedindo desculpas, o levou para longe.

– Não tem problema. Quantos anos ele tem?

O homem respondeu com orgulho:

– Dez meses e meio.

– Então esse vai ser o primeiro Natal dele. Que maravilha!

Zillah deixou o bebê segurar seu dedo e sorriu. Aquele seria o último Natal dela? Quem sabia?

Quinze minutos depois, chegou ao escritório com fachada de vidro de Haye e Payne e subiu a escada da frente até a entrada. Como a avistara pela janela, Malcolm Payne já estava abrindo a porta para recebê-la.

Sorte dele por ela ser muito velha. Entretida por essa observação (Malcolm era trinta anos mais jovem do que ela), Zillah se perguntou se era a cliente favorita do corretor imobiliário. Ela desconfiava que era possível.

A boa notícia era que isso não a incomodava nem um pouco.

– Sra. Walsh, entre, que maravilha vê-la de novo. E com aparência tão boa! Por favor, sente-se. Gostaria de beber alguma coisa?

– Obrigada pela gentileza. Aceito uma dose dupla de vodca com tônica.

– Ah, é…

Malcolm pareceu sobressaltado, mas logo percebeu que ela estava brincando.

– Ah, a senhora me pegou – disse ele, rindo. – Chá ou café?

– Café está ótimo – disse Zillah, embora fosse uma mentira enorme; o café deles era péssimo.

Malcolm sinalizou para o filho, Jonathan, trazer uma xícara de café e um biscoitinho.

– Posso pedir dois biscoitinhos? – disse Zillah, dando um sorriso largo para ele. – Na verdade, três?

– Por que não? É quase Natal! Como foram as entrevistas de ontem, Sra. Walsh? Bem, espero. Estou de dedos cruzados!

E ele estava mesmo. Estavam cruzados naquele exato momento, literalmente. Jonathan tinha mãos brancas e macias que a lembravam, para seu desagrado, de salsichas brancas. Passou pela cabeça de Zillah que, se alguém com dedos assim se candidatasse a inquilino dela, ela teria de recusar.

Não diria isso a Malcolm, obviamente. Mas podia pensar.

– Muito obrigada.

Ela assentiu quando Jonathan colocou o café e os biscoitos na sua frente antes de ir atender um novo cliente.

– Infelizmente, não achei nenhum adequado, Malcolm.

A expressão de Malcolm se transformou.

– Ah, poxa. É mesmo?

– Sinto muito.

*Só que não.*

– Nós checamos todos tão bem antes de enviá-los até a senhora, Sra. -Walsh. Posso garantir que as credenciais de todos são impecáveis.

– Você tem proprietários que dão mais trabalho do que eu? – perguntou Zillah.

Malcolm suspirou.

– Já que perguntou, não, Sra. Walsh. Não temos, mas eu entendo sua situação…

– Exatamente. Eu não sou uma proprietária ausente. É a minha casa, é o meu *lar*, e eu me importo com quem vai dividi-lo comigo.

– Claro que sim, mas a senhora tem certeza de que não está sendo

precipitada? Eu conheci os três candidatos e todos me pareceram bem decentes.

Decentes. Que jeito horrível de descrever alguém. Era a mesma coisa que uma garota conhecer um namorado em potencial e dizer para as amigas que ele é *um doce*.

Sem graça define.

– Bem, a primeira tinha uma sobrancelha trêmula e não consegui parar de olhar.

– Sobrancelha trêmula – repetiu Malcolm, anotando em um bloquinho.

– A segunda, Amelia, estava usando uns sapatos horríveis. E uma meia-calça horrível. Bem, tudo era horrível.

Zillah estremeceu com a lembrança.

– Tudo horrível – repetiu ele, quase revirando os olhos.

– E o terceiro, o geólogo, me lançou um *grande* olhar de reprovação quando falei um palavrão.

– A senhora o xingou?

– É claro que não! – exclamou Zillah. – Eu não sou uma selvagem. Mas o alarme de fumaça disparou porque eu tinha esquecido o almoço no forno e falei "Ah, *porra*". Mas, convenhamos, quem não diria isso?

– Certo – murmurou Malcolm, anotando.

– Sabe essa careta aí que você fez? Foi exatamente a que ele fez.

– Bem, a senhora acabou de falar um palavrão meio alto.

Ele inclinou a cabeça discretamente na direção da cliente em potencial, que estava sentada do outro lado da sala com Jonathan.

– Ah, e ele tinha cheiro de mostarda – disse Zillah. – Você entende? De *mostarda*. Não deu para aguentar.

– Então a senhora está rejeitando os três candidatos.

– Eu quero dividir a minha casa com alguém de quem eu goste. É pedir demais?

– A pessoa também precisa gostar da *senhora* – respondeu Malcolm incisivamente. – Nós podemos continuar tentando, mas a senhora precisa entender que nessa época do ano vai ser mais difícil.

– Prefiro que seja difícil a ter que conviver com alguém que cheira a

mostarda.

Malcolm esticou a mão para pegar o telefone, que estava tocando.

– Com licença, preciso atender…

Seguiu-se um diálogo chato sobre um telhado com goteira. A atenção de Zillah se desviou para a conversa acontecendo do outro lado do escritório, onde Jonathan, olhando para uma lista na tela do computador, sugava o ar pelos dentes e balançava a cabeça.

– Sinto muito, mas não temos nada nessa faixa de preço.

– Nadinha?

Não tinham oferecido nem café nem biscoitos para a garota. Ela estava inclinada para a frente na cadeira, com uma expressão levemente desesperada.

Jonathan deu de ombros.

– Estamos em Bath.

– Eu sei – respondeu ela, e seus ombros murcharam em derrota. – Posso deixar meu contato? Se alguma coisa aparecer, você pode me avisar?

Zillah tomou um gole do café horrível, o olho treinado observando o cabelo louro ondulado até o ombro, o cachecol roxo e dourado no pescoço, o suéter azul-marinho e a calça jeans surrada acompanhada de botinhas roxas.

– Claro – disse Jonathan, abrindo uma nova página na tela do computador. – Pode falar. Nome?

– Essie Phillips.

Ele parou e olhou para ela.

– Você está brincando. Sério?

A garota ficou vermelha e assentiu.

– Ah, eu *sabia* que conhecia o seu rosto de algum lugar! Eu vi aquela matéria sobre você no jornal outro dia. Não acredito que é você – declarou ele. – Então é por isso que você está desesperada para encontrar um lugar para morar.

Ela manteve a voz firme.

– Posso dar o resto dos dados?

– Ah. Desculpe. Sim, pode falar.

Quando ele terminou, a garota se levantou e pendurou a bolsa de couro

castanho no ombro. Como Malcolm ainda estava ocupado ao telefone, Zillah disse para ela:

– Agora eu estou intrigada. O que aconteceu para torná-la famosa?

Essie fez uma careta.

– Famosa não – disse ela com ironia. – Está mais para má reputação. Eu fiz uma coisa ruim e fui descoberta.

– Só por curiosidade, você me ouviu dizer *porra* agorinha mesmo?

– Ouvi, sim.

Zillah reparou que ela tinha olhos verdes.

– E você ficou chocada?

A garota pareceu achar graça.

– Quando se é uma setentona glamorosa usando um chapéu fabuloso, eu acho que dá para sustentar.

Quando a porta se fechou depois que a garota saiu, Zillah perguntou:

– Ela foi presa?

– O quê? – perguntou Jonathan, parecendo levar um susto. – Meu Deus, não, nada do tipo.

– Nome?

– Humm…

Ele hesitou e apontou para o crachá no peito.

– Jonathan.

– O nome *dela* – disse Zillah.

Jonathan corou ao ver Zillah sacando o celular.

– Ah, desculpe. Essie Phillips.

# Capítulo 7

Era um quarto austero e estreito com um carpete vermelho-escuro e janelas embaçadas que evidentemente não tinham sido limpas naquele milênio. A vista da janela principal era um close da parede do prédio vizinho. Quando olhou para o quintal abaixo, Essie viu um cachorro grande latindo e ouviu uma voz estridente de mulher gritar:

– Se um de vocês não levar essa porra desse bicho para passear, eu vou jogar a televisão pela janela.

O que provava que algumas pessoas eram capazes de falar palavrões com estilo e outras, não.

Ela se virou para olhar o quarto novamente. Era horrível, inacreditavelmente sem graça, mas era a única coisa que podia pagar naquele momento.

– E então? – perguntou o locador, que estava encostado na porta, coçando preguiçosamente a barriga enorme.

*Aceito? Merda, acho que vou ter que aceitar, sim.*

O celular de Essie tocou e ela se encolheu diante do número desconhecido, já que podia significar que era outro jornalista. Bem, ela sempre podia desligar. Ela apertou o botão e atendeu com cautela:

– Alô.

– Essie? Aqui é Zillah Walsh. Vi você faz uma hora, na imobiliária. Eu era a mulher de chapéu.

– Ah! – disse Essie, atendendo a última pessoa de quem ela esperava receber uma ligação. – Oi!

– Eu convenci aquele rapazinho a me dar seu número. Ele não é muito inteligente, não é? Ele me disse que você viralizou.

– Aham, na internet – disse Essie.

Nossa, idosos entendiam o conceito de viralizar?

– Eu sei, querida. Eu ainda não sou decrépita – disse Zillah, achando graça. – Eu pesquisei no Google, li tudo sobre a história. Você se meteu numa saia justa, pelo que parece.

– Podemos dizer que sim. Obviamente não era para ninguém ter visto o que eu escrevi, mas a culpa foi minha – disse Essie.

Porque, essencialmente, era mesmo.

– E você ainda está procurando lugar para morar?

– Bem…

– Cof-cof.

Atrás dela, o barrigudo pigarreou com impaciência.

– Seus filhos da mãe preguiçosos! – gritou a vizinha.

– Estou, sim – disse Essie com vigor.

– Certo, então venha conversar comigo. Percival Square, 23. Não garanto nada, mas talvez eu tenha uma coisa para você.

– Quando, agora?

– Se for conveniente para você, seria ótimo. Estou aqui, então pode vir quando quiser.

Percival Square era um dos endereços mais elegantes da cidade. A maioria das árvores que cresciam na praça era retorcida e desfolhada, mas um pinheiro de Natal fora colocado em uma base e decorado com luzes coloridas e enfeites em forma de estrela. Havia turistas ao redor dele, tirando fotos de si mesmos e dos amigos em frente à árvore. Quando Essie passou por eles, um turista americano fez um gesto expansivo para a esposa e falou:

– Ah, querida, imagine *morar* em um lugar assim.

A porta roxa brilhante do número 23 estava decorada com uma guirlanda de Natal verde-escura e dourada. Essie tocou a campainha e esperou. Tentou não criar muitas expectativas. Aquela idosa era uma cliente importante da Haye e Payne e só podia ser rica; provavelmente era dona de várias propriedades para aluguel, daquele tipo que a imobiliária aluga para estudantes e administra em nome do cliente.

Dedos cruzados para que ela tivesse um lugar pequenininho bem baratinho.

A porta se abriu e Zillah Walsh apareceu diante dela, agora sem o chapéu e o casaco, mas ainda cheia de estilo em um vestido de jérsei azul-topázio e vários fios de contas de âmbar no pescoço.

– Oi de novo. Entre – disse Zillah, sinalizando para que Essie a acompanhasse. – Uma pergunta: você lembra o que disse sobre mim mais cedo?

Os olhos da mulher eram escuros e brilhantes. O cabelo castanho estava preso em um coque. Ela tinha maçãs do rosto lindas e o batom carmim continuava tão perfeito quanto uma hora antes. Um feito que Essie nunca tinha conseguido.

– Hum… eu disse que seu chapéu era fabuloso?

– Isso. E?

– Que não me incomodei com seu palavrão?

Zillah Walsh assentiu.

– Você também disse que, por eu ser uma setentona, podia falar palavrão. *Setentona* – repetiu ela.

– Ah, poxa, meu Deus, me desculpe – disse Essie, cobrindo a boca com a mão. – É por isso que a minha vida é um desastre, eu sempre falo besteira. E

eu nem sei por que falei isso, você está ótima! Não parece ter um dia a mais do que sessenta anos.

– Ah, querida, fique tranquila. Eu fiquei encantada com o que você falou.

Os grandes brincos de prata de Zillah Walsh tilintaram quando ela abriu a boca para tranquilizar Essie.

– Eu tenho oitenta e três anos.

Na cozinha, Zillah fez um bule de chá e o levou em uma bandeja até a sala grandiosa, com suas paredes verde-garrafa cobertas por uma variedade eclética de obras de arte e onde as pesadas cortinas de seda escarlate contrastavam maravilhosamente com um sofá de veludo laranja-queimado e poltronas de espaldar alto.

– Batatinhas fritas e biscoitos, pode comer à vontade – disse Zillah, entregando um prato a Essie. – Não precisa se preocupar com as aparências. Coma quanto quiser. O que você acha desta sala?

– É perfeita. Eu amei as cores.

– Eu também amo.

– Isso é incrível – disse Essie, apontando para um dos quadros em uma alcova. – É você!

– Aham, quando eu tinha vinte e um anos – disse Zillah, se virando para olhar. – Quando minha pele era lisinha e eu nem imaginava como seria ter rugas.

– Bem, o que eu *quero* dizer é que aposto que você faz mais gente virar a cabeça hoje do que na época. Mas, por favor, não pense que estou dizendo isso só para puxar seu saco.

– Se for verdade – respondeu Zillah com um breve sorriso –, é mais do que provável que seja porque vivi mais do que meus detratores. Mas chega de falar de mim. Me conte sobre você.

Durante os 40 minutos seguintes, Essie percebeu que estava sendo

entrevistada por uma especialista. Parecia uma conversa amigável, mas havia bem mais por trás. Finalmente, Zillah disse:

– Bem, eu tenho um lugar para te oferecer. É bem pequeno, infelizmente, mas é limpo e bem cuidado. Você tem interesse?

– Tenho! Tenho tanto interesse que você nem acreditaria. Com certeza – disse Essie. – Bem, se eu puder pagar, claro. Scarlett está me deixando dormir no chão do quarto dela por enquanto, o que é muito gentil da parte dela, mas não posso continuar assim. Onde fica esse lugar? É em Bath?

– É bem aqui, no andar de cima.

– Os anéis de diamante de Zillah cintilaram quando ela levantou a mão para apontar para o teto.

– Aqui, nessa casa? Em *Percival Square*? – perguntou Essie, arregalando os olhos. – A senhora está falando sério? Ah, não. Sendo assim, com certeza eu não posso pagar.

Era nisso que dava ter se enchido de expectativas; embora tivesse tido a oportunidade de conhecer uma mulher de 83 anos absurdamente atraente, a tarde tinha sido um fracasso, afinal. De volta à estaca zero.

– Ora, querida, me dê algum crédito. Eu perguntei na imobiliária qual era o seu orçamento e tive uma ideia. Como você sabe, não sou mais tão jovem, e seria bom pensar que eu poderia pedir um favor ou outro a alguém… Algumas tarefas como ir ao mercado, esse tipo de coisa. Então, se você estiver disposta a me ajudar de vez em quando, eu ficaria feliz em aceitar a quantia que puder pagar. O que acha?

E *respira*…

– Sério?

– Por que não? Esta casa é minha, eu gostei de você e acho que nos daríamos bem – disse Zillah, e sua boca tremeu ligeiramente. – Você não tem ideia de quantas pessoas existem por aí que eu *não gostaria* de ter morando na minha casa. Escolhi bem até agora, não recebi nenhum estorvo. E você não me parece um estorvo.

– Eu nem sei o que dizer.

Essie piscou, porque pular na mesa de centro e dar um soco no ar provavelmente não seria adequado.

– Muito obrigada.

– Não precisa me agradecer. Você precisa de um lugar para morar e eu preciso de uma ajudinha ou outra por aqui. Além do mais, prefiro ter alguém como você aqui em cima a alguém que possa pagar mais, mas que me faça morrer de tédio ou, sei lá, coma de boca aberta.

– Então foi por isso que você serviu biscoito e batata frita.

– Isso mesmo. Não suporto gente que come fazendo barulho. Nem que bebe chá fazendo barulho. Você passou nos dois testes com louvor.

– Poxa, ainda bem.

Zillah sorriu.

– Você nem viu o local.

– Se a oferta fosse uma banheira dentro de um armário, eu aceitaria mesmo assim.

– Então vamos – disse Zillah, se levantando. – Vou te levar para fazer o tour completo.

O apartamento no terceiro andar era mesmo bem pequeno. Mas tinha uma disposição perfeita.

– Meu marido morreu nove anos atrás – explicou Zillah. – Eu sempre amei morar aqui e não queria me mudar, mas a casa ficou grande demais só para mim. Passei muito tempo pensando no que fazer, até que uma amiga sugeriu que eu transformasse os dois andares de cima em apartamentos e tem sido ótimo. Um pouco de companhia para mim, bons inquilinos com quem interagir e uma renda extra também.

– Perfeito.

Essie observou a sala, com suas paredes amarelo pastel e cortinas combinando. Estavam essencialmente no sótão, mas metade dele tinha sido convertida em um apartamento de um quarto com banheiro compacto e cozinha americana.

– Maria morou aqui nos últimos três anos – disse Zillah. – Ela era um amor, mas o namorado recebeu uma proposta de trabalho na Nova Zelândia, e, egoísta como era, a pediu em casamento. Agora eles estão morando em Auckland e passei as últimas seis semanas entrevistando potenciais novos

inquilinos, mas nenhum deles era a pessoa certa… Até você aparecer. E então, temos um acordo?

– Sim, por favor.

– E quando você gostaria de se mudar?

– O mais rápido possível. Amanhã? Hoje à noite?

– Vamos nessa. Finalmente encontrei alguém, meu Deus do céu! – disse Zillah, os olhos escuros brilhando maliciosamente. – Puta que pariu, obrigada.

# Capítulo 8

NAQUELA NOITE, QUANDO suas coisas foram tiradas do quarto abarrotado de Scarlett e levadas para o apartamento no sótão de Zillah, Essie saiu na noite gelada para procurar emprego.

Preferencialmente, um que não requeresse referências maravilhosas de sua última empregadora.

Perto como estavam do Natal, todos os lugares estavam movimentados. Alguns bares e restaurantes disseram que talvez só tivessem alguma coisa para a semana do ano-novo. De todo modo, Essie passou seus contatos e disse que, se surgisse uma oportunidade, deveriam ligar para ela. Não tinha como saber se isso daria certo. Só restava continuar tentando (e permanecer aparentando otimismo) até alguém acabar dizendo sim.

Essie tinha um pouco de dinheiro, mas não muito. As poucas economias que tinha conseguido guardar eram melhores do que nada, mas não durariam muito.

O primeiro lugar que tentou foi o Red House, um bar movimentado a menos de 200 metros de sua nova casa, a sudeste da Percival Square. Zillah

sugeriu que tentasse lá, mas, quando Essie chegou, a equipe estava em uma animada comemoração de fim de ano e todos pareciam obviamente sobrecarregados.

Duas horas depois, quando as últimas pessoas da festa estavam indo embora, ela tentou abordar um dos funcionários novamente. Com sorte, haveria alguém para falar com ela.

Quando notou os funcionários arrumando tudo depois do que tinha sido uma noite agitada, Essie se aproximou da mulher alta de cabelo castanho que pendurava copos limpos atrás do bar e explicou que estava procurando trabalho.

– Poxa, nesse momento a equipe está completa – disse a garota que, embora solidária, não podia fazer nada. – Desculpe.

Era uma pena; um emprego a dois minutos de casa teria sido perfeito.

– Ah, tudo bem, mas posso deixar meu telefone? Estou morando aqui na praça e se por acaso rolar uma emergência e vocês precisarem de ajuda, você pode me ligar e eu ficaria feliz em vir. Tenho bastante experiência com atendimento – disse Essie.

A mulher disse com bom humor:

– Todas nós, né? Mas, beleza, me passa seus contatos que vou deixar no escritório… Ah, obrigada, muito eficiente.

Ela pegou o cartão de Essie, olhou para ele e olhou novamente de forma quase imperceptível.

– Seu nome. De onde eu conheço? É familiar.

– Ah, se estiver pensando em algo relacionado a uma circular de Natal – disse Essie com pesar –, sou eu mesma.

– Ah, isso mesmo! Eu li a história no Facebook. Coitadinha!

– Obrigada. Com sorte, a novidade vai passar e logo vai ser a vez de outra pessoa pagar mico.

– Seu namorado te expulsou mesmo, então. Que pesadelo.

– Pois é.

– Você deve estar arrasada.

Realmente, não havia nada como se ver sendo objeto de fascínio.

– Bem, não foi a melhor semana da minha vida.

– Bom, prometo que se a gente precisar de alguém, entro em contato – disse a moça com sinceridade.

Dezesseis horas depois, milagrosamente, Essie atendeu o telefone e ouviu uma voz de mulher.

– Oi, aqui é a Jude, do Red House. Então, estou ligando porque um dos nossos funcionários acabou de ligar avisando que está doente, então se você puder cobrir o turno da noite seria ótimo. Consegue chegar às seis? Assim dá tempo de eu ensinar tudo e mostrar onde ficam as coisas.

UHUL!! Seja fofa, sorria para todo mundo, trabalhe muito e conquiste a galera! Essa poderia ser a oportunidade que Essie estava esperando. Cruzando os dedos metaforicamente, Essie respondeu:

– Com certeza! Muito obrigada, Jude. Quinze para as seis estarei aí.

Às dez daquela noite, o funcionário do Red House deixou um segundo recado no celular de Jude avisando que não trabalharia no dia seguinte também. Infelizmente, ele estava mais doente do que pensava.

Jude ligou para ele.

– Só que você não está doente de verdade, não é, Henry? Porque seus amigos estiveram aqui mais cedo e ouvi eles dizendo que você pegou o Megabus para Newcastle com Cal para ir ao aniversário de vinte e um anos da prima dele, porque aparentemente seria a festa do século e você não perderia por nada neste mundo – disse Jude, revirando os olhos. – Espero que a festa tenha valido a pena, porque você acabou de gastar sua última vida com a gente, tá?

Essie, servindo vinho, se esforçou para não parecer empolgada. Porque era uma notícia ótima, a melhor coisa que poderia acontecer *no mundo*.

Bem, tirando aquela fantasia com Chris Hemsworth, obviamente. Porque se aquilo acontecesse, seria bem melhor.

– Nem tente – continuou Jude, secamente. – Você não pode agir assim e pensar que vai se safar. Você mentiu pra gente, Henry, e agora vai pagar o preço. Você pode até não valorizar esse emprego, mas tem gente que valoriza. Então, tenha um ótimo Natal, está bem? Tchau!

*UHU!*

Jude enfiou o celular no bolso da calça com um floreio e se virou para Essie.

– Você ouviu?

– Bem – disse Essie –, eu tenho ouvidos.

Jude sorriu.

– De fato. Bem, eu fiquei de olho em você a noite toda e concluí que você é boa. Então, tomando uma decisão executiva, estou te oferecendo o emprego.

– Uau.

– Isso é um sim?

Por um momento, Essie não conseguiu falar nada. Ela estava fazendo o máximo para parecer corajosa e aceitar tudo que tinha acontecido na semana anterior, mas os últimos dias tinham sido bem difíceis. *Bem* difíceis. Tinha sido coisa demais para assimilar e ela não tivera muito tempo para isso. E, depois de tudo, no dia anterior ela conhecera Zillah Walsh, o que tinha parecido o golpe de sorte mais incrível e oportuno.

E agora, aquilo. Não um emprego qualquer, mas um que ela sabia que amaria. Naquela noite, todo mundo no Red House tinha sido muito legal, caloroso e receptivo. O clima era amistoso. Sem falar que era superperto de casa. O que poderia ser melhor?

"Sortuda" nem começava a definir.

– Eu vou amar – disse, assentindo para Jude. – Sim, sim e sim, um milhão de vezes.

Quarenta minutos depois, possivelmente como compensação por Essie estar se sentindo tão confiante, a porta do Red House se abriu e o arquiteto de todas as suas infelicidades recentes entrou no salão.

Essie, ocupada limpando mesas e empilhando copos em uma bandeja, olhou sem acreditar enquanto ele andava até o bar. Era ele, sem dúvida nenhuma. E parecia estar… *ótimo*.

Mas, pensando bem, por que ele não estaria ótimo? Não havia motivo para que não estivesse alegre e relaxado, não é mesmo? Fora Essie quem carregara sozinha o peso da sequência desastrosa de acontecimentos da semana anterior, enquanto ele saiu ileso.

O nome dele era Lucas, mas isso era tudo que Essie sabia a seu respeito, visto que era tudo que o próprio irmão dela sabia. Jay o conhecera em uma festa, com muito álcool envolvido, e os dois tinham se aproximado como os homens costumam fazer nessas situações.

E foi assim que os dois tinham ido parar, às quatro da madrugada, na casa dela. Bem, na casa de Paul. Onde o caos fora instaurado e após o qual a vida dela implodira desastrosamente.

E agora, ali estava ele, Lucas, o que significava que ela teria oportunidade de falar umas boas verdades, isso é, se ela conseguisse pensar em como fazer uma coisa dessas sem perder o emprego que tinha acabado de conseguir.

Contratando um assassino de aluguel, talvez.

Um que fosse bem discreto.

Precisando de tempo para se recompor, Essie se concentrou em rearrumar os copos na bandeja. Lucas estava de costas para Essie agora, mas ela conseguia se lembrar muito bem de sua aparência. Cabelo escuro e olhos mais escuros ainda que sinalizavam divertimento mesmo quando a situação era o radical oposto de divertida. Lucas era alto, tinha pele marrom-clara e usava um terno escuro. Ele também tinha o tipo de beleza que andava de mãos dadas com a desconfiança. Era aquele tipo de homem que, se achasse conveniente fazer alguma coisa, simplesmente fazia porque se achava no direito. O tipo de homem que acreditava que as outras pessoas só existiam para sua diversão.

Naquele momento, Lucas tinha entrado no Red House e os caminhos

deles estavam prestes a se cruzar pela segunda vez. O que, em uma cidade relativamente pequena como Bath, não era a situação mais improvável do mundo.

Mas vê-lo ali fez uma raiva reprimida brotar em Essie, sua pele pinicar e a respiração acelerar. Lucas sabia que, graças a ele, ela se tornara motivo de chacota na cidade inteira?

No momento seguinte, a porta da cozinha se abriu e Jude surgiu, o rosto se iluminando ao avistar o recém-chegado, que estava ocupado mandando mensagem para alguém enquanto esperava de pé ao lado do bar.

– Oi, está de volta! Não achei que fôssemos ver você hoje.

O que significava que Lucas era cliente fiel, do tipo que passava todas as noites bebendo e socializando. Mesmo de longe, o lábio de Essie se curvou de desdém, obviamente. Uma reação mais do que esperada.

Mas, meu Deus, que sofrimento era vê-lo ali. Ela teria uma trabalheira danada para ser educada com ele. Com um pouco de sorte, a consciência dele entraria em ação e o levaria a assombrar algum outro bar.

Isso se ele tivesse consciência.

*Ugh*, e agora Jude estava dando um abraço de boas-vindas nele. Mas era o tipo de coisa comum no caso de homens com a aparência dele: quando se era tão atraente fisicamente, sempre havia mulheres mais do que dispostas a deixar seus defeitos de lado.

Quando deu mais uma olhada, Essie viu que Jude murmurava alguma coisa no ouvido dele, e passou por sua cabeça que eles pudessem ser um casal. Deus do céu, seria demais para suportar.

Mas eles se afastaram e Jude foi para trás do balcão servir uma dose de conhaque, ao que parecia. Ela entregou o copo para Lucas e disse mais alguma coisa para ele, em seguida se virou e chamou Essie.

Possivelmente para repreendê-la por ser a coletora de copos sujos mais lenta do mundo. Essie então pegou a bandeja carregada e se aproximou, os pelinhos nos braços se eriçando como uma esponja de aço perto de um ímã.

– A propósito – dizia Jude para ele –, Henry, o Incorrigível, nos deixou na mão pela última vez, então mandei ele embora hoje mais cedo. Mas já consegui uma substituta perfeita, juro.

Na bandeja, carregava uma caneca abandonada de cerveja. Se Lucas a reconhecesse e começasse a rir, Essie sabia que sentiria um impulso de jogar o conteúdo na cara dele.

Um sorrisinho bastaria.

Mas, quando ele se virou, Essie viu apenas a reação mais genuína de choque nos olhos dele, seguida rapidamente por desconfiança crescente. Ele inclinou a cabeça e disse calmamente:

– Oi.

Jude estava com um sorriso largo.

– Lucas, essa é Essie. Essie, esse é o seu novo chefe!

Essie o encarou. *Ah, pelo amor de Deus*.

Isso não.

*Qualquer coisa, menos isso.*

De alguma forma, ela conseguiu dizer:

– Oi.

– E se você estiver se perguntando por que ela parece familiar – disse Jude –, é porque a foto dela saiu no jornal na semana passada… Ela é a garota que enviou a cartinha de Natal constrangedora sobre a mãe do namorado!

– Ah, sim.

Lucas assentiu e tomou um gole de conhaque. A expressão dele era indecifrável.

Quando Essie colocou a bandeja no balcão e começou a tirar os copos, Jude disse para Lucas:

– Tudo bem eu ter contratado alguém sem ter te perguntado primeiro? É que ela é tão melhor do que o Incorrigível. Aí, eu pensei: por que esperar?

– Tudo bem. Eu só não estava esperando chegar e encontrar… uma pessoa nova, só isso.

Ele passou os dedos pelo cabelo, tirando umas mechas de cima da testa.

– Acho melhor eu ir com ela até o escritório, então, pra acertarmos tudo.

– Tem certeza? – perguntou Jude, parecendo surpresa. – Eu posso cuidar disso amanhã.

Ele apoiou a mão brevemente no braço dela.

– Eu faço agora. Tudo bem.

Depois de levar Essie para o andar de cima, para uma salinha no fim do corredor, Lucas sinalizou para que ela se sentasse. Ainda segurando a bebida que tinha levado consigo, ele perguntou sem preâmbulos:

– Pode falar, o que está rolando?

Como se *ela es*tivesse errada. Essie se irritou.

– Desculpa, o quê?

– Eu só estou pedindo para você me contar o que está acontecendo aqui.

– Acho que você consegue chegar a essa resposta sozinho, não é? Eu fui mandada embora, o que significa que precisava de outro emprego. Em geral, é assim que essas coisas funcionam.

– E, na sua opinião, eu te devo um emprego?

– Você não está falando sério, né? É isso que você acha que aconteceu?

– Não sei, por isso estou perguntando. Ou isso ou você veio causar algum tipo de confusão, para se vingar tornando as coisas difíceis…

– Então você acha que eu te procurei e vim aqui de propósito? – perguntou ela, ofendidíssima. – Eu não fazia a *menor* ideia de que esse bar era seu! Acredite, se eu soubesse, não teria me candidatado para trabalhar aqui… Na verdade, esse é o último lugar para o qual eu teria vindo, e, ainda assim, arrastada!

Ela sentiu o calor nas bochechas, pois ele a estava observando intensamente.

– Aham.

Lucas não estava acreditando.

– Você ainda não acredita? Meu Deus. Tudo bem, amanhã de repente você pode dar um pulo em todos os bares da cidade e perguntar se eu estive em cada um deles ontem procurando trabalho – disse ela, furiosa. – Se mais alguém tivesse me oferecido emprego, eu não estaria aqui agora.

Ele olhou para ela.

– Então você está dizendo que tudo isso é só uma coincidência constrangedora?

Ele estava sendo sarcástico? Essie fez que não.

– É pior do que constrangedora. Agora foi tudo por água abaixo. E eu estava tão feliz essa noite… amei cada minuto aqui até você aparecer. E agora estou de volta à estaca zero, porque de jeito nenhum eu vou trabalhar pra você.

Ele se encostou na parede, afrouxou a gravata e abriu o botão de cima da camisa branca.

– Você pode parar de me olhar com essa cara?

– Acho que tenho esse direito. Você me fez perder dois empregos em uma semana. Como se sentiria se tivesse acontecido com você?

– Tá bom, tá bom – disse ele, espalmando as mãos no ar como quem pede calma. – Mas você não perdeu o segundo emprego. Eu não falei que você não pode trabalhar aqui.

– Então, basicamente, você ainda não tem ideia do que fez comigo.

– Eu pedi desculpas. Quantas vezes mais eu preciso me desculpar? Foi um lapso de bom senso, um erro idiota. Eu não fazia ideia do que ia acontecer – disse Lucas. – Quando seu irmão leu o que você tinha escrito, eu nem estava ouvindo direito…

– Você deve estar se sentindo culpado – interrompeu Essie, porque só agora tinha ocorrido a ela. – Jude sabe toda a história que rolou comigo, mas você não contou para ela que foi o responsável.

Lucas inclinou a cabeça.

– Não contei.

– Então você deve ter uma certa vergonha do que fez.

– O que você está tentando dizer? – perguntou ele, erguendo uma sobrancelha. – Vai contar para todo mundo aqui que foi culpa minha?

O cérebro de Essie girou, porque aquele cenário nem tinha passado pela cabeça dela. Claro que seria tentador, de certa forma, constranger Lucas. Talvez a fizesse se sentir melhor e seria bem-feito.

Por outro lado, ela nunca fora uma pessoa vingativa. Tudo bem, as ações inconsequentes e ridículas dele tiveram resultados imprevistos, mas como ela se sentiria se a retaliação dela tivesse o mesmo resultado?

Não, não era o tipo de coisa que ela faria.

*Pode me chamar de Santa Essie.*

– Para a sua sorte, eu jamais faria algo tão cruel – disse ela.

Por alguns segundos, ele olhou diretamente para ela. E botou de lado o copo de conhaque quase vazio.

– Bem, obrigado. Eu agradeço.

– E deve agradecer mesmo.

Outra pausa e Lucas disse:

– Pode continuar trabalhando aqui se quiser.

Ela fez que não.

– Eu não posso.

– Porque não consegue suportar olhar na minha cara?

– Porque não consigo suportar o que você fez.

Será que ele realmente não entendia a gravidade das consequências do que tinha feito?

– Bem, que pena – disse ele, dando de ombros. – Jude vai querer saber por que você mudou de ideia.

Era verdade. Essie pensou.

– Tem que ser algo pessoal.

– Nós nos conhecemos um ano atrás, eu te chamei para sair e dei um bolo – disse ele, e havia um brilho de diversão nos olhos escuros dele. – Você não superou e seria climão demais trabalharmos juntos.

– Que tal *eu* ter dado um bolo em você? – disse Essie.

– Certo, acho que o mínimo que eu posso fazer é ser a pessoa que levou o bolo – disse ele, assentindo. – Combinado.

Tendo recebido pelo trabalho da noite, Essie pegou o casaco no armário dos funcionários e saiu pela entrada lateral, assim seriam poupados do inevitável encontro constrangedor com Jude e os demais funcionários.

– Desculpa de novo.

Essie enrolou o cachecol no pescoço.

– Aham.

– Só pensa que, se você não tivesse me dado um bolo no ano passado, nós poderíamos estar casados agora.

– Fico feliz de você achar minha situação engraçada – disse Essie. – Mas,

adivinha? Eu não acho.

Que dia.

E, agora, que noite.

Da janela do escritório no primeiro andar, Lucas Brook virou as últimas gotas de conhaque e viu a garota cruzar a praça em diagonal. Sob o brilho da luz dos postes, o casaco vermelho se destacava vividamente e o cabelo louro reluzia. Contra a vontade dele, havia algo nela que mexia com ele. Seria mais fácil (*tão* mais fácil) deixá-la para lá e tirar toda aquela confusão da cabeça. Mas, agora, sua consciência parecia empenhada em trabalhar.

Que ótimo.

Talvez ele esquecesse o assunto por aquela noite, pelo menos.

Por outro lado, talvez não.

O cartão com o nome e o número de Essie Phillips ainda estava na mesa, onde Jude o tinha deixado. Lucas digitou os números no celular e, segundos depois, viu-a parar na mesma hora, quando estava chegando à árvore de Natal enorme. Depois de remexer na bolsa, ela atendeu.

– Quem é?

Hora de adotar o forte sotaque do sudoeste.

– Como vai, meu bem? Você deixou um cartão aqui no bar com seu número. Ainda está procurando trabalho?

– Ah! Estou, sim!

O tom de esperança na voz dela quase partiu o coração dele. Nesse momento, Lucas deixou o sotaque de lado e disse:

– Bem, fique onde está. Não se mova.

Lucas a viu enrijecer quando reconheceu a voz. Ela se virou, procurou nas janelas acima do Red House e o viu na mesma hora.

– Pelo amor de Deus. Isso é algum tipo de brincadeira pra você?

– Não é brincadeira – disse Lucas com voz firme. – Só me escuta. Por favor.

Estava gelado lá fora. A respiração condensou na frente dele e a grama estalou debaixo dos pés quando ele seguiu até ela. As luzes multicoloridas na árvore iluminaram o rosto dele.

– Anda logo – disse ela em tom brusco. – Meus pés estão gelados.

– Olha, você precisa de um emprego e eu posso oferecer um. Sei que você não me suporta agora, mas…

– Eu não planejo mudar de ideia em relação a isso.

– Tudo bem, só estou sugerindo que você não torne as coisas mais difíceis do que já estão para si mesma. Se você achar que existe um por cento de chance de acordar amanhã de manhã e se arrepender de ter dito que não podia trabalhar para mim… bem, agora você tem meu número – disse ele, erguendo a mão. – Não responde nada ainda. Se mudar de ideia, me liga antes do meio-dia. Se eu não tiver ouvido notícias suas até lá, vou procurar outra pessoa.

Essie olhou para ele.

– Eu não vou mudar de ideia.

*Tão* teimosa.

– Tudo bem, mas a proposta está feita. Só para você saber.

– Eu nunca vou perdoar você pelo que fez – disse ela, e enfiou as mãos nos bolsos do casaco. – Só para *você* saber.

*Touché*.

– Anda, vou acompanhar você até em casa. Em que número você mora?

– Eu achei que você soubesse meu endereço.

– O cartão está lá na minha mesa.

– Vinte e três.

– Ah. É a casa da Zillah?

– Você conhece ela?

– Todo mundo conhece a Zillah. Ela é uma figura – disse ele, e, depois de uma pausa: – Como está seu irmão?

– Bem, até onde eu sei. Está esquiando na Áustria no momento, com amigos.

– Mas você está bem com ele?

– Você quer dizer depois que ele levou você para minha casa? Eu queria

que ele não tivesse feito isso – disse Essie –, mas Jay é assim mesmo, ele não para pra pensar em coisas assim. Ele achou que estava fazendo um favor. E não foi culpa dele, foi? Ele não sabia que você ia fazer uma coisa tão idiota.

– Eu também não – disse Lucas, suspirando. – Mas aprendi a lição. Não vou fazer de novo, juro.

Essie foi para cama à meia-noite. Duas horas depois, seu celular tocou. Por sorte, estava com a cabeça cheia demais para conseguir dormir.

Ela rolou na cama e atendeu. Pelo nível de ruído ao fundo, ficou óbvio que o irmão estava em um bar.

– Oi! – disse Jay. – E aí, o que está rolando?

Essie estreitou os olhos para olhar o relógio.

– Bem, são quase duas da manhã, então, não muita coisa.

– Ah, Deus, você estava dormindo? Acabei de ver sua mensagem. Você falou para eu te ligar.

– Aham, mas isso foi doze horas atrás.

Essie quisera ouvir uma voz familiar e então pensara em perguntar a Jay se ele sabia de algum emprego na região.

– Talvez o sinal seja ruim nas montanhas.

– Não, foi culpa minha – disse ele. – Eu fiquei sem bateria no almoço e só agora me emprestaram um carregador. Mas só tenho três por cento de bateria, já, já a ligação vai cair. Mas como você está? Tudo bem?

– Você quer dizer fora perder o namorado, a casa e o emprego? Não podia estar melhor.

– Ah, sim, desculpa. Mas você encontrou um lugar para morar, não foi? Foi o que disse na mensagem.

– Encontrei. E esta noite me ofereceram um emprego em um bar ótimo…

– Que excelente notícia!

– Foi excelente até o dono do bar aparecer, e adivinha quem ele era?

– Donald Trump – disse Jay na mesma hora. – Nigel Farage. Ah, espera aí,

aquele comediante que você não suporta, o que tem a tatuagem de…

– *Não*.

Essie ficou impressionada com o funcionamento do cérebro dele.

– Era o Lucas.

– Quem? – perguntou ele, parecendo genuinamente perdido.

– O cara que você levou pra minha casa depois da festa, Jay. O bêbado que achou engraçado mandar minha carta para todo mundo da minha lista de contatos. *Esse* cara – disse Essie.

– Ah, entendi – disse Jay, ficando sério. – Ele.

– Pois é. Quais são as chances?

– E o que ele disse?

– Basicamente, ele pediu desculpas. Ainda está se desculpando. Mas eu falei que não tinha como eu trabalhar para ele.

– Não? Talvez seja melhor mesmo. Logo, logo você arruma outro emprego – disse Jay. – Quem não ia querer contratar você?

Essie respondeu ironicamente:

– Bem, tem a mãe do Paul…

– Fora ela. Mas não se preocupe com esse Lucas. Você não ia querer trabalhar para um idiota como ele.

– Eu sei. Mas é uma pena, porque se não fosse por ele, eu teria sido bem feliz lá. Enfim… Como estão as férias?

– Maravilhosas. Você devia ver a neve aqui. As condições para esquiar estão perfeitas. O *après* também não parece ruim.

– Me parece suportável – disse ela.

Essie ouvia o som de copos batendo, de música e risadas altas ao fundo. Pela diversão na voz dele, achou que Jay já tinha escolhido a garota com quem passaria as noites seguintes.

– Divirta-se.

– Pode deixar. Estou com um por cento de bateria agora, vou ter que desligar. Boa sorte com a procura de emprego, Ess. Me mantenha atualizado, Ok? Bem, eu…

Fim da ligação.

Essie sorriu. Jay era incorrigível e a deixava louca às vezes. Mas era seu

irmão e ela o amava demais.

Passava das duas da manhã e a praça estava silenciosa, a não ser pelo som de um carro sendo estacionado ali perto. Ao ouvir os murmúrios de vozes seguidos de portas de carro sendo fechadas, Essie saiu da cama e puxou a cortina para xeretar as pessoas que, provavelmente, eram seus novos vizinhos.

Mas não eram vizinhos, porque estavam se afastando de um Mercedes escuro reluzente e vindo na direção da casa dela. Na verdade, uma das pessoas era Zillah. O outro, mais jovem e mais alto, com ombros largos e cabelo claro desgrenhado, esticou o braço para ajudá-la a subir a escada. Quando a porta da frente se abriu, Essie se perguntou se era Conor McCauley, que morava no apartamento abaixo do dela.

E onde teriam estado para voltar para casa àquela hora? Zillah com certeza tinha dito que estava louca para ir dormir cedo.

Ah, bem, ela acabaria descobrindo mais cedo ou mais tarde.

Hora de dormir.

# Capítulo 9

Conor McCauley sabia identificar o exato minuto em que sua vida tinha mudado drasticamente, quatro anos antes.

Até aquele ponto, ele sempre fizera o que se esperava dele. Quando adolescente, se dedicara na escola e sempre tivera boas notas. Seu pai, advogado, sempre desejara que Conor seguisse seus passos na profissão.

Depois, veio a faculdade, o inevitável diploma de Direito, outro resultado excelente. Na formatura, o pai estivera visivelmente orgulhoso dele, e Conor sentira orgulho de si. Ser advogado era ótimo, todo mundo dizia. Que fantástico ter uma carreira tão bem remunerada, tão diversificada, tão interessante.

Cinco anos depois, no dia em questão, o terceiro cliente de Conor da manhã era um homem rico, cinquenta e poucos anos, que tinha se casado aos 25 anos. Seis meses antes ele havia trocado a esposa por uma modelo bem mais jovem, que estava sentada na sala de espera em um vestido de lycra

apropriado para uma boneca Barbie, mascando chiclete e falando no celular com as amigas.

O noivo da Barbie grudou o olhar em Conor e disse:

– Olha, eu sei que não posso me safar sem dar nada para a minha ex-mulher, mas certifique-se de que ela só fique com o mínimo. Eu não tenho culpa de ter perdido o interesse nela, ela parou de se cuidar. Juro, ela ficou péssima.

Ele se inclinou por cima da mesa e foi rolando as fotos no iPhone até encontrar a que estava procurando.

– Aqui, olha só ela! Quem ia querer ficar casado com uma coisa dessas?

Conor olhou para a foto de uma mulher rechonchuda, com expressão ansiosa, cabelo curto e sorriso tímido. Ela estava em um jardim, usando um vestido azul de corte reto e luvas de jardinagem e segurando uma pá.

– Entendeu a situação? – disse o homem, triunfante. – Surpreende que eu tenha decidido passar o resto da minha vida com Stacey-Louise em vez de com ela? Por Cristo, quem não faria isso?

De todo o coração, Conor torceu para que o motivo de a futura ex-esposa estar segurando uma pá na foto fosse porque estava cavando uma cova do tamanho do marido em um cantinho escondido do jardim. Essa sim seria uma história com final feliz.

– Sua esposa trabalha, Sr. Benson?

– Trabalhar? Você está brincando, né? Essa mulherzinha não trabalhou um dia sequer nos últimos vinte anos.

– Mas cuidou dos seus cinco filhos – respondeu Conor calmamente.

– É, mas ela nunca teve um emprego de verdade desde que o primeiro nasceu. Mas meu amigo, Jezzer Kane, recomendou você, disse que conseguiria um ótimo resultado. Então certifique-se disso, está bem? De jeito nenhum essa vaca preguiçosa vai ficar com meu dinheirinho suado.

Que encanto de homem.

– Eu não me lembro do nome… – disse Conor.

– Não, ele era cliente da Margaret, sua chefe, só que ela está sem tempo para pegar o meu caso. Mas você trabalha para ela, né? Sei que ela deve ter te ensinado alguns truques do ofício… Se é que você me entende, he-he-he.

Enquanto falava, o homem passou o indicador gordo na frente do pescoço mais gordo ainda, o sinal universal de "acabe com isso" e morreu de rir.

– Entendeu, né? O que for necessário!

Margaret Kale era a chefe do escritório, uma mulher na casa dos sessenta, tão apavorante e implacável que fazia Rosa Klebb parecer um esquilo brincalhão. Olhando com desdém para o homem do outro lado da mesa, desprezando-o com todas as forças do seu ser, Conor murmurou:

– Faremos o possível.

Seu quarto cliente do dia foi uma mulher de 33 anos chamada Jessica Brown. Ele soube de antemão que ela marcara horário para discutir a redação de seu testamento, mas só quando a chamou para a sala foi que Conor entendeu a urgência da situação. Além das enormes olheiras, Jessica estava com a pele amarelada e se movia lentamente, com ajuda de uma bengala. Por baixo do vestido rosa largo, a barriga estava distendida. Mas, apesar da perda de peso e dos sinais claros de icterícia, ainda era visivelmente ela mesma, com olhos azuis alongados e cílios longos impressionantes. Quando sorriu, seu rosto se iluminou. Sua boca tinha um formato lindo.

Assim que as amenidades foram deixadas para trás, Jessica Brown disse:

– Bem, como você pode ver, eu preciso resolver as coisas. Antes tarde do que nunca, não é?

– Eu sinto muito.

Conor ficou com o coração apertado por ela; como devia ser enfrentar a morte ainda tão jovem?

– Obrigada. Não é como se eu tivesse muitas… você sabe, *coisas* para deixar em um testamento. Não tenho casa nem nada do tipo. Mas eu tenho a minha filha, ela só tem 12 anos…

Depois de tanto esforço para manter o autocontrole (Conor percebeu que a cliente tinha ensaiado as palavras), a voz dela falhou de emoção e ela levantou a mão magra pedindo desculpa silenciosamente.

– Não tem problema, leve o tempo que precisar – disse ele, falando com tranquilidade e colocando em cima da mesa a caixa de lenços que tirou da gaveta.

Depois de uns vinte segundos, Jessica Brown conseguiu engolir o nó na

garganta e falar de novo. Com um sorriso fraco, ela murmurou:

– Só um advogado poderia dizer uma coisa tola como essa. Você cobra por minuto, não é? Eu não tenho dinheiro para levar o tempo que precisar.

– Perdão. Mas os primeiros trinta minutos são de graça.

– Então é melhor eu não desperdiçar.

Dessa vez ela conseguiu dar uma risada breve, acompanhada de um movimento pesaroso de cabeça.

– Bizarro, não é? Na maior parte do tempo eu estou bem, controlada; até consigo fazer piadas quando estou com as pessoas. Só quando penso em Evie é que tudo isso me abala. Você vai ter que presenciar isso, infelizmente. E talvez fazer um estoque de lenços.

– Pode usar quantos quiser – disse Conor.

Jessica falou e ele fez muitas anotações enquanto a ouvia. O câncer, já em metástase, começara a se manifestar menos de um ano antes, mas o avanço tinha sido implacável e a equipe do hospital previa, com relutância, que Jessica tinha seis meses de vida.

Se tivesse sorte.

– E a sorte anda escassa na minha vida ultimamente, então não estou alimentando muitas esperanças – explicou, prendendo uma mecha do cabelo louro atrás da orelha. – Irônico, não é? Quando Evie nasceu, eu fiquei tão feliz que passei a ter medo de tudo. Eu me sentia a garota mais sortuda do mundo e ficava pensando que algo tinha que dar errado para equilibrar tanta felicidade. Porque ela era tão perfeita, sabe? E linda. E um bebê tão *bom*… Desculpa, lá vou eu de novo…

Conor ficou sabendo que o pai da criança tinha sumido quase imediatamente e que Jessica fora orgulhosa demais para ir atrás dele. Então, criara Evie sozinha e, se fosse para ela opinar, achava que tinha feito um ótimo trabalho. Em meio a lágrimas e sorrisos, ela mostrou a Conor fotos da amada filha, com os olhos enormes, as covinhas e os cachos tão louros que eram quase brancos. E explicou para ele os planos que tinha feito para o futuro de Evie.

– Minha irmã vai ficar com a guarda dela. Ainda bem. Evie ama a tia e eu

sou muito grata por isso. Minha mãe também vai ajudar, então minha filha não vai ficar sozinha.

As lágrimas agora desciam por suas bochechas encovadas.

– Então temos sorte, no fim das contas, porque podia ser bem pior. Eu só queria não ter que deixá-la. Vou sentir tanta falta dela.

E agora foi Conor que não conseguiu falar. Ele não podia desmoronar, *de jeito nenhum*. Mas, por alguns muitos segundos, precisou baixar a cabeça e fingir estar ocupado escrevendo coisas no bloco para ela não ver seu rosto.

Mas uma única lágrima reveladora caiu no bloco e Jessica esticou a mão por cima da mesa para pegar outro lenço na caixa. Quando o entregou para ele, ela falou:

– Desculpa estar fazendo você passar por isso. Eu sou divertida pra caramba, não sou?

Como Jessica queria terminar aquele processo o quanto antes, trabalharam durante o horário de almoço de Conor e planejaram toda a papelada preliminar. Às duas horas, tinham feito o máximo possível e o cliente seguinte já aguardava na recepção.

– Muito obrigada. Você tornou tudo mais fácil do que eu achei que seria – disse ela, então esticou a mão para a bolsa de lona cor-de-rosa e tirou uma bolsinha jeans de dentro dela. – Agora, quanto eu te devo?

Conor já tinha decidido não cobrar pelo trabalho que tinha feito no horário de almoço. Na verdade, ele planejava executar o resto da papelada no seu tempo livre também. Desde que acertasse a situação com Margaret e a reembolsasse pelo trabalho perdido não haveria problema, certo? Ele balançou a cabeça.

– Ah, não, não há necessidade de nada disso.

– Mas prefiro pagar agora – disse Jessica, que já contava as cédulas baixinho. – Por favor, eu quero me livrar logo disso. Sempre odiei dever dinheiro, mas agora é mais importante ainda deixar tudo resolvido. Só me diga quanto, por favor. Eu não suportaria se algo acontecesse antes… Bem, você entendeu. Não quero deixar minhas dívidas para outra pessoa.

Ele sabia exatamente quanto, não muito, Jessica tinha no banco; tinham acabado de avaliar detalhadamente as finanças. Ele viu a expressão de

determinação no rosto dela enquanto esperava para entregar a quantia devida.

– Olha – disse ele –, não vai haver cobrança.

– O quê? – perguntou ela, confusa. – Por quê?

E aquele era o elemento decisivo: ela realmente não achava que merecesse receber um tratamento diferenciado. Mas como, considerando a situação, Conor poderia aceitar o dinheiro dela? Às vezes, com algumas pessoas, alguns minutos ou umas poucas horas bastavam para saber que nos lembraríamos delas pelo resto da vida.

Jessica Brown tinha tocado o coração dele e Conor não a esqueceria.

Ele também sabia que ela era bem orgulhosa.

– Olha, não vai contando por aí, mas aqui no Kale e Grey nós temos um… um combinado nosso. Cada um dos advogados aqui pode aliviar um cliente que mereça ser representado gratuitamente. Essa semana é a minha vez – disse ele, dando de ombros. – E eu gostaria que fosse você.

– Ah! Você está falando sério?

Ela pareceu satisfeita, mas também surpresa, quase desconfiada.

– Totalmente. Se você recusar, vou precisar escolher outra pessoa. E eu prefiro não ter que fazer isso.

Conor fez uma careta com a perspectiva imaginária.

– Porque pode acabar sendo uma pessoa horrível que torraria o dinheiro em apostas, por exemplo.

Os olhos azuis de Jessica estavam grudados nos dele. Ela esticou a mão para a bengala e se levantou bem lentamente.

– Nesse caso, seria loucura minha não aceitar. Muito obrigada – disse ela, abrindo um sorriso. – É uma gentileza enorme da sua parte e vai ser de grande ajuda.

– Que bom.

Conor queria dar um abraço nela, mas não podia. Ele era o advogado e ela, a cliente. Cumprimentaram-se com um aperto de mãos e ele explicou que a papelada seria enviada para ela assinar e devolver. Quando estava levando a cliente até a porta, ele disse:

– Evie pode se orgulhar muito da mãe dela.

Jessica se virou para olhar para ele.

– Obrigada, mas se você a conhecesse entenderia que sou eu quem tem todos os motivos para me orgulhar.

A cliente seguinte, andando com impaciência pela recepção e falando no celular, revirou os olhos enquanto Jessica seguia cuidadosamente com ajuda da bengala.

Conor se virou para falar com ela quando Jessica tinha saído.

– Sra. Barker? Boa tarde, eu sou… – Começou ele educadamente.

– Eu sei quem você é, sua foto está no site.

Sem fazer pausa, Yasmin Barker continuou falando ao celular.

– Pronto, meu bem, vou ser atendida, *finalmente*. Vamos tomar uma coisinha mais tarde? Eu te conto todos os babados, ha-ha. A champanhota fica por minha conta se tudo correr como planejado! Te ligo daqui a pouco… Tchau, tchau…

A cada minuto passado na companhia de Yasmin Barker, Conor desprezava mais aquela mulher de 26 anos com um bico de pato que a deixava com cara de bem mais velha. A blusa tinha um decote tão profundo que, se o cirurgião plástico responsável pelos implantes de silicone tivesse assinado o trabalho no canto inferior direito, a assinatura estaria visível. Usava um short cor-de-rosa apertado de vinil e botas plataforma com 12 centímetros de altura. Os cílios postiços tinham uns 5 centímetros. Também estava determinadíssima a se divorciar do marido.

– Eu chamo ele de BBB – explicou ela dando uma gargalhada. – Ele acha que é de Brian Bebezinho Bonitinho, mas na verdade é de Brian Bunda-mole Babacão!

Totalmente tóxica. Conor ficou impressionado com a sinceridade dela, mas isso era o que acontecia estando na posição de advogado: as pessoas achavam que podiam contar tudo. Como o papel dele era de prestador de serviço, as pessoas achavam que não era necessário manter as aparências. Yasmin tinha se casado com Brian pelo dinheiro e agora que tempo suficiente tinha passado (“Dois anos e meio, e cada dia pareceu um mês!”), ela estava pronta para exigir sua parte de tudo que ele tinha.

– Porque eu fiz muito por onde, né? Meu Deus, tudo que o homem faz é

resmungar porque eu saí com meus amigos e reclamar do quanto eu gasto com roupas. Rá, imagina só quando ele souber que estou pulando fora! Aí ele vai descobrir quanto eu posso custar quando quero tirar dinheiro dele. Babacão. Eu acho bem feito.

Yasmin saiu rebolando do prédio duas horas depois. Conor tinha descoberto que às vezes dava para conhecer uma pessoa, detestar tudo a respeito dela, e então esquecê-la completamente depois da reunião e seguir com o dia em perfeita felicidade, como se nada tivesse acontecido.

Mas não ia rolar naquele dia. Ele tinha a sensação de que aqueles dois clientes horríveis o tinham contaminado com suas atitudes tóxicas, e a vontade de se esfregar para arrancar o veneno daquela gente do corpo era quase sufocante.

E, no meio deles, Jessica Brown. A vontade de Conor era apresentá-la aos dois e dizer como tinham sorte de não estar na situação horrível em que ela se encontrava. Queria sacudi-los e mandá-los tomar vergonha na cara.

Mas não podia fazer nada disso, porque ele era o advogado. Essencialmente, não importava o quanto os dois eram desprezíveis e egoístas. Era trabalho de Conor permitir que saíssem de seus respectivos casamentos com o máximo do dinheiro do cônjuge que fosse humanamente possível.

Ah, Deus, em que aquele lugar o estava transformando? Quando analisava dessa forma, ele não era melhor do que os dois.

Às 17h30, quando estava desligando o computador, Margaret Kale se materializou ao lado da mesa dele.

– Conor. Eu acabei de olhar sua folha de cobrança do dia. Você ficou com Jessica Brown por uma hora e meia, mas não cobrou a sessão dela.

Ele respirou fundo.

– Eu estava ajudando com a preparação do testamento dela. Ela tem poucas semanas de vida.

– E?

– Uma dessas horas foi durante o meu almoço – disse Conor. – Vou arcar com a parte do escritório, então não vai haver prejuízo. E não vou cobrar pelo meu serviço.

– Pelo amor de Deus, Conor, isso aqui não é uma obra de caridade.

– Estou ciente disso.

A história que contara para Jessica Brown, sobre casos não cobrados, era, logicamente, mentira.

– Eu achei que podia ser um gesto legal.

As sobrancelhas desenhadas de Margaret se ergueram em descrença.

– Me parece um gesto idiota. Quando você começa a cair nas histórias tristes é só ladeira abaixo.

– Como já falei, não vai te custar um centavo, ok? Pode me enviar a nota se quiser. Ou descontar direto do meu salário, o que for mais fácil para você.

O *mais fácil* saiu com evidente rispidez; o desprezo pela chefe estava subindo pela garganta como vômito.

– Tudo bem, farei isso.

O olhar penetrante de Margaret não hesitou e, naquele momento, Conor soube o que tinha que fazer. De repente, foi tomado por uma certeza e não teve medo.

– Você não deixa passar nada, não é, Margaret? Não é da sua natureza abrir mão do menor dos lucros que seja – disse ele, e se levantou. – Eu diria que foi bom trabalhar para você, mas isso seria uma grande mentira.

– Você está indo embora? Excelente – disse ela, e um sorriso com ar de desprezo ergueu os cantos de seus lábios finos. – Posso dizer uma coisa, Conor? Você não serve para trabalhar aqui. Você até tentou se encaixar, mas é mole demais.

A sensação era extasiante; ele devia ter feito aquilo bem antes. Ele também sorriu, mas não um sorriso frio como o dela.

– Obrigado. Vou levar isso como um elogio.

– Não foi essa a minha intenção – disse Margaret. – Pode ir.

E, assim, Conor se foi, naquele que estava sendo um dos melhores dias de sua vida.

Por anos, ele fizera todas as escolhas sensatas. Agora havia chegado a hora

de fazer o que lhe parecia certo.

Ele também estava ciente de que tinha sorte. Depois da morte do pai, Conor tinha herdado o imóvel da família em Keynsham e se mudado para lá dois anos antes. A casa era grande demais para ele, mas tinha sido feliz morando lá. Perder o emprego significava que precisaria de alguma renda, e alugar a casa foi a resposta.

Nesse meio-tempo, Zillah tinha acabado de converter os muitos cômodos da casa na Percival Square em apartamentos individuais. Como ela e o pai dele tinham sido amigos de longa data, Conor conhecia Zillah havia anos e fora ideia dele que ela fizesse aquilo. Agora, por sua vez, tinha sido ideia de Zillah oferecer a ele o apartamento em cima do dela.

Quando pensava em uma nova carreira a seguir, Conor se perguntava quem ele mais invejava. Certa manhã, enquanto ponderava sobre o assunto, olhou pela janela da sala e ficou de frente para a resposta. Na casa ao lado, os jardineiros podavam o amplo jardim do vizinho. Eram os mesmos que haviam trabalhado para o pai dele e, depois que ele morrera, Conor se sentiu muito mal ao dispensar o serviço. Pediu desculpas aos dois e explicou que, como gostava muito de jardinagem, queria assumir a função.

Para seu alívio, eles não ficaram muito chateados. Roddy, cuja família era dona da empresa, explicou que tinham bastante trabalho e costumavam ter que recusar serviço, então Conor não precisava se sentir culpado.

Enquanto via Roddy e o filho se ocuparem com tesouras de poda e um aparador de cerca-viva, conversando tranquilamente enquanto trabalhavam, Conor soube que aquela era a carreira da qual ele mais gostaria. O objetivo da jardinagem era deixar tudo mais bonito e o pagamento era por diária, feito sempre por pessoas satisfeitas com o serviço prestado.

O que poderia ser mais gratificante do que isso?

# Capítulo 10

NAQUELE MOMENTO, OLHANDO para Essie do outro lado da ampla mesa de carvalho encerado na cozinha de Zillah, Conor deu de ombros e disse:

– Isso foi quatro anos atrás. Fui aprendendo sobre jardinagem na prática e, no fim, foi a melhor coisa que eu fiz. Não me arrependi nem um minuto.

– Tirando a vez em que tinha um rato escondido dentro da sua galocha e o bicho acabou mordendo seu dedo, não é? – perguntou Zillah.

– É, tirando isso – disse Conor, rindo.

– Eu amo essa história, me faz rir toda vez que penso nela.

– Se alguma coisa traumática acontecer com você – disse Conor para Essie –, ela provavelmente vai achar engraçado também.

– Mas de um jeito gentil – disse Zillah, os olhos brilhando com malícia. – E Essie já teve a cota dela de traumas, você não acha?

– Verdade – disse Conor.

Essie já havia contado a história de como tinha ido parar ali.

– Eu só quis te contar o que aconteceu comigo para você saber que, às vezes, as coisas podem terminar bem.

– Obrigada, é bom saber. Vamos torcer para tudo dar certo para mim também – disse Essie.

Zillah se serviu de outra xícara de chá.

– Exatamente como eu tinha pensado. Vocês dois têm isso em comum, ambos largaram seus respectivos trabalhos um pouco mais rápido do que a maioria das pessoas. É uma experiência que conecta pessoas.

Achando graça, Conor balançou a cabeça. Ele já estava familiarizado com o *modus operandi* de Zillah, o que, sabia, significava que ela estava se perguntando se poderia haver uma atração rolando entre os dois, se haveria um interesse romântico. Ele adorava Zillah, mas ela era uma fada madrinha bem insistente, sempre querendo encontrar a garota certa para ele.

Estavam conversando havia 20 minutos e ele já sabia que gostava de Essie Phillips. Ela era engraçada e direta e, sem dúvida, atraente, mas Conor também sabia que faltava aquela fagulha essencial para que alguma coisa acontecesse, tanto do lado dela quanto do dele. Era o tipo de coisa que existia ou não; não dava para simplesmente estalar os dedos e fazer surgir num passe de mágica.

Basicamente, ele e Essie não eram o tipo um do outro.

– A propósito – disse Essie de repente –, eu vi vocês dois chegando tarde ontem. De madrugada, na verdade. Foram a algum lugar legal?

E então foi a vez de Zillah, quando Conor olhou para ela, balançar a cabeça discretamente e dizer com movimentos labiais: "Agora não". Não era segredo, mas explicar o que tinham feito exigiria tempo, não era algo que se podia fazer às pressas. Zillah também já estava de saída para o clube do livro.

– Eu estava na casa de um amigo. Conor foi me buscar e me trouxe para casa – disse ela, terminando o chá. – Mas agora vou indo, já é quase meio-dia e Audrey vai revirar os olhos se eu me atrasar para…

– Meu Deus, *meio-dia*? – disse Essie, olhando horrorizada para o relógio e deu um pulo. – Eu não tinha ideia de que já era tão tarde. Também preciso ir.

Essie correu pela Percival Square, ziguezagueando como um ninja por um caminho de obstáculos formado por carrinhos de bebê, cadeiras de rodas e triciclos de criança. Uma Cinderela às avessas, ela chegou no Red House na hora em que, ao longe, os sinos da Abadia de Bath dobraram suas doze badaladas. Depois de subir correndo os degraus de pedra e entrar pela porta de vidro, ela viu Jude servindo atrás do bar e acenou para chamar a atenção dela.

– Lucas já chegou?

– Oi! Ele está no escritório. Quer subir?

– Obrigada.

Essie subiu a escada correndo, bateu na porta e esperou, recuperando o fôlego. Ela ouviu Lucas chamar distraidamente:

– Um minutinho só.

Depois de 90 segundos, ela bateu de novo. Desta vez, ele abriu a porta e ergueu as sobrancelhas quando a viu.

– Ah. Oi.

– Eu mudei de ideia.

Essie ainda o desprezava pelo que ele tinha feito, mas se recusar a trabalhar ali era agir contra os próprios interesses.

– Eu gostaria de ficar com o emprego.

– Putz, você tinha até meio-dia para me avisar – disse ele, olhando para o relógio. – São meio dia e dois.

– Aham, porque eu estava aqui esperando você abrir a porta.

– Desculpa, acabei de falar com o pessoal da agência de empregos, pedindo para me mandarem os melhores candidatos.

A expressão de Lucas era brincalhona, mas Essie o encarava com firmeza.

– Estava mesmo? Ou estava na janela me vendo correr pela praça?

– Acho que isso também é uma possibilidade. Você pareceu mesmo um pouco apressada, achei até que fosse tropeçar no garotinho de patinete.

– Eu também achei. Se é para andar nessas coisas, eles deviam aprender a

sinalizar com a mão. E então, o emprego é meu?

Lucas parou de fingir.

– Claro. Eu falei ontem.

*Ufa.*

– Você achou que eu voltaria?

– Eu esperava que sim. Você pode começar imediatamente?

– Posso. A tarde está movimentada?

– Vai ficar. Tem algumas confraternizações de empresa marcadas para hoje – disse ele e então, depois de uma pausa, perguntou: – Novidades no quesito namorado?

– Você quer saber se eu arrumei outro? Não, ainda não.

– Não, quero saber se teve notícias do antigo.

– Não.

– Bem, se houver alguma coisa que eu possa fazer…

Pelo menos ele estava se sentindo culpado. *Como deveria*. Mas era uma daquelas propostas educadas e vazias. Depois de um momento, ela balançou a cabeça.

– Não. Fui eu que escrevi aquelas coisas, é a mim que ele não consegue perdoar.

Na verdade, era capaz de Paul até estar grato por Lucas ter revelado o que Essie verdadeiramente achava da mãe dele. Até ali, ele não fazia ideia.

– Você sente saudade dele?

Imediatamente uma lembrança começou a passar como um filme na cabeça de Essie, a manhã do seu último aniversário, quando Paul servira para ela um café da manhã na cama com tudo que ela mais amava, embora reprovasse chocolate quente, enroladinho de salsicha e dois donuts de creme como desjejum. Ele tinha feito aquilo porque a amava. Tinha até colocado velas acesas nos donuts.

E havia muitas outras lembranças felizes como aquela. Era impossível não ficar revivendo os bons momentos em pensamento, não era?

Essie olhou para Lucas. *Que pergunta idiota.*

– É claro que sinto.

– Ah, mas nunca se sabe, talvez ele mude de ideia. Espera mais alguns

dias, quem sabe ele se dá conta de que exagerou na reação.

Ele realmente acreditava naquilo?

– Duvido. Posso descer e começar a trabalhar? – perguntou Essie.

Lucas olhava para ela com atenção, como se quisesse dizer mais alguma coisa. Essie esperou por algo, mas o momento se perdeu.

– Seria ótimo – disse ele por fim.

# Capítulo 11

– Meu Deus! – exclamou Zillah, se abanando com as mãos enluvadas. – Quanta gente. Você está conseguindo dar conta direitinho?

Era a manhã seguinte, o último domingo antes do Natal, e agora a contagem regressiva estava acontecendo de verdade. Por trás da muralha de pacotes que carregava em seus braços, Essie disse:

– Estou bem. E você?

– Querida, é você que está tendo que carregar tudo. Estou me sentindo uma rainha. Vamos tomar um café antes de voltar? Descansar um pouquinho os pés?

– Se você quiser…

Essie, com botinhas estilo pirata sem salto, estava impressionada com a escolha de Zillah: sapatos de couro azul-marinho com saltos de quase dez centímetros.

Em uma rua estreita, encontraram uma mesa vazia em um café moderninho e pediram cappuccino e bolo.

– Você não deixa passar nada, não é?

Achando graça, Essie reparou em como Zillah tirou o casaco, ajustou o cachecol do tom do pôr do sol ao redor do pescoço e observou com atenção cada um dos outros clientes.

– Eu me interesso por pessoas. Adoro observá-las. Todo mundo é fascinante de alguma forma, não acha?

Zillah agradeceu à garçonete, que tinha voltado com as bebidas.

– Eu tenho curiosidade sobre a vida dos outros, ou quem sabe eu seja simplesmente uma xereta. Uma das duas coisas.

– Talvez seja isso que mantém você jovem – sugeriu Essie.

– Ha ha, pode ser! Eu não posso bater as botas ainda – disse ela, adoçando o café. – Não com tanta gente para ver e ouvir e com tanto a imaginar sobre elas.

Ela chegou mais perto e sussurrou:

– Está vendo aquelas duas mulheres sentadas perto da janela? Elas estão fingindo ser amigas, mas não se suportam!

– E você sabe isso só de olhar para elas? – perguntou Essie, muito impressionada.

– Eu não sou adivinha! – disse ela, caindo na gargalhada. – A magrela é ex-esposa do meu médico e a loura é a esposa atual.

– Eita…

– Ele é um bom médico de família, mas não pode ver um rabo de saia. O que torna a ida ao consultório uma grande diversão – disse Zillah. – Certo, e aqueles dois homens perto da porta?

Elas especularam com alegria sobre todos os outros clientes, depois falaram sobre os presentes de última hora, a boina roxa de veludo que Zillah tinha ficado tentada a comprar no Jolly's e os méritos do Magnum de caramelo salgado versus o de manteiga de amendoim.

Vinte minutos depois, café e bolo terminados, Zillah chamou a garçonete e pediu a conta.

– E posso pagar também o que a moça ali do canto pediu? – perguntou ela, baixando a voz. – A de capa de chuva cinza.

– Ah! – disse a garçonete, parecendo surpresa. – Ela pediu um bule de chá

e uma fatia de bolo de limão. Tudo bem?

Zillah assentiu.

– Claro. Mas, quando ela pedir a conta, por favor, não diga quem pagou.

Essie olhou para a mulher, que devia ter uns setenta e poucos anos. O cabelo era curto e grisalho, ela usava sapatos marrons com saltos gastos e a capa também parecia ser meio velha. Entre goles de chá, ela olhava pela janela ou virava as páginas da revista em cima da mesa.

Quando saíram do café, Essie perguntou:

– Você conhecia aquela mulher?

– Não, querida. Só achei que ela parecia meio triste.

– É, parecia mesmo.

– Ela tinha uma aliança na mão esquerda, mas era grande demais, como se ela tivesse perdido peso, mas não suportasse a ideia de parar de usá-la. Talvez o marido tenha morrido recentemente e esse seja o primeiro Natal dela sem ele.

– E foi por isso que você pagou a conta dela?

– Bem, por que não? Talvez anime o dia dela só um pouquinho. Sem dúvida animou o meu – disse Zillah, sorrindo.

– Você faz isso o tempo todo?

– Não, só quando dá vontade. É divertido. Quando se chega na minha idade, é bom ter um hobby – explicou, e então, em tom malicioso, acrescentou: – Por algumas libras, eu posso alegrar alguém com meus ganhos ilícitos! Quem não ia querer fazer isso?

O barulho de um ônibus passando encobriu as palavras dela, mas Essie tinha quase certeza de que ela tinha dito "ganhos ilícitos". Mas, quando abriu a boca para fazer a pergunta seguinte, foi interrompida por Zillah parando de forma dramática na rua.

– Não adianta: eu nunca vou me perdoar se outra pessoa comprar. Eu *tenho* que comprar aquela boina roxa! Tudo bem se a gente der uma passadinha no Jolly's?

– Tudo bem.

Ganhos ilícitos. Hum, intrigante. E agora, Zillah estava desesperada por uma boina… muito Bonnie e Clyde.

Talvez ela já tivesse roubado um banco.

A espera aparentemente infinita pelo Natal enfim havia terminado. Às nove da manhã, Essie e Conor encontraram Zillah na cozinha para um café da manhã festivo, com salmão defumado, suco de laranja e Prosecco gelado. Após esse encontro, cada um seguiria com sua programação: Conor visitaria os primos em Cirencester, Zillah passaria o dia com velhos amigos no Hotel Francis e Essie iria para a casa da mãe de Scarlett.

Às dez, o celular de Essie tocou quando ela estava no banho. Seu coração deu um pulinho estranho e ela saiu do boxe no mesmo instante, o xampu escorrendo pelo rosto e caindo nos olhos enquanto ela deslizava pelo chão do banheiro para pegar o aparelho. Sabia que era importante atender, afinal, assistira a filmes do Richard Curtis o suficiente e era manhã de Natal. E se fosse Paul?

Mas não era.

– Ho ho ho! – gritou Scarlett, o som de cantigas de Natal ressoando ao fundo. – Feliz Natal! Minha mãe disse que você pode vir a hora que quiser, mas o almoço vai ser servido às 14h30. Ah, e ela vai fazer aquele recheio de novo, o que tem maçãs e passas, porque ela sabe que é seu favorito.

– E é por isso que eu amo a sua mãe – disse Essie com carinho. – Chego daqui a pouco.

Quarenta minutos depois, usando um vestido vermelho de festa e uma meia-calça preta de renda, Essie estava nos retoques finais da maquiagem quando a campainha tocou lá embaixo.

Como um cachorrinho sempre otimista, o coração deu outro pulo.

Afinal, e se Paul tivesse acordado naquela manhã e se dado conta de que não suportava ficar sem ela nem mais um minuto, que a vida tinha perdido o sentido e ele tivesse ido até lá porque precisava dizer o que sentia? E se ele estivesse parado na porta naquele momento, segurando um buquê enorme,

pronto para dizer que ainda a amava e suplicar que Essie o perdoasse pela reação exagerada a um episódio totalmente acidental?

E se a vida dela estivesse prestes a se transformar na cena final de um daqueles filmes que faziam a gente chorar de felicidade porque terminaria do jeito mais perfeito possível, com flocos de neve caindo, cantigas de Natal tocando ao fundo e um gorro de Papai Noel caindo sobre um dos olhos de Paul quando ele a tomasse nos braços?

Ok, ok. Vamos cair na real. Paul até podia gostar de gestos românticos, mas ele *jamais* usaria um gorro de Papai Noel.

Essie colocou o batom de lado e fez o possível para respirar com calma. Sim, ela era perfeitamente capaz de ficar solteira, mas sentia falta de fazer parte de um casal. No andar de baixo, alguém abriu a porta. Essie não tinha corrido até a janela de propósito, porque isso estragaria a fantasia na mesma hora. Pelo mesmo motivo, permaneceu onde estava e se olhou no espelho.

*Será que é o Paul?*

Ela ouviu Conor chamar pela escada:

– Essie? É para você!

*É ele, é ele, está acontecendo mesmo.*

As coisas que se faz quando algo completamente inesperado nos pega de surpresa. Ainda olhando para o próprio reflexo, o primeiro pensamento que veio a Essie foi que estava de batom vermelho e Paul não gostava quando ela usava. Então pegou um lenço de papel na caixa na penteadeira e rapidamente removeu o máximo que conseguiu.

Prestes a descer a escada (*por favor, não caia*), falou de um jeito casual e festivo:

– Estou indo!

*Ok. Segure no corrimão* – entra música de fim de filme – *e pareça totalmente surpresa quando o vir.*

Ah, e fique linda.

– Oi – disse Lucas. – Feliz Natal.

A música imaginária parou de repente. A expressão de surpresa foi certeira. Quando os olhos deles se encontraram, humilhada, Essie se deu

conta de que não só tinha fracassado em esconder a decepção, como de que Lucas sabia exatamente o motivo de sua reação.

– Desculpa, sou só eu.

Ele estava usando uma calça jeans preta e um suéter cinza-claro de gola V com as mangas puxadas.

– Olha, eu estou meio enrolado, então decidi pedir, mas tudo bem se você não puder, tá? É que a Jude ia me ajudar no turno do almoço, mas ela acordou se sentindo mal. E não, não é uma das desculpas que o Henry dava. Ela está mesmo doente. Você não poderia cobrir o turno dela, poderia? Nós só vamos funcionar de meio-dia às duas… Mas, como falei, se você não puder, tudo bem.

Ele parou, esperou. Obviamente que não estaria "tudo bem", mas também não era questão de vida ou morte, certo? Estavam falando de um bar, não de um centro cirúrgico.

– Se eu disser não, tem mais alguém que possa ajudar?

– Não. Eu já tentei todo mundo, mas todos estão ocupados com a família. Deixei você por último.

– Certo.

– Mas só porque eu imaginei que você recusaria.

– Hum.

Era uma suposição compreensível.

– Eu pago em dobro – disse Lucas.

Essie passou os braços em volta do corpo ao sentir uma brisa fria.

– Estou indo passar o dia na casa de uma amiga. A mãe dela vai servir o almoço às duas e meia.

– Onde fica a casa?

– Bradford on Avon.

Uma cidadezinha comercial a uns doze, treze quilômetros do centro de Bath.

Lucas estava claramente analisando as opções.

– Que tal se a gente sair do Red House às duas e quinze e eu te levar de carro direto para lá? Você chegaria a tempo do almoço.

Pagamento dobrado.

E sem gastar a corrida de táxi até a casa da mãe de Scarlett.

E com certeza também ganharia boas gorjetas dos clientes joviais de almoço de Natal.

– Tudo bem, eu vou – disse Essie. – Chego lá ao meio-dia.

– Obrigado. Você é demais – disse Lucas, visivelmente aliviado.

– Eu sei.

# Capítulo 12

– E ENTÃO? – PERGUNTOU o motorista de táxi que a levou para casa 12 horas depois. – Teve um bom dia?

– Fantástico, obrigada.

Essie conteve um bocejo, porque tinha sido um ótimo dia, embora cansativo. O Red House estava lotado de clientes felizes em suéteres festivos e guirlandas por todo lado. E Lucas, como prometido, a levara de carro até a casa da mãe de Scarlett a tempo do agitado almoço para dez convidados. Depois de comer o equivalente ao próprio peso – peru recheado, batatas assadas deliciosas e todos os legumes conhecidos pela humanidade –, Essie passou o restante da tarde e da noite envolvida em jogos animados com os sobrinhos e sobrinhas hiperativos de Scarlett.

Agora, quase às 23h, ela ainda estava bastante saciada, mas tinha ido embora da casa da mãe de Scarlett, Kim, com uma variedade de recipientes plásticos contendo de tudo, desde tortinhas de carne a metade de um presunto defumado e um queijo camembert inteiro, porque "você pode sentir fome mais tarde".

O táxi parou do lado de fora do número 23, e Essie ficou animada de ver luz atrás das cortinas da sala de Zillah. Depois de apenas uma semana, já sentia que a casa era um lar, e estava ansiosa para saber sobre o dia da outra.

Quando entrou, Conor, que também tinha voltado de suas comemorações de Natal, a ajudou com as sacolas.

– Vem, nós estamos na cozinha. Ainda aguenta uma tortinha de carne? Nós dois juntos trouxemos umas vinte.

Essie ergueu um dos recipientes de plástico.

– Agora, trinta.

– Oi, querida! – disse Zillah, que estava botando a chaleira no fogão. – O que você quer? Uma taça de champanhe ou uma xícara de chá? Sente-se, coma um queijinho. Acho que nunca vamos dar conta disso tudo.

Nem Zillah nem Conor estavam tomando champanhe, então Essie decidiu ir de chá também. Eles trocaram histórias sobre o dia, mas parecia haver uma certa… bem, uma falta de descontração foi a única definição em que conseguiu pensar. Como se os dois estivessem esperando que algo acontecesse ou que alguém aparecesse.

Vinte minutos depois, o celular de Zillah tocou e ela e Conor deram um pulo. Essie se deu conta de que era por isso que vinham esperando. Embora estivesse prestes a pedir licença para ir se deitar, ficou onde estava.

– Sim?

Zillah olhou para Conor ao atender a ligação.

– Certo – disse ela para a pessoa na linha. – Estaremos aí nesse horário. Obrigada, nos vemos daqui a pouco.

Ela assentiu para Conor e abriu um sorriso, mas foi um sorriso de "tudo resolvido" e não de alegria. Zillah encerrou a ligação e se levantou.

– Vai rolar.

– Que bom – disse Conor. – Vou só pegar as minhas coisas e podemos ir.

Essie se deu conta de que o que estava prestes a acontecer era importante para os dois.

– Posso perguntar do que se trata, ou não é da minha conta? – perguntou ela, olhando para Zillah. – Desculpe, esqueça o que eu disse. Vou deixar vocês cuidando disso.

Tardiamente, ela se deu conta de que aquele próximo evento de algum modo estava relacionado à saída da outra noite, quando tinha visto os dois chegando em casa juntos de madrugada.

– Querida, não é um grande segredo. Você está exausta e pronta para ir para a cama ou quer vir com a gente?

Curvada sobre a mesa da cozinha, Zillah soprava as velas e apertava entre os dedos os pavios que ainda soltavam fumacinha, garantindo que ficassem completamente apagados.

– Você que sabe.

– Depende. Se vocês forem correr uma maratona à meia-noite, podem ir sozinhos. Mas não sei aonde vão.

Enquanto Essie falava, Conor voltou para a cozinha usando um casaco quentinho e trazendo uma câmera Nikon pendurada no pescoço.

– Certo – disse Zillah. – Lembra quando estávamos no café naquela manhã e vimos a mulher sentada na mesa do canto?

Essie estava totalmente intrigada.

– Lembro.

Zillah continuou enrolando um xale rosa macio em volta dos ombros e verificou se as luvas estavam na bolsa, ao passo que endireitou a postura.

– Bem, o que vamos fazer não é exatamente a mesma coisa, mas é parecido.

Como era Natal, as ruas estavam mais vazias do que nunca àquela hora da noite. Uma leve geada cintilava nos faróis agora que tinham saído da cidade e seguiam por ruas estreitas e sinuosas. Depois de reclamar que Zillah dirigia rápido demais à noite, Conor assumira o volante do Mercedes. Zillah, no banco de trás junto com Essie, explicava o motivo da expedição.

– Ano passado visitei uma amiga de longa data em Amsterdã – disse ela. – Uma noite, durante o jantar, ela me falou sobre uma instituição beneficente que eles têm lá chamada Ambulance Wish Foundation. Foi inaugurada em

2006 por um paramédico que estava transferindo um paciente terminal para outro hospital. Quando esse segundo hospital disse que só poderia recebê-lo duas horas depois, o paramédico perguntou ao paciente se havia alguma coisa que ele gostaria de fazer enquanto esperavam, e ele disse que adoraria visitar o porto de Roterdã para se despedir. Então foi o que eles fizeram. O homem ficou felicíssimo por poder ver o lugar uma última vez, porque ele tinha trabalhado lá a vida toda.

– Que incrível – disse Essie.

– Não é? O paramédico ficou tão emocionado que deu um jeito para que o paciente fosse levado ao porto outra vez alguns dias depois. Içaram a maca dele a bordo de um barco para que ele pudesse dar um último passeio. Um pequeno gesto com um impacto enorme, uma coisa que significou muito para aquele homem. E quando a minha amiga me contou a história, fiquei profundamente tocada. Porque existem tantas instituições beneficentes concedendo desejos maiores para pessoas jovens… É claro que isso também é incrível, promover férias de família inesquecíveis na Disney. Mas o que aquele paramédico descobriu foi que, quando se está em estado terminal, os desejos finais podem ser coisas bem simples.

– Eu nunca tinha pensado nisso – disse Essie.

– Eu sei, eu também não, mas aquilo mexeu comigo. O projeto realmente decolou na Holanda. Hoje eles contam com centenas de voluntários e várias ambulâncias, e já realizaram milhares de desejos. Eu tenho 83 anos – disse Zillah. – Já não consigo organizar algo assim na minha idade. Mas quando meu querido marido estava morrendo, teria sido lindo se houvesse algo legal que pudéssemos ter feito por ele. Então, em uma escala bem menor, decidi dar um jeito para que alguns últimos desejos fossem concedidos. E essa é a história – concluiu ela, dando de ombros. – É isso que você está indo fazer agora. O único motivo pelo qual eu não mencionei isso antes era por não querer que você se sentisse obrigada a se juntar a nós, principalmente na noite de Natal.

Chegaram ao Lar St. Paul dez minutos depois. Era um prédio moderno de um andar em um terreno bem cuidado. Essie já ouvira falar, eles tinham vários bazares de caridade por toda a região, mas nunca tinha ido lá.

Já havia uma ambulância particular esperando na entrada de carros e sinais de atividade na recepção pouco iluminada. Quando saíram do carro, Essie disse:

– Tudo bem se eu for também?

– Você está com a gente, sem problemas.

Mesmo assim, Essie decidiu ir andando um pouco atrás dos dois e esperou embaixo da marquise enquanto Zillah cumprimentava calorosamente um homem muito velho ao lado da recepção. Ele tinha cabelo grisalho penteado para trás, um bigode fininho e curto e estava embrulhado em um casaco pesado, comprido e escuro.

– É ele? – murmurou ela para Conor. – Eu achei que ele estaria mais doente.

No momento seguinte, se deu um chute mental, porque a porta dupla se abriu e dois paramédicos uniformizados surgiram empurrando uma maca. Uma mulher de meia-idade curvilínea vinha ao lado, e Essie viu que o paciente era uma senhora idosa, pálida como papel e que não podia pesar mais do que 30 quilos.

– Eu sou uma idiota – murmurou ela.

– Não se preocupe com isso.

Conor segurou a porta para que todos pudessem acessar a rampa. A mulher doente estava de máscara de oxigênio e com um acesso com soro no braço esquerdo, mas Essie viu que sorria e murmurava algumas coisas para o marido quando o grupo passou.

Depois que ela foi colocada na ambulância, o veículo partiu. Flores foram trazidas e colocadas no porta-malas do Mercedes de Zillah, e Conor voltou ao seu lugar ao volante, para que pudessem seguir o veículo.

Desta vez, a viagem levou meia hora. Quando finalmente chegaram ao pequeno vilarejo de Alton Tarville, em Cotswold, Conor seguiu a ambulância pela entrada estreita que levava até a igreja, onde o vigário os aguardava.

Quando, junto com Conor, Essie levou as flores para dentro da

construção simples do século XII, ficou maravilhada com a visão dos vitrais iluminados de baixo por fileiras de velas cor de marfim. Havia mais delas ladeando o altar e fileiras de azevinho e hera tinham sido arrumadas em volta do coral. O aquecimento estava ligado e o ar tinha cheiro de mofo e poeira, de pedra antiga e cera de abelha.

Rapidamente, posicionaram os arranjos de flores de modo a obter o melhor efeito. O organista assumiu a posição e, ao sinal do vigário, os familiares acordes iniciais da "Marcha Nupcial", de Wagner, se espalharam pela igreja.

A pesada porta de carvalho se abriu e por ela entrou a mulher de meia-idade, que Essie agora sabia se tratar de uma médica de folga. Ela foi guiando a frente da maca de rodinhas por entre os bancos e cumprimentou o resto das pessoas com um aceno e um sorriso, demonstrando a eles que tudo estava bem.

John, o homem de bigodinho, tinha tirado o casaco e exibia um terno cinza elegante com uma rosa branca na lapela. Ele segurava a mão daquela que fora sua esposa pelos últimos 56 anos enquanto seguiam juntos até o altar. Os dois paramédicos barbudos, de uniforme verde, seguiam solenemente atrás, como damas de honra.

A música se elevou até as vigas da igreja e Essie viu a alegria no rosto de Elizabeth ao ter John ali, segurando amorosamente sua mão.

Quando o organista terminou, o vigário falou sobre o casamento de John e Elizabeth que acontecera muito tempo antes naquela mesma igreja e sobre o relacionamento feliz dos dois. Elizabeth não tirou os olhos do amado marido enquanto renovavam os votos e, quando a cerimônia acabou, John se curvou para beijá-la com carinho infinito.

Todos os presentes na pequena igreja, inclusive os corpulentos paramédicos, estavam enxugando os olhos. Em seguida, o organista iniciou a gloriosa "Marcha Nupcial" de Mendelssohn. Conor, que discretamente tinha tirado várias fotos durante a cerimônia, se adiantou para fazer mais cliques. Essie agora sabia que essa era a função dele. O que estava acontecendo naquela noite tinha sido um pedido da médica, porque a saúde de Elizabeth vinha piorando rápido; não esperavam que chegasse ao ano-novo. Seu maior

desejo era ir à igreja de St. Mary uma última vez e renovar os votos com o marido que ela amava havia tanto tempo.

E, para John, as fotografias tiradas por Conor seriam um valioso lembrete daquela noite pelos meses e anos futuros.

Todos se reuniram ao lado da pesada porta de carvalho e John e Elizabeth insistiram em agradecer a cada um dos presentes.

– Vocês são anjos, cada um de vocês – disse Elizabeth com a voz trêmula, segurando a mão de Essie. – Você não imagina o quanto isso significa para nós.

Essie pôde responder com total sinceridade:

– Eu não teria perdido por nada neste mundo.

# Capítulo 13

O LANCE EM RELAÇÃO A Scarlett era que nunca se sabia *quando* o próximo *crush* surgiria e *quem* seria ele. Ela não seguia um padrão identificável.

Enquanto a observava, Essie pensou nos namorados que Scarlett já tivera e descartara nos dois anos anteriores. A variedade era infinita.

A maioria das pessoas, quando diante de uma caixa de bombom da marca X, sempre pegavam o mesmo. O de castanha de caju com embalagem roxa irresistível era o favorito de Essie.

Mas, se você oferecesse a Scarlett uma caixa cheia todos os dias por 15 dias, ela escolheria um bombom diferente a cada vez. E ela era exatamente assim com homens. O último namorado, Pete, trabalhava numa oficina de motos e seu cabelo escuro descia até a cintura numa trança. Pablo, o que veio antes dele, era contador e só usava ternos elegantes.

E agora Scarlett estava interessada em acrescentar Conor às marcas imaginárias na cabeceira dela.

A pergunta era: Conor ficaria igualmente interessado?

Era dia 4 de janeiro, horário de almoço de uma segunda-feira gelada, e Lucas tinha saído para uma reunião duas horas antes, instruindo a equipe para que tirassem toda a decoração de Natal do bar. Quando tudo estava ensacado e a árvore tinha sido levada para fora, para desfolhar no quintal, Essie choramingou:

– Ah, não, eu não gosto assim! As paredes parecem tão vazias agora. Estão tão peladas e tristes.

– Não se preocupe. Em breve vão ganhar vida de novo – disse Jude.

E Scarlett, que tinha ido aquecer as mãos e os pés, disse:

– Se vocês quiserem umas pichações no estilo Banksy, eu sou habilidosa com uma lata de tinta spray.

Meia hora depois, Conor entrou no bar.

– Ah, é o Conor. Oi! – disse Essie, surpresa.

Atrás dela, de um jeito bem impressionado, Scarlett murmurou:

– *Hel-lo-ooo…*

Conor estava carregando uma pasta de portfólio, que colocou em uma das mesas vazias. Ele estava abrindo o zíper da pasta quando Scarlett se aproximou.

– Oi, Conor! Finalmente nos conhecemos! Sou Scarlett!

Não havia *exatamente* corações de desenho animado saindo dos olhos dela, mas era quase isso. Achando graça da amiga, Essie voltou a atenção para o conteúdo do portfólio.

– De onde veio isso? É seu?

– Não, encontrei em um banco no parque… – disse Conor. – É meu, sim.

Ela tinha visto as fotografias que ele tirara da cerimônia de renovação de votos de Elizabeth e John. Sabia que fotografia era o hobby dele, mas tinha suposto que ele só registrava paisagens e talvez um ou outro jardim.

Mas aqueles diante dela eram retratos em preto e branco que chamavam atenção, tirados nas ruas de Bath. Mais do que chamar atenção, eram realmente ótimos.

– Você é fotógrafo de rua – comentou Scarlett. – Essie não me contou isso. Que legal!

– Essie não sabia – brincou Essie.

– Sou discreto com essas coisas – disse ele, dando de ombros. – Eu simplesmente gosto de fotografar pessoas. Sou fã de rostos.

– Ah, você precisa tirar umas minhas, então! – disse Scarlett, sugando as bochechas e fazendo biquinho de *selfie*. – Eu adoro ser fotografada!

– Eu jamais imaginaria – disse Conor com bom humor.

Jude, que tinha desaparecido para o depósito, voltou carregando várias molduras e anunciou:

– Essie estava preocupada com as paredes vazias, Conor. Eu falei para ela não entrar em pânico porque isso logo seria resolvido. Alguns frequentadores também andaram perguntando quando suas fotos voltariam.

Essie ficou impressionada.

– Tinha fotos suas nas paredes antes do Natal?

– Aham, o lote anterior. Mas essa aqui é a coleção nova. Tirei nos últimos quinze dias.

Eram retratos maravilhosos de pessoas aleatórias que ele tinha avistado pela cidade. Algumas olhavam para a lente da câmera, criando uma conexão direta cujo impacto era incrível. Outras estavam olhando em outra direção, permitindo que você visse cada detalhe delas. Algumas eram incomuns; outras, calmas e clássicas. Todas, porém, causavam o mesmo efeito: faziam o espectador desejar saber mais sobre a personalidade do retratado.

– Você é bom nisso – disse Essie. – Muito bom.

– Obrigado. Comecei na faculdade. É meu hobby há anos.

Conor pegou uma foto tamanho A4 de uma mulher de uns 60 anos que sorria abertamente e perguntou:

– O que essa aqui te diz?

– Ela tem cara de quem apronta…

– Ela estava indo a uma loja devolver os chinelos horríveis que ganhou da cunhada de presente de Natal. Disse que ia pegar o dinheiro e comprar uma garrafa de gim.

Era um trabalho fácil deslizar as fotografias para dentro de molduras simples de acrílico. Eram doze no total, e quando todas estavam devidamente penduradas no bar, as paredes não pareceram mais vazias. As fotos eram

populares entre os clientes, que ficavam ansiosos para ver cada novo lote. Essie soube que a cada duas semanas, na noite de domingo, todos que estavam nas fotos eram convidados a se encontrar e conversar com as outras pessoas no bar. Nem todas podiam ir, é claro, mas as que iam sempre se divertiam e ganhavam o retrato para levar para casa no fim da noite. Na manhã de segunda, as substitutas eram penduradas.

Depois de explicar o sistema, Jude disse:

– Tem feito muito sucesso. No começo, era só um jeito de manter as paredes interessantes. Aí, foi ficando cada vez mais popular, principalmente entre os solteiros. Porque duas vezes por mês eles podiam aparecer aqui e conhecer outros solteiros, e as fotos novas significavam que sempre havia algo sobre o que conversar. Então, meio que por acaso, o lance acabou virando um evento do qual todos gostam de participar.

– Que incrível – disse Essie.

– Bem, eu estou solteira, e vou passar a vir de agora em diante – disse Scarlett, sorrindo para Conor. – Eu estava falando sério quando disse que adoraria ser fotografada por você. Seria legar ter minha foto pendurada nessas paredes.

– Posso tirar algumas com todo prazer, se você quiser – disse Conor. – Mas as que escolho exibir costumam ser de gente que não pediria para ser fotografada.

– Gente feia, você quer dizer.

Irritada, Scarlett apontou para uma das imagens emolduradas, de um homem bem velho com o rosto cheio de rugas e um sorriso torto que revelava um dente faltando e um de ouro.

– Ninguém é feio – disse Conor em tom ameno. – Eu gosto de rostos interessantes.

– E o meu não é?

– Faz uma pose.

Scarlett na mesma hora sugou as bochechas novamente, inclinou a cabeça para trás e fez um biquinho.

– E você? – perguntou ele, apontando para Essie.

Na mesma hora ela inflou as bochechas e fez olhos vesgos, fazendo Conor

rir.

– Viu? Isso diz muito a respeito da pessoa.

– Diz que Essie não se importa de parecer uma idiota – reagiu Scarlett.

Conor pegou o celular e o segurou na frente dela.

– Vai, agora é sua vez.

– E deixar você tirar uma foto minha assim? De jeito nenhum.

– Uma pena – disse ele, guardando o celular e parecendo achar graça. – Eu teria colocado na parede… Bem, deixa pra lá.

– Meu Deus, como ele é irritante – bufou Scarlett depois que Conor foi embora.

– Pensei que você gostasse dele.

– Eu gosto! É por isso que é tão irritante ele ser irritante!

Essie deu um tapinha de consolo no ombro dela.

– Você está assim porque ele não caiu no seu feitiço.

– Ele não caiu no meu feitiço *ainda* – corrigiu Scarlett. – Mas vai. Às vezes, eles só precisam de um pouco de tempo.

– E de um empurrãozinho na direção certa.

– Aham, e é aí que você entra. Você pode falar bem de mim

Depois de terminar a Coca, Scarlett enfiou as mãos nas luvas coloridas com as pontinhas dos dedos cortadas.

– Bem, eu preciso voltar ao trabalho. Mas não esquece, ok? Só fica falando quanto eu sou fabulosa.

Essie sorriu, porque o otimismo infinito de Scarlett era o que ela mais amava na amiga.

– Vou citar isso em todas as nossas conversas, prometo.

– E eu venho domingo à noite. O que eu posso fazer para ele gostar mais de mim, hein? Ah, já sei!

– Sabe?

– Ele é jardineiro – declarou Scarlett. – Eu posso pintar meu cabelo de verde! Ele vai amar!

– Você é nova – disse a garota que tinha acabado de entrar no bar.

– Sou – disse Essie, assentindo.

– Posso tentar uma coisa? Eu sou boa nisso. Olha nos meus olhos… bem… Certo, eu acho que seu nome começa com E. Estou certa?

Essie sorriu educadamente; ela achava que sabia o que ia acontecer.

– Está.

– E… s… s… i… e – disse a garota, fazendo uma expressão de expectativa. – Acertei? É esse o seu nome?

– Aham, muito bem.

O reconhecimento indesejado depois do fiasco da carta de Natal tinha começado a diminuir durante a semana anterior, mas às vezes as pessoas ainda faziam a conexão.

– Ok, eu trapaceei – disse a garota. – Lucas me disse que tinha contratado uma pessoa nova. Eu sou Giselle.

– Ah, sim. Oi.

Essie relaxou. Giselle – uma enfermeira, que trabalhava em Bath e tinha acabado de voltar da Ilha de Skye, onde passara a semana de Natal e ano-novo com a família – era namorada de Lucas. Nossa, e como ela era bonita, com olhos cor de âmbar enormes, uma pele de porcelana impecável e uma cabeleira de cachos castanhos que naquele momento estavam presos com um lenço laranja.

– Ele está?

– Infelizmente ele ainda não voltou, mas não vai demorar.

Ela era tão simpática e calorosa e o sotaque escocês suave era maravilhoso de ouvir.

– Aceita alguma coisa?

– Não, obrigada, eu estou bem – disse Giselle, e depois de olhar em volta para ter certeza de que ninguém estava ouvindo, acrescentou: – Ele me contou sobre aquela coisa da carta de Natal. Pobrezinha, que pesadelo.

– É, foi mesmo…

Essie hesitou, se perguntando o quanto Lucas tinha contado. Parecendo ler a mente dela, Giselle falou:

– Ei, eu sei que mais ninguém sabe, mas eu sou namorada dele. Ouvi a

história toda. Ele foi um idiota e fez uma coisa horrível. Os homens são assim, né? Eles não pensam antes de agir. Mas você está aqui agora e ele disse que você se adaptou direitinho. Isso é ótimo!

Desta vez, Essie teve que se obrigar a sorrir, porque Giselle estava passando a mão na cabeça de Lucas descaradamente, quase descartando as ações dele como se não tivessem sido nada. Tudo bem que ela era suspeita para falar, sendo namorada dele, mas a situação tinha sido o oposto de "nada", não é? Não a incomodava nem um pouco o fato de o namorado ter feito uma coisa tão inconsequente?

– Na verdade, acho que quero uma bebida. Você pode preparar rum com Coca? Tem duas semanas que eu não vejo Lucas, então estou meio nervosa! Não é loucura? É como se eu tivesse dezesseis anos de novo.

Momentos depois, Jude voltou do intervalo e cumprimentou a namorada de Lucas com afeto genuíno. Essie, que já sabia como Giselle era popular com a equipe, ficou maravilhada com a capacidade de Lucas de atrair uma garota tão adorável.

Nos minutos seguintes, Jude contou para Giselle as fofocas que ela perdera nos últimos 15 dias. Em troca, Giselle pegou o celular e mostrou fotos da paisagem nevada em Kinlara e das festas *ceilidh* a que tinha ido com a família. De repente, a porta do Red House se abriu e Lucas entrou, o rosto se iluminando ao ver a namorada. E Giselle, olhando para ele com pura alegria nos olhos, disse:

– Oi, qual é o seu nome? Como você é bonito.

– Meu Deus, que saudade – disse ele, sorrindo.

– Não tanta quanto eu estava de você – devolveu ela, sem conseguir tirar os olhos do rosto dele. – Se eu correr na sua direção e mergulhar nos seus braços como em *Dirty Dancing*, você promete que vai me segurar?

– Depois de você ter passado duas semanas comendo comidas de Natal? Melhor não arriscar.

E Giselle, que era magrela a ponto de isso não soar como um insulto, falou:

– Ah, Lucas, vem cá. Duas semanas é muito tempo sem você.

Os dois então se abraçaram e foi bem fofo; Essie sentiu como se estivesse

assistindo a um daqueles filmes com o final feliz supremo. O beijo foi sincero sem fazer as pessoas ao redor ficarem constrangidas. A mão de Lucas estava no pescoço de Giselle e ela tocava no rosto dele com os dedos, sorrindo enquanto murmurava algo que só ele podia ouvir.

Lucas também sorriu, e não foi preciso ser gênio para entender. Ele passou o braço pela cintura dela e a apertou.

– Como o bar não está cheio – disse ele para Jude –, vou deixar você no comando. Até mais, crianças.

– Nem consigo imaginar o que eles estão indo fazer – disse Jude enquanto Lucas e Giselle saíam do bar e subiam para o apartamento dele.

Um dos clientes de sempre, sentado a uma mesa próxima, falou:

– Acho que chegou a hora do Lucas desembrulhar o presente de Natal dele.

# Capítulo 14

Depois da calmaria da primeira semana de janeiro, a noite de domingo no Red House pegou todo mundo de surpresa. Às 20h, o local estava lotado e Conor se viu entrando em uma fila para chegar ao balcão. As estrelas daquela noite eram Mary, a que devolveu os chinelos, e Jethro, o nonagenário com o dente de ouro. Amando seus momentos sob os holofotes, os dois cumprimentavam as pessoas e contavam histórias sórdidas de suas vidas.

Jethro tinha pedido uma caneca de Guinness e Mary, um conhaque com Babycham, uma cidra de pera, porque era o que ela bebia quando adolescente e achava que talvez a fizesse se sentir jovem de novo.

Ainda vendiam Babycham?

Conor endireitou a postura e desejou que a cliente da frente fosse atendida logo. Quase na casa dos quarenta, seu cabelo era platinado e ela falava muito alto. Usava um perfume forte e doce, um vestido listrado um pouco apertado demais que a fazia parecer uma vespa gigante, e a pesada

camada de base estava evidentemente mais laranja no rosto do que no pescoço.

Mas o mais irritante de tudo era o fato de que essa pessoa já tinha recebido as bebidas, mas *continuava* parada no balcão, falando alto com Lucas, que estava ajudando no atendimento.

– Estou chocada com o quanto esse lugar está lotado – disse ela. – Nós nunca tínhamos vindo, mas um amigo falou que era divertido e decidimos vir conhecer. As fotos são uma ideia ótima para atrair o pessoal.

Conor soltou um suspiro pesado. A mulher ainda precisava pagar as duas taças de vinho. Nesse exato momento, ela virou a cabeça e disse com rispidez:

– Nossa, você se importa de não fazer isso?

– Eu estava respirando – disse ele, tranquilamente.

– Na minha *nuca*.

– Isso é porque estou parado atrás de você, esperando para ser servido.

– Bem, não há necessidade de suspirar assim. Tenha modos, Sr. Rabugento.

*Sr. Rabugento?*

– Obrigado pela sugestão – respondeu Conor. – Agora, que tal você abrir a bolsa e pagar pelas bebidas? Aí todo mundo pode seguir a vida.

Não era típico dele criar problema, mas às vezes a situação exigia.

– Uau, você é sempre divertido assim? Já pensou em relaxar e curtir um pouco? Não, obviamente não. Mas fique você sabendo que tenho pena de quem teve que passar o Natal com você. Deve ter sido um horror.

Atrás do bar, Lucas estava achando a conversa hilária. Evidentemente mais interessado em descobrir o que poderia acontecer em seguida em vez de acalmar a situação, ele disse:

– Isso é o que eu chamo de amor à primeira vista.

Meu deus, só de pensar. Só de imaginar… Conor disse para a mulher:

– Eu me pergunto se os *seus* companheiros de Natal se divertiram. Por acaso eles estavam usando tampões de ouvido?

A mulher olhou para ele com expressão assassina.

– Eu *precisei* elevar a voz para ser ouvida graças ao som do seu *suspiro*.

Conor olhou para Lucas, que estava morrendo de rir.

– Quando der, pode servir uma caneca de Guinness e um conhaque com Babycham?

E isso foi, é claro, a pior coisa que ele poderia ter dito. A mulher de voz alta inclinou a cabeça para trás e soltou um grito estridente de papagaio.

– Rá!! É claro que é isso que ele bebe! Por que não estou surpresa?

Ignorando-a, Conor falou com Lucas.

– É para Mary. Eu não sabia se você vendia Babycham, mas falei que ia perguntar.

– A gente não tem, mas consigo fazer uma mistura de conhaque, limonada e prosecco. Deve servir. Obrigado – disse Lucas para a mulher intragável de vestido de vespa quando ela pagou pelas bebidas.

– O prazer foi meu.

Então, ela se encostou no bar com tampo de mármore e observou Lucas com apreciação clara.

– Posso perguntar se por acaso você é solteiro?

Ela estava fazendo de propósito agora, Conor pensou, só para deixá-lo esperando.

– Não, ele não é solteiro. E, se fosse, imagino que não…

Não, *não*. Ele se obrigou a parar bem na hora, não disse as palavras que estavam na ponta da língua. O que estava acontecendo com ele? Ele era uma boa pessoa, tinha valores e não deixaria sua irritação com a mulher vespa transparecer.

– Sábia decisão – disse ela, erguendo a taça em um brinde irônico. – Considerando que um drinque na cara costuma ofender. Tchau, Sr. Rabugento.

Ela passou espremida por Conor e seguiu para a outra ponta do salão, onde, com sorte, permaneceria.

A boa notícia foi que Mary aprovou, e muito, o substituto ao Babycham.

– Hum, isso me leva ao passado, leva mesmo – disse, então estalou os lábios e tomou outro gole. – Estou me divertindo tanto, meu bem… Eu não me divirto assim desde o funeral do meu primeiro marido.

Isso quase fez Zillah, que estava ao lado de Conor, cuspir a bebida.

– O funeral do meu primeiro marido também foi assim.

– Tirar o pior do caminho primeiro, esse é meu lema – disse Mary, fazendo uma careta. – Sei que a gente não devia falar mal dos mortos, mas acho que temos uma dispensa especial quando eles realmente merecem. Eu fui casada duas vezes, e você, meu bem?

– Eu, três – disse Zillah.

– Amadoras – disse Jethro, o dente de ouro brilhando enquanto ele tomava outro gole de Guinness. – Tive quatro esposas.

Essie, andando entre eles enquanto recolhia copos vazios, trocou um olhar com Conor.

– Estou me sentindo uma fracassada.

– Fica comigo, querida – disse Jethro. – Se fizer tudo direitinho, você pode acabar sendo a número cinco.

Duas horas depois, Conor conversava com Zillah quando sentiu um sopro de hálito quente na nuca seguido de um suspiro barulhento.

Falando sério, aquilo era uma pegadinha? Ignorando a mulher, ele continuou a conversa até que ela bateu no ombro dele.

Com força.

Ele se virou.

– Sim?

– Olha só, pode parar de pensar em respostas inteligentes e só me escute um momento. A gente está indo embora. Mas, antes, preciso dizer que não sou um monstro. Eu perguntei ao bonitão do bar se você é solteiro e ele me disse que é. Então, eu queria saber se você…

– Olha só, me desculpa – disse Conor subitamente antes que ela pudesse falar –, mas não. De verdade, não.

Meu Deus, que pesadelo; não dava para acreditar que aquilo estava realmente acontecendo.

– Às vezes a gente simplesmente sabe que uma coisa não daria certo e essa é uma delas.

*Ugh, sem chance.*

– Rá! Você acha mesmo que eu estava falando de *mim*? Você achou que eu ia te chamar para sair? De jeito nenhum, Sr. Rabugento, nem em um milhão de anos! Me escuta, por favor, e dessa vez tente não tirar conclusões absurdas.

A mulher vespa levantou a mão como um policial de trânsito.

– Você pode não ser o que eu considero um cara bonito, mas eu tenho uma amiga que acho que pode ser perfeita para você. Você faz o tipo dela e acho que ela faria o seu, também. E, pode acreditar, eu sou boa nisso – acrescentou ela antes que Conor tivesse chance de reagir. – Já fiz isso antes. Você mora aqui em Bath, não é?

– Sim, mas…

– Vou trazer ela comigo na semana que vem. Não posso vir no domingo, então vai ter que ser no sábado. Esteja aqui às oito, está bem? E não se atrase.

Conor a encarou.

– O que faz você pensar que eu aceitaria fazer isso?

– Porque você seria um idiota se não viesse – disse ela, totalmente segura de si. – Pode confiar. Você talvez não goste de mim, mas pode ter certeza de que sei o que estou fazendo, e sempre acerto.

E, com isso, ela levantou a gola da jaqueta de couro verde-esmeralda.

– Não esquece, oito horas. *Ciao*.

– Bem – disse Zillah, que arqueou uma sobrancelha depois que a mulher foi embora –, interessante…

– Pesadelo – disse Conor.

– Você não vai?

– De jeito nenhum.

– Ah, querido, por que não?

Ele olhou para ela, perplexo.

– Você está falando sério? A mulher é um horror. Não é comum que eu sinta aversão a alguém desde o primeiro momento, mas para ela eu vou abrir uma exceção.

– Tudo bem, você não gostou *dela*. Mas a ideia é apresentar uma amiga.

Zillah fez um gesto com toda a exuberância de alguém tomando seu

terceiro negroni.

– Essa amiga pode ser perfeita de todas as formas!

– Uma vez casamenteira, sempre casamenteira – disse Conor, balançando a cabeça com bom humor porque Zillah não desistia nunca. – E, não, eu não acho que a amiga dela poderia ser perfeita de todas as formas. Se fosse, ela teria um gosto melhor e não teria uma amiga *daquelas*.

– Então você não está nem curioso para saber como é essa tal amiga? Para o caso de você estar enganado?

– Vou correr esse risco. E não me olhe assim – disse Conor. – Eu estou bem feliz solteiro.

– Você não é mais tão jovem.

– Eu só tenho trinta e dois anos!

– Hum – disse Zillah. – Eu chamo isso de a caminho da velhice. Aos trinta e dois eu já tinha me casado, ficado viúva e me casado de novo a ponto de perceber que tinha cometido outro erro terrível.

– Você faz o casamento parecer tão tentador…

– Mas eu aprendi com os meus erros, meu querido. Essa é a questão.

– Bem, talvez eu prefira esperar e acertar de primeira.

# Capítulo 15

– VOCÊ QUER MESMO ouvir a história toda? – perguntou Zillah.

Depois de saírem do Red House e seguirem pela praça, ela os convidou para uma saideira em seu apartamento. Conor recusou; precisava acordar cedo no dia seguinte. Mas Essie, que nunca conseguia dormir logo depois de sair do trabalho, ficou feliz em se juntar a ela.

– Só se você quiser contar. Tudo bem se preferir não contar agora.

Essie, que estava ocupada passando queijo cambozola em biscoitos de água e sal, fez expressão de desculpas.

– Não foi por mal, mas entreouvi você, Mary e Jethro conversando sobre quantas vezes já foram casados e fiquei imaginando como teria sido, mas estou me intrometendo e…

– Querida, eu fico feliz em contar. É uma história que serve de alerta, no mínimo.

Depois de ter tirado os sapatos e ficado à vontade no sofá de veludo laranja, Zillah tomou um gole de café.

– Na verdade, tudo começou com aquilo – disse, indicando o retrato pendurado na parede da alcova.

– Eu amo esse retrato seu – disse Essie. – Como assim ele começou tudo?

– Bem, meu pai decidiu encomendar a pintura de um retrato no meu vigésimo primeiro aniversário, para um artista da alta sociedade. Eu fui posar no ateliê dele, mas, é claro, não era a única cliente, o que significava que ele tinha vários outros quadros encomendados em andamento. E um dos outros a ser retratado era Richard. A cada semana ele acompanhava o progresso do meu retrato e decidiu que estava gostando do que via. Um belo dia, ele apareceu no ateliê durante a sessão da minha pintura, para ver se a eu da vida real estava à altura do quadro.

– E estava – disse Essie. – Isso é bem romântico.

– Ah, foi mesmo. E quem não ama um pouco de romance? Eu fiquei lisonjeada e impressionada. Richard Haig era um partidão. Aqui…

Zillah pegou o iPad e encontrou a pasta de fotografias que tinha nele, digitalizações tratadas de antigas fotos em preto e branco que tinham ficado guardadas por anos em pesados álbuns de couro. – Esse aqui é ele. Minhas amigas ficaram morrendo de inveja de mim. Richard era incrivelmente bonito.

Essie arregalou os olhos.

– Caramba, você não está de brincadeira. Ele parece um astro de cinema.

– Claro que ele também era incrivelmente egoísta, incrivelmente mentiroso e incrivelmente infiel. Não que eu tenha descoberto nada disso antes do casamento – contou ela, balançando a cabeça com a lembrança. – Ele tomou um cuidado danado para esconder essas qualidades menos atraentes antes de nos casarmos. Desse momento em diante, ele só foi relaxando mais e mais.

– Nossa, deve ter sido horrível para você – disse Essie.

– Foi. Quando eu me dei conta de como ele realmente era, acho que parei de amá-lo, mas ainda assim me senti idiota. E ingênua, e morri de vergonha. Afinal, por que eu não era suficiente para ele? Por que ele precisava ter vários casos? Foi um golpe no meu ego, sendo sincera. E o divórcio não era tão fácil na época como é hoje. Todos me diziam que eu seria louca de deixá-lo.

Naquela época, era esperado que a mulher tolerasse esse tipo de comportamento. Quando contei para minha mãe que eu queria acabar o casamento, ela ficou horrorizada e implorou para que eu ficasse com ele.

Essie fez uma expressão solidária.

– Pobrezinha.

– Só que de pobrezinha eu literalmente não tinha nada – disse Zillah com ironia. – A família de Richard era absurdamente rica e ele tinha herdado uma fortuna do tio-avô. Nós tínhamos segurança financeira, mas eu era infeliz. Um dia, cheguei cedo em casa e o peguei na cama com a amante da vez. Quando disse que iria largá-lo ele riu da minha cara e disse que eu nunca teria coragem, e aí eu tive que ter.

– Que bom – disse Essie.

– Eu disse que estava indo passar uns dias fora, em Brighton, com uma amiga. Chegando lá, essa amiga me disse que eu podia ficar com ela pelo tempo que quisesse. Assim, quarenta e oito horas depois eu entrei em um trem de volta para Londres para pegar algumas das minhas coisas e dizer para Richard que eu estava me mudando de vez. Não sei nem descrever o alívio que senti de finalmente estar fazendo alguma coisa… eu estava realmente ansiosa.

Mesmo tantos anos depois, Zillah conseguia se lembrar de cada momento daquela viagem de trem, alimentada por adrenalina e determinação.

– Só que, quando voltei para casa, ela estava vazia, e uma hora depois dois policiais chegaram para me dizer que Richard tinha morrido. Ele estava dirigindo feito um louco, como sempre, e derrapou numa curva e bateu em uma ponte. No fim das contas, ele estava indo se encontrar com outra amante. O acidente foi fatal, ele morreu na hora. Já o funeral foi interessante – disse ela secamente. – Havia praticamente uma namorada em cada banco, chorando e se lamentando e tentando se convencer de que era dela que Richard mais gostava.

Os olhos verdes de Essie estavam do tamanho de pires, de tão arregalados que estavam.

– Meu Deus, e como foi isso para você? Como você se sentiu?

– Eu? Bem, eu me senti confusa, culpada, aliviada. Amei Richard no

começo, mas acabei descobrindo que, no fim das contas, ele não era um cara muito legal. E, de repente, ali estava eu, uma viúva de luto. Uma viúva de luto muito rica – acrescentou Zillah. – Era de se pensar que isso me faria mais feliz, não é? Mas só fez eu me sentir pior. A culpa foi horrível. Eu tinha vinte e quatro anos e não precisava mais passar por um divórcio complicado. Ah, e eu também estava milionária.

Essie indicou o retrato pendurado na parede.

– E era linda.

– Era – concordou Zillah simplesmente. – Mas os anos seguintes à morte dele foram bem assustadores. Eu precisei desviar de vários avanços de jovens encantadores, porque tinha chegado a minha vez de ser um partidão.

Estava tarde, mas nenhuma das duas se sentia cansada. Zillah serviu mais bebida para ambas e Essie pegou um pouco mais do Cambozola que estava na geladeira.

– Continua – pediu Essie quando se sentou. – Me conta sobre o marido número dois. Como você o conheceu?

– Olha, eu tenho um pouco de vergonha desse.

Mas, uma vez que tinha decidido contar toda a história, Zillah botou o copo na mesa e se preparou para ser sincera.

– Sabe quando você vê um vestido bonito em uma loja e fica obcecada por ele porque se convenceu de que é o vestido que vai te fazer feliz?

– Eu conheço o sentimento – disse Essie.

– Aí você *finalmente* compra o vestido, leva para casa, experimenta, se olha no espelho… E sente o coração despencar um pouco porque não fica tão lindo em você quanto achou que ficaria.

– Ah…

Essie assentiu com solidariedade.

– Mas a questão é que você não pode devolver o tal vestido. Tem que usar

ele o tempo todo, por anos e anos, embora a peça tenha se tornado aquela de que você menos gosta.

Zillah tomou um gole de conhaque.

– Bom, com Matthew foi assim.

*Pobre Matthew.*

– Mas não foi culpa sua – protestou Essie. – Você achou que gostava dele no começo. Do contrário, não teria se casado. Não é motivo para vergonha!

– Eu sei. Infelizmente, não foi isso. A parte vergonhosa é que ele tinha uma namorada fofa antes de eu chegar e decidir que ele era o cara certo para mim.

Essie se sentou mais ereta, envolvida pela história.

– Ah, uau. O que aconteceu?

– Eu não me sinto bem a respeito disso, sabe. Quando penso em tudo, eu meio que me desprezo. Você já viu *E o vento levou*?

– Você está falando sério? Eu *amo* esse filme.

– Bom, a melhor forma de descrever o que aconteceu é dizendo que eu era uma Scarlet O'Hara, egoísta, e a adorável Alice era Melanie Wilkes. Todo mundo a adorava. Ela era gentil e atenciosa e sempre ajudava os outros. Como um anjo. Já eu tinha dificuldade de confiar nas pessoas. Eu queria ser feliz de novo, mas sabia que não podia me permitir me envolver com alguém como Richard. Eu precisava encontrar um homem em quem pudesse confiar, que fosse me apoiar e que não me magoaria. Então resolvi olhar para todo mundo que eu conhecia em busca de alguém tão gentil, genuíno e confiável quanto Matthew Carter. Eu queria um homem que me adorasse tanto quanto ele adorava Alice. Mas os meses se passaram e ninguém chegava aos pés dele. E quanto mais eu via Matthew e Alice juntos, mais eu me sentia atraída por ele. Na minha cabeça, ele se tornou o homem perfeito.

Zillah parou e balançou a cabeça, num gesto autodepreciativo.

– Bem, um belo dia Alice teve que ir para York cuidar de uma tia que estava doente e eu convidei Matthew para ir comigo a uma festa numa casa de campo. O pobre homem não teve a menor chance. Àquela altura eu já estava decidida. Então contei a ele o que sentia e a informação virou o mundo dele de cabeça para baixo.

– Ele podia ter recusado… – disse Essie.

– Ele tentou. Mas foi uma daquelas noites. Eu o seduzi e, depois disso, não teve volta. Ele tinha traído Alice e era muito provável que ela ficasse sabendo. Não por mim – disse Zillah rapidamente. – Mas duas pessoas que estavam na festa o viram saindo do meu quarto na manhã seguinte, e aquele era o tipo de fofoca a que ninguém resiste. Pobre Alice, não consigo imaginar como ela deve ter ficado arrasada. Depois disso, Matthew disse que estava apaixonado por mim e terminou o relacionamento com ela.

– O que ela fez? Você a viu depois disso?

Zillah balançou a cabeça.

– Não, nós nunca mais a vimos. Ela voltou para York e ficou por lá. E eu me casei com Matthew seis meses depois, convencida de que daquela vez tudo ficaria bem.

Zillah fez uma careta.

– O que posso dizer é: cuidado com o que deseja. Não demorou para eu perceber que tinha cometido outro erro terrível.

– E qual era o problema?

Essie estava totalmente mergulhada na história.

– Eu achei que queria uma pessoa legal, só que Matthew era legal demais. Em um ano, eu estava morrendo de tédio. Eu tinha partido o coração de Alice e para quê? Nada!

– Matthew soube como você se sentia?

– Não no começo. Mas acabou sabendo. Ele suplicou para que eu não o deixasse, disse que nós tínhamos que ficar juntos. Prometeu que as coisas ficariam melhores e eu senti tanta culpa que acabei ficando com ele. Por dez longos anos. Tentei fazer dar certo, tentei muito, porque queria desesperadamente que tudo ficasse bem. Mas, no final, nós não conseguimos mais. Uma amiga solteira me disse um dia como eu tinha sorte de ter Matthew, porque ele era o homem mais maravilhoso que ela conhecia. Contei a ela que estávamos quase nos separando e que, se ela o quisesse, tinha a minha bênção para ir em frente. E falei para Matthew que eles seriam um ótimo casal. Foi quando finalmente pareceu que eu tinha feito uma coisa

certa, porque Matthew e eu nos divorciamos e, poucos meses depois, eles se casaram.

– Você está brincando. Que genial. Um final feliz!

– Bem, feliz para eles. Não tanto para Alice, coitada.

Zillah mexeu nas fotos no iPad.

– Aqui estão eles, Matthew e Christina. Tirei essa foto no casamento deles.

– Você foi convidada?

Zillah sorriu com a lembrança.

– Querida, eu fui a convidada de honra! Matthew me agradeceu publicamente por juntá-los. Um ano depois, Christina teve gêmeos. Depois de tanta infelicidade e tragédia, uma coisa boa finalmente tinha acontecido. O casamento deles foi um sucesso. Christina morreu cinco anos atrás, mas Matthew ainda está vivo.

– Hum, então… Se você está solteira e ele viúvo… Não fica tentada a dar outra chance?

– Dar outra chance ao homem que nunca para de falar dos seus onze netos maravilhosos? – perguntou ela, abanando a mão e fingindo horror. – Você só pode estar brincando. O coitado está ainda mais chato agora!

Ela mostrou a Essie o restante das fotos daquele período prolongado em que ficou solteira outra vez. Depois, surgiram as primeiras dela com William, e Zillah sentiu o coração se encher de amor, como sempre acontecia quando lembrava da sorte em encontrá-lo.

– Então levou um tempo até você conhecer William – disse Essie.

– Ah, sim. Eu tinha trinta e seis anos quando me separei do Matthew e cinquenta quando eu e William nos encontramos. Depois de dois casamentos desastrosos, achei que devia dar uma boa chance a ser solteira. E foi o que fiz durante catorze anos. Foi bom, viu? Trabalhei, viajei, aproveitei com os amigos. Vivi muitas aventuras. Então, conheci William e pronto, tudo mudou.

– E como foi? Fantasticamente romântico?

Zillah pensou no fatídico encontro.

– Na verdade, a gente não teve o melhor dos começos.

Zillah tinha passado dois dias em Londres para o batizado da filha de uma amiga e para ir ao teatro. Na estação de Paddington, aguardando o trem de volta para Bath, acabou se vendo com 40 minutos livres antes do horário de partida.

Comprou uma embalagem de pastilhas e um jornal para a viagem e olhou as prateleiras de livros para conferir se algum dos seus autores favoritos tinha lançado algo novo.

Depois de dois minutos de procura, ela percebeu outro viajante parado a uma distância curta. Ele segurava um livro em cada mão, lendo as sinopses, mas parecendo estar com dificuldade para escolher qual comprar.

– Se ajudar, eu achei esse aí bem decepcionante.

Zillah apontou para o livro na mão esquerda dele e indicou o da direita.

– Mas esse outro é muito bom. O melhor dela até agora.

O homem olhou para a frente e ela viu que ele tinha olhos cinzentos alegres com ruguinhas nos cantos. Ele mostrou o livro da direita.

– Vou tentar adivinhar. Você escreveu este aqui?

– Não. Quem me dera. Mas recomendo mesmo.

– E o outro? Por que foi decepcionante?

– No fim das contas o assassino era o gêmeo idêntico e psicopata do herói. Usar o recurso de gêmeos é trapaça.

O homem assentiu lentamente.

– É mesmo. Bem, obrigado.

– Boa leitura.

Zillah se virou, satisfeita de ter conseguido ajudar. Não havia mais nada nas prateleiras que chamasse sua atenção; ela teria que se virar com o jornal.

Meia hora depois, ela subiu no trem. Quando foi andando pelo vagão, viu o mesmo homem à frente dela, ocupando um assento de janela e já completamente absorto no livro.

Sorrindo para si mesma, ela esperou até estar quase do lado dele para abrir a boca e dizer com alegria: “Não falei que era bom?”

Bem, isso era o que ela *teria* dito se ele não tivesse olhado para o relógio naquele momento, permitindo que ela vislumbrasse a capa do livro. Zillah parou na mesma hora.

– *O quê?* Você comprou o que eu falei para *não* comprar?

O homem levantou a cabeça.

– Ah, oi!

– Que "oi" o quê?

Sem acreditar, Zillah apontou para o livro.

– Por que você faria isso? *Por quê?*

– Sinceramente? Eu prefiro os livros desse autor. Gosto de como ele escreve.

Ela ergueu a voz.

– Mas você já sabe como termina. Eu contei a maior reviravolta!

– Eu sei, mas às vezes eu gosto de saber o segredo. Dá uma perspectiva diferente.

Uma voz atrás de Zillah falou:

– Com licença, será que podemos passar para chegar ao nosso lugar?

– Estraga a experiência – disse Zillah para o homem irritante. – Qual é o sentido de ler um livro de mistério se ele não tiver mistério nenhum? Não acredito que recomendei um livro e você ignorou completamente meu conselho!

– Na verdade, eu…

– Isso é tão *grosseiro*.

– Não é, não – protestou o homem. – Se eu tivesse pedido seu conselho, eu o teria seguido. Mas eu não pedi, não foi? Você simplesmente deu a sua opinião – disse ele, dando de ombros com tranquilidade. – Não significa que tenho que fazer o que você diz.

– Err… Com licença de novo, mas tem uma fila grande atrás de você…

– Pode ficar à vontade para se sentar ao meu lado se quiser – disse o adversário, dando uma batidinha no assento vazio ao seu lado.

Mas Zillah ainda estava ofendida.

– Não, obrigada. O livro que eu recomendei é cinquenta vezes melhor do que esse aí.

– É mesmo?

O homem então se curvou, enfiou a mão na bolsa aos seus pés e tirou o outro livro.

– Então já estou ansioso para minha próxima leitura.

Zillah sentiu a pressão despencar. Ela balançou a cabeça e riu.

– *Touché*.

O homem bateu no assento vazio outra vez.

– Agora você vai se sentar comigo?

– Vai – disse a mulher ainda presa no corredor atrás de Zillah, suspirando. – Ela vai adorar se sentar com você agora.

Trinta e três anos depois daquele encontro, Zillah olhou para Essie.

– E foi assim que nos conhecemos. Eu me sentei ao lado dele e conversamos sobre livros por uma hora. O que gostávamos e não gostávamos em gêneros e estilos de escrita. Nós também discutimos, porque eu não concordei com algumas escolhas dele e ele disse que eu não tinha o direito de criticar nenhum autor cujo trabalho eu não tivesse lido direito. Tivemos umas dez discussões em cerca de uma hora. Mas eu soube.

Quando falou, ela bateu no peito.

– Aqui dentro eu soube que algo incrível estava acontecendo. Ou eu estava torcendo para que estivesse. Ele estava usando um perfume Givenchy e um anel de sinete de ouro. Era engraçado e não tinha medo de me dizer quando eu estava errada. E, quando ele ria… Ah, ele tinha a melhor risada. Uma que eu queria escutar para sempre. Ele estava indo para Bristol, então eu desembarcaria primeiro. Quando chegamos em Bath, ele perguntou se eu gostaria de vê-lo de novo.

Zillah balançou a cabeça com a lembrança, ainda cristalina como água na mente dela.

– Eu falei que sim e ele anotou meu telefone. E disse que me ligaria no fim de semana e que, se eu pudesse provar que tinha lido um livro de Jeffrey Archer, ele me levaria para jantar.

– Por quê?

– Porque eu tinha dito algo rude sobre os livros desse autor sem nunca ter lido um e William achou injusto. Claro que eu falei que não havia a menor

chance de eu obedecer às regras mesquinhas dele – disse Zillah. – Quem ele achava que era? Foi um pedido ridículo. Então paramos na estação de Bath e eu desci do trem.

– Amei essa história – declarou Essie. – E o que aconteceu depois?

– Bom, eu saí da estação e segui para a livraria mais próxima. Escolhi o livro mais fino de Jeffrey Archer e o levei até o balcão. Quando eu estava prestes a pagar, uma voz no meu ouvido disse: "Esse aí é bom, mas *Caim e Abel* é bem melhor."

Essie bateu palmas de prazer.

– Ele desceu do trem!

– Ele desceu do trem – concordou Zillah com alegria. – E me seguiu. E muito tempo depois, ele me contou que soube que queria se casar comigo no momento em que me viu entrando na livraria.

– E você comprou *Caim e Abel*?

– Comprei. Li de cabo a rabo. E ele estava certo – disse Zillah com um sorriso carinhoso. – O que foi bem irritante. Talvez não possa ser chamado de alta literatura, mas ainda assim foi uma leitura boa para caramba.

# Capítulo 16

ÀS SEIS HORAS DA TARDE de sábado, um vendaval barulhento açoitava a cidade de Bath. A chuva caía sobre Percival Square em ondas implacáveis e as árvores balançavam como fãs enlouquecidas em um show do Michael Bublé.

Dentro do Red House, o caos era ainda maior. As pessoas estavam em pé nas cadeiras. Lucas, que tentava pegar o celular para registrar a cena, ficou maravilhado com a variedade infinita de situações que seu trabalho envolvia.

Bem, uma coisa de cada vez. Primeiro, encontrar o culpado antes que seus tímpanos estourassem.

– Calma, pessoal. Vamos todos nos acalmar! – gritou ele. – Ela não vai machucar ninguém.

Mas ele não era páreo para o grupinho da despedida de solteira, que tinha outra opinião.

– Eu vi! É uma tarântula de verdade! Juro por Deus, é maior do que o meu *pé* – berrou uma das garotas.

A amiga dela, gritando de pavor, deu um pulo da cadeira em que estava se

equilibrando e caiu na mesa ao lado. Supostamente, para o caso de a aranha ter superpoderes e molas nas pernas. O salto alto bateu em uma caneca pela metade e Essie, movendo-se para evitar a situação, pegou-a com a mão esquerda bem a tempo.

– Bom reflexo – disse Lucas, embora ela não fosse conseguir ouvi-lo em meio a toda a gritaria.

O grupo da despedida de solteira tinha chegado em um comboio de táxis uma hora antes e iria embora às 20h, para um bar em Bristol. Mas, se Lucas não conseguisse localizar e remover a aranha que estava fazendo todas surtarem, o grupo iria embora bem mais cedo, o que não era ideal, considerando…

– Peguei – gritou Essie, apenas sua bunda visível por estar ajoelhada embaixo de uma das mesas.

– *Aaaarrrgh!* – gritou uma das garotas, oscilando em cima da cadeira mais próxima.

– Pronto, acabou, sem pânico. Eu peguei ela.

Depois de sair de ré com a mão em concha sobre a aranha, Essie se levantou cuidadosamente.

– Meu Deus, as pernas fazem cócegas! Alguém pode abrir a porta para eu jogar esse bicho lá fora?

Lucas foi na frente e ela andou atrás dele, seguida por um coro de gritos e gemidos de alívio. Uma das garotas que tinha visto a aranha andando pela parede gritou:

– Meu Deus, como você *consegue* fazer isso? Essa não é a maior aranha que você já viu na vida?

Essie assentiu quando Lucas escancarou a porta para ela.

– De fato, é bem grande.

Do lado de fora, com o vento açoitando o cabelo louro nos olhos, Lucas falou:

– Muito bem. Estou impressionado.

Essie abriu as mãos para mostrar que estavam vazias o tempo todo.

– Agora estou ainda mais impressionado. E se a aranha aparecer de novo?

– Depois de todo o escândalo que elas fizeram? Acho que a pobre aranha

deve passar o resto da noite escondida. Se aparecer de novo mais tarde, com sorte vai ser depois de elas terem ido embora. Seja como for, meu turno acaba daqui a pouco, então o problema vai ser seu, não meu.

Lucas sorriu. Parecia que cada vez que via Essie, ele descobria um lado novo dela. Sempre tinha uma resposta na ponta da língua, raciocínio rápido e um ar de confiança que, com certeza, não deixaria qualquer dúvida de que havia mesmo capturado e se livrado da aranha monstruosa.

Mas, na verdade, ela devia estar com tanto medo quanto as escandalosas.

– O que foi? – perguntou ela com desconfiança, porque ele estava olhando para ela sem dizer nada.

– Nada – disse ele, mas havia, sim, alguma coisa. – Estou feliz por você ter vindo trabalhar aqui.

Por um segundo, Essie não respondeu, apenas sustentou o olhar dele. Lucas não fazia a menor ideia do que estava passando na cabeça dela.

– Deveria ficar mesmo. Eu sou indispensável.

Naquele momento, um estrondo enorme soou dentro do bar. Lucas disse secamente:

– A diversão não acabou… Melhor a gente ir lá ver o que está - acontecendo.

Estava acontecendo, no mínimo, uma gritaria absurda.

– Talvez a aranha tenha voltado – disse Essie.

Mas, quando entraram novamente, deram de cara com uma confusão. A noiva, Lauren, tinha tentado descer da mesa para o assento acolchoado de um banco. Ela perdeu o equilíbrio, se segurou no braço da amiga e caiu no chão, levando a amiga junto.

Talvez tivesse sido menos desastroso se a amiga não estivesse segurando um drinque, que, pela aparência, era o que continha Chambord e cassis.

– Ah, não! – berrou Lauren, se levantando e observando o estrago, consternada. – Minha saia! Nossa, e agoraaaaaa? Está *destruída*.

De fato… Um caos completo. A roupa dela consistia em um top preto de mangas longas, cravejado de cristais, saia branca curta e saltos pretos e brancos. Até minutos antes, era um visual fabuloso. Agora, Lauren estava à

beira das lágrimas e a amiga desastrada parecia arrasada, tentando inutilmente limpar a saia manchada de roxo com um lenço de papel rasgado.

– Bem, acabou, melhor a gente cancelar os táxis – disse Lauren, chorando. – Eu não posso ir a uma boate assim. De jeito nenhum, não posso.

– Ei, nada de pânico, vamos resolver isso.

Essie segurou os antebraços de Lauren e a virou para dar uma boa olhada na cintura e nos quadris dela.

– Hum, eu e você somos do mesmo tamanho. Eu tenho uma saia branca que vai servir em você e moro do outro lado da praça. Espera aqui, está bem? Vou lá pegar.

Em pouco tempo ela estava de volta, molhada e açoitada pelo vento, segurando uma sacola de supermercado. Dois minutos depois, quando Lauren saiu do banheiro feminino com a saia de Essie, todo mundo no bar aplaudiu.

– Coube! – disse Lauren, dando uma voltinha triunfante e um abraço em Essie. – Você salvou a minha noite! Essa semana ainda eu venho devolver, ok? E vou me esforçar para não derramar nada nela!

Ao fim do turno, Essie foi aos fundos do bar buscar a bolsa e o casaco. De volta ao salão, Lucas falou:

– Foi bem legal o que você fez, emprestando a saia. E se ela estragar?

– Nah, sem problema. Eu comprei em um bazar. Oi – disse ela, virando-se para cumprimentar Giselle, que tinha acabado de chegar.

– Oi! O que você vai fazer hoje? Alguma coisa legal?

– Scarlett e eu vamos a uma festa de aniversário na casa de uma amiga, perto do rio. Vai ser divertido. Na verdade, você pode me fazer um favor? – perguntou Essie, animada, e explicou: – Conor marcou um encontro às cegas aqui às oito. Ele jurou que não viria, mas eu aposto que vem. Se você o vir aqui com alguém, será que pode tirar uma foto escondida e me mandar? Seria incrível. Se você conseguir enviar para mim, eu vou ter ganhado a aposta.

Com os olhos faiscando de malícia, ela acrescentou:

– Vou poder tirar o maior sarro com isso!

Lucas, vendo como o rosto de Essie se iluminou quando ela abriu um

sorriso conspiratório para Giselle, se perguntou o que seria necessário para que ela relaxasse a ponto de sorrir assim para ele.

E deu um pulo, porque, diretamente atrás dela, uma aranha brutamontes subia pela parede. Suprimindo um arrepio, ele falou:

– Meu Deus, ela voltou.

Ao ouvir isso, Essie se virou, com habilidade pegou a aranha com a mão esquerda e a cobriu com a direita.

– Faz cócegas mesmo – disse ela, as pernas pretas da aranha se balançando furiosamente por entre seus dedos. – Não se preocupe, eu a peguei mesmo dessa vez. Vou soltar em algum lugar seguro lá fora.

A chuva fazia barulho como se atirassem cascalho nas janelas do apartamento de Conor. A aparência e o som lá de fora eram horrendos.

Essie já teria terminado o expediente e ido para uma festa qualquer com a amiga Scarlett. Zillah também tinha saído. Conor, sozinho em casa, ficou mais do que feliz ao vislumbrar uma noite na frente da televisão, colocando uma série em dia.

Ainda assim, ainda assim… Seu cérebro ficava dando cutucões, lembrando-o da pessoa que poderia estar esperando por ele no Red House.

Não que ele quisesse ir. Como tinha dito para Essie, qualquer amiga daquela mulher afrontosa e horrorosa de jaqueta de couro falso devia ser o tipo que qualquer indivíduo são faria o possível para evitar.

Mas duas coisas continuavam incomodando. Primeiro, e se ela não fosse esse tipo de mulher?

Segundo, o clima lá fora estava horrendo. Ele podia mesmo deliberadamente dar bolo em uma pessoa que tinha saído de casa para encontrá-lo naquelas condições?

Isso seria crueldade, e ele não era uma pessoa cruel. Ironicamente, se não houvesse uma tempestade violenta, talvez fossem maiores as chances de que

ele ficasse em casa. Mas, agora, ele não sabia se seria capaz de ignorar a própria consciência e agir de forma tão cruel.

Suspirando, Conor percebeu que teria que ir ao Red House. Eram 19h15, o que dava a ele tempo suficiente para tomar banho, se barbear e vestir algo casual e decente. Ele atravessaria a praça às oito e, com sorte, as duas não apareceriam, o que significaria que ele poderia estar de volta às 20h30 no máximo.

O mesmo valia para o caso de aparecerem e a tal garota do encontro ser tão catastrófica quanto o esperado.

Fosse como fosse, pelo menos sua consciência estaria limpa.

Embaixo da água quente, passou pela cabeça de Conor que havia uma chance pequena de ela aparecer e superar suas expectativas.

Ele enxugou o cabelo, escolheu a camisa turquesa que supostamente combinava com seu tom de pele e seus olhos e se viu passando um pouco da loção pós-barba que tinha ganhado de Natal. Simplesmente Dior. Ora, mal não faria, certo?

Às 19h45, seu celular tocou, quando ele estava tentando decidir entre a jaqueta de couro marrom-clara e a Barbour azul-marinho.

– Alô?

– Conor, é você? Ah, graças a Deus! Aqui é Geraldine Marsh e eu preciso da sua ajuda.

– Geraldine, oi. Qual é o problema?

Geraldine era uma cliente regular, uma senhora idosa com voz trêmula e muito bem de saúde. Conor observou seu reflexo no espelho, satisfeito de ver que seu cabelo estava bom naquela noite. Além do mais, Essie estava certa: a camisa realmente realçava a cor dos olhos dele. Bem, hora de prestar atenção em Geraldine; ela devia estar esperando alguma informação sobre o programa de plantio de primavera, que gostava de organizar em detalhes…

– É o carvalho no meu quintal. Caiu durante a tempestade e esmagou a cerca do vizinho. Eles não estão felizes, porque significa que não podem soltar os cachorros. Disseram que eu tenho que resolver a questão da árvore antes de a cerca nova ser colocada e que se eu não fizer isso vou ser responsável caso os cachorros fujam e saiam por aí matando os vizinhos e… Ai, Conor,

essa situação é péssima e eu estou uma pilha de nervos; os cachorros são apavorantes! Você pode vir aqui resolver a questão da árvore? Estou *desesperada*.

Conor olhou de novo para seu reflexo no espelho. Deixando a modéstia de lado, ele nunca tinha ficado tão bem. Devia usar turquesa com mais frequência.

Bem… A garota do encontro às cegas não devia aparecer mesmo. Se tivesse bom senso, ela ficaria aquecida em casa.

Pena que não dava para tirar a loção pós-barba da pele limpa e botá-la de volta no frasco, principalmente quando custava mais do que um diamante.

– Não se preocupe, Geraldine. Estou indo agora. Vamos resolver o problema da árvore.

Com calor e sem ar de tanto dançar, Scarlett fugiu da sala lotada e foi para o banheiro no segundo andar. A festa estava excelente. Tinha passado uma hora conversando com um cara muito simpático chamado Dale, que era dono de um serviço de limusines e contou histórias maravilhosas de celebridades se comportando mal no banco de trás dos carros da frota dele. Além de ser bem divertido, Dale deixou claro que estava interessado nela e já tinha se oferecido para levá-la dali em seu Rolls vintage, mas infelizmente Scarlett não tinha sentido *aquela* faísca.

Era irritante, mas a vida de solteira era assim mesmo. Depois de lavar as mãos, Scarlett observou o rosto no espelho e enxugou a testa brilhosa com um lenço de papel. A coisa toda era uma questão de desequilíbrio no interesse das partes. Naquela noite, Dale foi nota dois aos olhos dela, mas, para ele, Scarlett tinha sido um oito. Enquanto no domingo anterior, sentira-se imediatamente atraída por Conor McCauley. Que era facilmente um nove. Conor, por outro lado, não pareceu muito impressionado por ela. Não era culpa dele, nem dela; era só o tipo de coisa que acontecia e sobre a qual não se tinha nenhum

controle. Algumas pessoas amam coentro, outras não conseguem nem passar perto. Quando o corpo toma uma decisão a nível celular, não há nada a fazer.

Enfim… Scarlett jogou um beijo para si mesma no espelho porque *ela* ainda gostava de si mesma, e por sorte havia muitos homens que não se encolhiam de horror ao vê-la. Ela era popular, divertida, e o fato de amar que tirassem fotos suas não era tão desanimador para outros homens quanto tinha sido para Conor.

*Ora*, quem perdia era ele. Scarlett passou os dedos pelo cabelo roxo para espetar as pontas e saiu do banheiro. Na descida da escada, parou na janela com vista para os fundos da casa. No começo da noite tinha havido muito barulho e atividade lá fora, e agora, quase meia-noite, ainda estava animado.

Ao olhar para fora, Scarlett viu que a tempestade continuava forte, assim como a serra elétrica. Duas casas depois, uma árvore enorme tinha caído e demolido uma cerca de madeira. No escuro, uma figura pequena com casaco enorme segurava um guarda-chuva com uma das mãos e uma lanterna com a outra. A lanterna iluminava uma figura maior, que brandia uma serra elétrica e cortava metodicamente um monte de galhos, parando de vez em quando para recolhê-los e empilhá-los do outro lado do jardim.

Scarlett viu chuva e serragem girarem em torvelinhos ao redor da figura maior. Que trabalho, e que jeito horrível de passar a noite de sábado. Por um momento, ela se perguntou se devia levar duas canecas de chocolate quente com conhaque para aquecê-los. Embora talvez não fosse muito bom dar álcool para pessoas portando uma serra elétrica.

– Oi, está olhando o quê?

Carrie, a dona da festa, subiu a escada e se juntou a ela na janela.

– Ainda estão lá cortando a árvore? Aqui em casa basta a gente respirar um pouquinho mais alto para a Geraldine bater aqui e dar sermão sobre poluição sonora – disse ela, apontando. – É ela ali debaixo do guarda-chuva. Mal posso esperar para reclamar da barulheira que eles estão fazendo. Aquela mulher pode parecer um anjo por fora, mas por dentro é uma bruxa.

– Mas é impossível não sentir pena deles.

Scarlett fez uma careta quando uma rajada forte de vento quase virou o guarda-chuva de Geraldine.

– Estava aqui pensando se devia levar um chocolate quente para eles.

– Hum, posso contar uma coisa? Depois que nos mudamos, no ano passado, convidei Geraldine para vir tomar chá uma tarde, pra mostrar que sou uma vizinha legal. – Carrie fez uma careta com a lembrança. – Ela reclamou porque eu não tinha leite de amêndoas, depois revirou minha geladeira inteira e me deu um sermão porque eu tinha comprado produtos que não eram orgânicos. Se você fizesse uma caneca de chocolate quente para ela, ela jogaria fora.

– Ah – disse Scarlett.

– Vem – disse Carrie, dando um cutucão simpático nela. – Não perde tempo sentindo pena dessa megera. Vamos voltar lá pra baixo e dançar.

# Capítulo 17

O SÁBADO SEGUINTE FOI bem melhor, ao menos no que dizia respeito ao clima. Depois de passar a tarde explorando Bath e fotografando pessoas na rua, Conor voltou para casa e viu que havia recebido uma carta linda de John, cuja amada esposa, Elizabeth, tinha falecido no dia 28 de dezembro. Era um agradecimento por terem tornado o último Natal deles juntos tão especial e para avisar que a foto favorita dele entre as que Conor enviara ficou em um lugar de honra no funeral de Elizabeth.

Pobre John. Conor esperava que ele ficasse bem nos meses difíceis que viriam pela frente; a esposa era tudo para ele. Que sorte tiveram de se conhecer tantos anos antes.

Às 19h45, Conor se viu atravessando a praça casualmente, porque achava que merecia um drinque. Não tinha nada a ver com o pensamento de que talvez seu encontro às cegas não tivesse aparecido no sábado anterior porque o tempo estava horrível e podia estar lá naquele dia.

Definitivamente, nada a ver com isso.

E que ótimo, porque não havia sinal da mulher vespa ou alguém no bar que pudesse ser a tal amiga dela.

Conor tomou mais um drinque e esperou até as nove, só para ter certeza absoluta de que ela não apareceria. É claro que não apareceu. Por que apareceria?

Ele se despediu de Essie, que estava trabalhando no balcão, e voltou para casa.

Pelo menos tinha tentado.

Essie estava no porão trocando um dos barris quando sentiu o celular vibrar no bolso de trás.

Como não estava na frente de clientes e a ligação era do irmão, ela atendeu.

– Oi, Ess! Estou em Bath! Onde você está? Quer sair pra beber alguma coisa?

– Bem, eu estou trabalhando, mas você pode vir até o Red House para me ver mesmo assim. Podemos conversar no intervalo entre clientes.

– Ah, beleza. Seu chefe está aí? Luke?

– Lucas. Ah, não, ele não vem essa noite. Mas eu estou aqui e isso é bem melhor.

– Claro que é. Tudo bem, daqui a pouco apareço aí. E tenta não ficar de queixo caído quando me vir – avisou Jay –, porque já vou logo avisando que estou ainda mais bonito.

Essie sorriu, pois ele era seu irmão e ela o amava.

– E ainda mais modesto.

– Só estou falando para você já ir preparando as meninas do bar.

Vinte minutos depois, Jay entrou. Essie viu na mesma hora que ele estava, como sempre, certo: os 15 dias na Austrália o tinham deixado com o tipo de bronzeado espetacular que era bem mais perceptível em janeiro, quando quase mais ninguém está assim. Os dentes e o branco dos olhos estavam

ofuscantes. Além do mais, ele era um homem lindo, na flor da idade, sempre exalando charme e alegria. Não admirava que ele e Lucas tivessem se dado tão bem naquela festa em dezembro. Eram muito parecidos.

Claro que aquela também tinha sido a noite em que os dois beberam demais e criaram consequências desastrosas para *ela*…

Jude, ao seu lado, ergueu uma sobrancelha.

– Ele é novo.

– Na verdade, não é. Ele é velho – disse Essie quando Jay se aproximou delas.

– Sou – disse ele, sorrindo. – Sou velhíssimo. Só muito bem conservado para 75 anos.

– Meu irmão – disse Essie. – E tem 29 anos.

– Esse não é meu nome, sabia? – disse Jay, e depois de dar um abraço em Essie, acrescentou: – Jay.

– Jude.

– Ah, sim. Essie me falou de você.

Era mentira. Ela não tinha falado nada. Mas Jude sorria para ele.

– Ah, é mesmo? E o que ela disse?

– Ela disse que você é uma pessoa fantástica, e eu concordo. E aí, tudo bem?

Ele pegou a mão de Jude e a cumprimentou com formalidade, o que sempre intrigava as garotas que ele conhecia.

– É um prazer finalmente conhecer você.

Essie revirou os olhos de leve. Ao longo dos anos, ela tinha ouvido as cantadas do irmão mil vezes. Mas, visto que costumavam ter o efeito desejado, por que ele não continuaria usando, não é mesmo?

– É um prazer conhecer você também – disse Jude, que pareceu estar achando graça. – Cheio de charme, hein?

Jay deu de ombros de um jeito autodepreciativo.

– Eu me esforço, mas na maioria das vezes estrago tudo. Se isso acontecer hoje, só finge que não reparou, beleza? Me dá uma forcinha.

A porta se abriu atrás dele e Jude, distraída pelos recém-chegados, falou:

– Ei, o que vocês dois estão fazendo aqui?

Essie viu a expressão nada divertida nos olhos de Jay quando ele se virou e reconheceu Lucas, que vinha na direção deles com Giselle ao seu lado. Ela esperava que ele não fosse fazer aquela coisa de irmão protetor e soltar um comentário desagradável sobre a história do e-mail. Não que Lucas não merecesse, mas seria mais simples para todos se Jude e o restante dos funcionários não ficassem sabendo. Essie gostava demais de trabalhar ali para querer criar um climão.

– O vocalista caiu do palco – disse Lucas. – Quebrou a perna.

Eles tinham ido ao Moles ver uma banda que tinha feito uma apresentação incrível no festival de Glastonbury no verão. Todo mundo ficou encantado com eles de modo geral, mas especialmente com o vocalista bonitão, e os ingressos para o show daquela noite tinham sido vendidos em tempo recorde.

– Ah, não – disse Jude, solidária. – Vocês estavam tão ansiosos.

– Estávamos mesmo. Oi.

Lucas assentiu para Jay e o apresentou para Giselle.

– Eles vão remarcar. Mas acho que Gi ganhou o dia, porque ela correu pra ajudar o cara e ficou cuidando dele até os paramédicos chegarem.

– Foi demais! – disse Giselle, abrindo um sorriso enorme. – Eu estava disposta a fazer respiração boca a boca, mas ele disse que não precisava. Mas eu segurei a mão dele. E usei minha voz tranquilizadora. Tenho certeza de que ele não vai me esquecer.

– Também rolou um carinho na testa. Você praticamente salvou a vida dele – disse Lucas.

Isso fez todo mundo rir, mas Essie fez o truque de sempre, de fingir estar ocupada guardando copos, porque relaxar demais na presença de Lucas podia fazer com que ele pensasse que ela o tinha perdoado.

E isso não aconteceria de jeito nenhum.

O restante da noite correu bem. Um dos clientes habituais, amigo de Lucas, era mágico, especializado em truques de salão que impressionavam todo mundo. Rodadas de bebida rolaram. Jude continuou conversando com Jay entre um cliente e outro. Alguém apareceu com um violão e começou a tocar, as pessoas cantaram com entusiasmo. Para a surpresa de Essie, Lucas

mostrou que tinha uma bela voz. Fingindo não ter notado, ela continuou trabalhando e manteve tudo nos trilhos.

Alguns minutos depois, Giselle se juntou a ela no bar, se inclinou e disse com um sussurro conspiratório:

– Parece que seu irmão está jogando um feitiço em Jude.

Essie assentiu.

– Ele já jogou vários na vida.

– Humm, um conquistador, é?

– Ele não faz de propósito. Ele só gosta das garotas, e elas gostam dele. Mas a questão é que Jay tem quase trinta anos. Fico esperando que ele conheça a garota certa e sossegue, mas até agora, nada.

– Talvez a gente esteja vendo acontecer neste instante, quem sabe?

Giselle fez movimentos místicos com as mãos enquanto elas observavam Jude e Jay juntos.

– Olha só pra eles. Essa pode ser a noite em que tudo muda!

Lucas, aproximando-se por trás, passou o braço pela cintura dela e perguntou com tranquilidade:

– Essa pode ser a noite em que tudo muda? Por quê?

Essie engoliu em seco. Por que aquele nó indesejado de emoção dentro do peito? Tinha sido o jeito casual com que ele repousou os dedos na cintura de Giselle? Ou o sorriso que trocaram quando ela se reclinou contra ele?

Ao mesmo tempo sufocando as emoções e matando a conversa, Essie disse:

– Vou servir aquele pessoal do clube de rúgbi.

E, com isso, seguiu para a outra ponta do bar.

À medida que foi despertando lentamente, Essie sentiu que o tempo parecia ter invertido. Ela estava deitada na cama, de olhos fechados, inspirando o odor de café recém-moído, o que não fazia sentido nenhum. Era um cheiro do ano anterior, de quando ela ficava no chalé de Paul. Orgulhoso dono de

uma máquina de café top de linha, ele sempre levava um cappuccino perfeito na cama para ela antes de ir para o trabalho. Mesmo que, secretamente, ela preferisse uma caneca de chá.

Seu cérebro confuso entrou em foco. Certo, o tempo *não tinha* sido invertido. Também era improvável que Paul tivesse conseguido entrar no apartamento dela com sua amada máquina de café.

Ela abriu os olhos, inclinou a cabeça para o lado e viu o copo descartável de café com tampa na mesa de cabeceira. Quando se virou para o outro lado, viu o irmão encostado na soleira da porta aberta.

Jay sorriu.

– Achei que isso te acordaria. Bom dia.

Ele tinha dormido no sofá da sala. E, visto que tinham bebido bastante, estava com uma aparência injustamente boa.

– Bom dia. Você não precisava ter ido até o Café.

Essie fez um gesto vago na direção da cozinha.

– Tem um pote de Gold Blend ao lado da chaleira.

Viu? Gold Blend. *Chique*.

– Mas café de verdade é mais gostoso. E você merece o melhor. Por isso, pensei em fazer um agrado.

– Por quê? O que você fez de errado?

Jay olhou para ela com uma expressão magoada.

– Ei, eu só estou sendo legal, ok? Também tinha planejado levar você para almoçar, mas, se vai ser maldosa e desconfiada, nem vou me dar o trabalho.

Almoço. Domingo. O almoço de domingo era uma das coisas favoritas dela no mundo inteiro. Essie se sentou.

– Onde?

– Ah, só no lugar que ganhou uma medalha de ouro pelo melhor almoço de domingo da área sudoeste. Mas tudo bem, eu posso cancelar.

Ele balançou o celular para ela.

– Mas é uma pena. É bem difícil conseguir uma reserva lá. Quando liguei, hoje de manhã, consegui a última mesa.

Essie sorriu. Era uma proposta que ela não podia recusar.

– É melhor eu entrar no chuveiro, então. Seria uma pena perder a última

mesa.

Três horas depois, com pratos de carne malpassada, batatas assadas crocantes na manteiga e montes de legumes, Jay perguntou:

– Como está sendo isso de trabalhar para o Lucas?

– Eu dou conta.

Essie pegou a jarra de molho e derramou sem miséria sobre o *Yorkshire pudding*.

– E estou impressionada de você o estar chamando pelo nome de verdade, finalmente.

– Ah, sim. Fiquei observando você ontem à noite. Você só fala com ele quando necessário.

– O nome disso é educação. Eu continuo não gostando dele.

– Mas todo mundo parece gostar.

– Talvez porque ele não tenha feito com mais ninguém o que fez comigo.

Jay colocou o garfo e a faca no prato.

– Ess, me desculpa. Não foi o Lucas. Fui eu.

# Capítulo 18

Essie, que tinha acabado de colocar na boca uma garfada de rosbife com molho, sentiu o coração começar a bater como um tambor. Ela parou e olhou para Jay, e continuou mastigando até ser seguro engolir.

Quando foi possível falar novamente, ela disse:

– Sério?

Ele assentiu.

– Sério.

– Por quê?

– Porque eu sou um idiota e às vezes faço coisas idiotas sem pensar. Eu tinha tomado um monte de vodca e na hora pareceu engraçado. E, por algum motivo, achei que estava enviando só para os seus amigos… Não passou pela minha cabeça que Paul e a mãe dele também veriam.

Jay fez uma careta.

– Me desculpa, parece ridículo agora. Mas você sabe como eu sou.

Ela sabia. Jay sempre tinha sido impulsivo, particularmente quando havia

bebida envolvida. Uma vez, ele acordou depois de uma festa sem lembrança nenhuma de ter reservado férias em Las Vegas. Foi por isso que Essie não acreditou quando ele inicialmente negou ter enviado o e-mail para todos os contatos dela.

– Então quer dizer que você praticamente jurou de pés juntos que não tinha sido você, mas foi.

A ficha foi caindo e Essie sentiu o coração bater de forma caótica.

– Eu sei. Mas é que você tinha acabado de me acordar. Estava gritando comigo e eu estava confuso e…

– E aí Lucas apareceu e disse que foi ele.

– Exatamente! – disse Jay, espalmando as mãos no ar.

– Mas *por quê*? Por que ele diria isso se não era verdade?

– Eu não faço a menor ideia. Na hora eu também não acreditei.

– Você deve ter perguntado. Depois que vocês foram embora.

– Eu perguntei, mas ele não deu importância. Disse que era mais fácil assim, porque você nem o conhecia, e depois mudou de assunto. Eu tentei agradecer, mas ele só balançou a cabeça. Ele realmente não queria falar sobre o assunto.

– Isso aconteceu sete semanas atrás – disse Essie. – Por que você só está me contando agora?

– Bem, no começo eu realmente achei que ele tinha razão. Eu tinha feito uma coisa absurdamente idiota, ele tinha assumido a culpa e fiquei grato. De fato, seria mais fácil assim. Quando vocês se reencontraram, pareceu um grande azar, mas aí, mais uma vez, ele não disse nada. Então você decidiu aceitar o emprego no Red House e ele *continuou* com a mentira. Eu tinha imaginado que em algum momento você ia parar de odiá-lo e esquecer tudo.

Jay fez uma pausa para tomar um gole de bebida.

– Mas ontem à noite eu vi como vocês agiram um com o outro… como as coisas estão entre vocês… e me senti péssimo, porque não precisa ser assim. Não *deveria* ser assim. Eu só precisava tomar vergonha na cara e falar a verdade.

Ele expirou lentamente.

– Foi por isso que eu te trouxe aqui. E é isso que estou fazendo agora.

Essie ainda estava tentando entender aquela mudança de circunstâncias.

– Certo.

– Você não precisa mais odiá-lo, Ess.

– Não.

– Ele não é um babaca. Ele é um cara legal.

– É.

– *Eu* fui o babaca. E sinto muito sobre você e Paul.

– E por eu ter perdido o emprego – disse Essie.

Jay deu de ombros e aceitou a culpa.

– Por isso também. Se bem que… bem, eu sei que não conheço a mãe dele, mas ela sempre me pareceu uma bruxa.

Isso podia ser verdade, mas quem tinha que dizer era ela, não ele. Aproveitando o momento, Essie esticou o garfo e espetou uma batata assada perfeita no prato dele.

– Eu ainda não acredito que você fez uma coisa tão idiota.

Mas fazia um pouco mais de sentido do que Lucas ter feito. Principalmente porque, desde que o conhecera, Essie tinha se dado conta de que ele não era esse tipo de pessoa.

– Eu nunca mais vou fazer nada assim, prometo. Quando eu tiver 90 anos e alguém me perguntar no leito de morte qual é o maior arrependimento da minha vida, vou dizer que foi esse.

– Ah, então não foi me colocar em uma caixa de papelão e me empurrar escada abaixo quando eu tinha 5 anos?

Essie ergueu uma sobrancelha; era o tipo de coisa que ela nunca deixaria Jay esquecer. Ela tinha descido toda animada, como se estivesse em um tobogã, mas dera de cara na parede e perdera os dois dentes da frente. Um deles não estava nem mole ainda.

– Esse é meu segundo maior arrependimento – disse Jay.

– Só porque mamãe confiscou sua bicicleta por uma semana.

– Meu Deus, sim, eu me lembro disso – disse ele, com uma expressão arrependida. – Foi horrível. Eu chorei ainda mais do que você.

A batata roubada, dourada e irresistível na ponta do garfo dela, estava agora a centímetros da boca. Essie sorriu.

– Bem feito.

Essie acordou tarde na manhã de segunda e abriu a cortina do quarto. O sol estava alto, o céu era de um azul-gelo claro e uma camada cintilante de gelo cobria a Percival Square.

A visão linda refletia seu humor. Desde que tinha descoberto a verdade, no dia anterior, Essie tinha ido dormir se sentindo muito melhor, muito mais leve, menos em conflito. Nunca foi da natureza dela desgostar ativamente de alguém tanto quanto desgostara de Lucas Brook.

E agora, todo o sentimento ruim tinha se dissolvido, se dissipado, flutuado para longe como um balão de gás hélio e desaparecido num céu sem nuvens.

Apoiando os cotovelos no parapeito, Essie viu um homem idoso alto jogar uma bolinha vermelha para seu *labradoodle*. O cachorro correu atrás da bolinha, pegou-a na boca e deu uma volta da vitória na praça.

Atrás dele, Essie viu a porta do Red House se abrir e Giselle sair carregando uma bolsa azul de lona. Ela se virou, deu um beijo na boca de Lucas, desceu os degraus e foi na direção da Milsom Street com um aceno alegre. O palpite de Essie era que ela pegaria o ônibus lá e seguiria para o hospital, para o trabalho. E, então, ela se deu conta de que Giselle sempre soubera da verdade em relação ao e-mail. Isso explicava por que não demonstrara incômodo com a suposta atitude do namorado.

Depois de ver a namorada ir embora, Lucas passou os dedos pelo cabelo escuro despenteado, gritou um cumprimento para o dono do *labradoodle* e voltou para dentro.

Essie foi para o banheiro; hora de um banho.

E de um pedido de desculpas.

Quarenta minutos depois, entrou no Red House e viu Maeve, a faxineira, aspirando energeticamente a área acarpetada e cantarolando a música que tocava em seus fones de ouvido e podia muito bem ser “Copacabana”, de

Barry Manilow. Lucas vestia a jaqueta marrom de couro ao mesmo tempo que pegava a chave do carro, quando se virou e viu Essie.

– Ah, oi.

Ele pareceu surpreso, o que era justo, considerando que o turno dela só começava às 17h.

– O que houve?

– Só queria saber se podemos trocar uma palavrinha.

Essie sentiu a pulsação acelerar.

– Ops, olha os pés, amor! – disse Maeve, balançando o fio como um chicote a fim de passá-lo pelas mesas. – Senão você vai acabar laçada como uma vaca de rodeio!

– Desculpa.

Essie saiu do caminho e falou para Lucas com movimentos labiais:

– Pode ser em particular?

– Eu estava indo para o atacadista. Volto em uma hora – disse ele, e fez uma pausa, sentindo que não era isso que Essie queria ouvir. – Ou você pode vir comigo.

Essie não podia esperar, não mais.

– Beleza, vou com você.

– Beleza.

Lucas sinalizou para Maeve e os dois saíram do bar.

O fluxo de carros estava pesado na Upper Bristol Street. Os dois seguiram no sentido leste no BMW grafite de Lucas e se aproximaram da entrada à esquerda na Windsor Bridge Street. Essie esperou até o sinal ficar vermelho e falou:

– Não foi você.

Ele diminuiu um pouco o aquecimento.

– O quê?

– Meu Deus, você seria um ótimo agente secreto.

Essie o estava observando com atenção, e Lucas não deixou transparecer absolutamente nada.

– Jay me contou ontem. Você assumiu a culpa por ele. Foi ele quem mandou o e-mail, não você.

– E? – perguntou Lucas.

– E o quê?

– Depois que ele te contou, o que você disse para ele?

– Eu disse que ele é um idiota, porque ele *é* mesmo. Devo ter chamado de mais algumas coisas, mas não lembro agora.

– Você ainda está falando com ele? – perguntou Lucas, olhando para ela de soslaio.

– Estou, claro. Ele me levou para almoçar. Ele é meu irmão. Ele me deixa louca… O que nem precisa ser dito, mas ele ainda é meu irmão.

Lucas assentiu lentamente. O sinal ficou verde e ele entrou à esquerda.

– Então tudo bem.

– Essas semanas todas eu fui horrível com você. Bem, não *horrível* – corrigiu Essie. – Mas você sabia o que eu achava de você esse tempo todo. E mesmo assim não disse nada. Só me deixou continuar acreditando na versão errada da história.

– Pareceu uma boa ideia na hora.

– Mas *por quê*?

– Olha, cisnes – disse Lucas, apontando para fora quando atravessaram a ponte sobre o rio Avon.

– Parece até que você está mudando de assunto.

– Já passou. Você sabe o que aconteceu, ficou tudo bem entre vocês e é isso que importa. A outra coisa que importa é que agora podemos ser amigos. Você não precisa mais me olhar de cara amarrada – disse Lucas, e parecendo achar certa graça, acrescentou: – Trabalhar juntos está prestes a ficar bem mais fácil. Para você e para mim.

– Está mesmo. Foi isso que Jay me disse. Ele notou o climão entre a gente no sábado à noite.

– Tudo vai mudar de agora em diante – disse Lucas.

– Aham, bastante.

A sensação de alívio era enorme.

– Você pode até começar a rir das minhas piadas.

– Ah, não, não. Eu não iria tão longe – disse ela.

– Você sabe por que colocaram uma cama elástica no Polo Norte? –

perguntou ele, levantando uma sobrancelha com ar inocente. – Para o urso polar.

*Pular. Rá-rá.*

– E é por isso que eu não vou rir – disse Essie, mas só conseguiu ficar séria por uns dois segundos.

A placa do atacadista surgiu. Lucas deu a seta para a direita e entrou no estacionamento.

Levaram apenas 40 minutos para encher o carrinho com tudo de que precisavam. A diferença entre os dois já era perceptível. Quando estavam percorrendo os corredores, foi natural conversar sobre o Red House, os outros funcionários e os clientes. Antes, Essie sempre tinha ouvido outras pessoas falarem sobre Lucas, mas agora a barreira entre eles tinha sido derrubada. Era como se nunca tivesse existido. Essie notou que conseguia falar sobre qualquer coisa, fazer qualquer pergunta. Sendo bem sincera, tinha passado as últimas semanas querendo fazer aquilo.

– Aqui, segura.

Lucas jogou uma caixa de guardanapos de papel para ela, para ser colocada no carrinho.

– Eu ainda não entendo por que você não me contou a verdade quando comecei a trabalhar para você – disse Essie.

Ele parou e olhou para ela por um momento.

– Eu vou explicar, mas não aqui. Vamos acabar com isso primeiro.

Depois de pagar, eles colocaram tudo no carro e foram embora. Mas, em vez de ir para o Red House, Lucas mudou de direção e estacionou em frente ao Royal Victoria Park.

Eles então desceram e caminharam por alguns minutos pelo caminho sinuoso que levava para além do laguinho de patos, subiram uma ladeira, viraram à esquerda e chegaram a uma pequena clareira.

Lucas parou de andar e Essie se perguntou que tipo de história estava prestes a ouvir.

# Capítulo 19

– JÁ VIM AQUI TANTAS VEZES – disse Essie –, mas nunca nessa parte específica. Eu não fazia ideia de que ela existia.

– Encontrei sem querer no outono, e virou meu lugar favorito. E, antes que você venha debochar de mim – disse Lucas –, eu *sei* que isso faz parecer que eu tenho 90 anos. Mas eu não ligo, ok? Às vezes, a gente encontra um lugar que simplesmente parece perfeito.

Havia um banco de madeira no centro da clareira. Já tinha sido usado naquele dia, Essie percebeu, porque a geada que ainda estava grudada nas folhas e galhos ao redor não cobria o assento.

– Vamos nos sentar? – perguntou Lucas.

Havia uma placa de metal presa ao encosto. Essie tocou nela.

– "Barbara e James". Adoro quando vemos nomes de pessoas nos bancos. Faz a gente imaginar quem eram, como foi sua vida.

– James era o nome do meu pai – disse Lucas.

– Sério? *Esse* James? – perguntou ela, apontando para a plaquinha. – Esse James aqui é o seu pai?

Ele deu um sorriso leve, balançou a cabeça.

– Não, é só coincidência. Então, voltando, você acha que foi estranho o que eu fiz naquela manhã na casa do seu namorado, né? Bem, realmente foi, e é por isso que acho que preciso explicar tudo para você agora.

O brilho de humor nos olhos escuros de Lucas tinha desaparecido; ele estava encostado com as pernas esticadas, cruzadas na altura dos tornozelos. Os dedos unidos frouxamente sobre o tronco. A expressão não revelava nada.

– Não precisa.

– Não, eu acho que você merece saber. Mas não é algo que a maioria das pessoas saiba. Giselle sabe, obviamente. Mas… bem, prefiro que você não escreva o que eu vou dizer e mande para todo mundo da sua lista de contatos.

Essie estava feliz por ter saído com o casaco acolchoado quentinho e colocado as luvas de tricô com estampa de pudim de Natal.

– Eu não vou contar pra ninguém, prometo.

O que ela poderia estar prestes a ouvir? Um pássaro passou diante deles, saltitando na grama coberta de gelo em busca de migalhas deixadas pelo ocupante anterior do banco.

– Quando eu tinha 7 anos – começou Lucas –, nós fomos passar um fim de semana na Cornualha. Eu, minha mãe e meu pai. Passamos a tarde de sábado na praia, brincando e fazendo um piquenique. Também fomos nadar. Depois de comermos, eu continuei brincando na água. Só jogando pedrinhas, pegando caranguejos num balde, esse tipo de coisa. Eu sabia que não tinha permissão para entrar na água sozinho, mas tudo bem, ficava feliz só de brincar ali no raso. Até que uma onda veio e me derrubou.

Os dois estavam olhando o passarinho, mas Essie ouviu a respiração de Lucas travar na garganta.

– Quando o mar me puxou para longe da margem, eu entrei em pânico e gritei… e meu pai veio correndo para me salvar. Ele conseguiu me segurar, depois me entregou para a minha mãe, que tinha ido atrás dele na água. Ela me levou de volta para a margem, mas uma corrente de retorno forte pegou meu pai antes que ele saísse.

Lucas respirou alto de novo e expirou devagar, os dedos da mão esquerda batendo rapidamente na direita.

– As correntes de retorno não parecem perigosas na superfície, mas, por baixo, podem ser letais. E aquela pegou meu pai… e o carregou antes que os salva-vidas conseguissem chegar. Era a primeira semana de outubro, as férias de verão tinham acabado. Eu sei que eles chegaram o mais rápido possível, mas ainda assim foi tarde demais. Ele estava morto.

– Meu Deus, Lucas. Que *horrível.*

As palavras entalaram na garganta de Essie. Já era bem difícil ter que ouvir Lucas descrever o que tinha acontecido; ela não conseguia imaginar como devia ter sido para ele testemunhar a tragédia.

Ele assentiu devagar.

– É.

O pássaro saiu voando.

– Sinto muito – disse Essie.

Se fosse qualquer outra pessoa, ela teria esticado a mão para segurar a mão ou o braço dele e dar um aperto em solidariedade. Mas não podia fazer isso com Lucas.

Mas, Deus, que trauma imenso! Um garoto de 7 anos vendo o pai se afogar tentando salvá-lo.

– Eu sei – disse ele, e se mexeu no banco. – E nós ainda nem chegamos na parte relevante da história.

Tinha mais? Isso não era suficiente?

– Só se você quiser me contar – murmurou Essie.

Se bem que, se ele decidisse não contar, ela realmente lamentaria ter dito aquilo.

– Meu pai tinha um irmão mais novo – continuou Lucas. – Max. A diferença de idade entre eles era de um ano e meio, e ele morava perto, então a gente se via o tempo todo. Ele era o melhor tio, ótimo com crianças, sempre a fim de jogar críquete ou futebol. Todo mundo o adorava. Pouco antes de irmos para a Cornualha, ele e meu pai tiveram um desentendimento sobre alguma coisa e pararam de se falar. Ao que parece, não foi a primeira vez. Mas nós estávamos com a viagem marcada e fomos para o chalé só nós três. Normalmente, o tio Max teria ido junto, às vezes ele até levava um amigo ou uma namorada, mas, claro, daquela vez ele não foi.

Lucas fez uma pausa.

– Se ele tivesse ido, é provável que meu pai ainda estivesse vivo. O tio Max nadava bem melhor do que o meu pai.

Essie balançou a cabeça. O que ela poderia dizer?

– Está com frio? – perguntou Lucas.

– Não.

Não era verdade, mas não importava.

– Meu tio nunca se perdoou por não estar lá para salvar a vida do irmão. E, logicamente, eles não tiveram a oportunidade de fazer as pazes depois da discussão. Ele se culpava por isso também.

– Você descobriu qual foi o motivo da briga?

– Levei anos. Por um tempo fiquei achando que tinha sido depois que meu tio me levou ao parque e eu caí do trepa-trepa e torci o tornozelo. Eu fiquei bem, mas passei uns minutos sentindo muita dor, e achamos que eu tinha fraturado. O que teria estragado o fim de semana na Cornualha. Fiquei achando que esse podia ter sido o motivo da briga.

– Ah, mas…

Lucas viu a expressão no rosto dela e a interrompeu.

– Eu meio que acabei entendendo que devia ter sido algo bem mais importante do que meu tornozelo. Perguntei à minha mãe quando tinha 18 anos e ela me disse que tinha a ver com a namorada do tio Max. Ao que parece, meu pai não gostava muito dela, não confiava nela e preferia que ela não fosse na viagem com a gente. Foi isso que provocou o desentendimento.

– Como ela era, essa namorada? Você gostava dela?

– Eu tinha 7 anos – disse ele, dando de ombros. – O nome dela era Teresa e ela era bem bonita e parecia muito legal. Eu só me lembro disso.

– E o que houve com ela?

– Os dois se casaram em Vegas um ano depois. Só os dois, sem ninguém da família presente. Um ano depois disso, eles se separaram. Ele nunca ficava em casa, vivia no bar. Não jogava mais críquete nem futebol comigo… a bebida tomou conta da vida dele. Ele perdeu o emprego, a casa, se mudou. Acho que ele não aguentou viver com a culpa. A última coisa que eu soube

era que ele estava morando na Espanha, vendendo suvenires para turistas na praia.

A história toda era insuportavelmente triste; o coração de Essie se compadeceu por ele.

– E a sua mãe? Voltou a se casar?

– Não.

– Onde ela mora?

– No norte da Inglaterra.

– E vocês costumam se ver?

– Quando dá.

Depois de ter dado o máximo de detalhes que queria, Lucas se sentou ereto e se virou para olhar para Essie.

– Essa é a história da minha família. E agora você sabe por que eu assumi a culpa naquele dia. Eu não te conhecia, mas vi o quão furiosa você estava com seu irmão e não consegui suportar. E se vocês dois acabassem não se falando mais e acontecesse uma coisa horrível e um de vocês morresse?

Essie viu o resíduo de culpa e dor nos olhos escuros de Lucas. Ela disse:

– Bem, obrigada pelo que você fez. Eu não teria parado de falar com ele por muito tempo. Talvez um ou dois dias. Mas mesmo assim, não é? A gente nunca sabe quando uma coisa ruim vai acontecer. Você teve uma atitude gentil por um bom motivo. E sinto muito por ter sido tão desagradável com você depois disso.

– Tudo bem. Você não sabia.

Lucas estava sorrindo e Essie ficou impressionada com o quanto não sabia sobre ele e com quantas suposições equivocadas tinha feito a seu respeito. Mas era assim com todo mundo, não era? Quando as pessoas iam ao Red House e viam Lucas pela primeira vez, elas imediatamente ficavam encantadas com a personalidade tranquila e alegre. Era uma vantagem enorme naquele ramo; saber que ele estaria lá fazia as pessoas quererem voltar. Lucas era extrovertido, engraçado, o anfitrião perfeito, sempre exalando carisma e alegria.

Olhando para ele, quem imaginaria que sua infância (e sem dúvida a vida posterior) tinha sido maculada por uma tragédia?

Como ele mudou de assunto, Essie não insistiria agora, mas havia algo mais sobre a mãe que Lucas não tinha contado. Para começar, ele não foi visitá-la no Natal, e ela também não tinha ido a Bath para vê-lo.

– Ah, *não* – gritou uma voz aguda, e os dois olharam para a esquerda, onde um garotinho com capa do Homem-Aranha tinha parado de repente. – Vovô, tem *gente* no nosso banco especial! O que vamos fazer *agora*?

A expressão dele foi de tamanho ultraje que Essie e Lucas caíram na gargalhada, o que fez o garoto olhar para eles com uma cara ainda mais feia.

– Agora eu estou com medo – murmurou Lucas, que então se levantou e disse para o garotinho: – Tudo bem, a gente está indo embora. Pode ficar com seu lugar especial.

– Olha só, que gentileza a deles. Diga obrigado – incentivou o avô.

O garoto observou Lucas com desdém.

– Não. Eu quero que eles vão embora.

Já no carro, Lucas ligou o motor e colocou o aquecimento no máximo. Enquanto esperavam que o para-brisa desembaçasse, ele disse:

– Você é a única da equipe que sabe.

Essie assentiu.

– Pode confiar em mim.

– Eu sei. Como disse antes, não é um grande segredo. Só é mais fácil se não for algo que todos do trabalho saibam. Não quero as pessoas sentindo pena de mim nem achando que precisam controlar o que dizem. É meu trabalho deixar todo mundo relaxado, garantir que as pessoas se divirtam.

– E você se sai muito bem nisso.

– Claro que sim. Eu sou demais.

Os cantos da boca de Lucas estremeceram.

– Mas estou feliz por ter te contado. E… obrigado.

Ele levantou a mão, como se fosse apoiar na dela, mas a colocou de volta no volante.

Naquele momento, Essie se deu conta de que estava prendendo a respiração, de que queria que ele fizesse contato físico. Porque, naquele momento, a conexão entre eles era quase palpável. E ela queria que Lucas soubesse que ela estava cem por cento ao lado dele.

Mas, não, Lucas tinha se segurado e estava certo em ter feito isso. Ele era chefe dela; tinham acabado de começar a se falar como pessoas normais. Além do mais, havia Giselle, mais um indicador de que o gesto seria bastante inadequado.

Tudo bem que só tinha sido um potencial toque de mãos, mas, naquele momento, pela forma como a adrenalina estava borbulhando no corpo de Essie, teria parecido bem mais.

Ela se obrigou a relaxar. Eles eram amigos e ela queria que continuassem assim.

Um carro parou ao lado deles com a seta ligada e pronto para entrar na vaga. Ela se virou no assento e falou com a voz mais casual que conseguiu:

– Está livre aqui atrás, podemos ir.

# Capítulo 20

Foi uma segunda-feira agitada no Red House. A coleção mais recente de retratos de Conor estava em exposição e tinham requisitado a presença dele naquela noite para conhecer o pessoal de um clube de fotografia que estava visitando. Quando todos foram embora, Essie disse:

– Você nunca tirou uma do Lucas? Devia haver uma dele exposta.

E Conor, se dando conta de que não havia, mas que aquela era realmente uma boa ideia, foi em casa buscar sua câmera favorita.

Minutos depois, Essie e Jude arrumavam tudo após o turno e Lucas, sentado em um banco, suportava uma sessão de fotos.

– Chega um pouco para a frente – disse Essie para ele. – Anda, mostra esse decote.

Sem olhar para Essie, Lucas sorriu e ergueu um dedo do meio na direção dela. Essie gargalhou.

– Ah, bem, que bom que existe o Photoshop…

Ela abriu a máquina de lavar copos, que tinha acabado de encerrar o ciclo,

e foi envolvida em uma nuvem de vapor.

– Assim é tão melhor – disse Jude.

– O quê?

– Você e Lucas. Não sei o que foi, mas alguma coisa mudou. Você está falando com ele como fala com todo mundo aqui. Parece que um enorme muro caiu.

O vapor se dissipou e o rosto de Jude apareceu, os olhos brilhando.

– Acho que estou curiosa para saber o que aconteceu pra causar essa mudança.

Essie começou a recolher e pendurar os copos quentes e limpos.

– Tivemos um mal-entendido antes. E agora foi resolvido, só isso.

– Mal-entendido? Que tipo de mal-entendido? Agora estou *mesmo* curiosa!

Essie olhou para Lucas, que deu de ombros.

– Se não contarmos agora, ela vai achar que estamos tendo um caso.

– Eu *já* estou começando a achar – disse Jude.

Essie balançou um pano de prato na direção dela.

– Não é nada disso!

– Lembra o e-mail que fez Essie perder aquele último emprego? Ela achou que eu tinha enviado – disse Lucas.

– E era por isso que eu morria de raiva dele por dentro – disse Essie –, desde o dia em que fiquei sabendo que ele era meu novo chefe. Mas ontem descobri que não foi ele.

– E depois disso ela decidiu que eu não sou tão horrível assim.

– Uau – disse Jude, arregalando os olhos. – Como você descobriu?

– O verdadeiro culpado confessou – disse Essie.

– E Essie se sentiu mal porque estava culpando a pessoa errada esse tempo todo – continuou Lucas enquanto Conor fotografava. – Mas agora nós somos amigos e tal…

– Mas espera aí – disse Jude, agora de testa franzida, intrigada. – Quem fez isso estava no chalé da Essie.

– Verdade. Eu passei a noite lá, e por isso ela achou que tinha sido eu. Mas não fui.

Jude olhou para Essie.

– Isso quer dizer que foi seu irmão.

*Ah.*

– Exatamente – disse Lucas.

– Jay – disse Jude, certificando-se.

Lucas assentiu.

– Bem, me desculpe, Essie, mas que babaca.

*Ah.*

– Mas, falando sério – disse ela, se virando para Essie. – Se eu soubesse que você achava que era o Lucas, poderia ter dito que ele nunca faria uma coisa dessas. Não mesmo.

– Bem, agora eu sei disso – disse Essie.

Jude bufou de irritação.

– Sinceramente, quando eu conheci seu irmão, na outra noite, achei que ele era bem divertido. Não consigo acreditar que ele fez uma coisa tão idiota. Confesso que estou bem decepcionada.

Ah, pobre Jay. Essie se viu defendendo o irmão.

– Todo mundo faz coisas idiotas às vezes.

– Talvez, mas não *tão* idiotas – rebateu Jude.

Na noite anterior, a neve tinha começado a cair e se acomodar nas ruas e calçadas de Bath. Agora, Percival Square havia se transformado em um reino mágico de gelo, estilo Disney. Crianças corriam empolgadíssimas, jogando neve no ar, perseguindo umas às outras e fazendo bonecos de neve pequenos e tortos que logo eram derrubados por cachorros mais empolgados ainda.

– Estou te reconhecendo – disse uma mãe de cabelos louros para Conor. – Você exibe as fotos no Red House. Eu ia adorar se você tirasse uma dos meus garotos.

E Conor, que costumava preferir escolher quem ia fotografar, apontou e disse:

– Aqueles dois? Claro que posso tirar.

Isso porque eram gêmeos, de uns 3 ou 4 anos, e estavam com os olhos brilhando e as bochechas coradas. Os dois usavam roupas de neve iguais e estavam gritando de tanto rir, deitados de barriga para cima fazendo anjinhos de neve no chão.

Ele tirou umas quinze ou vinte fotos, depois mais umas dez quando os dois pularam e começaram a correr em círculos em volta da mãe. Um dos garotos pegou um punhado de neve, tentou jogar no irmão e errou. O gêmeo gritou de tanto achar graça.

– Mamãe, eu quero que neve o tempo todo!

– Espera até você crescer – disse a mãe secamente. – Vai mudar de ideia rapidinho.

Achando graça, Conor falou que uma das fotos estaria na exposição da semana seguinte no Red House, caso eles quisessem ver. Entregou o cartão para ela, se despediu e foi para a Milsom Street, na direção da área mais movimentada do comércio.

Dez minutos depois, ele viu uma figura conhecida na porta da Abadia de Bath. A neve tinha parado de cair, mas o tempo ainda estava gelado. Ela estava encolhida para se proteger do frio e usava um casaco amarelo vibrante, uma calça jeans preta e botas vermelhas. Alheia à presença de Conor a poucos metros de distância, toda a atenção dela estava voltada para o celular que segurava nas mãos sem luvas. Achando graça, Conor chegou mais perto e tirou a tampa da lente. Estaria mandando mensagens de texto para alguém? Lendo as redes sociais? Jogando Pokémon Go?

Fosse o que fosse, ela não tinha ideia de que ele estava ali. Ele tirou algumas fotos e só depois se aproximou.

– Oi, Scarlett, tudo bem?

Ao vê-lo com a câmera na mão, Scarlett abriu um sorriso enorme.

– Conor, oi! Vai tirar uma foto minha? Espera aí, vou precisar de dois minutos para me arrumar. Estou com a cara péssima…

Enquanto falava, ela já estava enfiando a mão na bolsa de ombro para pegar o pó compacto e o batom.

Ele balançou a Nikon de um jeito brincalhão.

– Não precisa. Já tirei. Enquanto você estava distraída com o celular.

– Mas isso não é justo! Eu estou péssima!

– Não está nada péssima.

– Deixa eu ver.

Ela foi para junto dele e Conor botou as duas fotos na tela, para que ela pudesse vê-las. Scarlett gritou.

– Meu Deus, eu pareço um alce! E meu nariz está todo *vermelho*.

– Não está vermelho, está rosado. O que faz sentido, considerando que você está cercada de neve.

Conor ficava revoltado quando as pessoas eram tão críticas em relação à própria aparência

– Está vendo o contraste entre você no celular e a abadia atrás? As cores estão ótimas e a composição funciona muito bem.

– Mas eu poderia estar tão melhor… Falando sério. Me deixa passar um pouco de batom e a gente faz de novo.

– Não, não seria a mesma coisa. Você vai fazer aquela coisa com a boca. Posso expor uma dessas no Red House?

– De jeito *nenhum* – gritou Scarlett.

– Tudo bem – disse ele, e apagou as duas. – Pronto, já era.

– Alguém já te disse como você é irritante?

Conor sorriu.

– Só pessoas narcisistas e neuróticas me acham irritante. O que você está fazendo aqui, afinal?

– Estou esperando meu grupo chegar. Devem estar aqui em 5 minutos.

Scarlett abriu o pó compacto, passou no nariz para tirar o rubor, aplicou um batom fúcsia forte demais, estalou os lábios e jogou um beijo irônico para ele.

– Uma família de dez pessoas de Nova York marcou um tour de 2 horas pela cidade.

Ele sabia por Essie que Scarlett era guia de turismo. Ela também tinha uma barraca em uma feira vintage aos domingos, em que vendia arte e bijuterias, e passava algumas tardes por semana fazendo alguma outra coisa em Bristol. Ele indicou o cabelo roxo brilhante e perguntou:

– Qual é sua cor natural?

– Quem se importa? Eu gosto de pintar. E os turistas acham legal.

Ela assentiu e acenou para um amontoado de gente que estava se aproximando com hesitação.

– Assim eles não se perdem de mim em lugares cheios.

– São eles ali? – perguntou Conor, apontando. – Vou te deixar trabalhar.

– Não quer tirar uma foto bonita minha antes de ir?

Scarlett o estava provocando, mas também falava meio sério; as recusas anteriores ainda a incomodavam.

Conor respondeu com bom humor:

– Quem sabe um dia.

De longe, ele observou Scarlett cumprimentar as pessoas com alegria e as levar na direção da ponte Pulteney, gesticulando, falando e andando ao mesmo tempo.

Ele se virou e foi na direção das Termas Romanas, depois virou à esquerda na Stall Street. Um homem idoso parado junto a um muro, segurando os restos de um hambúrguer, chamou sua atenção. Ele estava cortando o pão com cuidado e jogando os pedacinhos na neve à frente. Passarinhos desciam ao chão para pegá-los com o bico. O que o homem não sabia era que no muro atrás dele havia um gato preto encolhido, os olhos verde-claros brilhando e o rabo se movendo lentamente…

Conor pegou a câmera e perguntou:

– Oi, o senhor se importa se eu tirar uma foto?

– Eu me importo, sim – disse o idoso. – Muito. Cai fora.

Certo.

Conor escondeu um sorriso. Tudo bem; algumas pessoas não cooperavam, e estavam no direito delas. Ele se virou, passando o olhar pela rua cheia de neve e lotada de gente fazendo compras, indo para o trabalho, além de turistas de todas as partes do mundo que tinham vindo conhecer a mágica cidade de Bath…

Foi nessa hora que ele a viu.

*O quê?*

Só que não podia ser ela. Ele sabia que não.

Mas era, sim.
Ela não estava morta. Ela estava ali.

# Capítulo 21

Conor sentiu o sangue rugir enquanto o cérebro tentava processar algo que não fazia sentido. Foi como se ver largado no meio de um filme sem aviso nenhum.

Só que aquilo não era um filme, era a vida real. E um milagre da medicina tinha ocorrido, evidentemente. Porque ela parecia *muito* bem.

Quatro anos tinham se passado, mas Conor jamais teria esquecido Jessica Brown. Como poderia? Aquela mulher tivera um impacto enorme na vida dele. Sem querer, tinha colocado um holofote sobre a carreira que ele escolhera e mostrado quanto era inadequada. O dia em que Conor conheceu Jessica e sua história triste foi o dia em que teve a discussão com a antiga chefe, Margaret Kale, e pediu demissão do escritório em que trabalhava. Na manhã seguinte, ao se dar conta de que também tinha deixado Jessica em uma situação constrangedora, ele mandou um e-mail para Margaret e a instruiu a ficar com qualquer dinheiro devido a ele para acertar as contas de Jessica Brown.

E aquilo foi tudo.

Até aquele momento.

No momento seguinte, como se percebendo de repente que estava sendo observada, Jessica Brown se virou e olhou na direção dele. Seus olhos se encontraram e Conor sentiu o estômago dar um nó.

– Mas que diabos! – gritou o idoso quando o gato pulou do muro e as aves levantaram voo em uma nuvem de pânico.

O gato pulou atrás do pássaro do mais lento e errou, a ave soltou um grasnido de triunfo e o homem largou no chão o hambúrguer, que foi imediatamente agarrado pelo gato.

– Ora, seu desgraçado! Dá o fora daqui – disse, balançando os braços furiosamente para o gato. – Vai se ferrar! – E, ao reparar em um grupo de crianças apontando e rindo, ele rosnou: – E vocês também podem dar o fora!

Para evitar xingar o sujeito, Conor se afastou e olhou novamente para Jessica. Ela também sorria e o encarava. Conor se viu caminhando na direção dela.

Como poderia não ir?

Agora, ela estava olhando para ele sem entender, e ele se deu conta de que ela não o tinha reconhecido. Tinha sido só uma reunião, afinal, e ela tinha coisas mais importantes na cabeça do que prestar atenção na cara do advogado.

– Oi – disse Conor.

– Oi – respondeu Jessica.

– Você não se lembra de mim.

– Desculpa, mas não.

– Não se preocupe, tudo bem. Foi quatro anos atrás. Muita coisa mudou desde então… Para nós dois, possivelmente, mas acho que mais para você do que para mim.

Ela assentiu.

– Realmente.

– Você está ótima.

– Obrigada. Desculpe, é que está ficando um pouco constrangedor agora. Eu queria *mesmo* me lembrar de onde conheço você e… Pode me dar uma pista?

– Conor McCauley. Eu trabalhava no Kale and Grey – disse Conor. – Advogados. Você me procurou, fizemos uma reunião… você precisava fazer seu testamento…

Enquanto as palavras ficavam no ar, ele percebeu o erro e, ao mesmo tempo, viu a luz de entendimento finalmente surgir nos olhos azuis da mulher.

Porque ela não era Jessica Brown, era? Claro que não.

– Ah, entendi a confusão – disse ela. – Meu nome é Belinda, sou irmã da Jess.

– Ah, meu Deus, me desculpe. Eu sou um idiota.

Conor balançou a cabeça.

– Tudo bem, não tem problema.

– A Jessica…

– Morreu? Sim, morreu.

Claro que tinha morrido. A doença dela tinha sido diagnosticada como terminal, e ela sabia que não tinha mais do que uns poucos meses de vida. Ainda envergonhado pelo erro, ele disse:

– Não acredito que achei que você fosse ela… Mas vocês são idênticas. Quer dizer, não são, mas ela estava tão doente quando a conheci. Você tem a aparência que ela teria se estivesse saudável.

– Eu sei. Nós sempre fomos parecidas, mas sou quatro anos mais nova, então só agora a alcancei na idade. Não me admira você ter se confundido – disse ela, sorrindo. – Eu me lembro agora de ela ter me contado sobre você. Disse que você foi muito gentil e que a escolheu para receber o testamento de graça. Foi um gesto adorável do escritório.

Conor assentiu e se lembrou de quando pagou pelo serviço do próprio bolso. Ainda achava que tinha sido o dinheiro mais bem gasto de sua vida.

Belinda continuou falando:

– Mas eu lembro também que quando ela voltou lá para assinar os documentos finais, foi uma mulher que a atendeu. Ela disse para Jess que você tinha saído da empresa.

Evidentemente nenhuma das duas sabia o que tinha motivado sua partida abrupta.

– Saí, sim – disse Conor, mas hesitou.

Era estranho ele se lembrar tão claramente do nome da filha de Jessica?

– Ela morreu três meses depois de fazer o testamento – disse Belinda e, achando que era isso que Conor ia perguntar, acrescentou: – O final não foi horrível. Para ela, no caso. Nós ainda sentimos muita saudade.

– E o que aconteceu com… Evie?

– Você se lembra do nome dela! – disse Belinda, parecendo feliz. – Evie está bem, considerando tudo que aconteceu. Ela é uma garota fantástica.

– E onde ela mora? Com você?

– Aham. Foi uma curva de aprendizado íngreme no começo, mas estamos acostumadas uma com a outra agora. E eu a amo demais – explicou ela, dando de ombros com modéstia. – Nós estamos nos virando.

– Que coisa boa. Uma boa notícia.

Conor assentiu e mudou de posição. Ele tinha acabado de dizer a palavra "boa" duas vezes, o que devia sinalizar que estavam chegando no fim da conversa. Não que ele quisesse que acabasse, mas chegava um ponto em que um encontro ocasional entre dois estranhos tinha uma conclusão natural. Não seria normal continuar conversando, fazendo mais e mais perguntas inconvenientes sobre pessoas que ele nunca tinha visto na vida. Ele soltou um pigarro.

– Fico feliz de as coisas estarem indo bem… bem, ao menos tão bem quanto possível.

*Ah, Deus, me escuta só; agora eu falei "bem" três vezes…*

– Obrigada. Nós não estamos tão mal.

Belinda balançou o cabelo louro e sorriu.

– Poderia ser bem pior considerando todo o…

– Ah, meu Deus, só pode ser *brincadeira*! Olha quem saiu da toca!

Conor sentiu os pelos da nuca se eriçarem de repulsa. A voz atrás dele tinha o efeito de unhas num quadro-negro, e ele a reconheceu na mesma hora.

Falando sério, ele estava fadado a ser assombrado por aquela mulher horrenda? E por que tinha que acontecer bem naquela hora? Como uma

pessoa não se dá conta de que ir entrando no meio de uma conversa talvez seja extremamente inadequado?

– É você – continuou a voz quando ele se virou para olhá-la. – Rá, não acredito! Que impressionante.

– Não é tanta coincidência assim – respondeu Conor tranquilamente. – Eu moro aqui, afinal.

Na última vez, ela estava usando a jaqueta de couro falso turquesa e maquiagem em excesso. Naquele momento, vestia um casaco de pele falsa de oncinha e uma maquiagem ainda mais carregada e chamativa. O animal espiritual daquela mulher só podia ser o David Bowie.

– Mas não se deu o trabalho de ir ao Red House na noite em que eu pedi para você ir, não é? Péssimos modos, esse é seu problema.

– E por acaso eu falei que iria? – retorquiu Conor. – Foi ideia sua, não minha. E, se você não se incomoda, está interrompendo uma conversa particular.

Isso fez a mulher horrenda se balançar nos saltos cor de creme e soltar uma gargalhada estridente que fez todo mundo que estava por perto olhar na direção deles para saber o que estava acontecendo.

– Caramba – disse o homem que estava jogando pão para os pássaros. – Cubram as janelas. Um barulho desses é capaz de quebrar vidraças.

Ela ignorou o homem e ergueu as sobrancelhas para Conor.

– Conversa particular, é? Sobre o que exatamente?

– Você está falando sério? O que te faz pensar que eu responderia a essa pergunta? – perguntou Conor para ela, sem acreditar, e então se virou para Belinda. – Olha, me desculpe por isso. Eu nem conheço ela.

Belinda pareceu estar achando graça.

– Não? Ela parece te conhecer.

Aquilo estava ficando incômodo.

– Essa mulher me abordou outro dia e queria que eu fosse a um encontro às cegas com uma amiga dela – explicou Conor. – Sério, quem faria uma coisa dessas e esperaria que a outra pessoa concordasse?

– Não brinca? – disse Belinda para a mulher vespa, que tinha começado a rir de novo, como uma bruxa que engoliu gás hélio.

Em seguida, olhou novamente para Conor.

– Bem, acho que *eu* faria, e ficaria com o cabelo destruído naquela tempestade.

À medida que a ficha foi caindo, Conor se deu conta de que a mulher de casaco de oncinha não tinha se juntado a eles porque o tinha reconhecido. Belinda era amiga dela.

*A* amiga.

Por mais inacreditável que pudesse parecer.

Na verdade, inacreditável era um eufemismo.

– Era você? – perguntou ele, porque precisava ter certeza.

– Era eu – concordou Belinda.

– Nossa, me desculpa…

– Tem que se desculpar mesmo – disse a mulher de casaco de oncinha, franzindo a testa. – E por que vocês estavam conversando?

– Ele conheceu a Jess – disse Belinda simplesmente. – Achou que eu fosse ela.

– Ah, certo. Que Deus a tenha – disse a mulher vespa, e olhou para Conor com expressão desafiadora. – O que aconteceu, você deu o bolo na Jess também?

– Não – disse Conor.

Se bem que, quanto ao testamento, foi o que ele fez.

A mulher vespa fez um gesto exagerado com as mãos, como uma apresentadora de game-show.

– Então, aqui está ela. Minha amiga Belinda. Eu falei que ela combinava com você e eu estava certa – disse para Conor. – E aí, arrependido de ter dado o bolo nela, seu filho da mãe ingrato?

No mundo das perguntas constrangedoras, aquela devia estar no topo.

– Deixa ele em paz, Caz. Você é um pesadelo às vezes.

Belinda balançou a cabeça.

– Não diga – murmurou Conor, ganhando um olhar de desdém de Caz.

– Por que você não deixa a gente a sós uns dez minutinhos? – pediu Belinda, olhando com expressão encorajadora para a amiga. – Eu te encontro no Aqua para almoçarmos, pode ser?

– Tudo bem – disse Caz.

Depois que Caz foi embora, Conor disse:

– Que figura.

– Caz? Ela é mesmo.

– Ela é sua… *melhor* amiga?

– Sei o que você está pensando – disse Belinda, com um sorriso seco. – Ela fala alto, é exagerada e não tem papas na língua. Se tem alguma coisa na cabeça dela, ela diz sem rodeios, para o bem ou para o mal.

– Eu reparei.

– Mas ela também é uma das pessoas mais gentis que você vai conhecer na vida. Juro, ela tem um coração de ouro. Caz é nossa vizinha, e eu não teria conseguido chegar até aqui sem ela. Ela sempre está por perto para dar uma mãozinha, me alegrar quando estou para baixo, me ajudar quando preciso de alguma coisa.

– Acredito em você – disse ele, e então mudou de assunto. – Bem, eu preciso dizer que estou me sentindo culpado por ter te dado um bolo, principalmente com o tempo como estava naquele dia. Cheguei a me arrumar para ir, mas, no último minuto, uma pessoa me ligou precisando de ajuda. Eu não queria ir, mas precisei. A pessoa estava desesperada.

– Sério?

– Juro por Deus. Eu passei seis horas cortando uma árvore caída com uma serra elétrica. Na chuva.

– Carma – disse Belinda –, por não querer se encontrar comigo.

Ele poderia dizer em voz alta? Conor fez uma pausa e reuniu coragem.

– Se eu soubesse que era você, eu teria querido ir.

– Ah.

Belinda sorriu.

– Eu achei que Caz estava querendo me apresentar a alguém como ela.

– Bem, eu já tive um par de chinelos de oncinha…

– E eu fui até o Red House às oito no sábado seguinte – acrescentou ele. – Para o caso de você ter decidido me dar outra chance.

– Eu até pensei nisso – admitiu Belinda. – Mas aí decidi que só uma

pessoa bem patética se daria a oportunidade de levar bolo por duas semanas seguidas.

Ele expirou.

– Eu ainda não acredito que era você.

– Acabei de me dar conta de outra coisa.

Belinda indicou a câmera pendurada no pescoço dele.

– As fotos expostas no Red House… Nós ficamos olhando para ela quando estávamos lá e alguém falou o nome do fotógrafo. São suas!

– São.

– Eu adorei.

– Obrigado.

– Minha favorita foi a do cara de dreadlocks empurrando a filha no balanço no parque. A expressão deles estava perfeita.

– Eles foram ótimos.

Como ela estava olhando para a câmera novamente, Conor perguntou:

– Quer que eu tire uma sua?

– Eu posso dizer não? – perguntou ela, franzindo o nariz. – Não gosto muito de ser fotografada.

– Tudo bem.

Conor ficou feliz.

– Mas Caz gosta. Ela adoraria posar para você.

Ele abriu um sorriso breve, porque aquilo definitivamente não ia rolar.

– Quando Caz decidiu nos apresentar, ela disse que sempre sabe quando duas pessoas vão se dar bem.

– Sabe mesmo – concordou Belinda. – Ela juntou a professora de matemática do sobrinho com o veterinário do cachorro dela. Eles se casaram no ano passado.

– Uau.

– Ah, desculpa. Agora eu te assustei. Você não vai precisar se casar comigo, prometo!

– Claro.

Belinda olhou para o relógio.

– Bem, ela está me esperando. Preciso ir ao Aqua. Mas foi muito bom te

conhecer. Talvez a gente se esbarre de novo.

– Seria ótimo.

Como sempre, quanto mais interessado Conor ficava em alguém, mais tímido se mostrava. Ele assentiu vigorosamente, se perguntando por que sua confiança sempre o abandonava quando ele mais precisava.

– Disseram no Red House que você expõe fotos novas a cada duas semanas. Talvez Caz e eu devêssemos aparecer de novo em breve…

É agora ou nunca.

– Ou, para compensar pelo furo do outro dia, eu posso te levar para jantar qualquer dia desses – disse ele, as palavras se atropelando. – Esta semana, talvez, se você estiver livre. Mas, se estiver ocupada, tudo bem…

– Eu adoraria. Achei que você não fosse convidar.

*Ah, graças a Deus.*

– Que ótimo. É só dizer quando.

– Sexta?

– Sexta – repetiu ele, então entregou o próprio celular para ela. – Digita seu número, eu mando uma mensagem mais tarde.

– Pronto – disse ela, devolvendo o aparelho. – Mas esse convite para jantar. Eu preciso confirmar… É só para mim ou Caz também está convidada?

Ela estava fazendo uma provocação. Conor fez um gesto de alarme.

– Só você.

– Beleza. Ansiosa.

– Eu também.

E, então, foi a vez dele de soltar o ar em sinal de alívio.

– Ufa!

# Capítulo 22

Barry não tinha mais muito tempo de vida. Sua pele estava da cor de velas de igreja e a respiração era difícil. Mas, quando foi tirado da ambulância, seu rosto se iluminou por completo.

– Papai!

Suas duas filhas correram pelo asfalto e ficaram na ponta dos pés para beijar as bochechas dele.

– Você veio… A gente estava esperando!

Enquanto os olhava de uma distância discreta, Essie teve uma conversa séria consigo mesma, porque, independentemente do que acontecesse, ela não podia chorar. Era sua tarde de folga do trabalho, e quando Zillah perguntou se ela gostaria de ajudar, ela aproveitou a oportunidade. Tinham ido de carro buscar a esposa e as filhas de Barry na casa da família, em Midsomer Norton. Quando perguntaram a Barry qual era o desejo dele, ele não hesitou nem por um segundo. Seu lugar favorito no mundo era onde ele e a família tinham as melhores lembranças, disse ele para Zillah.

Tamsyn, a esposa, agora estava falando com as filhas:

– Nós vamos fazer uma última visita adorável e nos lembraremos dela para sempre, não é?

Se Tamsyn conseguia falar sem cair no choro, não havia desculpa para os demais.

Durante a hora seguinte, passearam pelo abrigo de cachorros onde Barry e Tamsyn tinham se conhecido quando eram passeadores voluntários, visitaram todos os cachorros em seus cubículos e escolheram quais gostariam de levar para passear. Essie ajudou a filha mais velha com um vira-lata saltitante de rabinho agitado chamado Bernard. E então o grupo heterogêneo seguiu por um caminho sinuoso. Conor, que tinha se atrasado por causa do trabalho, chegou para fotografar tudo. Houve gritinhos felizes, muito falatório e risadas, além de uma cacofonia de latidos quando os cachorros viram um esquilo subindo em uma árvore.

– Ele está fugindo! – disse a menina mais velha para Essie, apontando para o bichinho que desapareceu entre os galhos mais altos. – Ele vai até o céu!

Bernard latia e arranhava desesperadamente o tronco com as patas da frente.

– Não seja bobo, Bernard. Você não pode subir lá. Você é um cachorro.

A filha mais nova estava olhando com interesse.

– Mamãe, tem esquilos no céu?

– Ah, eu acho que sim – disse Tamsyn.

– E cachorros?

Tamsyn assentiu e fez carinho na cabeça loura da filha.

– Ah, querida, com certeza. O céu é cheio de cachorros lindos.

– Que bom. Você vai poder passear com eles, papai? Quando for para o céu?

Barry conseguiu abrir um sorriso.

– Vou. Todos os dias.

Essie precisou se virar, porque ele estava olhando para a filha de um jeito comovente, cheio de amor.

Na noite seguinte, Essie estava trabalhando quando Conor chegou, carregando o portfólio.

– Sei que não é segunda-feira – disse ele para Lucas –, mas pensei em trazer a sua foto. Ela não vai ficar exposta só por uma semana, certo? Como o bar é seu, acho que devia deixar em exposição permanente.

Lucas pareceu em dúvida.

– Hum, não sei. Vou decidir depois que vir o resultado.

– Anda, mostra logo! Ele está muito feio? – disse Essie.

– Cuidado – avisou Lucas.

Ela sorriu.

– A gente pode rir? Eu não vou, prometo. Provavelmente.

– Se você rir, está demitida – disse Lucas.

Conor abriu o portfólio e tirou a foto, já na moldura de acrílico.

– Aqui está. Eu estou feliz com ela, pelo menos.

Todos se reuniram em volta para olhar. Essie, ao fundo, ficou feliz de toda a atenção estar no retrato, porque o efeito que teve nela foi visceral. Uma explosão de adrenalina galvanizou seu coração e o fez disparar. O olhar de Lucas capturado pela câmera era muito intenso.

Ali estava ele, com a camisa branca de algodão aberta na altura do pescoço e a calça preta justa, sentado casualmente no banco com um cotovelo apoiado na mesa alta ao lado. O retrato também era em preto e branco e criava sombras embaixo dos olhos e das maçãs do rosto, que estava virado um pouco para a esquerda, mas com os olhos voltados diretamente para a lente da câmera. O mais leve sorriso erguia os cantos da boca, e havia um brilho de humor combinado com impaciência nos olhos escuros. Uma mecha de cabelo tinha caído em cima da testa, como se ele tivesse acabado de balançar a cabeça ao ouvir alguém dizer uma coisa na qual não conseguia acreditar.

– Foi desse jeito que você me olhou no jogo de Natal, quando a outra equipe achou que *Orgulho e preconceito* tinha sido escrito por Jane Eyre – disse Jude.

Sharon, uma das frequentadoras assíduas e nada tímida, se abanou e fez um gesto de luxúria.

– Eu achei fantástico. Ficou um gato.

– Estou satisfeito com a composição – disse Conor. – Funciona bem.

Lucas virou a cabeça e Essie sem querer trocou um olhar com ele. Ele ergueu uma sobrancelha.

– O que achou? Você ainda não disse nada.

Essie engoliu em seco, porque não tinha como dizer o que estava pensando. Ela olhou para o retrato e disse:

– Os olhos acompanham o movimento da gente. Vai fazer o pessoal parar de tentar dar bebida de graça para os amigos.

Lucas riu.

– Nesse caso, melhor a gente pendurar em um lugar onde todo mundo que esteja atrás do balcão possa ver.

Às três da manhã, Lucas acordou assustado, confuso por um momento por estar em um quarto escuro e frio. No sonho, ele estava andando por uma praia de areias brancas sob o sol forte, vendo peixes voadores saltarem acima do mar turquesa. Na mão direita, ele carregava um chapéu de palha. O braço esquerdo estava na cintura de Essie Phillips.

*Certo. Acorda direito agora.*

Ele abriu os olhos e olhou para o teto. Não dava para escolher com quem se sonhava, mas era meio preocupante que, pela terceira vez naquela semana, Essie estivesse presente em seus sonhos.

Pior ainda, aconteceu com ele deitado na cama ao lado da namorada, que, ainda dormindo pesadamente, não fazia ideia de que ele estava em uma praia tropical abraçando outra garota.

Lucas inclinou a cabeça para o lado e olhou para Giselle por um momento. Então saiu silenciosamente da cama, pegou o roupão atoalhado branco e deixou o quarto.

No andar de baixo, acendeu as luzes do bar, fez um café e acrescentou uma dose de conhaque. De sua posição na parede em frente ao balcão, onde Jude tinha decidido que devia ser pendurado, seu retrato o olhava com o que começava a parecer deboche.

Merda, o que estava acontecendo com ele e o que ele devia fazer? A vida era tão mais fácil quando Essie ainda achava que ele era o idiota que tinha enviado o e-mail e estragado a vida dela. Ele quase desejou que o irmão dela não tivesse se sentido culpado a ponto de confessar tudo.

Lucas afastou o olhar do retrato. Ele não devia ter contado a Essie a história da família. Na ocasião, ele quis, *precisou*, mas aquilo só tinha servido para aprofundar a conexão tácita entre eles. A atração que ele sentia por Essie estava crescendo rapidamente, mas Lucas não podia fazer nada a respeito. Ele tinha Giselle, que era o ideal unânime de namorada perfeita, e ele não conseguia acreditar na situação em que se encontrava.

Porque Giselle *era* perfeita. Ela não tinha um único inimigo e era adorada por todos que a conheciam. Era carinhosa, leal, atenciosa, alegre e gentil. Não havia nada a não gostar nela. Os dois se conheceram, se deram bem na mesma hora e os sentimentos só tinham crescido a partir de então. À medida que a relação foi se aprofundando, Lucas supôs que estavam apaixonados. Porque era assim que funcionava, não? Então, quando Giselle começou a encerrar as ligações com um sutil "Te amo!", ele entrou na dança, porque seria grosseria não falar nada. Quando se ficava ansioso para ver alguém, gostava da companhia da pessoa na cama e fora dela e não conseguia imaginar não querer passar tempo com ela no futuro… bem, isso significava que você a amava, certo?

Era o que ele pensara.

Lucas mexeu o café de novo e sentiu o nó em seu peito se apertar cada vez mais em volta do coração. Ele e Giselle estavam juntos havia seis meses; eram vistos como um casal. Mas agora, essa coisa com Essie estava acontecendo e o que ele começava a sentir por ela era surpreendente. Ele se sentia bem mais ansioso do que deveria ao esperar que ela chegasse para o trabalho. Cada vez que Essie ia embora, ele desejava que não tivesse ido. Mas, sendo realista, o que ele podia fazer? Quais eram suas opções? Ele não podia demiti-la. Não

podia pedir que ela se demitisse. Também não podia *ele mesmo* ir embora. Mas continuar trabalhando com ela ficaria cada vez mais…

– Aí está você – disse uma voz baixa atrás dele, e Lucas quase deixou a xícara cair.

Da porta, Giselle sorria, sonolenta, para ele. Os cachos castanhos brilhantes caíam abaixo dos ombros e ela estava usando a camisola listrada de cinza e branco. Ela esfregou os olhos e foi até ele.

– Acordei e você não estava na cama.

– Não estava conseguindo dormir – disse Lucas. – Achei que uma saideira poderia ajudar.

– Café só vai te despertar.

Giselle apoiou a cabeça no ombro dele e colocou a mão no peito nu.

– Está gelado aqui. Como você pode estar tão quente?

Ele flexionou o bíceps.

– Eu sou muito viril.

Giselle riu.

– Por que você não estava conseguindo dormir?

– Não faço ideia, só não estava conseguindo.

Lucas pegou a xícara de café e bebeu tudo de uma vez.

– Vamos tentar de novo, que tal? Desculpa por ter te acordado.

Ela tremeu.

– Estou congelando agora. Você vai ter que me aquecer – disse ela, sem segundas intenções.

Na noite anterior, Giselle tinha terminado o plantão tarde e em poucas horas estaria começando outro. Lucas desceu do banco, passou o braço em volta dela e eles se prepararam para sair do bar.

Antes que ele apagasse as luzes, Giselle apontou para a fotografia dele na parede.

– Quem é aquele cara ali? Ele é bem bonito. Eu daria em cima de um cara assim.

*Se você soubesse o que estava passando na cabeça dele ainda agora, não ficaria tão interessada.*

– Ele vem aqui com frequência. Vou conseguir o número dele para você –

disse Lucas.

# Capítulo 23

Era noite de sexta, finalmente. Aquela semana tinha demorado mais do que o normal a passar. Conor jurou que da próxima vez que convidasse uma mulher para sair e ela parecesse tão interessada quanto ele, ele só diria: "Que tal amanhã?"

Mas lá estava ele, se aproximando do endereço de Belinda em Pucklechurch e se perguntando se ela estaria tão nervosa quanto ele.

Finalmente, seguindo as instruções do GPS, ele entrou na Limes Avenue e parou em frente ao número 36. Antes que ele tivesse tempo de desligar o motor do carro, a porta do 38 se abriu e Caz apareceu contra a luz.

*Que ótimo, exatamente o que eu precisava antes do primeiro encontro.*

Mas quando ele saiu do carro e Caz fez sinal para que se aproximasse, Conor se perguntou se ela ia dizer que o encontro tinha sido cancelado.

– Bom, duas coisas – anunciou Caz quando só um alambrado os separava.

– Uhm? – perguntou Conor.

– Se você magoar ela, vai ter que se ver comigo.

– Oi?

– Você ouviu. Ela merece ser feliz. Seja legal com ela. Não seja um filho da mãe.

– O que te faz pensar que eu seria?

– A maioria dos homens.

– Foi você quem quis apresentar a gente.

– Eu sei. E esse é mais um motivo para ouvir o meu recado e não me decepcionar.

– A gente só vai jantar, só isso. Duvido que alguém se magoe com isso.

Conor se empertigou.

– Posso ir agora?

– Não. Eu falei que eram duas coisas.

Ele suspirou.

– Qual é a segunda?

Caz abriu um sorrisinho.

– Bem, eu ia dizer que tem uma mancha preta na sua bochecha, mas talvez eu nem fale nada.

Merda. Ele tinha parado no caminho para botar gasolina e havia um resíduo de graxa na bomba. Conor bateu nos bolsos da jaqueta em busca de um lenço e não encontrou.

– Vem cá.

Caz pegou um lenço de papel e puxou Conor pelas lapelas para limpar bruscamente a mancha ofensiva na bochecha dele. Por um momento, ele achou que ela fosse cuspir no lenço.

– Pronto. Agora vai lá, e tenham uma ótima noite.

Conor passou a mão pelo rosto e disse com relutância:

– Obrigado.

– Ela é minha amiga. Eu estou do seu lado.

Caz olhou para ele com expressão severa.

– Só não estrague tudo.

Evie, como qualquer adolescente que se preze, estava sentada de pernas cruzadas na frente da televisão da sala, ao mesmo tempo pintando as unhas de roxo e olhando mensagens de texto no celular.

– Oi – disse ela quando Belinda apresentou Conor. – Você se atropelou!

– Como é?

"Atropelar" era uma daquelas palavras reutilizadas cujo significado ele não entendia mais, tipo "irado", "da hora" e "sinistro"?

– Chegou cedo – explicou Evie. – São cinco para as oito.

– Ah, sim. Desculpe. O GPS foi eficiente até demais. Eu teria esperado no carro – disse Conor –, mas sua vizinha quis falar comigo.

– Vou só calçar os sapatos – disse Belinda. – Um minutinho.

Quando ela os deixou sozinhos, Evie perguntou:

– Aonde vamos?

Pela segunda vez, Conor se ouviu dizendo:

– Como é?

– Você vai nos levar para jantar. Eu só queria saber em que restaurante a gente vai.

– Er… ao Giorgio's, em Bath.

Ele poderia pedir para mudar a reserva para três pessoas quando chegassem? Seria possível numa sexta à noite ou…

– Brincadeirinha – disse Evie, e sorriu.

– Ah.

*Ufa*.

– Eu só estava te testando.

– Certo.

– Mas você passou no teste. Isso é uma coisa boa.

– Obrigado. Você pode ir com a gente se quiser.

– Não, tudo bem. Tem Netflix aqui e Caz vai trazer hambúrguer caseiro mais tarde. Os pombinhos podem ir se divertir.

– Ei, você! Pare de ser inconveniente – disse Belinda, voltando com os sapatos e o casaco e dando um beijo na cabeça loura de Evie. – Nós estamos indo. Te vejo mais tarde.

– Tchau. – Evie balançou as unhas roxas para eles. – Comportem-se!

A noite estava indo bem. Sob a luz da vela tremeluzente na mesa entre eles, o rosto de Belinda reluzia. Ela estava usando um vestido azul-petróleo e um colar coral e foi relaxando visivelmente à medida que o jantar avançava.

– Estou adorando – disse ela, em tom confidente. – Obrigada pelo convite, Conor. Você está se divertindo?

Conor tinha superado o nervosismo de primeiro encontro.

– Estou, o que me traz uma preocupação: vou ter que ser grato a Caz?

– Parece que sim. Sinto muito por isso.

– Ela não vai me deixar esquecer nem por um momento.

– Eu juro que Caz não é tão ruim quanto você pensar. E Evie é louca por ela.

– Ah, então ela não pode ser tão ruim.

*Só mandona e cheia de opiniões. E barulhenta.*

– Evie costuma se dar bem com os seus namorados?

Ele sabia que alguns filhos se engajavam fortemente em criar caso quando a mãe ou o pai solo ou divorciado apresentavam algum potencial parceiro. Ser tutora em vez de mãe seria diferente?

– Ah, não precisa ter medo – disse Belinda –, mas você é o primeiro.

Conor olhou para ela com um leve susto.

– Como é? Eu sou seu primeiro encontro? Você quer dizer *da vida*?

– Não da vida, mas desde que Evie veio morar comigo. Faz quatro anos agora.

– Uau.

Isso o fez gostar mais dela.

– Porque você não queria que ela ficasse insegura. Que impressionante.

– O motivo foi esse só nos dois primeiros anos – disse Belinda secamente. – Achei que estava fazendo a coisa certa, até que um dia Evie perguntou por que eu não estava mais saindo e se eu tinha virado lésbica.

– E você tinha?

– Não. Na verdade, ela ficou meio decepcionada. Uma das amigas dela

tem duas mães e Evie achou que seria divertido. Enfim, ela disse que eu realmente devia sair e arrumar um namorado. Aí eu pensei, beleza, vou fazer isso! – disse Belinda, com uma careta. – Só que não foi tão fácil quanto eu imaginava.

Conor assentiu com solidariedade.

– O que aconteceu?

– Bom, acho que eu me tornei mais seletiva. Com Evie, meus padrões acabaram tendo que ficar mais altos. Não posso mais me meter em aventuras loucas de uma noite só… não que eu já tenha sido esse tipo de pessoa, mas, até ela chegar, sempre houve essa opção. E havia o outro lado também. Se você conhecer um estranho aleatório em uma festa e por acaso mencionar que é responsável por uma garota de 14 anos que mora com você, muitos caras desanimam. Os caras em geral não se interessam por alguém como eu, um pacote completo. Eles não querem ter o trabalho. Por que sair comigo, com toda essa bagagem, com tantas outras por aí que são jovens, livres e solteiras?

– Bem, azar o deles – disse Conor, imaginando que os últimos anos deviam ter sido bem difíceis para ela.

Belinda deu de ombros.

– Era o que eu dizia para mim mesma. Se bem que às vezes eu só queria virar a caneca de cerveja na cabeça deles – disse, e deu um sorriso irônico. – Sendo assim, obrigada por me convidar para sair. Sei que talvez a gente não se encontre mais depois de hoje, mas pelo menos você quebrou o padrão. Eu finalmente conheci um cara legal que não fugiu correndo, então um brinde a isso.

– Eu já sei que quero ver você de novo. Se você quiser me ver também – disse Conor.

Os olhos de Belinda cintilaram.

– Sério? Eu gostaria. Muito.

– Que tal amanhã?

– Sim, por favor.

– Maravilha.

Sentindo-se ridiculamente feliz consigo mesmo, ele ergueu a taça e bateu

na dela.

– Está marcado. Saúde.

Quando saíram do restaurante, bem agasalhados, já passava das onze. As estrelas brilhavam.

– Gente, que loucura. Perdi uma das minhas luvas – disse Belinda, batendo nos bolsos. – Como eu posso ter perdido só uma?

Satisfeito pela desculpa, Conor disse:

– Aqui, segura a minha mão.

Ele esticou o braço. Os dedos quentes envolveram os dela, gelados, e ele sentiu o arrepio que acompanhava o tipo certo de contato físico.

Belinda balançou a mão dele enquanto percorriam a York Street.

– Você é uma excelente luva.

Conor sorriu, pois tinha acabado de ver os dois refletidos na vitrine da loja em frente e eles pareciam um casal de verdade.

– Obrigado. E você faz ótimos elogios.

– Ih, gente barulhenta. Vamos atravessar? – sugeriu Belinda.

Havia um grupinho na frente deles, gritando e rindo, saindo de um bar para a calçada. Uma das pessoas girou em volta de um poste; outra deu um pulo, tentando pegar o chapéu do amigo. Uma garota, que tentava equilibrar copos de plástico, gritou de frustração quando caíram no chão e quase caiu junto ao tentar recolhê-los. No momento seguinte, o rosto dela foi iluminado pelos faróis de uma van que passava e Conor a reconheceu.

Um momento depois, a van passou por eles e os faróis também revelaram o rosto de Conor.

– Não acredito – gritou Scarlett, apontando para ele. – É o meu marido ali! Conor, o que é isso? Quem é essa aí com você e por que você não está em casa cuidando dos nossos filhos?

– Ela acha que está sendo engraçada – murmurou Conor quando Scarlett caiu na gargalhada e todos se viraram para olhar para ela.

– Aquilo é… Ela tem cabelo roxo?

– Tem.

– Ela está bêbada?

– Eu não faço ideia.

Belinda pareceu alarmada.

– Ex-namorada?

Scarlett, ainda sorrindo, acenou antes de desaparecer na esquina junto com os amigos barulhentos. Conor expirou de alívio.

– De jeito nenhum.

Eles andaram até o carro. Quando chegaram lá, Belinda apertou a mão dele.

– Sei que parece loucura, mas eu fico pensando que queria contar para Jess. Foi uma noite tão gostosa… Queria que ela soubesse que você me viu na rua e achou que eu era ela. Acho que ela ficaria feliz. Porque agora a gente se conhece e parece coisa do destino, não é?

Ela estava certa. Conor assentiu.

– Parece mesmo.

– Quase como se ela tivesse feito isso acontecer – disse Belinda, e sorriu para ele. – Sinceramente, acho que ela ficaria bem feliz por esse encontro.

# Capítulo 24

A PORTA ESTAVA DESTRANCADA quando Essie chegou ao Red House na manhã seguinte, mas o bar estava vazio. O cheiro fresco de lustra-móveis pairava no ar, o que indicava que Maeve, a faxineira, tinha terminado e ido embora. O som de barris de metal sendo movidos deixou claro que Lucas estava ocupado no porão.

Se bem que ele também estava ali na parede, com a camisa branca aberta no pescoço e a calça preta, olhando para ela com aquele meio-sorriso hipnotizante.

Quem poderia imaginar que um objeto inanimado poderia ser tão atraente e causar uma distração tão grande? Tudo bem que todo mundo olhava e comentava sobre o quanto a foto era linda, mas Essie estava achando quase *impossível* parar de olhar enquanto trabalhava.

O que era bem constrangedor. Essie sabia que precisava parar de fazê-lo antes que as pessoas começassem a notar.

*Pronto, viu? Estou fazendo de novo.*

Ela respirou fundo para se acalmar; a resposta, claramente, era encarar o

problema. Como quando você se apaixona pela música nova da sua banda favorita e não consegue parar de ouvi-la. Com o tempo, o nível de encanto vai passando e o cérebro enjoa a ponto de você acabar não querendo ouvir a música nunca mais.

Superexposição, era disso que ela precisava. E, por muita sorte, não havia ninguém por perto. Essie chegou mais perto da fotografia na parede, pegou o celular e o ergueu. Tirou duas fotos com o flash desligado e mais duas com flash. Sempre que tivesse um minuto, ficaria olhando a foto de Lucas até que a vontade de olhar fosse expurgada do seu organismo. Um último close do rosto, aquele rosto lindo, com aquelas maçãs incríveis e…

– Flashs e mais flashes, meu Deus. Os paparazzi não se cansam! – disse uma voz. – Oi, meu amor, o que você está fazendo? Tirando fotos do chefe? Ele parece um daqueles atores de Hollywood nessa foto, não é?

Maeve tinha levantado a cabeça sobre o encosto do sofá de veludo vermelho e Essie nunca tinha sentido tanta vergonha. Ela bateu com o celular no peito.

– Meu Deus, que susto. Achei que você tivesse terminado e ido para casa.

– Não, amor. Estava tirando o pó desses rodapés e uma marca do chão aqui! Coisinha teimosa, acho que foi vinho tinto.

Maeve balançou a lata de removedor de manchas e o paninho de microfibra como prova.

– Você sabe que eu não gosto de ir embora enquanto o trabalho não está terminado! Por que você estava tirando fotos da foto do chefe, amor?

– Eu… hum…

Ah, Deus, por que mesmo? Essie teve um branco e não estava conseguindo pensar em um motivo plausível por nada desse mundo.

– Que celular você está usando? Vamos ver.

Depois de sair de detrás do sofá, Maeve se aproximou e olhou o aparelho.

– Ah, que bom, eu sei usar esse. Quer que eu tire uma sua do lado da foto?

*O quê?*

– Não, não, obrigada, não precisa.

– Vamos lá, não seja tímida, vai ser tipo uma selfie, só que quem vai tirar não vai ser você!

Maeve esticou a mão para pegar o celular de Essie e fez um movimento com o braço.

– Vai para perto da parede, boa menina, fica bem pertinho dele…

Esse foi o momento, *claro que foi*, em que Lucas fechou a porta do porão e disse:

– Posso perguntar o que está acontecendo aqui?

Infelizmente, era uma pergunta retórica e negar simplesmente não adiantaria de nada.

– Eu só estou tirando uma foto bonita da Essie ao lado da sua foto! – disse Maeve.

Lucas ergueu uma sobrancelha.

– E você está fazendo isso porque…

– Porque é o que ela queria que eu fizesse – disse Maeve.

– Não queria, não – disse Essie. – Não queria mesmo. Foi ideia sua – acrescentou, olhando para Maeve.

– Ah, bom, dá no mesmo – disse Maeve, à vontade. – Eu a vi tirando um monte de fotos da sua foto e pensei em me oferecer. Todo mundo gosta de aparecer nas próprias fotos, não é? Estava fazendo um favor, só isso.

Ah, Deus…

– Você é uma boa mulher – disse Lucas, conseguindo ficar sério. – Continue.

Maeve foi visivelmente tomada de uma inspiração.

– Ah, mas por que usar uma foto quando se tem o verdadeiro aqui? O homem em pessoa! Você não se importaria, não é Lucas? Vai ali e fica do lado da Essie, não vai demorar nadinha…

– Não precisa – declarou Essie. – Está tudo bem. Eu tenho que começar a trabalhar agora.

– Mas…

– E você também tem que ir – disse Lucas, apontando para o relógio. – Olha a hora.

Depois que Maeve tinha saído, os dois trabalharam juntos em silêncio, preparando o bar para a abertura. Finalmente, como ela soube que ele faria, Lucas disse:

– Eu ainda estou intrigado.

Essie estava se preparando para encher o balde de gelo.

– Certo.

– Você não achou que eu ia deixar para lá, não é? Eu tenho que perguntar.

As bochechas dela arderam enquanto a torrente de cubos caía da máquina de gelo.

– Eu estava conversando com Scarlett pelo celular hoje de manhã. Ela queria saber como era o retrato.

– Ah.

– Foi só isso. Nada de mais.

– Tudo bem.

– Por que você está me olhando assim?

– Por nada – disse Lucas. – Só que Scarlett veio aqui ontem. Ela já viu.

No dia seguinte, a campainha tocou quando Essie estava finalizando a maquiagem para o turno da tarde no Red House.

Para poupar Zillah de ter que atender, Essie desceu correndo para abrir a porta. A primeira coisa que viu foi um buquê enorme de tulipas multicoloridas. Sentiu o ar ficar preso na garganta: tulipas multicoloridas eram suas flores favoritas e a única pessoa que sabia disso era Paul. Ela amava o prazer que ele sempre tinha em surpreendê-la com flores…

Quando seus olhos recaíram na pessoa que segurava o buquê, ela avistou Tamsyn, esposa de Barry.

Ótimo. Era mesmo hora de parar de pensar em Paul.

– Eu trouxe para Zillah, como forma de agradecer por providenciar o desejo do Barry – explicou Tamsyn. – Ela está?

Só quando as três estavam juntas na cozinha de Zillah, Tamsyn disse:

– Barry partiu ontem de manhã.

– Ah, não. Ah, minha menina querida…

Zillah balançou a cabeça em consternação.

– Sinto muito.

Tamsyn estava com os olhos secos, pálida, mas composta.

– Ele não sentiu dor no fim, o que foi um alívio. Isso sempre foi uma preocupação para ele. Bem, eu só queria agradecer por vocês tornarem nosso último fim de semana tão especial. Vocês nos deram um dia perfeito e nós nunca vamos esquecer.

Zillah ficou comovida.

– Nós ficamos felizes por ter podido ajudar de alguma forma.

– E ajudaram mesmo. As meninas não pararam de falar naquele dia. Aqui, elas fizeram isto.

Tamsyn abriu a bolsa e tirou um envelope. Dentro havia um cartão cuidadosamente feito à mão com canetinha colorida, exibindo a visita da família ao abrigo de cachorros. Todo mundo estava sorrindo e acenando, cercado de arco-íris e cachorros balançando os rabinhos.

– Que lindo – disse Essie.

– Agora elas têm lembranças maravilhosas da última vez que saíram com o pai e nós nunca seremos capazes de agradecer. Eu as deixei com os meus pais por uma hora para vir aqui, mas agora preciso voltar.

Tamsyn deu um abraço apertado em Essie e Zillah.

– Eu tenho muito a fazer, muito a organizar. Preciso fazer tudo certinho. Não posso decepcionar o Barry.

– E não vai. Barry nos contou como sentia orgulho de você – disse Zillah. – Ele disse que você foi a melhor esposa que ele poderia ter desejado na vida. Não foi? – perguntou ela a Essie para confirmação.

Essie queria falar, mas havia um caroço do tamanho de uma bola de golfe em sua garganta, porque como Tamsyn podia ser tão corajosa se o amor da vida dela tinha acabado de morrer?

Ela só assentiu, e Tamsyn disse simplesmente:

– Ah, quem teve sorte fui eu, podem acreditar. Tive a chance de ser esposa daquele homem.

# Capítulo 25

– Oi – disse Lucas quando se viram sozinhos pela segunda vez em dois dias. – Como você está? Tudo bem?

Era quase meia-noite e eles estavam terminando de arrumar tudo depois de uma noite de domingo agitada. Jude tinha ido embora dez minutos antes. Essie tinha trabalhado sem parar e fizera uma cara alegre para os clientes, mas, por dentro, escondia uma bola de tensão e emoções contraditórias.

Quase ninguém repararia, mas Lucas tinha reparado.

Claro que sim; ele tinha uma percepção extrassensorial ou algo surreal do tipo. Ele baixou a voz em tom preocupado:

– Quer conversar?

Essie engoliu em seco. Ah, e ainda por cima ela estava para menstruar, o que significava que seus hormônios estavam loucos e a fazendo se sentir bem pior. Mas ela provavelmente não mencionaria isso.

– Vamos lá. Alguma coisa chateou você.

Ele bateu no banco ao lado e se encostou no bar.

– É seu irmão?

– Não. Ao menos não dessa vez.

Essie se sentou e tentou não inspirar o perfume perturbador da loção pós-barba dele.

– Notícias do ex?

Ela fez que não.

– Então me conta.

– É que… eu não entendo como a vida pode ser assim.

Ok, hora da enxurrada de emoções acumuladas.

– Por que parece que nada acontece com esse tanto de gente ruim que existe no mundo? Como pode elas continuarem sendo horríveis e se safando? E por que com as pessoas muito boas, que nunca fazem nada de mal, sempre acontece alguma tragédia que destrói a vida delas? Elas não merecem, mas acontece mesmo assim, e é tão *injusto*.

A expressão de Lucas mudou.

– O que aconteceu? Essie, me conta. De você que estamos falando?

Essie balançou a cabeça com desespero.

– Não, não. É de uma pessoa que conheci outro dia. Ele se casou com o primeiro amor e eles eram muito felizes juntos, e as filhas deles são incríveis, mas ontem ele morreu, era paciente terminal. Ela tem a minha idade, está sendo tão corajosa… Mas o que ela fez para merecer isso? Nada, absolutamente nada.

Para o horror dela, Essie percebeu que havia lágrimas descendo pelas bochechas.

– Parte meu coração e me deixa com muita raiva, porque, qual o sentido de tentar ser uma boa pessoa se você vai acabar sendo punida assim?

– A vida não é justa. Você sabe que não é – disse Lucas.

– Eu *sei*, mas continua não sendo justo que não seja justa.

Que ótimo, e agora ela estava falando nada com nada. E havia tantas outras coisas que ela não podia dizer. Quando Tamsyn chegou à porta da casa com aquelas tulipas, ela pensou, por uma fração de segundo, que eram de Paul. Mas, sendo completamente sincera, ela já tinha amado Paul tanto quanto Tamsyn e Barry se amavam? Não, ela tinha certeza de que não.

Além do mais, ainda havia os sentimentos reprimidos em relação à Lucas, tão errados que ela não podia revelá-los para ninguém, muito menos para o *próprio*. Porque talvez outras garotas gostassem do desafio de acabar com um relacionamento feliz, mas com certeza eram pessoas ruins que não se importavam em ser responsáveis pelo sofrimento alheio. E Essie *não era* esse tipo de pessoa.

Quando se deu conta de que estava aos prantos, Essie esfregou as duas mãos com impaciência nas bochechas; nunca tinha sido de chorar, principalmente em público, mas pensar em Tamsyn e naquelas duas garotinhas tendo que lidar com a perda de Barry era insuportável.

– Aqui.

Lucas lhe entregou um guardanapo vermelho e as mãos deles se tocaram brevemente. O contato físico só aumentou a confusão no cérebro dela, que se encolheu e disse:

– Ah, desculpa. – Ela secou os olhos de novo. – Eu estou com rímel para todo lado? Devo estar um pavor.

– Bem… – disse Lucas. – Sabe o Kiss…?

Essie olhou para ele, perplexa. Do que diabos aquele homem estava falando? E por que ele estava olhando para a boca de Essie como se *quisesse* beijá-la e…

Em voz alta, ela murmurou:

– Como é?

– Você sabe. A banda. Gene Simmons. Maquiagem preta na cara toda.

*Ergh*, lógico. Que vergonha. E, agora, ele estava pegando outro guardanapo e chegando bem perto.

– Aqui, deixa comigo. Você conseguiu ficar com rímel até no queixo e isso é um feito e tanto. Fica parada.

Essie não conseguiu olhar para ele; fechou os olhos doloridos e prendeu o ar enquanto Lucas limpava delicadamente as partes afetadas do rosto. A pele dela parecia estar em chamas. Será que ele conseguia perceber como o coração dela estava batendo rápido? Ele tinha *alguma* ideia do efeito que sua proximidade causava nela?

A porta da frente tinha se aberto silenciosamente; só quando sentiu o ar

frio de fora na bochecha foi que Essie abriu os olhos e viu Giselle indo na direção deles.

*Ah, Deus, o que ela deve estar pensando agora?*

– Essie! Ah, não, o que houve? Lucas, espero que isso não seja culpa sua!

Giselle largou a bolsa no chão, se ajoelhou e tirou um pacote de lenços demaquilantes, depois tirou o guardanapo sujo de rímel da mão dele.

– Vamos lá, vamos fazer isso direito. Ele não foi horrível com você, foi?

– Ei, eu nunca sou horrível – protestou Lucas.

– Não foi ele.

Essie olhou para Giselle enquanto, com eficiência e compaixão de enfermeira, ela assumia a tarefa.

– Eu soube hoje que uma pessoa ótima morreu. E eu sempre uso rímel à prova d'água, mas hoje de manhã comprei sem querer um novo que não era. Mas achei que ficaria tudo bem porque eu nunca choro.

– Coitada. Lei de Murphy, né? Aposto que você ficou com sentimentos horríveis presos no peito a noite toda, crescendo como uma panela de pressão até você não conseguir mais segurar e tudo sair.

Essie assentiu com gratidão.

– Foi exatamente isso.

– Ah, eu sei, acontece com a gente no trabalho o tempo todo. Às vezes um paciente nos afeta, nós criamos um laço… é lógico que ficamos chateados quando um paciente morre. Seria preciso ter um coração de pedra para não ficar. Pronto, resolvido.

Ela deu um passo para trás, observando a missão cumprida.

– Você continua linda. Seu tom de pele é lindo, adoraria que a minha fosse assim.

Essie desceu do banco.

– Muito obrigada – agradeceu ela, e apontou para os cachos castanhos de Giselle. – E eu sempre quis um cabelo como o seu.

– Ah, bem, acho que nós todas queremos o que não podemos ter – disse Giselle com um sorriso caloroso.

Só quando Essie caminhava pela praça gelada foi que passou pela sua cabeça se perguntar, culpadamente, se aquela última frase tinha sido apenas

modo de falar ou se Giselle sabia o que ela tinha começado a sentir por Lucas. Será que ela havia pressentido o desejo em Essie? Aquela declaração final tinha sido o jeito de Giselle pontuar delicadamente que Lucas já era comprometido, que pertencia a outra pessoa?

Com um tremor, ela se perguntou se os dois estavam cientes da atração crescente dela por ele. Será que ficavam deitados na cama falando sobre o assunto? Giselle fazia provocações com Lucas? Ele ria?

E será que contaria a Giselle que Essie *quase* se inclinara na direção dos lábios dele?

Porque, se ele falasse, *ah, Deus…*

Mais culpa.

De pé desde cedo para esperar a entrega dos barris de cerveja, Lucas preparou um café forte e esperou no alto da escada que o caminhão parasse lá fora.

Dali ele enxergava o outro lado da praça gelada e via as janelas do apartamento de Essie. Na noite anterior, ele quis tanto beijá-la que foi preciso todo seu autocontrole para se segurar. Foi como ser adolescente de novo, quando o fato de estar saindo com uma garota não impedia que você se sentisse atraído por outra. Naquela época, ele gostava de ser o centro das atenções femininas; os relacionamentos não eram para durar nem se tornar sérios. E ele tinha aproveitado todas as oportunidades, o que lhe rendera certa reputação. Mas ser adolescente era isso, não era? Diversão, não levar a vida a sério demais, porque havia muito tempo para isso depois de crescer.

Com o passar do tempo, no entanto, Lucas percebeu que brincar com as emoções das meninas não era algo de que se orgulhar. Conhecer uma pessoa e passar tempo com ela era bem mais gratificante do que dormir por aí com estranhas e depois ter que ficar fugindo delas.

Uma daquelas lições de vida que acabavam chegando para todos. Talvez sua vida familiar não muito feliz o tivesse ajudado a enxergar isso antes dos

amigos. Depois de deixar os casos de uma noite só para trás, Lucas prometeu nunca mais trair uma garota. Não valia o desgaste emocional. Dali em diante, ele seria fiel, seria uma pessoa melhor, mais gentil. Além do mais, sua consciência ficaria limpa.

Havia muito a dizer sobre isso.

Até ali, Lucas tinha achado fácil seguir essa filosofia. E foi por isso que aquela situação com Essie o pegou totalmente de surpresa. A intensidade dos sentimentos que tinha por ela o chocava. Pior de tudo, na noite anterior ele sabia que Giselle chegaria para passar a noite com ele, mas, enquanto ouvia Essie e limpava seu rosto manchado de lágrimas, ainda assim quis, mais do que tudo, tomá-la nos braços e beijá-la.

Lucas expirou, mudou de posição e se perguntou o que estava acontecendo com ele. Aquela não era a pessoa que ele queria ser.

Do outro lado da praça, a porta do número 23 se abriu e sua pulsação acelerou. Mas não era Essie. Zillah saiu usando um casaco azul-marinho elegante, um chapéu fúcsia e um cachecol combinando. Ela acenou ao vê-lo e Lucas levantou a mão em resposta. Ela entrou no Mercedes e saiu dirigindo. No momento seguinte, o caminhão da cervejaria dobrou a esquina chegando com a entrega.

Cinquenta minutos depois, Lucas subiu com uma caneca de café fresco e um sanduíche de bacon, entrou no quarto e se sentou na cama.

– Oi. Trouxe o café.

– Qual é o motivo disso? – perguntou Giselle, sorrindo.

*Culpa* era a resposta. Mas Lucas disse:

– Precisa de motivo?

– Onde está o seu sanduíche?

– Já comi enquanto fazia o seu. E, não, eu não esqueci – acrescentou ele enquanto levantava a fatia superior do pão. – Ketchup de um lado, molho inglês do outro.

– Você faz sanduíches muito bem. E eu não mereço depois de ontem à noite.

Ela deu uma cutucada brincalhona nele com o pé descalço.

– Desculpa por ter caído no sono daquele jeito. Eu apaguei como uma

lâmpada.

– Eu reparei.

Na verdade, ele ficou agradecido pelo descanso; confuso como estava, teria sido errado se envolver em qualquer atividade sexual.

– Eu estava exausta – disse Giselle, que bocejou e se contorceu embaixo do edredom. – Hum, que delícia… Será que você pode pegar um copo de água?

– Seu café está aqui.

– Eu sei. Mas eu queria água primeiro.

Havia copos no banheiro. Enquanto enchia um com água fresca, Lucas disse:

– Que horas você e Kelly vão sair?

Kelly, amiga de Giselle e também enfermeira, vinha buscá-la para fazer compras no shopping em Cribbs Causeway, nos arredores de Bristol.

Ele voltou do banheiro com a água e Giselle franziu o nariz.

– Acho que vou mandar uma mensagem e cancelar. Não estou muito a fim de fazer compras hoje. E você, o que vai fazer?

– Tenho reunião com o contador, depois vou para a oficina para a vistoria do carro. Jude vai ficar até eu voltar, lá pelas duas – disse ele, e olhou para o relógio. – Na verdade, preciso pegar a papelada e ir andando.

– Tudo bem, vai lá. Vou ficar aqui de preguiça, talvez dormir mais um pouco – disse ela, e esticou os braços para ele. – Até mais tarde.

Lucas se curvou para dar um beijo nela.

– Então tchau. Não deixa o café esfriar.

Quando ele voltou, às 13h30, Giselle tinha ido para o hospital, para o plantão da tarde. Tinha deixado a cama meio arrumada, o que sempre o fazia rir; no trabalho tudo era cheio de cantos geométricos, cobertas esticadas e imaculadas, mas fora do hospital o edredom sempre estava jogado de qualquer jeito. Na mesa de cabeceira estava a caneca de café vazia, o copo de água e o prato cheio de migalhas.

Giselle também tinha aumentado o aquecimento depois que ele saiu, o que significava que o quarto estava um forno. Lucas foi até a janela de guilhotina e a abriu para deixar entrar um ar frio muito necessário. Foi nesse

momento que avistou algo no telhado da propriedade que ficava atrás do Red House.

Ele parou na hora.

Sério?

Ele olhou de novo. Ok, aquilo era um mistério.

Não fazia sentido nenhum.

# Capítulo 26

NA MANHÃ SEGUINTE, Lucas acordou cedo outra vez. Giselle tinha passado a noite lá e ele a deixara dormindo para supervisionar as entregas do dia.

Quando tudo estava resolvido lá embaixo, ele levou um café para ela.

– Quer que eu faça um sanduíche de bacon para você?

Giselle balançou a cabeça.

– Não, obrigada. Não estou com fome.

Cinco minutos depois, ele disse:

– Não vai beber o café?

Ela pensou bem.

– Não estou com muita vontade de café agora. O gosto está meio estranho.

Foi nesse momento que Lucas teve certeza. Ele também se deu conta de que Giselle não sabia.

– Você está meio pálida – disse ele, embora não fosse verdade. – Está se

sentindo bem?

– Ah, tem um vírus se espalhando lá no trabalho. – Giselle fez uma careta. – Duas pessoas ficaram doentes ontem. Mas eu vou ficar bem.

Lucas se preparou mentalmente; o tempo pareceu desacelerar. Ele poderia ter perguntado no dia anterior, mas se segurou e guardou a pergunta até ter certeza. Até aquele momento.

– Tinha uma mancha de café na lateral da pia do banheiro ontem. Você jogou fora o que eu fiz, antes de ir embora?

Giselle riu alto.

– *Rá*, pega no flagra. Parabéns, Sherlock Holmes! Mas é essa marca nova que você comprou. Já falei, o gosto é estranho.

Era o mesmo café que ele sempre tinha comprado. E ela continuava sem ter a menor ideia.

– Você também não comeu o sanduíche de bacon – disse Lucas.

Desta vez, ela corou.

– Como você sabe?

Ele indicou a janela.

– Avistei ele no telhado da outra casa.

– Ah, desculpa!

Com vergonha e rindo de novo, Giselle explicou:

– Eu só não estava com vontade de comer, mas você tinha feito um esforço tão grande e eu não consegui pensar em como me livrar dele. Só que o plano era jogar no quintal lá embaixo. Eu não acreditei quando vi que ele tinha ficado preso naquele telhado idiota! Fiquei rezando para algum pássaro descer voando e pegar o troço todo antes de você voltar para casa e ver.

– Não se preocupa, não tem problema.

Lucas abriu um sorriso breve enquanto, por dentro, seu coração disparou.

– Eu só fiquei me perguntando por que você tinha feito isso. Seu sanduíche favorito é o de bacon.

Giselle deu de ombros.

– Eu sei, também não entendi! Mas aí ouvi falar do vírus e achei que pudesse ser isso.

Mesmo sendo enfermeira, nem tinha passado pela cabeça dela. Lucas se

sentou na lateral da cama e pegou a mão dela.

– Olha, eu não quero te assustar, mas você acha que pode ter algum outro motivo?

Giselle o encarou. Em seguida, ficou paralisada de descrença, e desta vez ele viu a cor sumir do rosto já pálido. Por um momento, quando ela levou a mão à boca, ele achou que ela fosse vomitar.

– Ah, meu Deus…

– Sua menstruação está atrasada?

– Não sei.

Agora ela estava corada, a respiração rápida e irregular.

– Não sei dizer. Você sabe como é o meu ciclo. Ah, Lucas, você acha que eu posso estar… Ah, meu *Deus*.

– Calma. Pensa bem. Quando foi a última?

– No final de dezembro? Hã… Meu Deus, socorro, não consigo me concentrar.

Giselle balançou as mãos, em pânico.

– Ou talvez um pouco antes disso, antes de eu ir para casa no Natal…

Ele viu medo nos olhos dela.

– Mais de seis semanas atrás?

– Mas isso não é incomum para mim! – disse ela, e agarrou o braço dele. – Nossa, agora estou me sentindo enjoada… não consigo nem pensar direito. Isso é péssimo, Lucas… eu não sei lidar…

Em estado de choque, Giselle tremia da cabeça aos pés. Era compreensível. Que efeito uma gravidez poderia ter na carreira dela, entre outras coisas? Lucas assumiu o controle e falou de forma tranquilizadora:

– Olha, a primeira coisa que a gente precisa é ter certeza.

Ainda havia uma pequena chance, afinal, de ela ter pegado o tal vírus de um colega de hospital.

*Por favor, Deus.*

Os olhos de Giselle estavam enormes.

– Você pode sair e comprar um teste?

– Bom, um de nós vai ter que ir.

– Você vai ser mais rápido.

*Verdade.*

– Tudo bem, eu vou. Você vai precisar fazer xixi num palito, não é?

Ela assentiu, ainda trêmula.

– Nesse caso, fica longe do banheiro até eu voltar.

Lucas entrou na primeira farmácia, mas saiu assim que viu um dos seus clientes dentro da loja. Na segunda, deu de cara com Scarlett, a amiga de Essie, comprando uma escova de cabelo. Na terceira, conseguiu comprar dois testes de gravidez sem encontrar ninguém e sem ser visto por nenhum conhecido.

Ele nunca tinha se sentido tanto como um agente secreto, só que não de um jeito bom. Sinceramente, Giselle não era a única pessoa enjoada aquela manhã. Em teoria, claro, ele sempre pensou em ser pai um dia, mas em algum momento no futuro, não naquele ano. Por outro lado, jamais sonharia em dizer isso para Giselle. Ela era sua namorada, afinal. Eles eram um casal. Se fossem ter um bebê juntos… bem, ele não podia abandoná-la. Se fosse acontecer, ele seria corajoso e faria o melhor possível. E, com sorte, tudo daria certo depois que o bebê chegasse e eles caíssem de amores pelo filho ou filha, como certamente aconteceria.

O problema é que o *timing* não podia ser pior. Bem quando ele estava começando a se dar conta de que… *Não, não pense. Nem comece.*

Quando saiu da farmácia, ele quase deu um pulo de um quilômetro quando uma mão pesada caiu em suas costas e uma voz berrou:

– Opa, que tenso! O que você estava comprando aí, hein? Algo constrangedor? Está comprando o estoque de Viagra do mês que vem, é? Rá-rá-rá!

O dono da voz alta e mão pesada era um cliente chamado Brendan Banks, que se achava a alma de todos os encontros sociais, mas de quem ninguém gostava. Lucas conseguiu abrir um sorriso sem graça.

– Só analgésico. A noite ontem foi meio pesada.

– Ah, sei bem como é! Dor de cabeça, né? – disse Brendan, dando outra batidinha jovial no ombro dele. – A melhor cura pra ressaca é outro drinque!

Se ao menos álcool resolvesse…

Aliviado de escapar, Lucas chegou na Percival Square, mas o destino

ainda não tinha terminado de brincar com ele. Quando estava passando pelo número 23, ele olhou para o segundo andar na hora em que a janela estava sendo fechada e teve um vislumbre do cabelo louro e da jaqueta vermelha de Essie.

No momento seguinte, Zillah saiu, tão elegante como sempre com um chapéu clochê cinza-prateado e um casaco longo combinando com a calça azul-clara. Ela se virou e chamou da escada:

– Vamos, querida, anda logo!

Lucas ouviu o barulho de passos na escada e Essie se juntou a Zillah na calçada.

– Bom dia!

Diamantes brilharam sob o sol gelado quando Zillah balançou os dedos para ele e disse com alegria:

– Não se preocupe, eu não vou tirá-la de você. Ela vai voltar a tempo do trabalho. Nós só vamos sair para fazer umas comprinhas.

– Não tem problema – respondeu ele, se obrigando a parecer tão feliz e relaxado quanto Zillah. – Até mais.

Ele tinha conseguido disfarçar? Deus, ele mal conseguiu encarar Essie. Se alguma coisa a levaria para longe dele, essa coisa eram os dois pacotinhos escondidos no bolso interno do casaco. Em cinco minutos, saberiam.

Demorou menos do que isso, na verdade. Giselle, com a bexiga explodindo, gritou:

– Ah, graças a Deus, você demorou uma *vida*.

Ela pegou os pacotes da mão dele.

– Você precisa ler as instru…

– Você está brincando? É só fazer xixi no palito, não tem mistério.

– Qual você vai usar primeiro?

Giselle olhou para ele sem acreditar, os músculos contraídos.

– Lucas, o nome disso é ser multitarefas. Eu vou fazer xixi nos dois ao mesmo tempo.

Ele ficou do lado de fora do banheiro enquanto ela fazia o que tinha que fazer. Quando ela saiu, eles esperaram em silêncio a passagem dos segundos.

E ali estava: uma linha azul a mais e uma breve declaração em letras cor-

de-rosa: GRÁVIDA.

Ele tivera esperanças de que não fosse verdade, mas, no fundo, achava que seria.

– Ah, Lucas – disse ela, com a voz entrecortada. – Eu não sei o que dizer.

– Está tudo bem.

– A gente sempre tomou tanto cuidado.

– Eu sei. Mas essas coisas acontecem.

Ela caiu nos braços de Lucas e ele a abraçou apertado. Porque não era culpa de nenhum dos dois. Aquelas coisas aconteciam *mesmo* de vez em quando; as pessoas só torciam para não acontecerem com elas.

– Desculpa.

A voz dela soou trêmula e falhou quando ela lutou contra as lágrimas.

– Não diz isso. Está tudo bem. Nós vamos enfrentar a situação – murmurou ele, fazendo carinho no cabelo dela, pois que outra resposta poderia haver?

– Eu não consigo parar de tremer. Não acredito que uma hora atrás tudo estava normal… e agora *isso* está acontecendo. Nós vamos ter um bebê de verdade.

Eles iam? Ele abraçou Giselle e olhou para além dela sem dizer nada. Mas ela sentiu a mudança na respiração dele e recuou para encará-lo.

– Eu não posso não ter, Lucas. Deus sabe que a gente não planejou que isso acontecesse… mas eu não posso fazer isso. Por favor, não me peça isso.

– Eu jamais pediria isso. Claro que não.

Ele balançou a cabeça e enxugou uma lágrima que estava descendo pela lateral do nariz dela.

– Seria mais fácil, eu sei. Mas eu não conseguiria passar por isso.

– Tudo bem, não se preocupa.

– Mas e quanto a nós? Você e eu? Digo, estamos juntos há seis meses e tudo tem sido ótimo, não tem? A gente se dá tão bem… eu te amo e você disse que também me ama. A não ser que você só estivesse querendo me agradar.

– Claro que não foi só para te agradar.

Pareceu a coisa certa a dizer na hora.

– Então… se você estava falando sério, talvez isso não precise ser um desastre tão grande. A amiga da minha mãe ficou grávida na primeira vez que dormiu com um cara. Eles só se conheciam havia dois meses quando descobriram. E isso foi trinta anos atrás e os dois continuam casados e felizes!

Lucas assentiu. Ele precisava apoiá-la, ficar do lado dela. Ela estava certa: às vezes, essas coisas aconteciam e tudo acabava bem. Eles se conheciam bem. Todo mundo amava Giselle. Ele também achava que a amava até bem recentemente, quando Essie entrou na sua vida e suas emoções ficaram todas bagunçadas em um redemoinho de incerteza e confusão.

Mas agora, estavam diante daquele fato e qualquer possibilidade de escolha que ele tivesse vislumbrado estava destruída.

Giselle estava grávida, de um filho dele.

E Essie não.

Era hora de ser homem e aceitar que a vida ia mudar. De uma forma bem drástica.

– Vai ficar tudo bem? – perguntou Giselle.

Quando ela tocou no rosto dele, Lucas viu o medo nos olhos dela.

Era seu dever acalmá-la.

Ele a beijou.

– É claro que vai.

# Capítulo 27

Quando se tinha recursos limitados e um prédio cheio de casos merecedores, como se escolhia o que merecia mais?

Zillah, ao chegar ao Lar St. Paul, viu Elspeth no salão matinal vazio, polindo vigorosamente as portas de vidro que levavam ao terraço e ao jardim coberto de geada.

– Oi, querida. Recebi sua mensagem.

Elspeth desceu da cadeira.

Desde que a equipe do local cuidara de seu marido em seus últimos meses de vida, uma década antes, ela se tornara uma voluntária entusiasmada, ajudando como pudesse. Naturalmente falante e empática, ela também era ótima ouvinte.

– Bom dia, Zillah! É a senhora do quarto oito. O nome dela é Barbara.

– Há quanto tempo ela está aqui?

– Há quase três semanas. É uma pessoa adorável – disse, e então baixou a voz. – A questão é que só ontem, quando eu comecei a conversar com a irmã

dela, foi que descobri que Barbara tinha criado uma filha, Gail, sozinha. E, no ano passado… Espere, preciso fechar a porta…

Depois que tinha ouvido a história, Zillah bateu na porta aberta do quarto 8 e se apresentou para Barbara. Ela explicou sobre os pequenos desejos que tentava conceder e disse:

– Elspeth me contou sobre a situação com sua filha. Deve ser muito difícil para você.

– É, sim, mas não tem jeito.

Barbara apontou para duas fotos em porta-retratos prateados simples no parapeito da janela.

– Ali está ela, a minha linda menina. A da esquerda foi tirada no dia do casamento dela. E a outra é mais recente… Ah, o meu coração fica a ponto de explodir quando olho para ela. Ela é meu mundo todinho… sempre foi, desde o dia em que nasceu.

Zillah observou as fotos. Gail tinha cabelo ondulado claro, olhos sorridentes e bochechas coradas. Na segunda foto, aparecia grávida.

– Essa foi tirada dois meses atrás – explicou Barbara. – Logo antes da minha recidiva.

– Você não contou logo para ela?

– Não consegui. Pobre Gail, ela teria insistido em pegar o primeiro voo e eu não poderia fazê-la passar por isso, não na condição dela.

Barbara fez uma pausa.

– Eu estava bem havia mais de dois anos quando o marido dela recebeu uma proposta de emprego em Sydney. Nós achamos que o câncer era coisa do passado. E os médicos sempre avisaram que ela teria dificuldade para engravidar, então imagine a alegria quando ela soube que tinha conseguido. O plano era eu ir para a Austrália passar um período longo assim que o bebê nascesse…

Barbara suspirou.

– Mas o destino decidiu diferente.

– Mas agora ela sabe – disse Zillah.

– Ah, sim, claro. Mas já é tarde demais. Ela está com trinta e oito semanas agora. Nenhuma companhia aérea permitiria que ela viajasse para casa.

Para a segurança de todos, Barbara tinha desistido de sua última chance de abraçar a filha e o neto. E agora, sua condição piorava a cada dia.

– Ah, querida, mas que sorte de vocês terem tido uma à outra pelo tempo que tiveram.

– Com certeza – respondeu Barbara. – Eu queria que tivesse sido mais, mas fazer o quê? Eu não poderia ter pedido filha melhor, eu sei disso.

– E eu queria poder ter uma varinha mágica que deixasse tudo melhor, mas não tenho – disse Zillah. – Você se lembra de Elspeth ter perguntado ontem sobre o dia mais feliz da sua vida?

– Lembro. E só havia uma resposta possível.

Ela olhou para Zillah, sorrindo.

– Ela já te contou, não foi? Dá para perceber. É por isso que você está aqui?

Zillah se sentou na cadeira ao lado da cama.

– Como disse, eu não tenho como produzir um milagre. Mas vamos dizer que por acaso eu conheço o lugar que você mencionou para Elspeth e tenho um plano em mente.

Do lado de fora do Frog and Ferret, em Pucklechurch, na noite de quinta, estava um frio horroroso e chovia canivetes.

Lá dentro, estava chovendo homens.

Conor balançou a cabeça achando graça das luzes multicoloridas que brilhavam em volta do palco e da música que saía dos alto-falantes. Caz, segurando o microfone com exagero, se dedicava à música.

Ao lado dele, Belinda batia palmas no ritmo e cantava o refrão, assim como todo mundo no bar. Claro que “It’s Raining Men” era a música de Caz; ela nunca seria do tipo que canta “Ave Maria”. Ela vestia um macacão decotado prateado e branco de fazer os olhos saltarem da cara, uma coisa meio Elvis nos últimos anos de vida. Mas até Conor tinha que admitir que a

voz dela não era ruim. Ela conseguia sustentar a melodia e entreter a plateia. Todo mundo estava amando.

E era aniversário de Caz, então Conor tinha prometido ser legal com ela a noite toda. O que poderia ser difícil, mas ele se esforçaria muito.

A música finalmente acabou, com aplausos entusiasmados e até Conor aplaudiu. Viram? Ele sabia ser legal. No palco, Caz escolheu aquele momento para agradecer a todos por estarem presentes para comemorar o aniversário dela e por deixarem que ela monopolizasse o karaokê.

– … afinal, se não der para ter tudo do seu jeito no dia do seu aniversário, qual é o sentido, não é? Então queria agradecer de novo a todo mundo, e até o ano que vem! Viva!

– Viva! – ecoou a plateia cativa, erguendo copos.

– E, já que estou aqui, quero também dizer como é bom ver minha amiga Belinda com essa cara feliz. Graças a mim, que encontrei aquele cara ali pra ela. Acena para nós, Conor, para todo mundo te ver!

– Não – disse Conor, com risadas gerais em volta. – Para de tentar me exibir.

Ela se virou para falar com a plateia.

– Não paro, não. É *tão* divertido! – disse Caz. – Mas tudo bem, o Conor não gosta muito de mim e também me irrita, mas não importa, porque ele e Belinda se gostam muito. E eu estou bem feliz de ela ter encontrado alguém depois de tanto tempo. Evie, você gosta dele? Qual é seu veredito, amor?

Evie, que pôde participar porque era uma ocasião especial, fez sinal de positivo.

– Eu aprovo! Ele me ajudou com o dever de matemática ontem, então está bom para mim.

O que foi constrangedor e também legal ao mesmo tempo, porque Evie se curvou e deu um beijo na bochecha dele. Todo mundo no bar disse "*Ahhh*" e Belinda sussurrou:

– Caz não estaria fazendo isso se você a irritasse. Ela te ama – disse, e, depois de uma pausa, acrescentou: – E ela não é a única.

Conor levou um susto, mas, ao ver Belinda inclinar a cabeça, logo se deu conta de que ela estava falando de Evie.

Outra pessoa subiu ao palco e começou a cantar "Bat Out of Hell". Caz dançou com Evie na frente dos alto-falantes. Sentado ali, olhando para as duas, os dedos entrelaçados com os de Belinda, Conor percebeu que era assim que uma subcelebridade devia se sentir: apesar de não conhecer a maioria das pessoas, estava ciente de que todos olhavam para ele e falavam sobre ele.

Bem, parecia que ele e Belinda agora eram oficialmente um casal.

E quem imaginaria? Mas é algo que nunca se sabe até acontecer com você, certo?

Ainda parecia impossível acreditar que apenas duas semanas antes eles nem sequer tinham tido o primeiro encontro. A sinceridade adorável de - Belinda naquela noite permitiu que ele admitisse que a atração entre eles era mútua. O segundo encontro aconteceu na noite seguinte, seguido de outro três noites depois. E agora, ali estavam eles, um casal de fato. Fora as horas passadas trabalhando e dormindo, eles quase não tinham ficado separados desde então.

Era uma situação feliz de se estar vivendo. Belinda era ótima e a sobrinha dela também; a relação com Evie era fácil, o que foi um bônus. Se bem que, como Belinda já tinha dito, que bom que as coisas tinham sido assim. Ela não se envolveria com alguém que não estivesse pronto para amar Evie também.

Sorrindo sozinho, Conor ficou olhando Evie e Caz deslizarem pela pista de dança no estilo Meatloaf. Seu celular começou a vibrar no peito e ele o tirou do bolso da camisa. Quando o nome de Zillah apareceu na tela, ele mostrou o celular para Belinda, que estava ao lado da máquina de karaokê e disse só com o movimento dos lábios: *Vou atender lá fora.*

A música ainda estava tão alta no corredor que Conor teve que ir para uma pista de boliche deserta ao lado para fugir dela.

– Oi, sumido! Como você está?

– Tudo ótimo.

Conor mal a tinha visto naquela semana porque chegava tarde em casa toda noite e saía cedo para trabalhar na manhã seguinte.

– Tudo indo bem.

– Que boa notícia. Você merece ser feliz – disse Zillah calorosamente. –

Escuta, liguei porque estou organizando outro desejo. Como está sua agenda no domingo à tarde? Estaria livre ou fica ruim para você?

– Domingo à tarde… – Conor hesitou, o coração se apertando. Domingo era Dia de São Valentim. Além do mais, a prima de Belinda tinha ligado para convidá-los para almoçar nesse dia. Mas, se era a data que Zillah estava sugerindo, significava que ela já havia contratado a ambulância particular.

– Você vai estar ocupado, já percebi. Querido, não se preocupe, tudo bem. Scarlett está aqui com Essie e disse que adoraria tirar as fotos.

– Ah, é?

Sinceramente, qual era a daquela garota?

– Eu não fazia ideia de que ela era fotógrafa profissional.

Tarde demais, ele reconheceu o eco metálico do outro lado da linha e se deu conta de que Zillah tinha colocado no viva-voz. Houve um som de movimento seguido de Scarlett retorquindo com indignação no ouvido dele:

– Você também não é profissional. Mas meu tio era e me ensinou bastante coisa. Eu sou boa!

– Achei que aos domingos você tinha a barraca no mercado vintage – disse Conor.

– Vou pedir para minha mãe ir no meu lugar. Ela gosta de ajudar.

– Que câmera você tem?

– Bem, Zillah disse que você não se importaria de me emprestar uma das suas.

Conor expirou; na última vez que tinha visto Scarlett, ela estava fazendo malabarismo na rua, sem sucesso, cercada de copos de plástico desmoronados. Ele que não confiaria sua preciosa Nikon a ela.

– Eu vou – disse ele.

Scarlett respondeu com esperança:

– Me emprestar a câmera?

– Não – disse ele, firme. – Vou lá no domingo tirar as fotos.

Ele quase conseguiu ouvi-la revirando os olhos de repulsa.

– Por quê? Você não confia em mim?

*Exatamente isso*. Mas, lembrando que ainda estava no viva-voz, ele disse:

– Eu confio em você, mas esses momentos são importantes e, se alguma

coisa der errado, as fotos não poderão ser tiradas de novo. Tudo deve estar perfeito.

– E você está dizendo que eu não sou capaz?

Scarlett estava fingindo indignação agora.

– Eu só não quero que nada dê errado.

– Eu posso parar de gostar de você, sabia? – disse Scarlett.

*Meu Deus*, pensou Conor, *como eu queria que você fizesse isso.*

# Capítulo 28

Conor guardou o celular e se preparou para voltar para o bar. Quando estava prestes a abrir a porta da viela, ouviu vozes no corredor lá fora.

À menção de seu nome, parou para escutar.

– Cadê o Conor?

Era Evie.

– Ele foi atender uma ligação, deve estar lá fora. Bem, eu não vou estragar meu cabelo. Volte até Belinda, vou ficar esperando ele aqui. Ele não vai demorar, não com essa chuva – respondeu Caz.

– Tudo bem – disse Evie. – Mas seja sutil.

Caz soltou uma gargalhada.

– Eu? Eu sempre sou. Sutil é meu sobrenome!

Conor ouviu os passos de Evie se afastarem. Ouviu Caz cantando baixinho "It's Raining Men". Finalmente, abriu a porta e fingiu surpresa ao vê-la ali.

– Ah, oi. Eu estava no celular.

– Essa parte costuma ficar trancada quando não está em uso.

Caz estava com os olhos apertados de desconfiança.

– É? Bem, não estava hoje.

Ela passou por ele e olhou lá dentro, para a direita e para a esquerda.

– O que você está fazendo? – perguntou Conor.

– Só conferindo se você não estava aprontando aí dentro com outra pessoa.

– Oi? Isso é *sério*?

Caz deu de ombros.

– Se você *estivesse* aprontando, não seria o primeiro. E você é responsabilidade minha, não esqueça. Eu encontrei você, fui responsável por juntar você com Belinda. Eu sou o motivo de você estar aqui agora.

– E eu já falei para ela, não sou do tipo que apronta. Nunca traí nenhuma namorada na vida.

– É o que todos dizem, não é? – Caz fez uma pausa. – Não fica aborrecido comigo. Só estou cuidando da minha amiga.

– Certo.

– Ela gosta de você. E muito.

– Eu também gosto dela.

– Mas você ainda não dormiu com ela, não é?

– Ah, meu Deus – disse Conor, então encarou Caz. – E isso por acaso é da sua conta?

– Eu só queria saber se tem algum problema, só isso.

– Não tem problema nenhum.

Caz deu uma piscadela maliciosa.

– Tem certeza? Nenhuma peculiaridade ou excentricidade que você talvez tenha medo de que a espante?

– Eu tenho certeza. Nenhuma peculiaridade ou excentricidade.

Conor não conseguia acreditar que estava tendo aquela conversa. Parecia um interrogatório.

– Então por que não rolou nada ainda?

Conor estava sem paciência.

– Será que a gente pode parar com isso?

– É por causa da Evie?

Sem conseguir responder, Conor fechou os olhos; claro que era por causa de Evie. A perspectiva de passar a noite na cama de Belinda enquanto Evie dormia no quarto ao lado, separada deles apenas por uma parede fina, era perturbadora demais para ser contemplada. Mas a alternativa, que era Belinda passar a noite no apartamento dele, também parecia fora de questão. Com 16 anos, Evie tinha idade para ficar em casa sozinha, mas Belinda não conseguia fazer isso com medo de que ela se sentisse abandonada e insegura. Segundo a explicação que dera a ele, era um momento difícil emocionalmente. Evie era uma adolescente a poucos meses de fazer as provas finais do ensino médio, ela precisava saber que tinha a atenção total de Belinda. E a tia não podia correr o risco de chateá-la naquele momento.

Ao menos tinha sido esse o argumento que ela dera. Ele não estava acostumado a lidar com adolescentes, mas, considerando as circunstâncias, fazia sentido.

Caz ainda estava esperando por uma resposta. Conor suspirou.

– Sim, é por causa da Evie.

– Sabia.

Caz pegou um pacote de chiclete no sutiã e colocou um na boca.

– Excelente contraceptivo ter os ouvidinhos dela no quarto ao lado, né?

Ele assentiu.

– É por isso que ela vai dormir na minha casa hoje. Está tudo combinado. Vamos torcer para você estar usando sua cueca da sorte, hein? Porque vai acontecer, finalmente!

– Eu… você não pode… – gaguejou Conor, sem palavras.

– Eu sei, eu sou brilhante. Primeiro, resolvi esse deserto árido que era sua vida amorosa, agora vou resolver sua vida sexual também. Pode me chamar de fada madrinha.

Aquela mulher era um pesadelo. Mas, inegavelmente, um pesadelo prático. Com relutância, Conor superou a consternação e percebeu que precisava aceitar de bom grado. Caz tinha resolvido seu problema e ser grato era o mínimo que poderia fazer.

– Obrigado – disse ele obedientemente.

– “Obrigado, Fada Madrinha” – instruiu Caz.

– Obrigado, Fada Madrinha.

– Diga: “Você é incrível, linda, atenciosa e generosa.”

Ele sorriu.

– Aí você já está forçando um pouco a barra.

– Tudo bem, então me dá um beijo.

Caz se inclinou para a frente e bateu na lateral do rosto.

Conor deu um beijo na bochecha dela.

– Você não é tão ruim quanto gosta de parecer, não é?

– Eu diria que sou fantástica, considerando que agora o anticoncepcional humano está indo para a minha casa – disse ela, e balançou a cabeça. – O que significa que *eu* não vou levar ninguém para casa hoje. *No meu aniversário.*

Felizmente, a chuva havia parado quando saíram do bar e foram caminhando até a Limes Avenue. Era quase meia-noite, mas isso não impediu Caz de ir cantando “Single Ladies” e batendo os saltos imitando a Beyoncé pelo caminho.

– Vem – disse ela, segurando a mão de Belinda. – Você também ainda é uma *single lady*, mocinha. Ele ainda não botou anel nenhum no seu dedo.

Enquanto as duas dançavam pela rua, Evie foi andando ao lado de Conor.

– Eu vou dormir na casa da Caz hoje, sabia?

– Acho que ela mencionou – disse Conor, assentindo casualmente.

Sob o brilho da luz laranja do poste, Evie inclinou a cabeça para espiar a expressão dele.

– E ela foi… sutil?

– Não que desse para notar.

– Ah, putz. Mas foi legal da parte dela pensar nisso, não foi?

– Eu… acho que sim.

De todas as conversas excruciantes e constrangedoras para se ter com

uma adolescente de 16 anos, ele estava tendo justamente a pior de todas. Conor chegou para o lado para escapar de uma poça.

– Belinda gosta muito de você. Está sendo ótimo vê-la feliz assim nessas últimas semanas.

– Ah, que bom.

– E Caz disse que até gente velha como você e a Belinda gosta de fazer sexo às vezes – disse Evie, com animação. – É por isso que vou passar a noite na casa dela.

No escuro, a poça seguinte pegou Conor desprevenido e era tão funda que entrou água no sapato dele.

Na manhã seguinte, Conor tinha ajustado o alarme do celular para tocar às sete. E foi melhor assim, pois às 7h02 uma mensagem apitou no celular de Belinda, acompanhada de uma música da Beyoncé.

Belinda ainda estava de olhos fechados.

– Caz.

– Quem poderia imaginar? – disse ele.

– Você pode pegar meu celular?

Estava na cômoda branca antiga e chique do lado dele da cama. Conor não pretendia olhar a mensagem, mas as palavras na tela iluminada meio que saltaram na cara dele.

*Bom dia! Que nota de zero a dez?? Espero que ele não tenha um pinto pequenininho! Bjs*

– O que foi? – perguntou Belinda quando ele fez um ruído de indignação.

– Não sei como você é amiga dela – disse ele, virando a tela para que Belinda pudesse ler. – Se você não se importar, eu vou responder.

Ele digitou:

*A melhor da minha vida. Nota 20. O oposto de pequenininho.*

– Não sei se eu concordo – disse Belinda quando ele enviou.

– Não?

– Não.

Ela passou o braço pelo pescoço dele e deu um beijo leve em seus lábios.

– Vinte e cinco de dez, pelo menos. Talvez trinta.

Ele riu e puxou o corpo quente e nu dela para perto. Imediatamente, o celular dela se iluminou de novo.

*Rá, vamos ver se eu adivinho: foi Conor que escreveu.*

– O que eu te falei? – disse Belinda. – Ela está sempre certa.

Quarenta minutos depois, Conor estava pronto para ir embora, mas Belinda o agarrou.

– Eu queria que você não tivesse que ir embora. Se a gente pudesse tirar o dia de folga e ficar aqui juntos…

– Mas, infelizmente, nós temos que trabalhar – lembrou Conor.

– Eu sei. Pelo menos é sexta e temos todo o fim de semana pela frente. Mal posso esperar para você conhecer Annette e Bill no domingo… você vai adorar os dois!

Merda.

Com o interrogatório de Caz na pista de boliche e os arranjos subsequentes para o resto da noite, Conor se esquecera de falar com Belinda.

– Droga, esqueci de dizer… A ligação que eu precisei anteder ontem no bar era da Zillah. Eu não vou poder ir no domingo. Ela vai precisar da minha ajuda à tarde.

– Ah, não! – disse Belinda, consternada. – Sério? Mas está tudo planejado… eu não posso cancelar agora, Conor. Eles estão muito ansiosos para te conhecer!

– Olha, eu sinto muito, mas não precisa cancelar por minha causa. Você e Evie podem ir e eu posso conhecê-los outro dia.

– Mas é dia dos namorados e eu queria te exibir! Você não pode dizer para Zillah que tem compromisso?

Conor balançou a cabeça.

– Ela está organizando um dos desejos.

– Ah, mas são só fotos. Não tem outra pessoa que possa fazer isso?

Conor se manteve firme.

– Não. E eu quero ir. Não vou deixar Zillah na mão.

# Capítulo 29

Estava tudo bem entre Lucas e Giselle? Uma mudança nítida acontecera entre eles durante a semana, um distanciamento bem de leve, um ar de distração.

Não que as pessoas parecessem ter reparado, mas Essie tinha. Por outro lado, havia uma boa chance de que nem os outros funcionários, nem os clientes tivessem uma paixonite por Lucas, então as pessoas não prestavam tanta atenção nele quanto ela.

Enquanto o observava discretamente naquele momento, uma noite de sexta, Essie viu que a distância ainda estava lá. Mas ele estava guardando para si. Durante um período tranquilo no bar mais cedo, ela perguntara se ele estava bem, e por um breve momento pareceu que ele estava prestes a dizer alguma coisa, como se estivesse tentado a dividir com ela o que se passava em sua cabeça. Mas só sacudiu a cabeça e falou que estava bem, depois se virou e se ocupou com a registradora.

Mas ele não estava bem. Tinha algo acontecendo, e apesar de Essie se

odiar por pensar nisso, um problema no relacionamento dele com Giselle talvez pudesse… com sorte… *possivelmente*… ser uma boa notícia para ela.

*Meu Deus, eu sou uma pessoa horrível.*

Ah, mas se os dois talvez percebessem que não formavam o par perfeito que todos achavam e tivessem um daqueles términos amigáveis, sem sofrimento, não seria a melhor resposta possível aos seus sonhos?

– Essie…

– Sim?

Ah, socorro, agora ele estava bem atrás dela, com sorte, não leria sua mente. Essie se virou parcialmente e a pele formigou com a proximidade inesperada dos corpos atrás do espaço exíguo atrás do balcão. Sinceramente, participar do *Dança dos Famosos* devia ser tipo aquilo. Com tanto contato físico, era de se admirar que as emoções corressem soltas?

– Preciso comprar mais limão – disse Lucas de um jeito um tanto casual. – Depois da festa da tequila essa tarde, o estoque está quase acabando. Não vou demorar, mas, se Giselle aparecer antes de eu voltar, você pode pedir para ela me esperar lá em cima?

– Tudo bem, pode deixar. Ou você prefere que eu vá comprar o limão?

Lucas balançou a cabeça.

– Não, tudo bem. Eu compro. Não vou levar mais do que vinte minutos.

Quinze minutos depois, a porta se abriu e Giselle apareceu, com um casaco laranja-queimado e um cachecol de tricô combinando. Aquilo, somado ao cabelo castanho, a deixava linda.

– Aqui está ela!

Brendan Banks, na posição de sempre, apoiado no balcão, fez sinal para Giselle se juntar a ele.

– A minha garota favorita! Vem aqui, vem aqui. Quando acabar entre você e o Lucas, eu sou o próximo da fila, ok? Não esquece.

Ele sorriu para Essie e disse em voz alta:

– Ela não é incrível?

Um dos lados ruins de trabalhar em um bar era ter que sorrir educadamente e tolerar os comentários desagradáveis feitos por clientes que se achavam irresistíveis e hilários. Como namorada do dono do bar, Giselle

estava na mesma posição. Ela e Essie trocaram um olhar de apoio mútuo e Giselle disse:

– Oi, Brendan, como vai? Tudo bem?

– Nunca estive melhor, coisa linda! Vamos, senta aqui comigo.

Ele puxou um banco alto e deu batidinhas nele.

– Eu estou bem de pé.

Em vez de se sentar no banco oferecido, ao lado da máquina de café, Giselle foi para a direita e olhou em volta.

– E o Lucas?

– Ah, não se preocupa com ele, ele foi se encontrar com uma outra namorada. Fica aqui comigo, eu cuido de você.

Giselle sorriu para Essie e, fora do campo de visão de Brendan, revirou os olhos com bom humor.

– O limão acabou e Lucas deu um pulinho na rua pra comprar mais – explicou Essie. – Ele disse pra você subir.

– Acho que vou esperar aqui um pouco. Queria uma coisa para beber.

Giselle enfiou a mão na bolsa de camurça.

– Essie, você pode me dar…

– Não, não! Pode ir guardando essa bolsa.

Brendan fez um gesto ultrajado de galanteio com as mãos grandes.

– Eu cuido disso. Essie, ela vai tomar uma taça grande de Merlot.

Giselle fez que não.

– Na verdade, não…

– Não faça essa desfeita, poxa vida. Eu insisto. Só estou te oferecendo uma bebida.

– Eu sei – disse ela, em tom conciliador. – E é muita gentileza sua. Mas não quero vinho, estou com vontade de suco de maçã.

– Na-na-ni-na-não – rebateu Brendan, perplexo. – Que besteira é essa? Sextou, garota! Toma uma taça de vinho!

– De verdade – disse Giselle. – Eu prefiro suco de maçã.

Brendan deu uma risada debochada de novo.

– Não sei por que você ia querer isso. Você está grávida, por acaso?

Foi um daqueles raros momentos em que a pergunta impensada de

alguém coincide com um silêncio palpável na conversa em geral. Em qualquer outro momento, teria passado despercebido, mas não naquela ocasião. Para falar a verdade, Brendan sempre parecia estar berrando em um megafone.

Mas, quando as cabeças se viraram na direção deles, foi a reação de Giselle que a entregou. Se ela tivesse rido, descartado o comentário como a piada que devia ser, todo mundo teria voltado às suas conversas e a questão teria sido esquecida em questão de segundos.

Mas a pele ultraclara dela ficou rosada, ainda mais rosada, até chegar a um tom inquestionável de vermelho.

Um caso clássico de corar ainda mais ao perceber que está corando.

A cor contrastou horrivelmente com o casaco e o cachecol laranja.

E agora, todo mundo no bar estava olhando para ela. Inclusive Brendan, que berrou no silêncio:

– Caramba, você *está mesmo* grávida!

A porta se abriu e Lucas entrou, emoldurado pelo batente. Todas as cabeças, inclusive a de Giselle, se viraram na direção dele.

Foi bem no estilo daquele filme *Duelo de fogo*.

Lucas, que estava carregando um saco de limões, perguntou:

– O que está acontecendo?

Por uma fração de segundo, Essie achou que era novidade para ele também. Mas viu o olhar que Giselle lançou para ele e o motivo do ar de preocupação dos últimos dias ficou evidente. Ele sabia, obviamente.

– Eu pedi uma bebida sem álcool em vez de uma taça de vinho e Brendan fez uma piada – disse Giselle. – Eu fiquei vermelha e acabei entregando o jogo.

Ela sorriu e atravessou o salão para passar o braço na cintura de Lucas, depois se virou e falou com todos no bar.

– Bem, nós íamos tentar guardar a notícia por mais tempo, mas… já que o segredo foi revelado… Lucas e eu estamos esperando um bebê e nós não podíamos estar mais felizes!

O bar todo explodiu em gritos e aplausos. Lucas abraçou Giselle e Brendan gritou:

– Parece que hoje as bebidas são por sua conta, então, hein?! Desde que

você não tente empurrar para nós essa porcaria de suco de maçã!

– Você está certíssimo. Agora que todo mundo sabe, podemos comemorar. Jude, pode tirar o Moët da geladeira? E vamos precisar de mais taças…

Essie, no piloto automático, se ocupou de pegar taças de champanhe e enfileirá-las no tampo lustroso do balcão. Era essa a recompensa por nutrir sonhos secretos. Era o fim, um fim definitivo, da fantasia que ela vinha desenvolvendo, na qual Lucas e Giselle tinham uma separação totalmente amigável.

Claro que isso não aconteceria agora. Eles não eram mais só um casal, estavam a caminho de se tornar uma família.

E agora todo mundo estava chegando mais perto, se reunindo em volta do balcão semicircular para parabenizar os futuros pais e participar das comemorações. Jude trouxe as garrafas de champanhe, Lucas tirava as rolhas com habilidade e Giselle ouvia de todos que estava com aparência maravilhosa.

Enquanto recolhia copos vazios, Essie se concentrou em dizer para si mesma que nada tinha mudado. Ela não tinha perdido Lucas porque ele nunca tinha sido dela. Ele e Giselle teriam um bebê; só cabia a ela ficar feliz por eles e desejar tudo de bom. Momentos depois, percebendo tardiamente que Giselle ainda não tinha recebido a bebida, ela serviu o suco de maçã.

– Aqui está. E parabéns.

Giselle pegou a bebida com alívio.

– Ah, obrigada. Todos estão sendo tão gentis. É até irônico – confidenciou ela. – Todo mundo está dizendo como estou bem, mas quando Brendan tentou me botar sentada ao lado da máquina de café, o cheiro me deixou completamente enjoada. Minha cara está mesmo legal?

Os olhos castanhos enormes estavam límpidos, a pele claríssima estava impecável. Essie respondeu com sinceridade:

– Você está incrível.

Em retribuição, Giselle a abraçou.

– Obrigada. Você é um amor. Ainda não consigo acreditar que isso tudo está acontecendo. Obviamente, não foi planejado, mas parece tão certo, sabe?

E nós dois estamos animados… Eu nem consigo explicar como a notícia nos deixou felizes e…

Quando as palavras dela ficaram no ar, Essie se virou e viu Lucas chamando Giselle para se juntar a ele. Quando todos estavam com uma taça em mãos, Lucas, com Giselle ao lado, ergueu sua taça.

– Hoje é um dia especial. Obrigado a todos vocês por estarem aqui e compartilharem esse momento conosco. À Gi, a mim e ao nosso bebê.

– À Gi, ao Lucas e ao bebê! – disseram todos, batendo as taças umas nas outras. – Saúde!

E Essie, pegando tardiamente uma taça para si, viu lágrimas de felicidade brotarem nos lindos olhos castanhos de Giselle.

# Capítulo 30

– Esse lugar é lindíssimo – comentou Essie.

Eles tinham chegado ao vilarejo de Colworth e entraram por um dos portões com pilares de pedra. Seguiram pela estrada estreita que corria na beira de um rio margeado por juncos antes de subir por uma ponte em arco e se aproximarem do hotel coberto de hera.

O Colworth Manor Hotel era uma das pérolas das Cotswolds. A gerente, que se chamava Daisy, os tinha visto parando e agora se aproximava para cumprimentá-los. Ela era alta, de cabelo escuro e sorriso largo, e apertou as mãos de Essie e Conor para em seguida dar um abraço apertado em Zillah.

– Oi, que bom ver você de novo. Faz tanto tempo! E olha só você, glamourosa como sempre. Preciso dizer que seu e-mail me fez chorar.

– Assim que eu soube que ela queria vir para Colworth, tive certeza de que tudo ficaria bem. Eu sabia que você não me decepcionaria. Como está Hector?

– Estou ótimo – anunciou o homem de aparência distinta que devia ser o pai de Daisy e estava saindo do hotel com dois cachorrinhos dançando ao

redor de seus sapatos engraxados. – Calma, vocês dois! Esse é Clive e essa aqui é Clarissa – explicou ele para o grupo antes de cumprimentar Zillah com um beijo carinhoso em cada bochecha. – Querida, me lembra de novo por que nós nunca nos casamos?

Zillah riu e puxou a gravata rosa-dourada que ele estava usando com o terno escuro de corte impecável.

– Acho que foi porque você estava ocupado demais tendo um caso secreto com sua futura esposa.

– Ah, é, foi isso.

O olhar de Hector passou por ela e foi até a ambulância particular que atravessava a ponte de pedra atrás deles.

– E lá vem nossa convidada. Daisy, tudo pronto?

Daisy se curvou para pegar o menor dos dois cachorros.

– Pai, eu alguma vez já deixei alguma coisa desandar? Tudo está perfeito.

Quando Barbara foi tirada da ambulância e reapresentada a Daisy e Hector, Essie estava com a ligação de Skype conectada. Ao entrarem no hotel, ela colocou o iPad nas mãos de Barbara.

– Aqui está.

– Mãe, oi!

Na tela do iPad, diretamente de Sydney, na Austrália, Gail acenava e mostrava a barriga embaixo do vestido amarelo. – Olha, estou maior! Estou *enorme*!

– Ah, querida, nós estamos aqui! Em Colworth Manor!

– Estou vendo exatamente onde você está – comentou Gail.

A maca era levada pelo corredor de painéis de carvalho, o fogo ardendo com alegria na lareira.

– Eu quase consigo sentir o cheiro de fumaça. Tia Peggy está aí com você?

– Espere aí, esse jovem simpático está tirando muitas fotos para lembrarmos o dia de hoje. Peggy ainda não chegou – explicou Barbara para a filha. – Tem uma obra na M4 e ela está presa no trânsito, mas vai chegar daqui a pouco.

– Que coragem fazerem uma obra com a tia Peggy precisando usar a rodovia – disse Gail.

Eles pararam na entrada do salão de festas.

– Está quase idêntico! – exclamou Gail pela tela. – Vocês não fizeram isso só para nós!

– Não – disse Hector. – Vai ter uma recepção de casamento aqui às seis, mas, mesmo se não tivesse – acrescentou ele, galantemente –, é claro que teríamos feito só para vocês.

– Ele é um amor.

Zillah deu uma cutucada carinhosa nele.

O salão de festas estava banhado pela luz dourada vinda dos dois lustres, e cada uma das mesas circulares estava decorada em branco e prateado. Havia velas, luzinhas dentro de garrafas e buquês de flores brancas amarrados com laços de tecido fino.

Os olhos de Barbara estavam iluminados de alegria.

– Ah, querida, parece o dia do seu casamento de novo.

– Você estava com aquele vestido cor-de-rosa lindo, mãe – lembrou Gail. – Não imagina o orgulho que senti quando você se levantou e fez aquele discurso…

– Cheguei, Cheguei! Desculpem o atraso! Aquelas obras malditas são uma abominação.

Essie observou a irmã mais velha de Barbara entrar correndo no salão. Com 60 e poucos anos, Peggy tinha cabelo castanho na altura do ombro e estava usando moletom azul desbotado e largo e calça jeans clara. Ela deu um beijo na testa de Barbara.

– Barb, como você está? Como se sente estando aqui de novo?

– É maravilhoso – respondeu ela, tocando no rosto da irmã com afeto genuíno. – Se eu pudesse me levantar dessa geringonça, estaria dançando.

– E eu estaria dançando com você – disse Hector.

Essie percebeu que Conor não estava mais tirando fotos. Estava um pouco afastado do restante do grupo, atrás de Hector e Peggy, olhando para a telinha da câmera. E estava parado na mesma posição havia vários segundos.

Enquanto os outros continuavam a conversa, Essie esticou o braço e tocou no dele.

– Você está bem?

Conor mal sentiu a mão de Essie no braço, mas conseguiu assentir e dizer com movimentos labiais *Estou bem*. O restante do cérebro operava em velocidade máxima.

Até o momento, a irmã de Barbara não tinha nem olhado na direção dele. Era compreensível que toda a atenção dela estivesse concentrada em Barbara. Mas, quando ela olhasse para ele, ficaria chocada.

Ah, mas e quanto a ela! A transformação era incrível. Quem poderia imaginar que a mulher parada na frente dele naquele momento era a chefe do escritório que ele tinha abandonado?

Porque Peggy, a irmã de Barbara, era Margaret Kale, e Conor não conseguia se lembrar de tê-la visto sorrir enquanto trabalhava para ela. No trabalho, ela sempre estava com o cabelo preso em um coque apertado e usava ternos escuros. Seu jeito era sempre brusco e impiedosamente eficiente. Embaixo das lapelas do paletó havia um coração de gelo maciço.

Mas agora, ali estava ela, vestida de um jeito informal e parecendo dez anos mais jovem, rindo enquanto fazia uma piada com a sobrinha na Austrália e acariciava a mão da irmã com uma doença terminal.

Depois de se recuperar e voltar a fotografar, Conor conseguiu capturar o exato momento em que ela reparou nele pela primeira vez. O sorriso dela sumiu e os olhos se arregalaram em reconhecimento.

Ele abriu um leve sorriso.

– Oi, Margaret.

– Oi, Conor.

Zillah pareceu surpresa.

– Vocês se conhecem?

Depois de hesitar por um momento, Margaret respondeu:

– Conor já trabalhou para mim.

E Zillah, juntando dois mais dois rapidamente, disse:

– Ah, entendo.

Mas agora não era hora para explicações constrangidas, então Conor se

limitou a dizer:

– Bom ver você de novo. Agora, vamos tirar mais fotos?

E, na tela do iPad, Gail disse:

– Ah, o bebê está chutando! Mãe, olha, dá para ver? Isso é um pé!

Vinte minutos depois, uma Barbara visivelmente cansada foi levada ao banheiro pelos paramédicos antes de entrar na ambulância outra vez. Margaret fez um sinal discreto para Conor.

– Podemos conversar rapidamente?

Ele a seguiu até o lado de fora e eles se sentaram juntos em um banco de madeira na frente de um chafariz de pedra.

– Me desculpe – disse Margaret, sem perder tempo. – De verdade. E você pode não acreditar, mas eu quase fiz contato com você um monte de vezes nos últimos dois anos.

Essa era a última coisa que Conor esperava ouvir.

– Por quê?

– Porque eu queria agradecer por me fazer repensar a minha vida. Você foi o catalisador para isso. Eu estava cega, egoísta, excessivamente motivada. Nada importava, só o trabalho. E vencer a qualquer custo.

Conor assentiu. Isso era verdade.

– Depois que você saiu, eu supus que esqueceria o que tinha acontecido. Mas aquilo não saiu da minha cabeça. Aí, Barbara ficou doente, e de repente eu me dei conta de que estar viva era mais importante do que ter sucesso. Essa foi a segunda metade do meu despertar. Quando Barbara melhorou, eu soube que precisava mudar a minha vida. Comecei a trabalhar meio período e a fazer ioga. Eu também tenho cachorros agora – continuou Margaret. – E sou doida por eles. Depois de décadas, finalmente aprendi a relaxar.

Conor não conseguiu resistir.

– Exceto no que diz respeito a obras rodoviárias.

– Bom, ainda estou aprendendo – disse ela, e abriu um sorriso breve. – Talvez, um dia, ficar presa no trânsito não me deixe louca. Mas ainda não virei santa, nem a Noviça Rebelde.

– Então você pensou em fazer contato – disse Conor –, mas não fez. Por quê?

– Eu não sabia se você ia querer saber de mim. Além do mais, você tinha deixado sua antiga vida para trás. Eu pesquisei seu nome no Google, encontrei seu site, vi que estava fazendo algo que gostava.

– Estava – disse ele, comovido com a admissão dela. – Ainda estou.

– Você ganha menos, imagino?

Achando graça, ele respondeu:

– Bem menos.

– E você também se dedica a isso – disse ela, apontando para a câmera. – É maravilhoso! Eu não fazia ideia.

– Eu amo fazer parte disso, mas Zillah é a força motriz. É ela que custeia e planeja tudo. Eu só venho e tiro as fotos.

– E o resto da sua vida? Você se casou? Tem filhos?

– Ainda não.

– Está com alguém?

– Estou.

Era tão estranho ouvir aquelas perguntas vindas de Margaret Kale.

– E é sério?

– Nós não estamos juntos há muito tempo. Mas está indo… bem.

Ele queria contar a ela sobre Belinda e Evie, explicar a fatídica conexão entre os quatro? Conor hesitou, porque tinha sido justamente essa conexão que parecera convencer a todos de que aquela relação estava predestinada. Como se, depois de encontrarem um ao outro, ele e Belinda não pudessem se separar.

Ele foi poupado de tomar a decisão pelo ruído metálico das rodas quando as portas se abriram e a maca foi conduzida pela rampa.

– Bem, seja como for, obrigada – disse Margaret, ficando de pé. – Estou feliz em saber que está feliz agora. E estou extremamente feliz por você ter me feito repensar a minha vida.

Os minutos seguintes se passaram em uma confusão de despedidas enquanto Barbara era acomodada na ambulância. Finalmente, quando Daisy e Hector tinham voltado para o hotel e enquanto Zillah e Essie estavam voltando para o carro, Conor disse:

– Margaret?

Ela se virou, e ele sentiu uma pontada de afeição que nunca tinha esperado sentir por sua implacável ex-chefe.

– Sim?

– Obrigado por me contar. – Ele abriu um sorriso. – Também estou feliz.

Quando pegou o celular na segunda-feira, Lucas se preparou mentalmente para fazer a ligação. Como era possível amar alguém e temer a perspectiva de falar com a pessoa? Era de se pensar, depois de tantos anos, que ele já estaria acostumado. Mas a sensação de desgraça iminente e a inquietação nunca passavam.

Cinco minutos depois, a missão estava cumprida. Tinha falado com a mãe e agora estaria livre por mais duas semanas. Ela não tinha gritado nem chorado, o que foi um bônus. Pareceu bem, embora distante, como sempre. Lucas sempre tinha a impressão de que ela preferiria estar fazendo qualquer outra coisa a falar com ele. Bem, havia uma boa chance de isso ser verdade. Certamente ela passava a ligação inteira olhando para o relógio, desejando mentalmente que ele desligasse o celular para ela poder continuar fazendo a única coisa que realmente gostava de fazer…

Que inferno, que jeito de viver, que confusão!

Giselle saiu do banheiro usando o roupão dele, grande demais nela, e secando o cabelo com a toalha.

– Ligou para ela?

– Liguei.

– E como ela está?

– Bem.

O que mais havia para dizer?

– Você contou?

– Não.

– Ela é sua mãe, Lucas. Vai precisar saber em algum momento.

– Eu sei, mas ainda não. Ainda temos muito tempo.

Giselle assentiu. Ela também não tinha contado para os pais. Como ela mesma já tinha dito, tudo aquilo ainda era estranho para os dois. Levaria um tempo para assimilarem a ideia de que teriam um bebê.

– Como você está se sentindo? – perguntou Lucas, porque ela estava pálida e com uma expressão distraída.

– Ainda não muito bem. Um pouco enjoada. É como sentir um nervosismo de véspera de prova o tempo todo. Que é o pior tipo de nervosismo.

– Vem aqui.

Ele a abraçou e sentiu o aroma do xampu dela.

– Não se preocupe, o enjoo não vai durar. Você vai ser uma mãe fantástica.

– Vou? Meu Deus. – Ela expirou. – Espero que sim. É de abalar os nervos, não é?

Lucas sentiu a tensão no pescoço e nos ombros dela. Tudo estava prestes a mudar; é claro que era uma experiência que abalava os nervos. Ele acariciou o cabelo molhado dela.

– Um pouquinho, sim.

# Capítulo 31

Era finalzinho de fevereiro e a neve tinha voltado, caindo em grandes flocos de um céu branco. Conor estava limpando o jardim de uma casa em Monkton Combe. Os donos, desesperados para vender a propriedade, a haviam anunciado algumas semanas antes. Depois de ouvirem que talvez ajudasse se o jardim não estivesse uma selva, haviam contratado Conor para tentar dar um jeito na situação em um único dia.

Ele fizera o possível nas poucas horas disponíveis, mas estava escurecendo e tudo tinha limites. Assim, Conor encheu o último carrinho de mão com arbustos secos e galhos e foi guiando pelo caminho estreito que levava dos fundos da casa até a rua na frente, onde a van estava estacionada.

Ele parou quando viu quem estava na calçada ao lado do veículo.

– É você!

Scarlett, usando um colete acolchoado roxo e uma calça cor-de-rosa, abriu bem os braços, felicíssima.

– Achei que tinha reconhecido a sua van!

– Oi.

Conor empurrou o carrinho de mão pela tábua que tinha apoiado na van para criar uma rampa improvisada e esvaziou o lixo do jardim dentro do veículo.

– O que está fazendo aqui?

– Quase congelando – disse Scarlett.

– Deve ser porque você não está de casaco.

– Estava sol de manhã! Eu vim ajudar uma amiga. Ela precisava que alguém ficasse com os filhos dela enquanto levava o avô ao hospital.

O rosto de Scarlett se iluminou quando o viu jogar as tábuas na van e fechar as portas de trás.

– Quando ela voltou, achei que daria tempo de pegar o ônibus para a cidade, mas perdi o último e o próximo só passa daqui a duas horas, então vou ter que ir andando. Isso se eu não cair na neve e morrer de hipotermia primeiro.

– Coitada – disse Conor.

Scarlett abraçou o próprio corpo e tremeu dramaticamente.

– Você por acaso não estaria indo para a cidade, não é?

– Não.

– Não me olha assim, eu só queria uma carona – disse ela, revirando os olhos. – Eu não planejo te atacar.

Como se ele fosse ter medo disso, *pfff*.

– Tudo bem, eu te dou carona.

– Você é meu herói – disse ela, sorrindo.

Ele abriu a porta do passageiro e tirou rapidamente o resto do almoço dele que estava no assento.

– Pode entrar.

– Sinto cheiro de mostarda.

Depois de se acomodar, Scarlett franziu o nariz.

– Eca, tem um sachê aberto… Como você pode gostar disso? É nojento!

Conor disse com firmeza:

– Você pode ir andando, se preferir.

Três minutos depois, quando estavam subindo uma colina, um gatinho

malhado passou no meio da rua bem na frente deles. Um caminhão vindo na direção oposta buzinou, mas o som só serviu para confundir o bichinho, que correu para a esquerda e, no último momento, voltou para a direita.

Quando desapareceu de vista embaixo das rodas do caminhão, Scarlett gritou:

– *Nãããão!*

Com uma sensação súbita de náusea, Conor pisou no freio com força. O motorista do caminhão, supondo que tinha conseguido desviar do gato, sorriu e balançou a cabeça, fazendo um gesto de alívio ao passar pela van e seguir colina abaixo. Em segundos, ele tinha sumido, a caminho de onde quer que estivesse indo.

Conor parou em um portão.

– Espera aqui – disse para Scarlett. – Eu vou até lá.

Havia um montinho imóvel na sarjeta do outro lado da rua, e Conor temeu pelo pior. Mas Scarlett abriu a porta do passageiro.

– De jeito nenhum!

Ela pulou do carro, quase perdeu o equilíbrio no chão irregular coberto de neve e juntos eles correram para o outro lado da rua.

Um segundo antes de chegarem até a bolinha de pelos, o bichinho se moveu, tremeu, as pálpebras se abriram e ele soltou um grito de dor. Levantou-se com dificuldade e ficou parado olhando para eles, apavorado, atordoado e nitidamente traumatizado.

– Bem, ele está vivo – disse Conor.

Já era alguma coisa.

– Mas tem sangue… De onde está vindo?

Scarlett se ajoelhou no asfalto quando o gato soltou outro miado e sussurrou:

– Ah, cuidado…

– Eu *estou* tendo cuidado. – Conor se aproximou lentamente e se perguntou qual deveria ser seu movimento seguinte. – Nós precisamos de alguma coisa para enrolar ele. Tem uns sacos no chão da van; você pode ir buscar?

– Eu já vi. Mas não dá pra usar aquilo, está sujo.

Scarlett tirou os braços do colete acolchoado.

– Aqui, embrulhe-o com isso.

Mas, quando chegaram perto do gato, o animal entrou em pânico e pulou entre eles, se jogou pelo asfalto e desapareceu embaixo de um vão na cerca, na vegetação densa do outro lado.

Conor soltou um palavrão baixinho.

– Você foi lerdo demais.

Quando Scarlett falou, os dois ouviram o gato soltar outro miado de dor.

– Nós não podemos deixar ele ali – disse ele, balançando a cabeça.

Scarlett olhou para Conor como se ele tivesse enlouquecido.

– Eu *sei* que nós não podemos.

Ela se levantou e abandonou o colete no chão.

– Você não vai conseguir passar por baixo da cerca – disse Conor. – Não tem espaço.

– Não seja tão derrotista. Talvez não tenha espaço para você, mas eu consigo.

Havia flocos de neve no cabelo dela e nos ombros da blusa azul fina de mangas compridas. Scarlett ignorou a mão esticada dele e se jogou no chão, rastejando como um ninja pelo vão estreito entre a cerca e o chão de pedra.

Era uma cerca longa e alta, mas Conor a seguiu até que tivesse chegado à entrada da área de bosque. Quando Scarlett saiu do emaranhado de vegetação densa, ele a estava esperando, segurando o colete.

– Ainda estou ouvindo ele – disse ela, ofegante, enquanto Conor esticava as mãos para ajudá-la a ficar de pé.

Ela estava coberta de lama, gravetos e folhas secas.

– Ele está ali, à esquerda.

– Me deixa tentar… – disse Conor.

Mas era tarde demais. Scarlett já tinha mergulhado na vegetação enquanto a neve continuava caindo. Apesar de qualquer coisa que ele pudesse ter dito sobre ela antes, e Conor tinha dito muitas, verdade fosse dita: quando ela botava uma coisa na cabeça, era implacável.

– Oi, bebê – disse ela em algum lugar no meio dos arbustos. – Está tudo bem, não vou te machucar, só fica paradinho e… Ah!

Houve uma movimentação barulhenta e repentina na vegetação, seguida de um miado agudo e um *splash* baixo.

No momento seguinte, Conor ouviu Scarlet murmurar "Ah, merda" e ofegar, frustrada. Em seguida, um *splash* mais alto.

Certo, ele tinha que descobrir o que estava acontecendo. Seguindo o som, abriu caminho pelos gravetos e galhos entrelaçados. Segundos depois, chegou ao lago, que devia estar imperceptível debaixo da camada densa de folhas. Ele se deu conta de que o gato tinha caído na água e Scarlett tinha se jogado atrás dele. Agora, com o animal nos braços, ela estava tentando sair.

O gato encharcado olhou para Conor enquanto ele tentava tirá-lo dela. Contorceu-se e sibilou quando ele o envolveu com o colete. Depois de chegar em terra firme, Scarlett esticou as mãos.

– Me deixa ficar com ele. Acho que ele não gostou muito de você.

De volta à van, Conor ajudou Scarlet a se sentar no banco do passageiro, tirou os tênis e as meias molhados dela e enxugou os pés gelados com a toalha não muito limpa que ele deixava no chão do carro. Em seguida, pegou a galocha extra que tinha na parte de trás da van.

– Você vai ter que usar isso.

– Qual é o tamanho?

– Quarenta e quatro.

– Eu calço trinta e seis.

Scarlett estava batendo os dentes com força e flocos de neve escorriam pelo rosto dela.

Ele ofereceu a primeira bota.

– Não é hora pra frescura, Cinderela. Agora a outra, isso. Vamos.

Chegaram ao veterinário mais próximo dez minutos depois, e o sangue da barriga do gato machucado já começava a vazar pelo colete, na calça de Scarlett.

Quarenta minutos depois, a situação estava resolvida. O veterinário tinha

examinado o gato e encontrado os dados dos donos pelo microchip implantado nele. Vinte minutos depois da ligação, os donos chegaram em pânico enquanto o veterinário terminava de limpar e suturar as feridas. O casal idoso, apaixonado pelo gato malhado de 6 anos cujo nome era Barnum, agradeceu a Scarlett e Conor sem parar.

– Vocês salvaram a vida dele – disse a senhora, agarrando a manga de Conor. – Muito obrigada.

– Foi Scarlett que conseguiu pegá-lo – disse Conor. – Ela que fez todo o trabalho pesado.

– Bem, vocês são anjos, os dois. Estamos muito gratos!

Ela se virou para Scarlett.

– E pensar que, se eu tivesse visto você na rua, ia morrer de medo da sua aparência!

Scarlett ficou surpresa.

– Ah…

– Esses tipos punk rock como você, é isso que eu quero dizer. Com o cabelo estranho e esses olhos apavorantes e… você sabe, essas roupas que vocês usam. – A senhora fez um gesto se desculpando. – Nós sempre tivemos medo de vocês, roqueiros punks, não é, Melvin? Mas agora percebo que estávamos errados. Por baixo de tudo isso aí vocês são pessoas normais… Aqui, por favor, me deixa te dar um agradinho.

Os dedos trêmulos remexeram na bolsa e ela tirou uma cédula amassada de 5 libras.

– Ah, não, por favor, não – protestou Scarlett. – Não precisa!

– Mas nós queremos, querida – insistiu a senhora –, porque você salvou o Barnum e nós o amamos muito. Por favor, aceite.

Ela colocou a cédula na mão de Scarlett.

– Só prometa que não vai gastar tudo com drogas.

Na segurança da van, Conor finalmente se permitiu cair na gargalhada.

– Você podia ter me avisado – resmungou Scarlett, virando o retrovisor para ver seu reflexo e fazendo uma careta diante da resposta. – Meu Deus, não me admira ela ter achado que eu era uma punk viciada em drogas.

– Realmente não me ocorreu – disse Conor. – Eu vi tudo que aconteceu

com você, não pensei em como sua aparência pareceria para eles.

Era verdade. Ainda havia gravetos e folhas secas presos no cabelo roxo espetado de Scarlett, e a neve tinha feito o rímel dela derreter dramaticamente em volta dos olhos. Havia algas do lago grudadas nos joelhos da calça rosa enlameada e suja de sangue e as galochas imundas e grandes demais davam o toque final.

– Isso faz de você um cretino, então. Ah, não *ouse*…

Ao ver o celular na mão dele, ela levantou o braço para afastá-lo.

– Só uma foto – disse Conor.

– Comigo nesse estado? De jeito nenhum!

– Esse é o estado de alguém que procurou um gato machucado e conseguiu resgatá-lo. Se você não tivesse feito isso, ele poderia ter morrido de hemorragia a essa hora.

– Estou surpresa por ele não ter me olhado e caído mortinho da silva de medo. Ah, seu filho da mãe!

Scarlett tinha abaixado o braço e ele tinha tirado uma foto rápida.

– Agora, sorria – disse Conor. – Sem fazer biquinho.

Apesar dos seus melhores esforços, ela abriu um sorriso relutante e ergueu o dedo do meio quando o clique da câmera soou.

– Perfeito – disse Conor.

– É possível parar de gostar das pessoas, sabia? – disse Scarlett.

O celular dele tocou.

– Alô. Oi! Então, você nunca vai adivinhar…

– Pelo amor de Deus, *cadê* você? – perguntou Belinda, parecendo irritada. – Você prometeu que estaria aqui às cinco. Você está *atrasado*.

# Capítulo 32

– BETERRABA.

– Beterraba – repetiu Lucas. – Eu não sabia que você gostava.

– Não gosto.

Giselle se sentou na cama e fez uma careta.

– Quer dizer, eu não gostava. Mas estou morrendo de vontade. Em conserva de vinagre doce. E tem que ser aquelas fatias onduladas.

Lucas assentiu.

– Beleza.

– E picles de mostarda! Daqueles bem pedaçudos.

– Tudo bem. E você quer alguma coisa com que comer isso?

Lucas se referia a um pão branco com casca crocante ou talvez até batata frita. Giselle assentiu vigorosamente.

– Uma colher.

– Isso é tão esquisito… – disse Lucas.

– Eu sei!

– Vai fazer com que você se sinta melhor?

– Eu não tenho ideia, só sei que preciso comer isso agora.

Ela deu de ombros, impotente.

– Provavelmente eu vou vomitar depois. Mas é assim mesmo. Se você estiver ocupado demais para ir comprar, tudo bem, eu mesma posso ir ao mercado e…

– Eu vou lá, vou agora – disse Lucas apressadamente, porque Giselle estava jogando o edredom longe, os olhos úmidos de repente.

– Desculpa.

Ela puxou as cobertas de volta e secou as lágrimas não derramadas com um lenço de papel.

– Eu estou te deixando louco, né? Eu sei. Eu estou *me* deixando louca. Por favor, não me odeie.

– Eu não te odeio. São só seus hormônios.

Giselle estava com três meses e ao longo das semanas anteriores as crises de ansiedade e variações de humor tinham pegado ambos de surpresa. Mas, ao que parecia, era uma coisa normal e melhoraria com o tempo, junto com os desejos bizarros.

Ela olhou para ele.

– Eu te amo.

– Eu também te amo.

Se ele falasse com frequência, acabaria virando verdade.

– E batata sabor churrasco também – gritou ela quando ele saiu do apartamento. – E não se esquece de ligar para a sua mãe.

– Ok.

O coração dele se apertou mais com o lembrete.

– E um donut de café! – berrou Giselle.

Lá fora, Lucas decidiu resolver logo a questão da ligação. Era quase meio-dia, e ele já tinha aprendido por experiência que era a melhor hora para o ato. Não que alguma hora fosse ser boa, mas era uma daquelas coisas que tinham que ser feitas, mesmo que a mãe nunca parecesse querer falar com ele.

O sol estava bem no alto e a praça estava relativamente vazia. Ele se sentou em um banco vazio, apertou no contato da mãe e esperou que ela

atendesse. Enquanto tocava, ele imaginou a cena do outro lado e, como sempre, se preparou para o pior.

– Alô.

– Mãe? Oi. Como vai?

Ele ouviu a inevitável inspiração, como se o som da voz dele a tivesse pegado desprevenida.

– Lucas, oi. Eu estou bem, obrigada. Tudo bem com você?

– Tudo bem. Nós dois estamos bem, eu e a Giselle. Ela quer te conhecer, mãe. Nós estamos pensando em ir até aí no próximo fim de semana ou quando for bom para você…

Ele sentiu a tensão aumentando do outro lado da linha e já sabia qual seria a resposta.

– Ah, Lucas, acho melhor não. Tenho certeza de que ela é uma garota ótima, mas ela não precisa me conhecer. Talvez outra hora… mas não agora. Não estou muito disposta para receber visitas… desculpa!

– Você ia gostar dela, mãe.

– Eu sei que sim. E vou conhecê-la um dia, prometo. Mas ainda não.

– Por quê?

– Você sabe por quê. Não se irrite comigo, Lucas. Eu não consigo controlar.

Todas as emoções antigas estavam voltando.

– Eu sei. Eu sei mesmo. Não estou irritado, só quero te ver. E se eu for sozinho?

– Eu estou bem, Lucas, mas não me pressiona, ok? Não posso te ver, desculpa. Eu só preciso de mais tempo.

– Mas…

– Se você vier até aqui, eu não vou te deixar entrar.

O pânico estava crescendo na voz dela, como sempre acontecia.

– Por favor, não faça isso, Lucas.

– Tudo bem, se acalma. Eu não vou. Só quero saber se você está… bem.

Tão *bem* quanto era possível ela estar.

– Você merece coisa muito melhor do que eu – disse ela com a voz rouca,

carregada de lágrimas. – Sou uma péssima mãe. Eu te amo, Lucas. Eu te amo tanto. Me d-desculpa…

– Mãe, eu…

Tarde demais. Ela já tinha desligado.

Era assim que as ligações sempre terminavam. Lucas se encostou e visualizou sua mãe, linda, sofrida e caótica, a qual agora, sem dúvida, estaria chorando convulsivamente. Seu coração doeu por ela quando, pela segunda vez em dez minutos, ele disse:

– Eu também te amo.

Uma palmada de mão cheia nas costas quase o derrubou do banco.

– Caramba, cara – disse Brendan com sua voz estrondosa, a caminho do Red House para tomar a primeira do dia. – Não deixa aquela sua mulher linda te ouvir dizer isso!

Como era assim que boatos começavam, Lucas disse com firmeza:

– Eu estava falando com a minha mãe.

– Rá, claro que estava! – disse Brendan, batendo na lateral do nariz vermelho. – Não se preocupe, eu não vou dizer nada. Era a sua mãe!

– Você sabe que não precisa ficar aqui olhando, né? – disse Giselle. – É esquisito para mim também.

Mas Lucas não conseguia *não* olhar. Era como se sentir compelido a ver um daqueles documentários de David Attenborough sobre animais selvagens em que coisas repulsivas aconteciam. Só que em vez de uma gangue de hienas deixando um antílope em pedacinhos, ele estava tendo que testemunhar a namorada grávida comer metade de uma tigela de picles de mostarda picante como se fosse sorvete. Ela estava tentando esconder dele, mas ele a vira enfiando alcaçuzes sortidos na boca também.

E pensar que as pessoas achavam que grávidas comendo carvão era algo estranho.

– Pode ir – disse Giselle, balançando a colher na direção dele. – Sei que é

nojento, mas não consigo controlar. Desce e me deixa ser nojenta em paz.

No andar de baixo, Jude e um barman novo estavam ocupados servindo uma quantidade considerável de turistas alemães. Lucas se juntou a eles atrás do balcão para ajudar e se esforçou para ignorar Brendan, que estava sentado no banco de sempre citando o que ele achava que eram piadas hilárias da série *Fawlty Towers.*

Finalmente, Lucas chamou a atenção do cliente parado pacientemente atrás de Brendan.

– Oi, o que vai querer?

– Eu só queria uma informação, por favor, se não for problema. Hum… Essie Phillips… Ela está trabalhando aqui hoje?

Lucas soube na mesma hora quem ele era. Foi o ar de hesitação que entregou tudo; não era um amigo casual aparecendo por acaso.

– Não está. Desculpe.

– Ah. Mas ela trabalha aqui?

– Para a nossa sorte – declarou Brendan, se virando para olhar para o homem que tinha feito a pergunta. – Este lugar ficou bem mais animado desde que ela chegou. Está de olho nela, é?

E então ele deu uma cutucava jovial no recém-chegado.

– Porque se estiver, entra na fila!

– Eu sou um velho amigo – respondeu o recém-chegado, meio horrorizado. – Tinha esperança de vê-la hoje.

– Desculpe – disse Lucas. – Hoje ela não vem.

– Mas talvez esteja em casa.

Apesar de tanto se gabar, parecia que Brendan sabia que não tinha chance com Essie. Prestativo, foi logo dizendo:

– Ela mora do outro lado da praça. Você pode ir até lá e ver se ela está.

Surpreso, o homem disse:

– É mesmo? Onde?

– Acho que você não devia dizer… – disse Lucas.

Mas já era tarde demais; Brendan tinha se levantado do banco e estava levando o estranho até a porta. Depois de abri-la, ele apontou diagonalmente.

– Está vendo aquela casa com a porta roxa e o Mercedes na porta? É lá.

Toca a campainha e pede para falar com ela. O apartamento dela é o do segundo andar.

– Obrigado – disse o homem. – Vou fazer isso.

Quando Brendan tinha voltado para o bar, Lucas perguntou:

– Como você sabe qual é o apartamento de Essie?

– Eu estava passando por lá outro dia e a vi – disse Brendan, e fez uma expressão arrogante. – Acenei para ela e ela acenou para mim.

E, por um momento ridículo, Lucas sentiu uma pontada de ciúme completamente irracional, porque Essie tinha acenado para Brendan, mas nunca tinha acenado para *ele*.

*Meu Deus, o que está acontecendo comigo?*

Depois de uma ida às compras, Essie experimentava uma calça listrada que tinha comprado na Oxfam quando a campainha tocou. O que significava que ela não tinha nenhum momento a perder, porque o casaco acolchoado que tinha comprado no eBay seria levado de volta pelo entregador impaciente se ela não atendesse a porta em três segundos.

Era uma pena que a calça tivesse ficado pequena, mas tudo bem…

Antes que o temido cartão "desculpe, mas você não estava em casa" pudesse ser enfiado na caixa de correspondência, ela abriu a porta da frente e parou subitamente.

E parou de respirar. Quase.

– Oi, Essie – disse Paul.

# Capítulo 33

Sem palavras, Essie ficou olhando para ele. Quantas vezes ela tinha fantasiado que aquilo estava acontecendo? Talvez em menos ocasiões na última semana, mais ou menos, mas ainda com mais frequência do que ela estava disposta a admitir para qualquer pessoa viva.

Só que, nas suas fantasias, ela não estava usando uma calça listrada de vermelho e preto apertada demais para ser fechada na cintura e tão curta que não chegava aos tornozelos. Não era um visual muito lisonjeiro.

Ela viu o olhar dele descer, a atenção inexoravelmente atraída pela calça infeliz. Ela puxou a barra do moletom por cima do zíper aberto e disse:

– Paul, o que você está fazendo aqui?

– Eu vim te ver.

– Por quê?

– Posso entrar?

Ela não fazia ideia do motivo daquela visita. O choque de vê-lo de novo a

pegou totalmente desprevenida. Ela hesitou por um segundo e considerou as opções.

– Tudo bem. Meu apartamento fica no segundo andar. Pode ir na frente.

Isso porque pensar nele a seguindo escada acima, com ela usando aquela calça, era demais para suportar.

– Espera aqui – instruiu ela quando eles chegaram ao patamar da escada.

Ela fechou a porta na cara dele, tirou rapidamente a calça pavorosa (com a etiqueta enorme de 3 libras pendurada na cintura) e vestiu a calça jeans. Em seguida, abriu a porta.

– Agora pode entrar.

Depois que entrou, ele a puxou e a beijou intensamente.

*Caramba.*

Foi tão inesperado que Essie nem teve tempo de reagir, fosse para protestar ou para retribuir o beijo.

Quando ele finalmente a soltou, segurou o rosto dela com as mãos, que estavam meio frias, e olhou nos olhos dela.

– Estou querendo fazer isso há semanas, Essie. Eu senti tanto a sua falta.

A coisa toda parecia uma daquelas fantasias que a gente acha que nunca vão virar realidade. Em total descrença, Essie se deu conta de que seus joelhos estavam bambos.

– Vamos nos sentar? – pediu ela.

Ela chegou para trás e se sentou em uma ponta do sofá azul-claro, de frente para Paul, que se sentou na outra extremidade. O rosto dele estava idêntico: bonito e contido. Ele havia cortado o cabelo na semana anterior, provavelmente. O paletó cinza de casimira Hugo Boss estava imaculado, como sempre, e ele vestia uma camisa verde que ela nunca tinha visto. O perfume era o Tom Ford que ela dera de presente de aniversário; absurdamente caro, mas, como ele tinha explicado antes, era melhor ter um perfume que você goste do que meia dúzia de perfumes baratos que não usaria nem morto.

Grey Vetiver, era o nome. Ela não podia dizer que amava, mas tinha cheiro de coisa chique. Os sapatos bem engraxados também eram novos.

Essie olhou para suas meias xadrez atoalhadas e as escondeu embaixo do corpo.

– O que você está fazendo? – perguntou ele, olhando para baixo.

– Escondendo minhas meias atoalhadas.

Uma reação puramente pavloviana; ele sempre tinha odiado aquele tipo de meias.

– Essie, eu não ligo para as suas meias.

*Oi?*

– Eu gosto de você – continuou Paul. – Tentei não gostar, mas não deu. Eu não consegui parar de pensar em você. O Natal foi uma merda. Eu ficava pensando se você estava com saudade de mim. Depois, fiquei tentando ligar para o seu número e percebi que você tinha me bloqueado. O que, aliás, foi um belo soco no estômago.

Ele parou de falar e a observou com atenção, procurando uma resposta no rosto dela.

Essie engoliu em seco.

– Foi ideia da Scarlett, ela disse que seria mais fácil assim. Eu dava pulos de dez metros de altura toda vez que meu celular tocava, achando que podia ser você. Depois que bloqueei seu número, não precisei mais pensar nisso.

– Eu não sabia onde você estava – disse Paul. – Foi uma sensação horrível.

– Nós estamos em Bath, não Nova York. Você poderia ter me encontrado se quisesse.

Essie lembrou o que sentiu quando desceu a escada correndo para atender a porta na manhã de Natal, imaginando que pudesse ser ele e encontrando Lucas na porta.

Isso quando Lucas ainda era a pessoa de quem ela *menos* gostava…

– Eu sei – disse ele, e deu de ombros. – Mas eu fiquei mal no começo. Você tinha escrito aquelas coisas, tinha humilhado minha família. Eu estava com saudade, mas tinha dito a mim mesmo que precisava esquecer, tirar você da minha cabeça. E é isso que eu tenho tentado fazer.

Ele se sentou mais ereto.

– Mas não deu. Aqui estamos, no meio de março, e… Bem, aqui estou eu. Eu precisava vir te ver. Não consegui ficar longe.

Essie imaginou a expressão de reprovação no rosto ossudo de Marcia Jessop.

– E o que a sua mãe acha disso?

– A decisão é minha, não dela.

Aquilo parecia provocação.

– Você já contou pra ela?

– Não, mas vou contar.

– Ela ainda está com raiva de mim?

– Isso é irrelevante – disse Paul.

Claro que a mãe dele ainda estava com raiva. Tantas perguntas.

– Só por curiosidade, *como* você me encontrou?

– Giles, do escritório, me disse que você estava trabalhando no Red House. Fui lá agorinha e um cara me disse onde você morava.

Paul assentiu para o apartamento, com ar de aprovação.

– Lugar legal. Quanto você paga de aluguel?

Essie ignorou a pergunta.

– Como está Ursula?

– Ela também está com saudades.

Ursula, a gata pegadora de corvos? Essie ergueu uma sobrancelha; era altamente improvável que aquilo fosse verdade.

– Tudo bem, talvez não tanto quanto eu – disse ele, se curvando para pegar a mão dela. – E você, Ess? Sentiu saudade?

Era estranho vê-lo de novo e mais ainda vê-lo falando com ela daquele jeito. Essie foi evasiva.

– Nós terminamos há três meses. O que te faz pensar que não estou com outra pessoa?

Paul franziu a testa.

– E está?

– Talvez.

– Ess, me conta. Tem outra pessoa?

Essie sentiu a pulsação acelerar. Ela conjurou na mente uma imagem de Lucas, os olhos escuros cintilando ao encará-la com aquele meio-sorriso irresistível nos cantos da bela boca. No momento seguinte, quando parou na

frente dela, Giselle estava com ele. E agora, os dois, Lucas e Giselle, estavam de mãos dadas, se virando um para o outro, a barriguinha de Giselle evidente embaixo da camisa azul estampada que era a favorita dela.

*Para com isso.*

Essie apagou a imagem mental. Sim, ela tinha conhecido outra pessoa, mas ele não era dela e ela não poderia tê-lo, mesmo que ele estivesse interessado nela também, e provavelmente não estava. Em uma tentativa de superar Lucas, Essie tinha passado as semanas anteriores focada em encontrar alguém de quem pudesse gostar, mas não tinha conseguido, e também não era o tipo de coisa que dava para fazer surgir do nada. Devia ser cedo demais para se interessar por alguém novo.

Mas Paul não seria alguém novo, seria? Com a boca seca, Essie avaliou as opções. Um ex, alguém com quem ela já estava completamente familiarizada. Eles tinham passado praticamente o ano anterior todo juntos, ainda estariam juntos agora se ela não tivesse escrito aquela carta horrível. O término tinha sido causado por ela e Essie não o culpava nem um pouco por ter reagido da maneira que reagiu.

O fato de Paul estar ali agora, preparado para perdoá-la e deixar aquele acidente infeliz no passado era… bem, um tanto comovente.

Ele devia mesmo amá-la.

E voltar com ele afastaria seus pensamentos de Lucas.

– E então? – Paul ainda estava esperando.

– Não tem outra pessoa – disse Essie.

– Ah, que bom.

– E você?

– Eu também não tenho ninguém – disse ele, e fez uma pausa antes de concluir: – Então, estamos os dois solteiros.

– É o que parece – disse Essie.

– O que você acha? Vamos tentar de novo?

Um tremor de expectativa desceu pelas costas dela.

– Talvez.

– Tem certeza? – disse ele, abrindo um sorriso e indo para perto dela no sofá. – Você não parece exatamente radiante com a ideia.

– Acho que eu ainda estou atordoada, Paul. Você sabia que vinha aqui me dizer isso hoje – disse Essie. – Mas, para mim, isso tudo é uma grande surpresa. Eu não estava esperando nada disso.

– Você não vai precisar de muito tempo para se acostumar com a ideia. Vou te dar um lembrete do que nós dois estávamos perdendo.

E, dessa vez, quando ele a tomou nos braços, o beijo foi lento, relaxante e romântico. E a sensação foi tranquilizadora e familiar, como voltar para casa.

Falando nisso…

No andar de baixo, a porta da frente tinha sido aberta e fechada de novo e Essie ouviu a batida dupla que significava que Zillah estava tirando os saltos. No momento seguinte, do pé da escada, ela chamou:

– Essie, está aí em cima?

– Volto rapidinho – disse ela para Paul.

Essie pulou do sofá, abriu a porta e se curvou sobre o corrimão de mogno encerado para acenar para Zillah.

– Sim, estou aqui!

– Ah, viva!

Zillah estava usando um casaco com estampa de zebra e um colar de esmeralda enorme por cima de um vestido preto de lã justo.

– Querida, meu grupo de leitura vai chegar às três e eu não tive tempo de comprar comida. Você seria um anjo e iria até o Waitrose para mim? Só preciso de quatro caixas de canapés variados e duas garrafas daquele prosecco bom, você sabe de qual eu estou falando. Ah, e um bolo de chocolate de um tamanho razoável.

– Tudo bem. Vou até lá em 5 minutos.

Quando Essie fechou a porta, Paul perguntou:

– Por que você tem que fazer isso?

– Como assim?

Ele estava com a testa franzida.

– Ela estala os dedos e você sai correndo para fazer as compras dela?

– Essa casa é dela. E ela tem 83 anos.

– Não é motivo para ela explorar você.

– Ela não está me explorando – disse Essie. – Eu dou uma forcinha em

troca de um aluguel barato. Senão, eu não poderia morar aqui.

– Ah, sim, isso explica. Bem que fiquei intrigado quando aquele cara me disse que você estava morando aqui em Percival Square.

Aquele cara. Tinha sido Lucas?

*Chega, para de pensar no Lucas.*

Essie pegou o casaco e a bolsa.

– Vou te apresentar para a Zillah. Ela é incrível, você vai adorá-la.

– Me dá outro beijo primeiro, Cinderela – pediu Paul, sorrindo. – E não se preocupe, você não vai precisar continuar no papel de empregadinha dela por muito tempo. Agora que estamos juntos de novo, você vai sair daqui e vai voltar a morar comigo.

# Capítulo 34

– E ENTÃO? – PERGUNTOU Essie uma semana depois, quando estavam todos ao redor da mesa na cozinha de Zillah. – Eu sou brilhante ou não sou?

Conor botou o iPad de Zillah na mesa e suspirou.

– Olha essa sua carinha de ansiosa. Estou me sentindo o Simon Cowell prestes a dizer para alguma garota iludida que ela não é afinada – disse ele, apontando para a tela. – Essie, me desculpa, mas isso aqui não está muito bom.

– Como assim, Conor? Ah!

Essie se curvou e pegou o iPad.

– Não são essas. Espera, desculpa, essas são as ruins. *Essas aqui* são as boas…

Conor revirou os olhos com bom humor e pegou o tablet da mão dela.

– E esse é o tipo de erro que você não pode cometer.

Essie o observou com alegria quando ele começou a olhar o segundo conjunto de fotos. Ela o viu passar pelas fotos mais devagar e observar com

mais atenção. Na noite de domingo, no Red House, Essie tinha dito para Conor que tiraria algumas fotos dele, para saberem se ela era capaz de cobri-lo caso ele não pudesse estar presente no dia da realização de algum dos desejos. Mas o que Conor não sabia, *rá*, era que Scarlett também estivera tirando fotos escondidas com o celular ao longo da noite…

– Não, desculpa – disse ele, e balançou a cabeça. – Também não estão muito boas.

– O quê? Você está louco?

Scarlett tinha tomado tanto cuidado, editado e ajustado as melhores fotos dela. Essie o encarou sem acreditar.

– Estão fantásticas.

– Você acha mesmo?

– Qualquer um pode ver que estão! – retrucou ela, ultrajada.

– Estou brincando, Essie. Estão ótimas. Estou impressionado.

Ele assentiu para ela.

– Muito bem.

– Obrigada! Então isso quer dizer que eu sou boa o bastante para substituir você quando não puder ir?

Essie estava triunfante; ela mal podia esperar para contar que…

Conor clicou na tela.

– Bem, faria mais sentido que Scarlett fizesse o trabalho, considerando que foi ela quem tirou essas fotos.

Zillah caiu na gargalhada e Essie chegou para trás na cadeira.

– Eu não acredito! Como você *sabia*? Como percebeu?

– Eu a vi tirando fotos de mim escondido. Duas vezes – disse ele, parecendo achar graça. – O que provavelmente foi a primeira pista. Depois disso, não foi preciso ser gênio para entender o que estava acontecendo. Eu quase falei na hora, mas achei que seria mais divertido fingir que não tinha reparado e ver como vocês duas iam agir.

– Nossa, como você é irritante. A gente achou que você não tinha visto nada. Mas deu certo, não deu?

Essie sorriu para ele.

– Estou tão feliz! E Scarlett vai ficar animada!

– Ela sabe usar uma câmera profissional?

– Sabe, sim. Anos atrás o tio dela passou um tempão ensinando a ela tudo sobre lentes, medidores de luz e velocidade de obturador. Ela entende da coisa, eu juro.

Zillah apontou para uma das fotos de Scarlett no iPad.

– Essa é a minha favorita de todas. Não está sensacional? Olha só a sua cara!

Juntos, eles se curvaram para estudar a foto de Conor e Zillah parados lado a lado, observando Caz, do outro lado do salão, dizendo alguma coisa ultrajante para Belinda. Caz gesticulava exageradamente, a cabeça inclinada para trás numa gargalhada escandalosa. Ao lado dela, Belinda sorria para o que ela tinha acabado de dizer. Mas era a expressão no rosto de Conor ao fundo que chamava mais atenção.

– Olha só pra você – continuou Zillah. – Isso, sim, é uma imagem que fala mais do que mil palavras. Está dito na sua cara tudo o que você pensa de Caz.

– Não se preocupe, ela nunca vai ver – garantiu Essie. – Pode apagar a foto. Pobre Caz… Sei que ela te deixa louco, mas as intenções dela são boas. Ela só é um pouco barulhenta e empolgada.

– Um *pouco*? – perguntou Zillah, fingindo horror. – Eu estava quase buscando uns protetores auriculares. Ela não é nenhum docinho de coco, isso eu garanto!

A campainha tocou e Conor soltou um grunhido.

– Ah, Deus, não me diga que é ela que veio pegar no meu pé.

Essie levantou em um pulo.

– Está tudo bem, você está seguro. É só o Paul.

– Ah, querida, *só o Paul* – disse Zillah provocando. – Não fale isso perto dele.

Essie abriu a porta e o abraçou.

– Entra, nós estamos na cozinha. Conor acabou de concordar que Scarlett pode ir no lugar dele quando ele não puder tirar fotos. Não é ótimo?

– Se você diz, sim. É ótimo.

Paul deu um beijo nela e a seguiu até a cozinha. Cumprimentou Conor e

Zillah com um sorriso educado e recusou a oferta de Zillah de uma bebida porque estava dirigindo.

– Estacionei em local proibido, então nós temos que ir logo – disse ele para Essie. – A mesa está reservada para as oito, não vamos nos atrasar.

Paul, que a convidara para jantar em um restaurante francês novo, estava lindo de paletó creme de linho e calça escura. Essie se sentiu feliz por ter colocado seu melhor vestido azul-marinho.

– Eu já estou pronta.

– Vocês dois estão muito elegantes – disse Zillah, e Essie sentiu uma pontada de orgulho.

Havia uma semana que Paul tinha reaparecido e ela ainda estava se acostumando com a virada que sua vida dera. Mas as coisas estavam indo bem, considerando tudo. Aquela noite seria a terceira vez que sairiam desde que o relacionamento recomeçara e Paul ainda estava sendo maravilhosamente atencioso. Essie não tinha perguntado abertamente a Zillah o que ela achava dele, mas não havia necessidade. Na avaliação de um bom namorado, Paul preenchia todos os requisitos. Ele era perfeito.

O celular de Paul tocou. Quando tirou o aparelho do bolso, ele olhou para a tela e hesitou. Essie viu o nome de quem estava ligando.

– Sua mãe, Paul. Você não pode deixar de atender.

*Viu? Estou me comportando muito bem.*

Paul olhou para ela, e Essie apontou para o celular, ainda tocando, com um gesto encorajador.

– Atende!

Ele expirou e apertou o botão.

– Oi, mãe. Sim, está tudo bem. Não, nenhum problema. Tudo bem, eu já fiz isso. Sim, isso tudo também está resolvido. Eu não me esqueci de nada.

Ele parou e ouviu por um tempo. Depois, disse:

– Não precisa se preocupar, está tudo sob controle. Como estão as coisas com você?

Longa pausa.

– Ah, que bom. Sim, pode deixar. Não, não se preocupe. Tchau. A gente se fala. Tchau.

A ligação acabou. Paul pareceu aliviado.

– Pronto, feito. Vamos agora?

Quando eles estavam do lado de fora, Essie falou:

– Paul, você disse que tinha contado sobre a nossa volta e que ela tinha aceitado. É mentira, né?

Outra pausa.

– O que te faz pensar isso?

– Porque nenhum de vocês falou de mim. E ouvir o seu lado da ligação foi bem parecido com a última vez em que ela viajou e deixou você cuidando da casa dela.

Essie olhou para ele com firmeza.

– Onde ela está desta vez?

Paul deu de ombros, pego no flagra.

– Machu Picchu. No Peru.

– Hum, certo. Por quanto tempo?

– Três semanas – admitiu ele com relutância. – Está fazendo a trilha inca.

– E não sabe que a gente voltou – disse Essie. – Quanto tempo depois de ela ter viajado você veio me ver?

Paul soltou o ar lentamente.

– Olha só, Ess, eu fiquei com saudade, estava querendo voltar com você. E essa última semana foi ótima, tudo está indo bem, mas não tínhamos garantias de que seria assim, certo? As coisas podiam não ter dado certo. Então, por que chatear a minha mãe até termos certeza? Eu não posso contar agora porque estragaria as férias dela. Mas, se ainda estivermos bem quando ela voltar, eu conto.

Ela balançou a cabeça como se estivesse duvidando dele.

– Eu juro!

Essie suspirou.

– Você devia ter sido sincero comigo. Você me disse que estava tudo bem e eu acreditei.

– Ah, sincero tipo você, que fingiu que gostava dela quando, na verdade, não a suportava? E eu só descobri o que você realmente achava quando li aquele maldito e-mail. É desse tipo de sinceridade que você está falando?

Ah. *Bum.*

– Olha – continuou Paul –, sei como a minha mãe pode ser às vezes, mas ela ainda é a minha mãe. Eu fiquei arrasado com aquela história toda, sabe? Mas vai chegar uma hora em que todos nós vamos conseguir deixar esse climão de lado e seremos felizes de novo.

Ele estava certo? Essie de fato estava surpresa com a mentirinha dele, mas fazia sentido, pensando bem. Além do mais, a mentirinha de Paul tinha sido relativamente pequena. O que ela fizera tinha sido bem pior.

– Então, nós vamos jantar ou você decidiu que me odeia demais? – perguntou ele.

Um pouco de bom humor; bom sinal. Ele tinha explicado a motivação dele e Essie precisava admitir que Paul tinha razão: era mesmo melhor terem certeza de que o relacionamento ainda era possível antes de comunicar isso à mãe pavorosa dele.

Só de pensar, Essie ficava meio enjoada. Mas valeria a pena, certo?

Ela estava mais feliz com Paul do que sem ele? E agora era mais fácil deixar para trás aquela paixonite fantasiosa e constrangedora por Lucas?

Paul devia estar tornando tudo mais fácil, não devia?

– Estou morrendo de fome – disse Essie com um sorriso. – Vamos comer.

# Capítulo 35

Essie tinha acabado de sair do Mercado Guildhall com três balões de hélio multicoloridos acima da cabeça quando viu Giselle do outro lado da rua e gritou para chamar a atenção dela.

Mas Giselle não a ouviu. Ela estava curvada sobre a balaustrada de pedra entalhada da ponte Pulteney, olhando para as águas espumantes da famosa barragem abaixo. Claramente perdida nos próprios pensamentos, seu cabelo castanho esvoaçava na brisa de primavera e as mãos estavam unidas na frente do corpo.

Quando Essie estava considerando se devia atravessar a Grand Parade para dar um oi, viu Giselle endireitar a postura, se afastar da balaustrada e fazer uma pausa para olhar ao longe. No momento seguinte, ela olhou o relógio, se virou de novo e, sem aviso, desceu da calçada para a rua quando um…

– Sua idiota! – gritou o ciclista, desviando dela.

Giselle deu um grito de susto. Então cambaleou para trás e, na pressa de

chegar à calçada, tropeçou no meio-fio, perdeu o equilíbrio e caiu de lado enquanto o maldito ciclista ia embora, gritando por cima do ombro:

– Bem feito, sua imbecil!

Com o coração disparado, Essie atravessou a rua correndo e se ajoelhou ao lado de Giselle, que estava pálida e tremendo de choque.

– Meu Deus, Giselle, você está bem?

Giselle respirou fundo para se acalmar e conseguiu se sentar.

– Acho que sim. Nossa, que cara idiota.

– O filho da mãe foi embora! Se chamarmos a polícia, vão conseguir pegá-lo pelas câmeras de segurança.

– Ah – disse Giselle, balançando a cabeça. – Eu não estava falando dele, estava falando de mim. Foi culpa minha, eu estava distraída e…

Giselle conseguiu abrir um sorriso.

– Por sorte foi só uma bicicleta e não um ônibus. Está tudo bem.

– Olha, papai, balões!

Um garotinho na calçada estava apontado para o alto e Essie seguiu o olhar dele.

– Merda… – murmurou ela quando viu seus três balões subindo no céu.

– Ah, não! Eram seus? – perguntou Giselle, consternada. – Poxa, sinto muito. Vou comprar novos para você.

– Deixa isso pra lá – disse Essie. – Eu prefiro ter certeza de que você está bem.

Quando estava de pé, Giselle disse:

– É sério, não aconteceu nada.

– Tem certeza? Não é melhor ir ao hospital?

– Não precisa. Eu nem caí no chão, foi só um tropeço. Eu devia estar olhando por onde andava.

– Eu gritei seu nome antes de acontecer, mas você não me ouviu – disse Essie.

– Desculpa, eu estava com a cabeça longe.

– Está tudo bem? – perguntou Essie, observando-a mais atentamente.

Por baixo do sorriso largo e determinado havia um sinal de tensão.

– Comigo? Tudo ótimo!

Mas a ansiedade ainda estava lá. Preocupada, Essie baixou a voz.

– Tem certeza?

Só se ouvia os sons do tráfego, nada mais. Por alguns segundos, Giselle ficou olhando ao longe, para a barragem depois da balaustrada, até que então falou:

– É só a vida, eu acho. As coisas acontecem do nada e derrubam a gente. De repente, tudo muda e o futuro parece estar saindo do eixo. Bem, você sabe como é, imagino? Aconteceu com você também.

Essie se compadeceu dela.

– Acho que mais cedo ou mais tarde acontece com todo mundo. Mas deve ser mesmo assustador ter um bebê sem ter planejado. É um ser humano e você vai ser responsável por ele!

– Pois é, assustador – disse Giselle, que conseguiu abrir outro sorriso.

– Mas você vai ser uma mãe maravilhosa.

– Assim espero. Quer ir tomar um café e comer alguma coisa? Se não estiver ocupada…

– Ah, infelizmente não posso. Preciso levar umas coisas para Zillah, em casa, e o meu turno começa às seis. – Mas, sentindo que Giselle precisava desabafar um pouco da ansiedade em relação à gravidez, Essie sugeriu: – Mas estou livre para almoçar amanhã, se você puder. Podermos ir ao Aqua, por minha conta. Vamos ter tempo de conversar com calma…

Mas Giselle já estava balançando a cabeça.

– Amanhã eu trabalho. Mas não tem problema, deixa para lá.

– Vamos marcar outro dia, então. Quando você quiser – garantiu Essie. – É só falar.

– Pode deixar. Agora vai lá, Zillah deve estar esperando.

Giselle a abraçou.

– Obrigada por vir ajudar. E desculpe pelos balões. Você pode pelo menos me deixar pagar por eles?

– Não se preocupe – disse Essie. – Lucas me pediu para comprar para o aniversário de Maeve amanhã e me deu o dobro de dinheiro. Depois compro outros. E se cuida – acrescentou.

– Pode deixar.

– Cuidado ao atravessar a rua – disse Essie, mas, antes de ir, teve outra ideia. – Ah, a gente pode almoçar no sábado, se você quiser. Eu vou estar livre.

– Obrigada, eu vou adorar – disse Giselle, sorrindo. – Vou olhar minha escala e te aviso.

Quando Conor fez a promessa a Scarlett, ele não esperou que ela fosse verdadeiramente precisar assumir o lugar dele. Mas o destino é assim mesmo: às vezes, parece que ele tem um senso de humor próprio.

Ele tinha dito aquilo na terça-feira. Agora, ali estavam eles, quatro dias depois, na manhã da realização de mais um desejo, e Zillah estava olhando para ele como uma diretora rígida, ainda que glamourosa.

– Você não pode ir – disse ela, balançando a cabeça. – Como você se sentiria se isso aí que você tem acabasse matando ele?

Conor deu de ombros, derrotado. Ele tinha acordado com febre alta, dor de cabeça lancinante, garganta doendo e uma daquelas tosses irritantes que anunciam para o mundo que, mesmo se tentasse, você não poderia estar mais infeccioso. Se tivesse que trabalhar naquele dia, ele precisaria trincar os dentes e seguir em frente. Ele também era perfeitamente capaz de tirar fotos. Mas com a pessoa envolvida estando tão perigosamente fraca por causa da própria doença, a perspectiva de transmitir um vírus ativo era um risco que não podiam se permitir correr.

Seria praticamente assassinato. E Conor não queria ser assassino, por isso concordou.

– Tudo bem. Você tem razão.

Essie perguntou com avidez:

– Você quer que eu diga para Scarlett que ela está dentro?

– A gente ainda não sabe se ela pode. Talvez ela esteja trabalhando.

– É sábado. Ela vai estar livre.

Essie pegou o celular.

– Deixa que eu falo com ela. Ela vai precisar usar a minha câmera – disse Conor.

Essie ligou para Scarlett e entregou o celular para ele quando começou a tocar.

– Cuidado com os ouvidos, talvez ela grite. Ela vai se sentir a própria substituta de um musical do West End descobrindo que a estrela do show acabou de quebrar a perna.

*Ah, que alegria*. Conor tossiu e se preparou para a reação de Scarlett.

Mas quando ela atendeu, no quinto toque, ele nem teve chance de inspirar e falar.

– Bom dia! – cantarolou ela. – Vou tentar adivinhar: você está ligando para sua amiga solteira e solitária para se gabar da sua vida sexual incrível, não é? Bem, pode ir calando a boca, porque tem tanto tempo que eu não vejo um homem nu que nem lembro mais como é. Na verdade, tem tanto tempo que eu não transo que estou pensando em aceitar a proposta do Danny. Seria uma ideia tão ruim, assim? O que você acha, Ess? Você acha que eu deveria?

Tentar não rir deflagrou um acesso de tosse em Conor, o que fez Scarlett dar um gritinho de alarme.

– Ah, meu Deus, o que há de *errado* com você, por acaso pegou ebola? Parece um elefante-marinho!

Nem era preciso dizer que Essie estava ouvindo tudo, curvada de tanto rir.

Conor conseguiu parar de tossir e disse:

– Na verdade, sou eu, Scarlett. Essie me emprestou o celular. E, sim, eu acho que seria uma ideia ruim aceitar a proposta do Danny.

– As pessoas não deviam poder usar o celular das outras – choramingou Scarlett. – Vai contra o direito do consumidor. Você deveria ser preso por *fraude*.

Achando graça, Conor perguntou:

– Quem é Danny?

– Um ex. Nós terminamos dois anos atrás.

– Por quê?

– Porque ele me traiu.

– E agora?

– Ele está solteiro, eu estou solteira, ele fica tentando me persuadir de que deveríamos ter uma amizade colorida.

Conor já não gostava dele.

– E você está tentada?

– Sinceramente? Na maior parte do tempo, não, mas de vez em quando eu até penso que talvez pudesse ser legal.

– *Ele* é legal?

– O Danny? Não muito – disse ela, e suspirou. – Ele é meio cretino. Mas você sabe como é, às vezes bate uma solidão. Bem, não em você, obviamente, porque você tem a Belinda agora. Mas em mim, bate. Mas chega disso, sei que você não me ligou para discutir minha vida sexual inexistente.

– Você está livre hoje à tarde? – perguntou Conor.

– Por quê? – perguntou ela em tom brincalhão. – Está me oferecendo uma amizade colorida?

Ele sorriu. Aquela garota era incorrigível.

– Você me ouviu tossir, Scarlett. Estou doente. Não vou poder tirar as fotos hoje à tarde…

Scarlett deu um gritinho de alegria.

– Sério? Nossa, obrigada! Eu vou e vou fazer um trabalho ótimo. E você não vai se arrepender, prometo!

# Capítulo 36

– Era aqui que eu estava quando a vi pela primeira vez.

Zillah seguiu a direção do dedo ossudo de Jerry apontando para a pista de corrida depois do estábulo.

– Ela estava com uma blusa vermelha e um culote preto – continuou Jerry –, e o cabelo esvoaçante enquanto corria colina abaixo. Um tempo depois, quando ela levou o cavalo de volta para o pátio, eu a vi de perto. E bastou isso, um olhar, e eu soube que ela era a garota para mim.

– Que maravilha! Continue – pediu Zillah.

– Quinze dias depois, ela entrou no meu escritório e perguntou: "Você já se perguntou como seria me beijar?" E eu falei: "Por quê?" E ela disse: "Porque eu ando me perguntando como seria beijar você." Essas foram as palavras exatas dela.

Jerry abriu um sorriso.

– E foi assim que aconteceu. Ela foi a melhor garota que eu já beijei e a última garota que eu beijei. Ficamos casados por trinta e três anos.

– Casados e felizes – lembrou Zillah.

– Ah, sim. Faz dez longos anos que ela morreu e eu morro de saudade todos os dias. Mal posso esperar para ver minha linda de novo.

A égua no estábulo atrás deles soltou um relincho e Jerry virou a cabeça para cumprimentá-la.

– Oi, lindinha!

Ele levantou a mão para fazer carinho no focinho macio como veludo e murmurou:

– Palha fresca e cavalo quente. Não é o melhor cheiro do mundo?

Em resposta, a égua apoiou a lateral do rosto na bochecha dele.

Zillah viu Scarlett tirar mais fotos que dariam conforto aos dois filhos de Jerry, que estavam prestando serviço militar fora do país, e para o resto da família espalhada pelo mundo. O comentário simples sobre estar ansioso para ver a esposa de novo ficou ecoando na mente dela. Seria assim quando chegasse a vez dela? Seu amado William estaria lá, esperando para cumprimentá-la? Estaria irritado por ela tê-lo deixado esperando por tanto tempo? Pior de tudo, será que debocharia da aparência dela, já que, diferentemente dele, o tempo teria deixado marcas em seu rosto? Ou ela ficaria magicamente jovem de novo para que continuassem sendo um par perfeito?

– Com licença… volto em um momento.

Lutando com as próprias emoções, Zillah se afastou e foi para o estacionamento, onde tinha deixado o carro. Na pressa e enquanto estava ocupada procurando um lenço na bolsa, ela não olhou por onde andava até pisar em um terreno irregular e sentir o tornozelo virar.

*Ai.*

Zillah tropeçou e fez uma careta quando sentiu a dor intensa subir pela perna. Não caiu por pouco. Esticou a mão, apoiou-se no capô e recuperou o fôlego, permitindo que as ondas de dor se expandissem e piorassem antes de diminuírem.

*Que ninguém tenha visto, por favor.* Porque, se alguém tivesse visto, ela já sabia o que diriam.

Ainda respirando em meio à dor, por alguns segundos Zillah achou que tinha se safado. Mas logo ouviu passos correndo no pátio na direção dela.

– Eu te vi escorregar – disse Scarlett, ofegante, parando de repente. – Você está bem? Me dá a chave para eu abrir a porta, e aí você pode se sentar no carro.

– Estou bem.

O lado bom de torcer o tornozelo era que a dor fizera desaparecer as lágrimas que a tinham levado até ali.

– Não precisa se preocupar – insistiu ela. – Você sabe como são essas torções, doem muito por um minuto e depois passa. Já está melhorando, dá para sentir.

Isso era verdade, mas infelizmente não impediu Scarlett de olhar de lado para os saltos azul-marinho de Zillah.

– Esses são os sapatos novos dos quais Essie estava falando, da L. K. Bennett?

– Talvez.

– Acho que ela te avisou que eram altos demais, não?

– Eu estou acostumada a usar salto – protestou Zillah. – Usei a vida toda.

Zillah amava usar saltos. Eles a faziam se sentir como ela mesma.

– Eu sei, eu sei. Mas esses são mais altos do que os que você costuma usar.

– E não são lindos? Não brigue comigo, querida. Sapatos sem salto não são a minha cara. Pronto, já estou melhor.

A dor tinha diminuído o suficiente para ela mexer o tornozelo. Ela apoiou peso nele com cuidado e fez uma pose.

– *Ta-dá!* Viu?

– Tudo bem, você venceu. Se tem certeza de que está bem… – disse Scarlett.

Quando voltaram, Jeff cumprimentava o resto dos cavalos no pátio. Scarlett estava tirando mais fotos quando seu celular tocou (não pela primeira vez naquela tarde) e ela revirou os olhos.

– É ele de novo. Devo atender agora?

Zillah conseguia imaginar a frustração de Conor.

– Atenda. Acabe com o sofrimento do pobre garoto.

– Oi, Conor – disse Scarlett com alegria ao atender. – Eu ainda não deixei

a sua câmera cair! E tirei umas fotos ótimas. Jerry está dizendo para todo mundo que está muito feliz de eu ter vindo no seu lugar.

Zillah ouviu os dois trocarem informações técnicas sobre diafragmas e medidores de luz. Scarlett desligou, mandou várias fotos para Conor e esperou o celular tocar de novo.

Desta vez, ela colocou a ligação no viva-voz.

– Estão boas – disse ele, contrariado.

Scarlett deu um soco de leve no ar.

– Estão mais do que boas. Estão magníficas.

– Você fez um ótimo trabalho. Eu estava com medo, mas… – explicou Conor. – Você conseguiu.

– Viu? Não precisava ter se preocupado.

– Agora eu sei disso. Você tem talento.

– Ah, eu tenho *muitos* talentos. – disse ela, abrindo um sorriso malicioso. – Juro que sou cheia de surpresas.

Do outro lado da linha, Conor espirrou e Zillah gritou:

– Saúde!

– Obrigado. Scarlett, você pode me tirar do viva-voz agora?

Scarlett fez isso e o ouviu por alguns segundos. Zillah observou com interesse quando um rubor coloriu as bochechas dela e ela sorriu de leve para o que Conor tinha acabado de dizer e murmurou:

– Não, você está certo.

Depois de ouvir mais um pouco, ela disse:

– Eu prometo.

Ela encerrou a ligação e guardou o celular.

– Antes de irmos – disse Jerry –, podemos dar uma olhada naquela escultura pela qual passamos ao chegar?

Ele se despediu dos cavalos e, ao lado de Zillah, Scarlett foi empurrando a cadeira de rodas dele pela entrada de carros até a entrada principal da pista de corrida. Uma escultura em tamanho real de um garanhão em pleno salto ocupava o lugar principal em uma base central. O animal tinha sido feito de fios de aço galvanizado que brilhavam em prata sob o sol da tarde. O dono do estábulo se juntou a eles.

– Espetacular, não é?

– Incrível. Quem é o artista? – perguntou Jerry.

– O nome dele é Johnny LaVenture. Ele mora em Channing's Hill – respondeu o dono. – Fui a uma exposição do trabalho dele uns anos atrás e soube que tínhamos que encomendar uma peça dele para cá. Todo mundo ama.

Jerry esticou a mão e passou os dedos finos pelo flanco de fios de aço do garanhão.

– Tira uma foto minha, Scarlett?

Scarlett já estava com a câmera pronta. Quando ela se moveu em volta dele, fotografando, Jerry disse:

– Você é uma garota linda, sabia. Tem namorado?

– Eu? Nãão, eu sou uma solteira triste! – disse ela, e fez uma careta engraçada. – É uma tragédia; ninguém de quem eu gosto gosta de mim.

– Bom, quem perde são eles. É o que eu acho.

Jerry fez sinal para ela se aproximar.

– Vem, vamos tirar uma selfie. Tire com o seu celular. Pode mandar para esse cara que fica ligando. Nunca se sabe, talvez te ver com um homem mais velho e bonitão o faça cair em si.

Rindo, Scarlett tirou a selfie e, enquanto ela se ocupava enviando a foto para Conor, Jerry olhou para Zillah e deu uma piscadinha. E foi naquele momento que Zillah percebeu que não tinha sido a única a notar o rubor anterior nas bochechas de Scarlett.

Conor estava deitado no sofá, supostamente assistindo a *Fugindo do inferno*, mas mais se perguntando o que estava acontecendo com ele. O celular apitou de novo. Uma selfie de Scarlett e Jerry. Embaixo, ela tinha escrito:

*Jerry disse que está feliz de você estar doente porque assim ele pôde me conhecer. Obs.: Ele é maravilhoso. Muito obrigada por confiar em mim para fazer isso. Obs.2: Eu prometo.*

Conor observou a foto, uma foto improvisada e sem edição de um homem muito doente, com seus sessenta e tantos anos, e uma garota vibrante e cheia de vida de vinte e poucos, com cabelo roxo e sorriso contagiante. Pela primeira vez, ela não estava fazendo aquele biquinho irritante.

O que *estava* acontecendo? Por que o lance do tal ex oferecendo sexo sem compromisso a Scarlett o incomodava tanto, a ponto de ele precisar dizer para ela de novo para não aceitar? Ele se sentiu *obrigado* a falar, até… Só Deus sabe que tipo de lunático ela devia pensar que ele era, considerando que isso não era da conta dele.

*Ok, chega.*

Conor colocou o celular de lado.

Pelo menos ele podia fingir que era só um simples conselho baseado em se manter respeitável moralmente.

Mesmo que, no fundo, soubesse que não era esse o verdadeiro motivo.

Enquanto expirava e mudava de posição em uma tentativa de aliviar a dor nos ombros, sentiu o celular deslizar da almofada no sofá e cair no chão. Na televisão, Charles Bronson estava cavando um túnel de fuga, morrendo de medo do teto desabar em cima dele. No tapete, o celular apitou sinalizando a chegada de mais uma mensagem.

Mais fotos de Scarlett implicando com ele pelo trabalho maravilhoso daquela tarde? Quando rolou para o lado para pegar o celular, viu que não era dela. Era uma mensagem de Evie:

*Mddc, você viu o que Caz postou no Facebook agora? Ela é absurda! Se prepara!*

O coração de Conor se apertou. Caz era uma usuária entusiasmada do Facebook. Ele nunca fora muito ativo na rede social; usava a ferramenta porque era útil para manter contato com amigos de escola e para ver fotos da família, mas isso era o máximo.

Caz gostava de postar todos os dias. Com frequência, mais coisas do que qualquer pessoa normal precisava postar. Conor sabia disso porque, duas semanas antes, em um momento de fraqueza, ela o convencera a aceitar o pedido de amizade dela, e agora, sempre que se aventurava pela timeline, ele via todo o lixo que ela postava por lá, um fluxo infinito de piadas, quadrinhos,

memes e comentários tipicamente extravagantes sobre qualquer assunto que passasse pela cabeça dela.

Com medo do que estava prestes a descobrir, Conor abriu o Facebook e viu que tinha sido marcado em uma atualização de status de Caz. Ao clicar, viu que ela tinha postado um vídeo de um casal de noivos andando pela igreja. A música tocando era a Marcha Nupcial e os rostos do casal tinham sido alterados digitalmente, substituídos pelo de Belinda e o dele. Da mesma forma, as duas madrinhas de tafetá turquesa eram agora Evie e Caz. E Caz tinha escrito: *Isso é uma coisa que precisa acontecer! Vamos lá, Conor, todo mundo sabe que vocês dois formam um par perfeito, então quando* é que *você vai tornar a Belinda uma mulher decente e fazer o pedido?? Você sabe que quer! E, adivinha, eu encontrei o pároco hoje de manhã na rua e ele me contou que houve um cancelamento na igreja, o que significa que o primeiro sábado de julho está LIVRE! O que você está esperando? Você precisa marcar a data agora! O que vocês acham, pessoal? Ele deve fazer o pedido??? Vamos fazer desse um casamento memorável!!!*

Previsivelmente, nos comentários abaixo, dezenas de pessoas tinham deixado mensagens dizendo que sim, que ele devia mesmo e que mal podiam esperar para receber os convites para o casamento do ano.

Conor deu um suspiro de irritação. E pensar que todo mundo tinha garantido a ele que Caz era uma pessoa legal e com boas intenções e que ele passaria a gostar dela com o tempo.

Falando sério, isso *nunca* aconteceria. E, sim, aquela coisa de Facebook podia ser só brincadeira, mas era um tipo de brincadeira bem passivo-agressiva. Se reclamasse, ele seria acusado de falta de senso de humor. Se, por outro lado, deixasse para lá, os comentários provocadores e as insinuações não parariam.

Era uma situação da qual só se saía perdendo.

Conor atendeu o celular. Era Evie.

– Você viu?

– Vi.

– Olha, eu sei que ela é constrangedora às vezes, mas é brincadeira. Você está muito irritado com ela?

– Você pode pedir para ela apagar?

Ah, pronto. Ele já se sentia um estraga prazeres.

– Sei que é só brincadeira, mas parece um pouquinho… inadequado.

– Tudo bem.

Ele sentiu necessidade de explicar:

– Belinda e eu nos conhecemos em janeiro. Só tem dois meses.

– Eu sei. Mas achei que estava tudo ótimo entre vocês e…

– E está – protestou Conor. – A questão é que a maioria das pessoas prefere esperar um pouco mais antes de tomar esse tipo de decisão.

– Eu sei, mas Caz acha que Belinda merece ser feliz e que quando se conhece a pessoa certa não há necessidade de esperar – disse Evie, parecendo frustrada. – Eu só estou dizendo que todo mundo quer que você e Belinda sejam felizes.

– Eu sei disso. Só é muito cedo.

– Daqui a alguns meses, quem sabe? – perguntou ela, a frustração virando esperança.

Conor estava começando a se sentir encurralado de novo.

– Talvez.

– Eu não seria um aborrecimento, se é isso que te incomoda – disse Evie de repente. – Eu prometo!

Ele ficou surpreso.

– O quê? Não, Evie, você não me incomoda. Não é um aborrecimento.

– Ah, que bom – disse ela, aliviada. – Achei que devia falar mesmo assim.

– Não precisa.

– E, só para você saber, sem pressão nenhuma, mas, se você quisesse saber o que eu acho de você e Belinda se casarem e tal… bom, eu seria a favor.

Comovido, Conor disse:

– Obrigado.

– Você não precisaria ser tipo um padrasto se não quisesse. Só um adulto amigo seria bom.

– Beleza.

– E eu não me incomodaria se vocês tivessem bebês. Seria legal.

– Bem, aí já estamos pulando muitas etapas…

– Sim, eu sei, só estou dizendo. Até porque não é como se ela estivesse ficando mais nova, né? Você não quer esperar demais, quer?

– Bom, já chega desse papo.

Conor estava sorrindo, porque ele podia ter problemas na vida, mas Evie não era um deles.

– Você pode falar com Caz discretamente?

– Se eu falar discretamente, é muito provável que ela não me escute – disse Evie, rindo. – Não se preocupe. Vou ser firme. Vou fazer ela apagar o post.

# Capítulo 37

Lucas sabia que tinha que contar a verdade para Essie quando ela chegou para trabalhar na segunda de manhã balançando uma sacola e falando:

– Oi! A Giselle está por aqui?

– Desculpa, não está.

Ele se sentiu ao mesmo tempo enjoado e energizado, porque a necessidade de conversar com alguém sobre a situação estava ficando sufocante. Se era melhor ou pior essa pessoa ser Essie, ele não tinha ideia.

– Ah, deixa eu te mostrar o que eu comprei para ela ontem… Olha só isso, não é perfeito?

Animada com o que tinha achado, Essie abriu a sacola e, com um floreio, tirou uma saia de veludo lilás com a barra cortada enviesada.

– Vi em uma das barracas vintage do mercado e soube que Giselle ia amar. E, olha, tem elástico na frente, porque é uma saia de maternidade!

Ela encostou no próprio corpo e deu uma balançadinha para mostrar como o tecido era rodado.

– Tem espaço para a barriga crescer!

– Ah, nossa, é… É ótima.

Lucas fez uma pausa. Ele precisava falar.

– Giselle foi embora, Essie. De Bath. E eu nem sei por quê.

Silêncio. Os olhos verdes de Essie se arregalaram de choque. Por fim, ela disse:

– Uau, meu Deus… Mas ela te avisou que ia?

– Pessoalmente, não. Ela me mandou mensagem dizendo que sentia muito, mas precisava de um tempo longe, de um tempo para pensar. Eu não sei sobre o que ela precisa pensar. Não tenho ideia do que isso significa… Eu só sei que não posso mais ficar aqui sem fazer nada – disse ele, e balançou a cabeça. – Eu preciso falar com ela, descobrir o que está acontecendo.

– Você quer dizer que não foi agora? Quando ela foi embora?

– Sábado.

– Dois dias atrás? Ah, Lucas.

Essie levou as mãos à boca.

O estômago dele ficou embrulhado.

– Você é a primeira pessoa para quem eu conto.

A expressão de pena de Essie foi quase pior do que a de consternação.

– Você tem algum palpite de para onde ela foi?

– Tenho quase certeza de que foi para a casa dos pais. Eu tinha colocado ela no meu aplicativo de rastreamento do celular, porque ela vive perdendo o dela. Quando olhei, o sinal estava vindo do norte de Glasgow. No trem, eu acho. Mas ela pode ter desligado o celular depois disso. Não vi mais sinal.

Ele passou as mãos pelo cabelo.

– É não saber que está me matando. A gente está falando da *Giselle.* Por que ela faria *isso*?

Essie estava dividida entre ficar sem palavras e perguntar um monte de coisas. Mas as perguntas eram delicadas e ela não conseguiu fazê-las. Como Lucas

bem tinha dito, era da Giselle que estavam falando. Ela não era do tipo que fazia gestos dramáticos sem explicação. Ela era racional e sensata e… transparente. Mas, evidentemente, algo a estava perturbando…

– O que foi? – perguntou Lucas, que a observava com atenção.

– Não sei, eu só estou tentando raciocinar. Quando encontrei com ela na rua, semana passada, ela pareceu meio distraída.

Essie se esforçou para lembrar os detalhes.

– Ela me pediu para ir a um café com ela, mas eu não podia porque tinha que começar meu turno aqui. Combinamos de almoçar no sábado, mas na sexta à noite ela me mandou mensagem desmarcando. Na hora eu só achei que tinha a ver com o trabalho. Mas agora… Bem, pareceu que talvez ela quisesse conversar sobre alguma coisa…

– Bom dia!

A porta se abriu. Era Jude, pronta para começar seu turno. Mas, quando viu os dois, parou na mesma hora.

– O que foi?

Lucas *não estava* horrível, porque era atraente demais, mas estava com olheiras e a tensão palpável em seu semblante deixava claro que havia algo muito errado.

Essie fez café para os dois enquanto Lucas contava a Jude tudo que sabia. Quando terminou o relato, ele acrescentou:

– Eu vou até lá atrás dela. Tenho que ir.

– Eu acho que seria bom, mesmo – disse Jude. – Como você vai?

– De carro. Já olhei os trens. Não vão servir.

Jude olhou diretamente para Lucas enquanto a xícara de café tremia no pires.

– Essa é a melhor opção?

– Uma parte da ferrovia está em obras, a gente precisa percorrer um trecho de ônibus. Não vou aguentar a espera.

– Tudo bem, mas você vai ter que levar alguém junto. Não pode dirigir até Skye sozinho.

– Eu já pensei nisso – disse ele, mas dispensou a ideia. – Não tem

ninguém a quem eu possa pedir. Todo mundo trabalha, não dá para largar o serviço assim em cima da hora.

– Uma de nós pode ir – disse Jude, erguendo as sobrancelhas para Essie. – Que tal você?

Essie sentiu uma pontada de alarme.

– Eu? Mas e o bar?

– Sua amiga Scarlett está livre?

Essa era uma perspectiva ainda mais alarmante.

– Scarlett não sabe dirigir. Ela nem tem habilitação provisória!

– Eu quis dizer que ela podia ficar aqui substituindo você.

– Ou *você* pode ir – disse Essie.

– Eu iria, mas amanhã tem apresentação na escola da minha sobrinha e eu prometi que iria. Não posso faltar. Que tal Billy?

O jovem Billy, que estava ocupado preparando o bar para a abertura, pareceu apavorado.

– Eu não, de jeito nenhum, a minha mãe diz que eu sou um perigo no volante. E eu nunca dirigi numa rodovia – disse ele, e se virou para Lucas. – Deve ter alguém melhor do que eu.

– Ei, ei, o que está rolando?

A voz alta atrás dela fez Essie dar um pulo.

– Estão precisando de chofer? Acho a Escócia linda. Eu toparia um passeio!

Ah, Deus, Brendan não. *Não mesmo.*

Agora, foi a vez de Lucas parecer atordoado. Jude, aproveitando a brecha, disse com firmeza:

– Brendan, é uma gentileza da sua parte, mas Essie vai.

O coração de Essie disparou em uma cavalgada.

Assentindo com alívio evidente, Lucas olhou para ela.

– Obrigado.

Em casa, Essie jogou umas roupas e artigos de higiene em uma mala de mão e desceu a escada para contar a Zillah o que estava acontecendo.

– Tem certeza de que você vai ficar bem? Tem alguma coisa de que precisa antes de eu ir?

– Bem, se você puder instalar papel de parede na sala e fazer uma limpeza na casa, seria ótimo.

Depois de passar o batom Ruby Woo, da MAC, seu vermelho favorito, Zillah fechou o espelhinho que tinha na mão esquerda, ajustou o ângulo do chapéu marfim novo e abriu um sorriso largo.

– Querida, acredite se quiser, mas eu sou perfeitamente capaz de sobreviver sem você por uns dias. Eu não estou tão decrépita assim! Agora vá e mande um beijo para o Lucas. Ele deve estar morrendo de preocupação.

– Ele está.

– Bem, o que quer que aconteça, espero que seja o melhor para ele e Giselle.

Essie parou na entrada e acenou quando Zillah saiu dirigindo. Menos de dois minutos depois, Lucas encostou com o carro dele. Ele colocou a malinha dela no porta-malas, se levantou e a encarou. A expressão dele estava tensa.

– Olha, me desculpa por isso. Sei que não é o ideal, você não precisa vir se não quiser. Eu posso ir sozinho.

– Você *prefere* ir sozinho?

Os olhos escuros dele estavam assombrados.

– Não.

– Então pronto. Você precisa dividir a direção. A outra opção é o Brendan.

– Eu prefiro você – respondeu ele, esboçando um sorriso.

Essie se sentou no banco do passageiro.

– Então vamos. E não fique pensando que Giselle fez alguma besteira. Ela não faria, ok? Ela é sensata demais para isso.

Mas, quando deu partida no motor, Lucas disse sobriamente:

– Eu também nunca achei que ela fosse desaparecer.

# Capítulo 38

ZILLAH TINHA SIDO convidada para ir ao Lar St. Paul para comemorar o septuagésimo quinto aniversário de Elspeth. Levou para ela de presente uma *pashmina* rosa-peônia e um batom Chanel combinando, porque Elspeth tinha confidenciado a ela semanas antes que o único batom que tinha, da marca Rimmel, que ganhara em uma rifa 5 anos antes, estava quase acabando.

Zillah, que tinha dezenas de batons, talvez até centenas, adorou ir à Jolly's escolher um tom de cor-de-rosa que combinaria com a pele rosada de Elspeth. Seria melhor do que o vermelho que ela passava com entusiasmo nas ocasiões especiais desde que se conheceram.

Todos estavam reunidos para a festinha no jardim de inverno ensolarado. O grupo cantou "Parabéns pra você", chá e bolinhos foram servidos e Elspeth abriu os muitos cartões e presentes que tinha ganhado. Em seguida, chorou um pouco enquanto agradecia a todos pela gentileza com ela ao longo dos anos, desde a morte do marido.

– Eu adoro estar aqui – disse ela. – É meu lugar favorito. Me manter

ocupada e ajudar os outros… é tudo para mim. Muito obrigada por me deixarem trabalhar aqui e por me darem minha vida de volta.

Um dos médicos ofereceu a ela um buquê de rosas e disse que eles não conseguiam imaginar a vida sem ela; que ela era da família. Mais abraços vieram em seguida. Zillah, com os olhos marejados de repente, secou-os discretamente com um lenço de papel e se perguntou como seria viver como uma pessoa verdadeiramente boa e altruísta como Elspeth.

No momento seguinte, sua atenção foi capturada por uma paciente sendo levada de cadeira de rodas pelo jardim de inverno. Um cobertor vermelho tinha escorregado dos ombros dela e ficado preso embaixo da roda, e quando a enfermeira parou para soltá-lo, a mulher virou a cabeça para olhar diretamente pelas janelas do chão ao teto para a festa lá dentro.

Zillah ficou paralisada. Fazia 50 anos que não se viam, mas ela reconheceu o rosto da mulher na mesma hora. E o mais extraordinário foi ter conseguido reconhecê-la mesmo considerando o quanto a mulher parecia doente. Mas não havia a menor sombra de dúvida de que era ela, Alice.

Um turbilhão de lembranças rodopiou na cabeça de Zillah. Havia 58 anos desde o último encontro das duas. Alice e Matthew estavam tão felizes juntos até Zillah se intrometer e o roubar dela… Aquele continuava sendo o aspecto de sua vida do qual mais se envergonhava.

E agora, ali estava Alice de novo, com oitenta e tantos anos e obviamente mal… Ah, Deus, Zillah não seria capaz de encará-la; porque, além de tudo, que bem isso faria à pobre Alice? Não, ela teria que sair discretamente e ficar longe do lar pelas semanas seguintes ou pelo tempo que Alice ficasse morando lá.

Quando se virou para sair, Zillah viu sua fuga ser interrompida por Elspeth, alegrinha depois de ter bebido meia taça de prosecco e tão grata pelo lenço e pelo batom que parecia ter ganhado um relógio de diamantes Cartier. Quando Zillah se viu livre outra vez e saiu do jardim de inverno, era tarde demais; a enfermeira estava empurrando a cadeira de rodas de Alice pela entrada principal.

– E aqui está ela – exclamou a enfermeira com alegria. – Falando no

diabo… nós estávamos falando de você! Zillah, esta é Alice, nossa mais nova residente. Eu estava mostrando o jardim a ela antes de levá-la para o quarto.

O cabelo antes louro de Alice agora estava branco, os olhos estavam envoltos em uma película acinzentada e ela parecia tão frágil quanto um papel de seda, mas seu olhar foi firme quando ela observou a mulher que tinha roubado seu noivo.

– Não são muitas as pessoas que têm esse nome. Eu estava mesmo me perguntando se era você.

Alice virou a cabeça de leve para falar com a enfermeira.

– Zillah e eu nos conhecemos.

– Ah, é? Que maravilha! Não é uma beleza? – disse a enfermeira, sorrindo. – Então você já sabe como ela é uma pessoa especial.

– Especial – ecoou Alice, a expressão impenetrável. – Ah, sim.

Se ela ao menos pudesse ter escapado. Zillah olhou o relógio.

– Bem, eu tenho que ir…

– Não, não vá – interrompeu Alice. – Fique um pouco. Afinal, nós temos tanta coisa para botar em dia.

Minutos depois, Zillah estava sentada em frente a Alice em um canto recluso do jardim, debaixo dos galhos de uma lilás com folhas novas. Não havia ninguém por perto.

– Eu sinto muito – disse Zillah, sentindo o couro cabeludo arrepiado de vergonha. – Por tudo.

Alice assentiu. Silêncio. Finalmente, ela pigarreou.

– Bem, eu fico feliz de ouvir isso.

Zillah sentiu seu rosto corar.

– Eu sempre me senti culpada.

Houve outra pausa excruciante e Alice falou:

– Todos aqueles anos, depois que aconteceu, eu tinha longas conversas imaginárias com você. Fazia isso o tempo todo. Eu xingava você, dizia quanto tinha me magoado.

– Você tinha todos os motivos do mundo. Ainda tem – disse Zillah, abrindo as mãos em rendição. – Pode falar, eu mereço. Pode falar tudo.

– Ah, por favor, Zillah. Isso foi uma vida atrás. E, agora, a *minha* vida está

quase acabando. Eu não vou passar as últimas semanas sendo amarga e debochada – disse Alice. – Seria um desperdício. Está tudo no passado. Como você está?

Ela abriu um sorriso subitamente e seu rosto se suavizou.

– Assim que a enfermeira falou de uma visitante chamada Zillah, eu imediatamente perguntei qual era a sua aparência. Quando ela disse que era muito estilosa e glamourosa, soube na hora que só podia ser você. E, minha nossa, ela estava certa. Você deixa o resto de nós no chinelo.

Não era justo Alice se comparar a alguém que não tinha uma doença terminal. Zillah disse:

– É tudo maquiagem. Se eu tirasse tudo, você ficaria chocada.

– Não é verdade. Você sempre foi a garota mais bonita que eu já vi. Não me admira Matthew ter se enfeitiçado por você.

– Me desculpe, Alice.

Alice desconsiderou o pedido de desculpas.

– Não fique dizendo isso. Agora me conte, por quanto tempo vocês dois foram felizes juntos?

Zillah pegou um lenço de papel na bolsa e o apertou entre as mãos - úmidas.

– Não muito, infelizmente.

– Eu ouvi falar do divórcio. Soube que ele se casou de novo.

– Sim. E assim permaneceu. E você?

– Eu só tive um marido. Ele era um bom homem, morreu vinte e três anos atrás. Nós éramos um casal bacana. E você?

– Perdi meu terceiro marido dez anos atrás. Sinto falta dele todos os dias – disse Zillah –, mais do que qualquer pessoa poderia imaginar. Foi ele quem fez tudo valer a pena.

– Ele era mais dinâmico do que o Matthew? – perguntou Alice, erguendo as sobrancelhas. – Mais empolgante?

– Sinceramente? Sim.

– Eu sabia. Sabia que Matthew não seria suficiente para você.

– Quando William morreu, eu achei que era minha punição por ter feito o que fiz com você.

– E quando eu estava infeliz e solitária – confidenciou Alice –, torcia para você estar infeliz e solitária também.

Era quase um alívio ouvir aquilo.

– Claro que torcia – disse Zillah. – Você é humana.

– Não por muito mais tempo – respondeu Alice com um sorriso pesaroso.

# Capítulo 39

O celular de Essie vibrou de novo, indicando que ainda havia ligações chegando. Depois que passaram por Birmingham, ela assumiu a direção. Por sorte, a estrada estava livre e as condições eram boas, o que garantiu uma viagem tranquila. Era emocionante dirigir um carro tão fantástico, com o rádio ligado bem baixinho. Mas, por dentro, Essie se sentia culpada, porque aquela viagem, apesar de ser potencialmente um dos momentos mais traumáticos da vida de Lucas, estava sendo bem agradável.

Não que ela fosse admitir isso para qualquer pessoa.

Bem, só para Scarlett, talvez.

Essie deu uma olhada para o lado e viu que Lucas ainda estava apagado. Praticamente no exato momento em que ele foi para o banco do carona, as 48 horas de estresse e exaustão cobraram seu preço. Essie tinha dado uma ou duas olhadinhas, apenas, mas todas confirmaram que ele ficava lindo dormindo. E, sim, sem dúvida era errado estar pensando isso, mas era verdade.

E ele não roncava.

Bem, não dava para deixar de notar uma coisa dessas, certo? É sempre bom saber.

Mas o som do celular vibrando estava começando a ficar irritante e eles estavam a um quilômetro e meio do próximo posto de gasolina. Um minuto depois, chegando lá, Essie encontrou uma vaga e saiu do BMW o mais silenciosamente possível. Ela se afastou do carro, olhou para o celular e ligou para Paul.

– *Finalmente.* Você tem ideia de quantas mensagens eu deixei? – perguntou ele, parecendo uma vespa furiosa.

– Onze de voz – respondeu Essie. – E três mensagens de texto.

– Por que você não respondeu nenhuma? Onde você *está*?

– Em algum lugar perto de Manchester.

– *O quê?*

– Eu não tive tempo de te avisar. Giselle desapareceu, estou com Lucas. Nós tivemos que vir para descobrir o que está acontecendo.

Depois de um silêncio perplexo, Paul perguntou:

– E Lucas não podia ir sozinho?

– Eu estou dirigindo, ele está dormindo um pouco. Olha, Paul, a coisa é séria, ok? Ele está morrendo de preocupação com a Giselle. Não é típico dela fazer uma coisa dessas.

– Mas por que *você* teve que ir? Por que não outra pessoa?

– Porque fazia mais sentido ser eu. Vou ficar fora por uns dias – acrescentou ela.

– Mas eu comprei ingressos para aquela peça de Harrold Pinter hoje. Não foram baratos, sabia?

Ele estava irritado. A boa notícia era que assistir a uma peça de Harrold Pinter era uma das coisas que ela menos gostava de fazer.

– Bom, sinto muito por isso, mas você ainda pode ir. Você vai ter mais espaço para esticar as pernas. Agora eu preciso desligar, tchau!

Quando Essie se virou, viu Lucas do lado de fora do carro, olhando para ela com uma sobrancelha erguida.

– Paul está com raiva de você?

Ele tinha escutado, evidentemente.

– Como você sabe que era ele?

– Você sempre fala diferente quando é com ele. De zero a dez, com quanta raiva ele está?

– Seis, talvez sete.

– Me desculpa, Essie. Eu não queria causar problemas entre vocês.

Ah, se ele soubesse quantos problemas já tinha causado. Essie sorriu.

– Não se preocupe, você não está causando nada.

Pelo menos, não um tipo de problema que a estivesse incomodando.

Em casa, Zillah fez uma xícara de café. Mas jogou-a fora e se serviu de uma dose grande de uísque.

Tem dias que só um uísque, mesmo.

Mas, Deus, certamente aquela tinha sido uma das experiências mais humilhantes da vida dela. E o fato de Alice ter sido tão gentil só a fizera se sentir bem pior.

Talvez fosse a punição que ela sempre tinha merecido.

As fotografias estavam guardadas em caixas, no alto do guarda-roupa no quarto dela. Zillah tinha escaneado as mais importantes para o iPad, mas havia centenas de outras que existiam apenas no papel, muitas tiradas décadas antes, em seus vinte e poucos anos. Se sua memória ainda valesse, havia uma particularmente linda, tirada em uma festa, de Alice e Matthew quando ainda eram um casal feliz.

Seria um gesto legal ou uma indelicadeza enorme entregar a fotografia para Alice? Indelicadeza, provavelmente, mas primeiro Zillah tinha que encontrá-la para depois decidir. E havia ainda outras fotos, menos controversas, dos amigos com quem eles socializavam naquela época; Alice talvez fosse gostar de vê-las.

Zillah tirou os sapatos e puxou a cadeira da penteadeira. Era alto, mas ela

já tinha feito aquilo muitas vezes. Ela até sabia qual caixa pegar; era uma preta e branca à esquerda…

Mas, quando ficou na ponta dos pés, sentiu uma pontada de dor no tornozelo, resquício do tombo no estábulo. Não foi excruciante, porém o suficiente para abalar o equilíbrio na hora que ela conseguiu pegar a caixa. Na fração de segundo seguinte, uma torrente de pensamentos passou pelo cérebro de Zillah… Ela estava caindo, e o baque não seria confortável, no colchão macio… Não, infelizmente ela estava longe da cama, e o melhor que podia esperar era o chão acarpetado; o *pior* seria bater na quina de mogno entalhado no pé da cama. Ela fechou os olhos e caiu para trás no ar, se preparando para a dor lancinante que viria…

Quando aconteceu, o estalo alto a fez gritar, porque o lado direito da cabeça realmente fez contato com a madeira da cama. *Deus*, *ai*.

Caída no chão, por vários segundos Zillah se concentrou em respirar. Atordoada, verificou cautelosamente cada parte do corpo. Tudo doía, mas, por um milagre, parecia que não havia nada quebrado.

Mas os hematomas seriam espetaculares.

Na queda, tinha levado a caixa junto; a tampa havia voado e as fotos tinham caído como uma explosão de confetes gigantes. Ainda recuperando o fôlego e esperando que a dor acima da orelha direita diminuísse, Zillah encontrou uma foto sobre o peito. Sem se mover, ela ergueu o papel e o segurou acima da cabeça. Quando seus olhos finalmente entraram em foco, ela viu que era uma dela e de Matthew, tirada um ano depois do casamento, mais ou menos.

Zillah observou seu eu mais jovem, sorrindo abertamente, magra e linda, e soube que a percepção do que tinha feito na época já havia se entranhado em sua mente. Aos 27 anos, ela já cometera um dos maiores erros de sua vida e era forçada a conviver com ele dia após dia.

Ela largou a foto e deixou que caísse no chão ao seu lado; não se importaria de nunca mais vê-la.

Ah, sim, era carma mesmo.

A dor na cabeça não estava diminuindo nadinha.

Lancaster. Kendal. Penrith. Carlisle.

Lucas tinha terminado mais um turno de direção e Essie estava de volta ao volante enquanto ele cochilava. Quanto mais avançavam rumo ao norte, mais espetacular o visual ficava. Estavam adiantados, pois só tinham feito uma parada rápida para ir ao banheiro e comprar café.

Essie pegou outro caramelo com menta na caixinha em seu colo. Estavam se aproximando de Glasgow. Essie nunca tinha dirigido para tão longe. E se eles chegassem a Kinlara, em Skye, e descobrissem que Giselle não estava lá?

E se ela estivesse, mas não quisesse falar com Lucas?

E por que, *por que* Giselle tinha feito aquilo?

Era um círculo infinito de perguntas sem resposta e, se a situação estava incomodando Essie, dava para imaginar o efeito que devia estar tendo em Lucas.

O sol estava baixo no céu. Tinham saído às 11h30 e agora eram 18h30. De acordo com o GPS, chegariam em Kinlara às 22h45.

– Onde estamos? – perguntou ele, acordando.

– Glasgow.

– Minha vez.

– Tudo bem. Quando chegarmos no próximo posto, a gente troca.

As costas de Essie estavam começando a doer um pouco. Como não tinha sido mencionado ainda, ela perguntou:

– Alguma ideia de onde podemos ficar quando chegarmos lá?

Ele esfregou as mãos no rosto.

– Meu Deus, foi mal, eu nem pensei nisso.

– Tudo bem, não imp…

– É claro que importa – disse ele, pegando o celular. – Vou reservar um lugar agora mesmo.

Quando chegaram ao posto seguinte, Lucas finalizou a reserva on-line em um hotel.

– Pronto, feito.

– Posso ver?

Ele entregou o celular para ela e ela observou as fotos do hotelzinho familiar situado na rua principal, com vista para o porto e para o mar.

– Parece bom. Você reservou dois quartos? – perguntou Essie, mas, assim que as palavras saíram, ela se arrependeu.

– Eu estou indo ver minha namorada grávida. É claro que reservei dois quartos – disse ele calmamente.

– Na verdade, eu estava querendo saber se eles *tinham* dois quartos disponíveis e… – Nervosa, Essie começou a falar com descontrole: – Já que foi tão em cima da hora e tal. Mas que bom que tinham e… Eu não quis insinuar nada e…

– Dois quartos. Não precisa de pânico. Acredite se quiser, não estava nos meus planos seduzir você essa noite.

Ela segurou uma resposta porque Lucas estava sob muita pressão e aquele não era o momento. Em silêncio, saíram do carro e trocaram de lugar. Essie colocou o cinto de segurança, fechou os olhos e virou a cabeça para longe dele.

Não que ela fosse conseguir dormir.

Cinco minutos depois, na M8, ela ouviu Lucas dizer:

– Ess? Desculpa.

– Tudo bem. Não esquenta.

– É que essa situação está me matando. É horrível não saber o que está acontecendo.

Essie sentiu pena dele; era mesmo uma situação insuportável. Ela abriu os olhos e se virou para olhar para ele.

– Eu sei.

# Capítulo 40

Estava escuro lá fora, o que significava que devia ser noite. Zillah olhou pela janela e viu o brilho âmbar enevoado da luz da rua. Por algum motivo, ela não conseguia colocar a lâmpada em foco, mas não importava.

Sua cabeça ainda doía, mas era um grau de dor que ela conseguia suportar. E ela tinha conseguido se levantar do chão, ainda bem, ir até o banheiro e voltar para a cama. Estava cochilando de maneira intermitente desde então e tinha tomado água da garrafa ao lado da cama. Seu celular estava em algum lugar, mas ela não conseguia se lembrar onde. Mas ligar para alguém e contar sobre a queda só a faria ter que ouvir um sermão sobre ter subido na cadeira. Depois, haveria outro sermão chato dizendo que ela mereceu porque estava usando salto. Bláblábla. Deus, que tédio.

Era mais fácil ficar na cama e deixar aquela dor de cabeça ridícula seguir seu rumo. Era como uma gripe forte; bastava repousar e esperar que passasse.

Descansar, relaxar, se recuperar.

Nada com que se preocupar. Conor ou Essie logo chegariam.

As horas de pôr do sol mais cedo tinham sido espetaculares, inundando o céu com tons vibrantes de amarelo, laranja e roxo com traços de cor-de-rosa. A escuridão foi caindo à medida que avançavam para o norte. Glencoe, Fort William, Invergarry já estavam para trás e já tinham atravessado a ponte de Skye. Ao longe, as montanhas com seus cumes cobertos nevados eram como fantasmas sob o brilho leitoso da lua. Eram 22h15 e Kinlara estava à frente, a poucos minutos de distância.

Quando fizeram a última curva na estrada, avistaram um crescente de prédios iluminados à beira da água, as luzes refletidas no mar escuro.

Como já tinha pesquisado no Google, Essie sabia que na luz do dia os prédios tinham tons pastel de âmbar, violeta, cor-de-rosa e verde. Kinlara era famosa pela beleza e pelo charme e era um dos destinos turísticos mais populares das Highlands. Por isso ela perguntara a Lucas se ele tinha conseguido reservar dois quartos, não porque quisesse passar a noite na cama dele, afff…

Mas Essie não disse nada disso. Apenas:

– Que lindo…

Lucas assentiu brevemente, os dedos brancos de tanto apertar o volante.

– É mesmo.

Cinco minutos depois, entraram no estacionamento do hotel.

– E agora? – perguntou Essie enquanto descarregavam as malas.

Eram 22h20; seria tarde demais para Lucas ir atrás de Giselle?

– Eu preciso encontrá-la.

– Não faria mais sentido esperar até de manhã?

Ele balançou a cabeça.

– Não, não vou conseguir esperar.

– Tudo bem. Mas ela pode não estar aqui.

– Eu acho que está.

– Ela pode não querer te ver, Lucas.

– Eu sei. Mas preciso tentar.

Essie só podia tentar imaginar o que ele estava sentindo. Se fosse qualquer outra pessoa, ela teria oferecido um abraço, mas a pessoa era Lucas e ela não podia.

– Então vai. Eu subo com a sua mala e faço o check-in. Espero que você encontre Giselle e que ela fale com você.

A porta de entrada lateral do hotel rangeu ao se abrir. Uma figura saiu das sombras.

– Está tudo bem – disse Giselle baixinho. – Eu vou falar.

Lucas abriu a porta do quarto que tinha reservado para si, e Giselle entrou na frente dele. Ele colocou a mala em um canto e se virou para olhar para ela. Ela estava pálida, mas claramente preparada para aquela conversa.

– Você estava me esperando.

Giselle deu de ombros.

– Bem, estamos em Kinlara. Assim que Molly olhou a reserva e viu que o nome no cartão de crédito era Lucas Brook, ela me ligou. Você mandou uma mensagem para cá avisando que chegaria depois das dez. Eu só vim e fiquei esperando no bar até ouvir seu carro parando no estacionamento. Lucas, eu *sinto muito*…

– Você está… bem?

Ela assentiu.

– Estou.

– Eu preciso saber o que está acontecendo.

Havia um sofá de estofamento xadrez de um lado da lareira vazia, uma poltrona combinando do outro. Giselle se sentou na poltrona e indicou que Lucas se sentasse no sofá. Assim, ficaram separados por uma mesa de centro de madeira coberta de revistas e uma lata de biscoitos.

– Você não vai gostar do que eu tenho a dizer… – A voz dela falhou. – Não queria que nada disso tivesse acontecido, eu juro, mas aconteceu e eu sinto muito. Estava confusa, não sabia o que fazer. Mas agora eu sei e não

posso viver uma mentira. O bebê não é seu, Lucas… Você não é o pai. – Ela parou abruptamente e cobriu a boca com a mão, os olhos arregalados de angústia. – Eu não acredito que isso está acontecendo. Não acredito que consegui falar…

O silêncio ocupou o quarto como uma névoa.

Só quando Lucas expirou foi que ele percebeu que estava segurando o ar havia meio minuto.

– Você conseguiu – disse ele, se inclinando para a frente. – É verdade?

Lentamente, Giselle assentiu de novo. Seus olhos se encheram de lágrimas e suas mãos tremeram quando ela os secou.

– É verdade.

Aquela era uma possibilidade que Lucas sequer tinha considerado. Ao menos não a sério. Há pessoas que dá para imaginar sendo infiéis, com algumas até é de se esperar que isso aconteça. Mas Giselle não era uma delas.

– E quem é? – perguntou Lucas. – Alguém que eu conheço?

– Não, você não conhece. Não foi em Bath – explicou ela. – Ele mora aqui.

Giselle teria um bebê, mas não era mais o bebê *deles*. O futuro dele tinha acabado de dar outra guinada radical. E Giselle sabia a verdade o tempo todo.

*Uau*.

– Me conta tudo – pediu Lucas.

Ela contou.

– O nome dele é Gregor McTavish. Nós estudamos juntos. Nos conhecemos desde que a minha família veio morar aqui, quando eu tinha 10 anos. – Giselle remexia os dedos no colo. – Quando tínhamos 16 anos, começamos a namorar, mas nossos pais acharam que éramos muito novos e pressionaram para que não levássemos o namoro adiante. Isso nos deixou mais determinados a não terminar, é claro, e continuamos juntos até os 18. Então eu me mudei e comecei a estudar enfermagem, e uma garota chamada Claudine veio para cá para trabalhar como aprendiz de chef no Castle Hotel… Em resumo, Claudine ficou de olho em Gregor e ele acabou cedendo, porque não era fácil manter uma relação comigo à distância. Então terminamos. Foi bem difícil, mas acabei superando porque essas coisas acontecem e a gente precisa superar, não é?

– Continue – disse Lucas.

– Eles foram para a Itália trabalhar juntos em um hotel em Florença e acabaram terminando também. Gregor foi para a Nova Zelândia… mas, seis meses atrás, o pai dele ficou doente e ele voltou para Kinlara. O que significa que, quando eu vim passar o Natal, eu o vi de novo pela primeira vez em 10 anos.

– E bastou uma olhada nele para saber que ainda o amava.

– Não!

Giselle olhou para ele com angústia.

– Eu amava você, Lucas! Foi ótimo revê-lo, era como reencontrar um velho amigo… e havia outras pessoas da escola, Jen e Jamie… foi natural nós quatro nos encontrarmos para socializar. Na véspera de Natal, Gregor nos convidou para jantar no chalé dele, mas Jen e Jamie precisaram cancelar no último minuto porque a avó da Jen foi levada às pressas para o hospital. Eu fui sozinha e foi nessa ocasião que, você sabe… aconteceu.

– Você dormiu com ele.

Giselle fez uma careta.

– A neve estava aumentando… O chalé do Gregor fica uns quilômetros distante de Kinlara e a minha mãe tinha me levado de carro. Às dez, ela ligou e disse que não ia conseguir me buscar. Resumindo, eu acabei bebendo demais com o garoto que foi meu primeiro amor… e ele me disse quanto sentia saudade de mim e que queria que a gente nunca tivesse terminado, e a sensação foi a de estar ouvindo tudo que eu passei a vida inteira querendo ouvir, e, de alguma forma… bom, você já sabe o resto. Simplesmente… aconteceu.

Lucas balançou a cabeça, impressionado.

– Quantas vezes você dormiu com ele?

– Só essa vez. Quando acordamos, na manhã seguinte, eu falei que não podia acontecer de novo. Eu nem conseguia acreditar que a gente tinha feito aquilo. Eu não conseguia acreditar que tinha sido infiel a você.

Ela estava olhando para Lucas com expressão de súplica, desejando que ele entendesse.

– Foi o maior erro que eu já cometi, Lucas. A pior coisa que já fiz na vida.

Eu e ele decidimos deixar aquela noite pra trás, fingir que não tinha acontecido.

– Mas não passou pela sua cabeça que você podia engravidar? – perguntou Lucas.

Giselle ficou corada.

– Minha menstruação tinha acabado no dia anterior. Achei que não corria esse risco e… Eu *achei*. Simplesmente convenci a mim mesma de que tudo ficaria bem. Mas aí, voltei pra Bath, pra você, e pareceu que nada tinha acontecido. Eu nunca achei que fosse o tipo de pessoa capaz de fazer uma coisa dessas, mas…

– Acontece que você foi, sim – disse Lucas quando ela deixou a frase no ar.

Ela assentiu com resignação.

– É, fui…

Isso explicava por que a vida sexual deles tinha pulado pela janela depois do retorno da viagem de Natal. Na ocasião, as desculpas pareciam plausíveis: ela estava exausta ou se sentindo desanimada, ou precisava acordar muito cedo para trabalhar.

Agora, ele entendia o verdadeiro motivo.

E também estava claro por que Giselle parecera tão distraída depois que a gravidez foi confirmada.

– E o plano era me deixar achando que o bebê era meu?

Aquela era a parte mais difícil de aceitar.

– Eu não sabia *o que* fazer. Fiquei muito chocada e envergonhada.

Giselle se recostou e soltou um grunhido de repulsa por si mesma.

– Você estava bem ali quando eu fiz o exame… Não tive tempo de acertar tudo na minha cabeça. Se eu não te amasse, teria sido mais fácil… mas eu te amava.

Lucas reparou no uso do verbo no passado.

– O suficiente para dizer que o filho de outro homem era meu.

– Eu entrei em pânico e me arrependo disso, Lucas. Quanto mais o tempo ia passando, mais impossível ficava contar a verdade. E, na minha cabeça, a coisa toda só ia ficando mais e mais enrolada.

Lágrimas novas de angústia rolavam pelas bochechas dela.

– Eu achei que fosse enlouquecer. Durante toda a minha vida fui uma pessoa boa e todo mundo sempre gostou de mim, mas de repente eu virei a pessoa ruim que fez essa coisa horrível… e de repente eu estava aqui, fazendo uma coisa *ainda mais* horrível.

A voz de Giselle falhou e ela passou os braços em volta do próprio corpo.

– Na sexta eu já sabia que tinha que resolver essa situação de alguma forma, mas precisava fazer isso sozinha, sem você por perto. E eu precisava contar ao Gregor. O que quer que acontecesse, ele merecia saber. Por isso, pedi uma semana de licença no trabalho e vim para cá.

– Você contou para ele?

– Contei.

– Ele ficou chocado?

– Chocado é eufemismo.

– Você vai… ter o bebê?

Giselle olhou para ele com firmeza.

– Ah, vou.

Lucas assentiu. Muitas garotas na situação de Giselle talvez tivessem tomado a decisão de não dar continuidade à gravidez. De certa forma, era de se admirar ela decidir ir em frente.

– Nós conversamos muito – prosseguiu ela –, eu e o Gregor. Hoje de tarde ele disse que a gente devia tentar de novo, ver se conseguimos voltar a ter o que tínhamos. Pelo bem do bebê.

– Você acha que vai dar certo?

– Não faço ideia. Mas faz sentido tentar. Vou pedir demissão do hospital, vou me mudar para cá e nós vamos tentar.

Giselle secou os olhos com a manga do suéter listrado azul e branco.

– Sei que parece antiquado, mas Kinlara ainda não entrou no século XXI. Isso é o que nossos pais esperariam que a gente fizesse, sabe? Também sei que não é lá muito romântico, mas que outra escolha a gente tem? Eu fiz uma grande besteira e agora preciso lidar com as consequências.

– Nunca se sabe, pode ser que dê certo – disse Lucas.

– É muito gentil da sua parte me dizer isso, mesmo depois de tudo que eu

fiz com você.

As lágrimas caíram mais rápido e pingaram do queixo dela.

– A gente estava tão feliz, não é? Eu consegui estragar o melhor relacionamento da minha vida.

Ele balançou a cabeça.

– Não. O melhor relacionamento da sua vida vai ser com o seu bebê, e é só isso que importa agora. Você precisa se cuidar.

– Quase seria mais fácil se você gritasse comigo – disse Giselle.

Lucas conseguiu abrir um sorriso breve.

– Bem, eu não vou fazer isso.

– Mas eu mereço.

– Só que não mudaria nada – disse Lucas. – Mudaria?

# Capítulo 41

Silêncio total do lado de fora do hotel. No quarto, encolhida no assento junto ao janelão com os pés embaixo do corpo, Essie observava as luzes refletidas na água em frente à rua principal. Dormir estava fora de cogitação. Havia mais de uma hora que ela tinha deixado Lucas e Giselle conversando e ainda não fazia a menor ideia do que estava acontecendo.

Eles ainda estavam conversando ou estava tudo resolvido? Giselle teria sofrido um pico hormonal que a fez entrar em pânico e fugir e Lucas teria garantido que tudo ficaria bem, que ele a amava mais do que tudo e que eles superariam aquilo juntos? Estariam transando apaixonadamente para fazer as pazes…?

Sem querer ficar pensando nessa última possibilidade, Essie disse a si mesma que, fossem quais fossem seus sentimentos por Lucas, os dois voltarem era inegavelmente o melhor resultado. Porque não era só um caso de duas pessoas decidirem se continuariam juntas, certo? Havia um bebê envolvido na história.

O celular tocou. Paul de novo. *Meu Deus, por Facetime*.

Por mais tentador que fosse ignorar a ligação, Essie atendeu. O rosto bonito e sério de Paul encheu a tela e ele falou, sem rodeios:

– Onde você está?

– No meu quarto de hotel.

– E o Lucas?

– No quarto dele, conversando com a namorada dele.

– Me mostra o quarto – disse Paul.

– É sério? Por quê? Você acha que Lucas pode estar escondido embaixo da cama?

– Eu não sei, não é? Por isso estou pedindo.

Naquele momento, houve um clique na cabeça de Essie. Ela olhou para aquele homem, pensou em todo o esforço que fizera para ficar feliz com o retorno dele, e de repente soube que não daria certo. Então, disse com tranquilidade:

– Sabe de uma coisa? Se eu quisesse passar a noite em um hotel com Lucas, eu não dirigiria mais de 900 quilômetros pra isso, Paul. Nós provavelmente escolheríamos algum lugar nos arredores de Bath.

Ele se irritou visivelmente.

– Nossa, olha o que você está dizendo… Você mudou.

– Mudei. E você ainda não contou para a sua mãe que a gente voltou.

– Não contei porque…

– Olha, não importa mais. Não precisa dizer para ela.

Paul fez um gesto de irritação.

– O que você está dizendo?

– Bem, isso não está dando certo, não acha? Você não confia em mim e a sua mãe nunca vai deixar de me odiar. A gente tentou, Paul, mas acho que nosso relacionamento morreu mesmo, você não acha?

A cada palavra, Essie se sentia ficando mais leve; era mesmo uma sensação incrível. Sem conseguir evitar que um sorriso surgisse no rosto, ela disse com alegria.

– Acho que podemos encerrar aqui.

– Mas… mas…

Essie desligou, deixando Paul com a boca aberta como um peixe na tela. Ufa, era uma tarefa que ela podia riscar da lista agora. Embora ela já devesse ter feito aquilo bem antes. E não havia motivo para sentir pena de Paul; talvez ele ficasse com o orgulho ferido, mas certamente se recuperaria rapidinho. Lá no fundo, ele sabia tão bem quanto ela que ressuscitar aquele relacionamento não daria certo.

No andar de baixo, uma porta se abriu e fechou. Essie se inclinou para a frente, encostou o rosto no vidro frio e viu alguém sair do hotel. Seu coração deu uma pirueta quando se deu conta de que era Giselle, andando sozinha pela rua com os longos cachos castanhos balançando e as mãos enfiadas nos bolsos do casaco roxo favorito.

Impossível imaginar o que poderia ter acontecido. Em meio minuto, Giselle virou à esquerda em uma ruazinha e desapareceu de vista.

Essie olhou para o celular. Ela podia ligar ou mandar mensagem para Lucas. Mas ele sabia que ela estava ali, e sabia que ela estaria ansiosa para saber o resultado do encontro. Era melhor deixar por conta dele.

Vinte minutos depois, nada. Enquanto ela estava no banheiro escovando os dentes, Essie ouviu o mesmo som da porta se abrindo e fechando lá embaixo outra vez e imaginou Giselle voltando correndo para o hotel para se jogar nos braços de Lucas…

A parte insuportável era não saber. Ela saiu do banheiro, atravessou o quarto e se jogou no assento da janela, quase quebrando os dentes da frente quando o cabo da escova de dentes bateu no vidro. Ok, se não houvesse ninguém lá fora, talvez tivesse mesmo sido Giselle voltando…

Mas havia alguém lá fora, e era Lucas, reconhecível pela camisa polo azul-marinho e calça jeans. Ela o viu passar os dedos pelo cabelo escuro enquanto observava a rua e o mar.

Prestes a ir atrás de Giselle? Essie prendeu a respiração e esperou, mas isso não aconteceu. Ele virou para a direita, atravessou a rua e andou até chegar ao dique de pedra. A pasta de dente escorreu pelo queixo quando ela grudou o rosto no vidro. O que ele estava *fazendo*?

No momento seguinte, Lucas pulou do dique e sumiu de vista.

Ah, meu Deus, *meu Deus, não*…

– Você não está sendo muito gentil comigo – disse Zillah.

– Ah, eu achei que você precisasse de cuidados – retorquiu Alice. – Não percebi que precisava ser gentil além disso.

Zillah nunca tinha se sentido pior. Ali estava ela, entrevada na cama e se sentindo péssima, e ali estava Alice, jovem e glamourosa, servindo a ela a comida mais horrível do mundo. Havia um pão mofado na bandeja que ela tinha acabado de levar para o quarto, um copo de leite que tinha talhado e uma cumbuca de sopa com objetos sinistros flutuando.

– O que é isso? – perguntou ela, apontando para a cumbuca sem muita energia.

– Lesmas. Encontrei no jardim – disse Alice com satisfação.

– Ah, não, por favor, você não pode me fazer comer lesmas…

Com um sorrisinho debochado, Alice imitou o choro de desespero dela.

– Ah, eu acho que você vai descobrir que eu posso, sim…

Zillah abriu os olhos e quase chorou de alívio ao encontrar o quarto vazio. Outro pesadelo, só isso. E ainda estava escuro lá fora, mas em algum momento ela tinha conseguido derrubar o relógio da mesa de cabeceira e não era mais possível saber a hora. Sua cabeça ainda estava doendo, uma dor esmagadora que não dava sinais de que diminuiria. O que não estava ajudando.

Ela se perguntou vagamente se não seria boa ideia ligar para alguém e contar sobre a dor de cabeça. Mas lembrou que tinha perdido o celular, apoiado em algum lugar seguro que ela não conseguiu mais encontrar depois da queda. Ah, bem, melhor não criar caso… era só uma dor de cabeça. Deus sabe que era gente reclamando sobre coisas que não eram sérias que deixaram o sistema de saúde no estado que estava.

Dormir, ela só precisava disso para passar por aquele momento, e por sorte ela estava sentindo sono o tempo todo agora.

Ah, mas, por favor, que não houvesse mais sonhos como o de Alice e as lesmas.

– O que houve? – disse Lucas, olhando para cima, para ela.

*O que houve?* Ele estava mesmo fazendo aquela pergunta?

Essie não conseguiu recuperar o fôlego para falar; ela tinha saído correndo do hotel e seguido pela rua esperando encontrá-lo no mar preto e frio.

Mas ele não estava lá; ele estava sentado casualmente na encosta de pedra que descia até a água do outro lado do dique.

Ela se recompôs com dificuldade; a sensação de que seus pulmões explodiriam era amplificada pela sensação gelada da pasta de dente na boca e na garganta. Ela esperou que sua inspiração ficasse menos frenética e disse:

– Eu achei… que você… tivesse caído… no mar.

– Você estava olhando lá do hotel?

Essie assentiu; se não estivesse, por que teria corrido até lá embaixo? *Dã.*

– Você achou que eu tinha caído? Ou pulado?

– Eu não sabia, tá bom?

– Desculpa.

Ele abriu um sorriso de leve, os dentes brancos visíveis na luz da rua atrás deles. Ele bateu na pedra ao seu lado.

– Senta aqui comigo. Está tudo bem, está seco.

– Por que você está sentado aqui fora?

– Eu a vi quando saí para tomar um ar.

Essie piscou.

– Não entendi. Quem?

– Você ainda não reparou?

Lucas apontou para a parte inferior da inclinação, onde a pedra encontrava as ondas suaves e emaranhados de algas flutuavam na superfície da água.

– Ah!

Quando Essie se concentrou e deu aos seus olhos tempo de se ajustarem, percebeu que não eram algas. As bolotas pretas eram cabeças de focas, os olhos pretos brilhando enquanto flutuavam no mar. E havia mais algumas

outras deitadas ao pé da inclinação, observando calmamente os visitantes noturnos.

– Viu agora? – murmurou Lucas.

– Vi! Elas sabem que nós estamos aqui, mas não estão nem um pouco amedrontadas.

– E nem precisam. Ninguém faz mal a elas aqui. Giselle me contou sobre elas um tempão atrás.

Essie não disse nada; Era Lucas quem tinha que decidir se contaria ou não o que tinha acontecido entre ele e Giselle. Ela ficou inspirando o ar salgado da noite e esperando.

– Eu não vou ser pai – disse Lucas por fim.

O coração de Essie apertou.

– Ah, não. Ela perdeu o bebê?

– O bebê está bem. Só não é meu.

– *O quê?*

O choque fez Essie falar mais alto do que tinha planejado. As cabeças na água se viraram para encará-la.

– Eu sei. Reviravolta inesperada.

– Eu não acredito!

*Logo Giselle?*

– Desculpa.

– Não precisa se desculpar. Não foi você quem dormiu com o ex-namorado.

Bem, tecnicamente Essie *tinha*, sim, mas não era isso que Lucas queria dizer. E agora não era hora de anunciar que ela tinha acabado de terminar com Paul.

– Você não precisa me contar o que aconteceu – disse ela.

– Mas você pode entrar em combustão de curiosidade caso eu não conte. E eu te arrastei até aqui, não foi?

Essie assentiu.

– Isso é verdade.

Ali, sentados juntos, sob os olhares das focas enigmáticas, Lucas contou tudo. Ele não falou mal de Giselle, simplesmente explicou o que tinha

acontecido. Com calma, mas provavelmente só por estar em estado de choque. Quando terminou, ele balançou a cabeça e disse:

– E isso é tudo.

– Como você está se sentindo?

– Enrolado. Confuso. Aliviado. Ter um filho não era algo que nós tivéssemos planejado. Mas, nas últimas semanas, pensando que ia acontecer… Bem, eu meio que me acostumei com a ideia. É isso que está tornando tudo tão… tão…

– Eu sei.

O ar entalou na garganta de Essie quando ele se virou para olhar diretamente para ela. A expressão dele estava ilegível, mas, ao mesmo tempo, conseguiu deflagrar uma torrente de adrenalina que a fez tremer incontrolavelmente.

– Tudo mudou – murmurou Lucas. – No espaço de uma hora. A minha vida inteira… eu achei que sabia como as coisas seriam, e agora nada do que eu pensei vai acontecer.

– Você só precisa de tempo para se acostumar.

Mas Lucas estava olhando para ela com toda atenção de novo. Depois de uma longa pausa, ele disse:

– Preciso?

E, então, de repente, era como se houvesse uma conversa tácita acontecendo, dentro da cabeça deles. Porque Essie sabia muito bem o que sentia por Lucas, e agora parecia que talvez ele sentisse o mesmo por ela.

Mas e se não sentisse? E se ela só estivesse imaginando por querer muito que fosse verdade? E ela jamais arriscaria tomar a iniciativa ou dizer a coisa errada… nunca, mas *principalmente* não naquela noite…

– Você está tremendo – disse Lucas, o olhar ainda fixo no rosto dela.

– Estou com frio – mentiu Essie.

– E você está com cheiro de menta.

Viu? Aquilo não era nada romântico.

– É a pasta de dente – disse ela.

Isso também não foi nada romântico.

– É melhor a gente entrar.

Ele se levantou e esticou a mão para ajudá-la, mas ela fingiu não ver e se levantou sozinha. De volta ao hotel, encontraram a gerente ainda na recepção, ocupada com a arrumação de panfletos.

Mesmo que fosse mais de meia-noite.

– E aí, viram as focas? – perguntou ela, abrindo um sorriso profissional.

– Vimos. O bar ainda está aberto? – perguntou Lucas.

– Infelizmente, não.

– Certo, posso pedir serviço de quarto, então?

– Serviço de quarto? Ah, Sr. Brook, isso aqui não é o Ritz de Londres, sabe?

Lucas conseguiu abrir um sorriso educado.

– Posso comprar uma garrafa de vinho, então? Ou subir com uma e repor manhã?

Inabalada pelo pedido, a gerente balançou a cabeça.

– Desculpa, Sr. Brook. É hora de todo mundo ir para a cama. Seu quarto fica ali em cima – lembrou ela, indicando a escadaria estreita à esquerda. – E o seu é ali – disse ela para Essie, apontando para a escadaria da direita.

Se a situação fosse diferente, aquilo poderia ter sido divertido, além de um convite para quebrar as regras. Mas, considerando as circunstâncias, não faria diferença.

– Nos vemos de manhã – disse Essie para Lucas.

Ele expirou e assentiu.

– Sim.

A gerente sorriu para os dois e pegou mais panfletos.

– Boa noite. Durmam bem. Se quiser mesmo uma bebida…

– Sim? – perguntou Lucas, parando no meio da escada.

– Tem uma chaleira no seu quarto. Você sempre pode preparar uma boa xícara de chá.

# Capítulo 42

Às 7h30 da manhã seguinte, os dois fizeram checkout e entraram no carro.

– Conseguiu dormir? – perguntou Essie.

– Consegui. Por mais surpreendente que seja.

Lucas pegou os óculos de sol no porta-luvas e os colocou para se proteger do sol baixo. Em seguida, tirou o carro do estacionamento e virou para a direita, pronto para começar a longa viagem de volta para casa.

Essie se sentiu tentada a oferecer uma alternativa.

– Você não quer ver Giselle de novo antes de ir embora?

– Não tem sentido. Acabou – disse Lucas. – Olha como esse lugar é lindo… Acho que nunca mais vou voltar aqui.

Ele estava certo; era lindo mesmo. As lojas e casas multicoloridas na rua principal cintilavam como amêndoas confeitadas sob o sol da manhã. À frente deles, um homem de vinte e tantos anos saiu do mercado com uma baguete e uma caixa de leite, e Lucas diminuiu a velocidade para permitir que

ele atravessasse a rua. Mas, quando o cara olhou na direção do carro, ficou claro que observou mais atentamente e quase deixou cair a baguete.

– Parece até que ele me reconheceu do Facebook ou de algum outro lugar – murmurou Lucas.

Quando Lucas disse que o ex de Giselle se chamava Gregor McTavish, Essie pesquisou na hora. Zero surpresa, só havia um Gregor McTavish morando em Kinlara. Por um segundo, os três se olharam. Mas Gregor deu meia-volta e abriu a porta do Peugeot cinza. Com um movimento alegre de cabeça, Lucas ergueu a mão em reconhecimento e seguiu pela rua.

– Não ficou com vontade de atropelar ele? Só por um segundo? – perguntou Essie.

– Já tive tempo de superar o choque – disse Lucas, abrindo um sorriso enviesado. – Sabe do que mais? Acho que ele me fez um grande favor.

Essie assentiu com alívio e pensou: *Que bom.*

O caderno e a caneta tinham caído da cama e as páginas arrancadas fizeram barulho embaixo dela quando Zillah empurrou a coberta desajeitadamente. Levou muito tempo e envolveu uma quantidade considerável de força para se apoiar nas paredes, mas ela havia conseguido chegar ao banheiro. Com a bexiga vazia, deu descarga e lavou as mãos, depois olhou seu reflexo no espelho acima da pia.

Uma imagem chocante. Ela nunca tinha ficado tão horrenda. Ah, mas ali estava o celular, no parapeito da janela. Ela tinha quase certeza de que alguém tinha ligado mais cedo… Ela não tinha ouvido tocar enquanto dormia?

Enfim, ali estava o celular. Em meio à confusão mental, passou pela cabeça dela que talvez fosse bom ligar para alguém e contar sobre a dor de cabeça. Porque não estava melhorando e Alice tinha falado para ela parar de reclamar, mas às vezes a gente precisa avisar às pessoas que está sentindo dor…

Ainda se segurando na borda da pia, Zillah se inclinou e esticou a mão

para pegar o aparelho, mas sua mão tremeu e ela calculou mal a distância. Os vários frascos de enxaguante bucal, xampu e spray de cabelo Elnett caíram como dominós e fizeram um barulhão ao chegar ao chão. O celular voou do parapeito da janela. Fez um *splash* quando no meio daquela confusão caiu na privada.

Uma nova onda de dor e exaustão tomou conta dela, seguida de uma aceitação cansada e fatalista. Ah, bem, não importava. Alice provavelmente não a teria deixado ligar para pedir ajuda mesmo; ela ainda estava sendo tão desagradável…

Na verdade, não, ela precisava parar de pensar aquilo… A coisa com Alice não tinha sido real, só um sonho horrível e…

Havia um copo ainda intacto na prateleira. Zillah o encheu com água da torneira e tomou tudo, depois se preparou mentalmente para a viagem árdua de volta ao quarto.

Não, era longe demais, ela não conseguiria; toda a força a abandonou naquele instante.

Devagar, bem devagar, ela se abaixou para o chão do banheiro e puxou as toalhas brancas macias do toalheiro. Fez uma de travesseiro e apoiou a cabeça dolorida com cuidado, depois fez o que pôde para se cobrir com a outra.

Não era tão confortável quanto a cama, mas ela estava ali agora.

Serviria.

Ela empurrou as latas e frascos caídos e fechou os olhos.

Lucas estava solteiro de novo. Ele não ia ser pai. Estava dirigindo de volta para casa com Essie ao seu lado, e se ela soubesse o que estava passando na cabeça dele na noite anterior… bem, era melhor que não soubesse.

A gerente do hotel, que ordenara aos dois que subissem para os quartos separados talvez tivesse agido de tal modo por motivos puritanos pessoais, mas Lucas ficou grato mesmo assim. Qualquer tentativa de revelar seus

verdadeiros sentimentos por Essie teria sido a pior coisa que ele poderia ter feito. Ela teria ficado perplexa, e com razão. Só um idiota teria tentado.

Afinal, ele sabia o que sentia por Essie, mas ela não tinha a menor ideia. E agir naquele momento teria sido incrivelmente rude. Ele precisava ir devagar e descobrir se ela sentia ao menos uma fração daquela atração por ele.

E era esse o problema, porque ele não tinha como ter certeza. E também não podia correr o risco. Às vezes, a força do que sentia por ela era tão tangível que Lucas achava que Essie também devia estar sentindo.

Mas desejar que acontecesse não tornava o sentimento mútuo.

Enfim. *Nada* tinha acontecido na noite anterior, e isso era bom.

O ruim era que ela ainda estava com Paul.

Ah, bem, mas eles tinham o tempo a favor deles. Desde que Essie não anunciasse de repente que *ela* estava grávida…

– Carlisle – comentou Essie, apontando para a placa azul enorme à frente. – Você estava dormindo quando passamos por aqui no caminho. Meu professor de geografia da escola era de Carlisle e vivia obrigando a gente a aprender fatos fascinantes sobre o local. Vai, me pergunta um fato fascinante.

Achando graça do entusiasmo dela, Lucas disse:

– Estou curioso. Me diz três.

– Tudo bem, se prepara. Carlisle foi parte da Escócia até 1092. O Castelo de Carlisle foi construído em 1093. Eu sei, eu avisei que os fatos eram fascinantes.

Essie ergueu o terceiro dedo e falou:

– E o nome do estádio de futebol do Carlisle United é Brinton Park.

– Brunton Park – disse Lucas, corrigindo-a automaticamente.

Essie franziu a testa.

– Acho que você está enganado.

– Eu sei que estou certo.

– Você nem gosta de futebol.

– Verdade. Mas eu já fui algumas vezes a Carlisle.

– Ah, bem, isso é trapaça. Eu não sabia que você conhecia a cidade. Tudo bem, você venceu – disse ela com alegria. – O que te levou a Carlisle?

Ele não pretendia dizer, mas, quase por vontade própria, as palavras

pularam da sua boca.

– É onde minha mãe mora.

Ela se virou para olhar para ele.

– Ah, é?

– Aham.

Não era o tipo de coisa sobre a qual se mentiria.

– Ora… nós estamos praticamente lá! – exclamou Essie. – Liga pra ela, vamos fazer uma visita!

– Não, não precisa.

Os músculos da barriga dele tinham se contraído. Ele já estava arrependido de ter falado.

– Lucas, você deveria – pediu Essie. – Você disse que não a via tinha um tempo e nós estamos a poucos quilômetros, poxa. É loucura não ir! E eu não me importo, de verdade.

– Não vai rolar.

– É porque eu estou aqui? Você não quer que ela me conheça? Isso também não é problema – disse ela. – Você pode me deixar no centro por algumas horas e me buscar depois.

Lucas estava enjoado agora. Por que ele tinha contado? Ele apertou o volante e percebeu que precisava explicar ao menos uma parte.

Depois de vários segundos de silêncio, ele falou lentamente:

– É mais uma questão de não querer que *você* a conheça.

A expressão no rosto de Essie era vazia.

– Não entendi.

– Ela também não ia querer me ver.

– Mas… por quê?

– Porque ela nunca quer me ver. E, quando eu apareço, ela mal pode esperar para se ver livre de mim.

– Por quê?

A voz de Essie era suave e Lucas soube que teria que contar tudo.

Ele manteve o olhar fixado na estrada enquanto falava.

– Minha mãe é alcoólatra. Ela não consegue lidar com o mundo, só se importa com o próximo gole. Ela nunca superou a perda do meu pai e o

álcool se tornou o jeito de ela enfrentar a situação. Ela sabe que odeio ver o que ela fez consigo mesma, e é por isso que prefere não me ver. Na última vez que eu apareci, ela se trancou em casa e se recusou a abrir a porta. E, sim, eu tentei tudo que podia, durante anos. Mas o fato de eu querer que ela procurasse ajuda não adiantou de nada.

O fluxo de emoções fez a voz de Lucas falhar. Aquilo era a última coisa que ele queria que acontecesse com os dois no meio da estrada.

– Porque não são os meus sentimentos que contam. Tem que partir dela. *Ela* precisa querer, só que ela não consegue. Já são anos e anos assim. Para ser sincero, é um milagre ela ainda estar viva.

# Capítulo 43

– Ok, vai para o acostamento – ordenou Essie. – Vou assumir o volante.

Havia uma saída bem à frente. Lucas parou em um refúgio e, quando trocaram de lugar, Essie desligou o motor e se virou para ele.

– Me desculpa, eu não queria te aborrecer.

– Acredite, você não é o motivo de eu ter me aborrecido.

Lucas abriu a garrafa de água e tomou um gole grande, depois olhou para ela.

– É isso. Agora você sabe.

– Você preferia não ter me contado?

– Não, estou feliz de ter falado.

Era verdade; ele já se sentia um pouco menos sobrecarregado.

– Então foram os dois, sua mãe e seu tio Max.

– Ele foi primeiro. Nos primeiros dois anos, era ele quem bebia para tentar suportar tudo que tinha acontecido, e o irônico foi que minha mãe

odiou a situação. Ela não aguentava ver o que ele estava fazendo consigo mesmo. Ela o desprezou por agir daquele jeito, falou que meu tio estava sendo egoísta e fraco. Mas logo depois ela começou a beber também e era quase como se eles estivessem em uma espécie de competição. Quando perguntei por que ela estava fazendo aquilo, ela disse que a ajudava a parar de pensar e lembrar de tudo. Disse que era uma distração, que ajudava com a dor.

– Vocês se falam ao telefone? – perguntou Essie.

Lucas assentiu.

– Aham. Eu ligo toda semana, e toda semana ela se chateia, pede desculpas e diz que não pode me ver.

– Ela sempre está bêbada quando você liga?

– Eu já descobri qual é a melhor hora para ligar. Já tenho prática. Por volta do meio-dia ela já tomou uns drinques para controlar os tremores, mas não tantos a ponto de não conseguir conversar. Eu ligo sempre nessa hora. Assim que desligamos, sei que ela vai começar com o gim. E só vai parar quando… bem, quando ela estiver completamente paralisada.

– Como está o fígado dela?

Lucas fez uma careta.

– Não é algo que ela conte para mim, mas imagino que esteja como uma bola de futebol prestes a explodir.

– Ela pode morrer – disse Essie.

Ele tomou outro gole de água.

– Pode.

– Ainda é uma da tarde.

– Você vai começar a me encher o saco?

– É claro que vou – disse Essie, apontando para a placa à frente. – Nós estamos aqui. Acho que você deveria ao menos tentar vê-la, mesmo que só por alguns minutos.

– Ela vai me expulsar.

– Talvez não.

Lucas esticou a mão.

– Você pode me dar a chave?

– Não.

– Por que está fazendo isso, Essie?

– Porque ela é sua mãe. E pode morrer em breve.

Lucas fez um gesto de derrota.

– Tudo bem, mas ela não quer me ver. Daqui a 15 minutos, vou estar dizendo "Eu avisei".

Não demorou para chegarem à pequena propriedade nos arredores de Carlisle. Lucas deu instruções e Essie foi guiando e ao mesmo tempo garantindo que ele estava fazendo a coisa certa. Lucas sabia que não, mas não importava; agora que tinha contado a história toda, a reação dela não era problema dele.

– Pega a próxima à esquerda – disse ele quando se aproximaram de Pargeter Close. – A casa fica à direita, depois daquela van azul. Pode encostar. É aqui…

As palavras dele morreram abruptamente na garganta quando eles passaram pela van e ele viu a mãe no jardim da frente, jogando alguma coisa no cesto de reciclagem.

Garrafas, provavelmente.

– É ela. Fica aqui, ok?

Ele saiu do carro, falou "Oi, mãe" e levantou a mão em um cumprimento, tão casualmente como se os dois se vissem sempre.

Sua mãe se virou e cobriu a boca, em choque.

– Ah, meu Deus, Lucas! O que você está fazendo aqui?

Pelo menos ela não estava falando arrastado nem cambaleando; tinham chegado na hora certa. Mas Lucas notou que as mãos estavam trêmulas, algo com que ele tinha se acostumado ao longo dos anos. E as lágrimas já caíam dos olhos.

– Eu estava passando aqui perto. Pensei em dar uma passada e ver como você está.

Como a pegou desprevenida, ele deu um abraço rápido nela e, por um

momento, ela se agarrou a ele. Ele inspirou o cheiro do cabelo lavado e do sabonete com aroma de rosas, sentiu as emoções contidas fazendo o corpo magro dela vibrar. Ela o soltou, deu um passo para trás e disse, impotente:

– Lucas, me desculpe, é bom te ver, mas você não deveria estar aqui… Você não pode entrar… Não me avisou que viria.

Ela estava recuando, olhando em volta, tensa, à beira de um ataque de pânico.

– O que houve? – perguntou ele. – Mas tudo bem se você não quiser que eu entre, a gente pode ficar aqui fora.

– Não! Não, você tem que ir embora!

– Você está com medo de os vizinhos me verem, é isso?

– O quê? – perguntou ela, parecendo desesperada. – Não… quer dizer, sim! Lucas, vai embora, *por favor*! Eu falo com você semana que vem.

– Mãe…

Mas era tarde demais; a mãe tinha corrido até a casa, entrado e batido a porta. Ele a ouviu gritar em pânico:

– Vai embora, por favor. Eu te amo, mas você precisa ir, tá bom? Eu *não posso* fazer isso.

Já no carro, Lucas disse secamente:

– Entendeu o que eu quis dizer?

– Meu Deus, me desculpa. – Essie estava olhando e ouvindo pela porta aberta do motorista. – É horrível para você. E para ela também.

– Mas tem alguma coisa estranha. Ela está diferente. – Lucas franziu a testa. – Ela estava agitada, mas foi um tipo diferente de agitação.

– Diferente como?

– Eu não sei dizer.

Ele se esforçou para tentar identificar o que o intrigava.

– Ela estava parecendo uma mula não muito bem treinada tentando transportar uma mala cheia de heroína pela alfândega. Definitivamente ela está escondendo alguma coisa… e pareceu que estava em pânico porque não queria que ninguém me visse com ela.

– Ou havia alguma coisa que ela não queria que *você* visse – disse Essie. – Ou alguém.

Lucas olhou para ela e avaliou as opções prováveis.

– Você tem razão. Era isso.

Será que a mãe dele tinha arrumado tanta confusão com os vizinhos que estava com medo de que eles aparecessem no jardim para dizer a Lucas que ele precisava dar um jeito nela? Será que as coisas tinham fugido completamente de controle? A polícia estaria envolvida?

Mas, pensando bem, ela tinha ficado olhando mais para a rua, e não para as outras casas, cujas portas talvez estivessem prestes a se abrir.

– Ela deve estar em pânico agora porque o carro não saiu do lugar. Vamos logo embora daqui.

Essie ligou o motor, manobrou e saiu calmamente da rua sem saída. Cem metros depois, chegaram em uma pequena loja de conveniência. Lucas perguntou:

– Podemos parar aqui um minuto?

Era uma típica loja de esquina que vendia jornais e revistas, cigarros, comida e, claro, bebidas. Ele pegou uma caixa de leite e chicletes, foi até o balcão e disse com tranquilidade:

– Oi, meu nome é Lucas Brook, sou filho da Paula. Estou passando pra fazer uma visita e… Ela por acaso apareceu aqui hoje?

O homem atrás do balcão disse:

– Filho da Paula? Prazer em conhecer. Não, eu não a vi hoje, mas já, já a visita dela deve aparecer aqui.

*Bingo.*

– Ah, sim, tenho ouvido falar muito sobre ela – disse Lucas casualmente. – Esqueci o nome dela…

– Não, não é uma mulher – disse o dono da loja, balançando a cabeça. – Estou falando do cara… Ele parece um bom sujeito. Minha esposa e eu estamos felizes por ela ter encontrado alguém e… O leite é para a sua mãe?

– Hã… é.

– Ela prefere semidesnatado.

– Ah. Obrigado.

Lucas trocou o leite e pagou. Em uma atitude ousada, ele falou:

– Estou bem ansioso para conhecê-lo!

– Acho que ele sai do trabalho por volta das 13h. Ele costuma passar aqui a essa hora a caminho da casa dela.

– Ótimo. E foi um prazer conhecer você – disse Lucas. – Pode me fazer um favor? Se ele aparecer, não fale que eu estou aqui com a minha mãe, está bem? Vai ser mais divertido se for surpresa.

Quarenta minutos depois, eles ainda estavam esperando no carro.

– Me desculpe por isso – disse Lucas.

– Tudo bem. É claro que você quer ver quem ele é.

– Isso se ele aparecer.

Até o momento, só duas mulheres com crianças em carrinhos tinham entrado no beco.

– Estamos parecendo dois detetives particulares de tocaia.

Essie se sentou ereta, como um suricato.

Ah, um *carro*…

Mas era uma mulher idosa atrás do volante de um Ford Focus bege.

Dez minutos depois, Essie disse casualmente:

– Quando detetives particulares estão de tocaia, o que acontece se eles precisam ir ao banheiro?

Lucas abriu um sorriso breve.

– Eles fazem em uma garrafinha de plástico.

– Bom, eu não vou fazer isso – devolveu ela, com uma careta.

Lucas se perguntou se a mãe teria ligado para o amigo, em pânico, e dito para ele não aparecer, embora ela não tivesse como saber que Lucas ainda estava ali.

– Mais cinco minutos e nós vamos.

Dois minutos depois, ele viu o homem andando pela rua na direção deles, e disse com uma voz que não parecia a dele:

– Lá está ele.

Essie se sentou mais ereta e se inclinou para ver melhor.

– Oi? Como você sabe que é ele?

Um músculo saltou na mandíbula de Lucas quando ele viu o homem se aproximando.

– É o tio Max.

Essie ficou olhando para Lucas. Toda a cor tinha sumido do rosto dele. O homem de meia-idade a poucos metros do carro era Max, irmão do seu pai.

No momento seguinte, ele tinha virado para a direita e desaparecido dentro do mercado. Lucas soltou o ar.

– E agora? – perguntou Essie.

– Na última vez que o vi, ele estava bêbado demais para ficar de pé – disse Lucas. – Ele apareceu no meu décimo oitavo aniversário e vomitou na mesa do bolo. O que foi… ótimo.

– Será que é melhor irmos embora antes de ele sair?

– De jeito nenhum.

Lucas abriu a porta e saiu do carro.

Menos de um minuto depois, Max saiu da loja carregando uma revista e um saco de donuts. Ele quase deixou tudo cair quando viu Lucas à espera.

– Oi, Max – disse Lucas.

– Lucas.

Max pareceu atordoado.

– Que… Que bom ver você.

– O que está acontecendo? O que está fazendo aqui?

– Sua mãe disse que você tinha vindo vê-la. E que tinha ido embora.

– Bom, a gente não foi – disse Lucas, apontando para Essie ainda no carro. – Porque a gente queria saber o que ela estava escondendo.

O silêncio se prolongou entre eles. Por fim, Max assentiu.

– Claro que sim. E eu falei que ela devia te contar. Vem – disse ele –, vamos acabar logo com isso.

Essie afundou no banco enquanto Lucas sinalizava para ela.

– Eu vou esperar aqui, Lucas.

Lucas abriu a porta do carro e esticou a mão para pegar a dela.

– Não vai, não. Quero você comigo. Nós vamos resolver isso de uma vez por todas.

Eles deixaram o carro no lugar e percorreram a rua sem saída a pé. Max

tocou a campainha duas vezes e a mãe de Lucas abriu a porta. Quando viu quem estava com ele, ela segurou o batente da porta para se apoiar e sussurrou:

– Ah, Deus…

Essie fez café que ninguém queria e ouviu a história se desdobrar.

– Nós nos encontramos no enterro de um amigo em Manchester, menos de um ano atrás – disse Paula –, depois de termos ficado sem nos ver por… bem, muitos anos. E, depois da cerimônia, acabamos tendo uma briga feia.

– Sobre? – perguntou Lucas.

Ela deu de ombros.

– Só Deus sabe o motivo, a gente não lembra. Mas imagino que tenha sido o de sempre. Só que foi a primeira vez que ele me viu naquele estado e me disse que eu estava péssima.

– E ela me disse que eu estava mais péssimo ainda – disse Max. – Nós passamos um tempo insultando um ao outro, bebendo tudo que encontrávamos, cada um debochando do quanto o outro era patético.

Lucas fechou brevemente os olhos.

– Vocês ainda estavam no funeral quando isso aconteceu?

Paula estremeceu.

– Não, graças a Deus. Saímos assim que pararam de servir a gente. Fomos parar em um bar de rua qualquer. Quando nos expulsaram na hora de fechar, nós dormimos embaixo de uma ponte.

Essie ficou impressionada com o tom calmo e o relato direto dos acontecimentos daquela noite.

– E, quando eu acordei de manhã – disse Max –, a primeira coisa que fiz foi perguntar ao sem-teto ao nosso lado se ele podia nos emprestar dez pratas para a gente ir comprar uma bebida.

– E ele emprestou – disse Paula. – Gastamos o dinheiro com sidra e nos sentamos para beber, e as pessoas passavam por nós a caminho do trabalho…

Paula fez uma pausa, os olhos secos, e então olhou para Lucas.

– Foi nessa hora que eu vi um homem parar e me olhar. Só por um segundo achei que fosse o seu pai que tinha voltado para ver o que eu tinha feito da vida. E aquele foi o fundo do poço para mim. Eu sabia que não podia mais viver daquele jeito, porque, se fosse mesmo seu pai, ele teria ficado *tão* perplexo…

Ela parou de falar e Max emendou:

– Sua mãe ficou inconsolável. Me disse que precisava de ajuda, que queria parar de beber e começar a viver de novo, e eu vi que ela estava sendo sincera. Me afetou de verdade… bem aqui.

Ele apertou a mão contra o peito.

– Eu falei que não conseguiria, mas desejei sorte e disse que torcia para que ela conseguisse.

– E eu disse que nós dois devíamos tentar – contou Paula –, porque, se a gente fizesse aquilo juntos, talvez um pudesse ajudar o outro a suportar.

– E foi isso que a gente fez – disse Max. – Eu ainda tinha um pouco de dinheiro da venda da minha casa na Espanha.

– E eu peguei um empréstimo usando a casa como garantia – disse Paula.

– Nós fomos para a reabilitação e ficamos lá por seis semanas. E o incrível é que não foi tão infernal quanto achamos que seria porque nada era tão ruim quanto o inferno que a gente tinha vivido nos anos anteriores.

– Também começamos a fazer terapia.

Paula ainda estava olhando para Lucas, os olhos marejados.

– O terapeuta disse que não era culpa de ninguém seu pai ter morrido. Muita gente já tinha dito isso, para nós dois, mas pela primeira vez a gente se deu conta de que era verdade. Foi um acidente, pelo qual a gente não precisava se punir… nós não precisávamos mais sentir culpa.

– Porque nos matar não ia ajudar ninguém – disse Max.

Lucas estava balançando a cabeça, incrédulo.

– E isso aconteceu um ano atrás? Você passou por uma reabilitação e nem passou pela sua cabeça me contar?

– Sair da reabilitação foi mais difícil do que estar nela – disse Paula. – Foi

bem difícil quando saímos. Mas estamos batalhando, nos apoiando, indo a reuniões do AA todos os dias.

– E você não mencionou nada disso para mim.

– Ah, Lucas, não se chateie. Eu quis contar, e muito! Todas as vezes em que você me ligou.

Paula suplicava.

– Mas eu estava morrendo de medo de te decepcionar, de repente dizer que eu não estava mais bebendo, mas em seguida passar por algum momento difícil e começar de novo. Eu precisava provar para mim mesma que era capaz. E nós dois somos capazes, nós *estamos* conseguindo, vivendo um dia de cada vez. Eu fiz uma promessa para mim mesma de que quando o ano acabasse eu te contaria. Porque achei que só então poderia confiar o suficiente em mim mesma, e que com isso você também poderia… e eu queria que você acreditasse, acreditasse *de verdade* que eu sou capaz de continuar sóbria. E eu estou conseguindo, estou fazendo exatamente isso… nós dois estamos. Só por hoje.

Paula endireitou a postura e, com orgulho, continuou:

– Tudo bem, não passou um ano, mas eu não sabia que você ia aparecer de repente, então vou dizer mesmo assim. Faz dez meses e vinte e seis dias que eu não bebo.

A sala ficou em silêncio. Do lado de fora, no jardim, pássaros voavam em volta de um alimentador pendurado nos galhos finos de uma cerejeira.

Finalmente, Lucas engoliu em seco.

– Ah, mãe, eu te amo tanto… Esperei tanto tempo por isso.

Ele se levantou e atravessou a sala, esticou os braços e envolveu a mãe.

– É tudo que eu sempre quis.

– Eu sei, querido, eu sei.

As palavras pareceram presas na garganta de Paula enquanto ela se agarrava a ele.

– E me desculpe por ter demorado tanto para tomar uma atitude. Eu fui a *pior* mãe do mundo…

– Não foi, não. Você estava doente e não era culpa sua.

Os olhos escuros de Lucas cintilaram enquanto ele a abraçava, anos de

emoção suprimida vindo à tona. Max estava observando os dois com amor e empatia, tão emocionado quanto eles. Essie sentiu pena daquele homem. Ele tinha perdido não só o irmão amado, mas quase vinte anos da própria vida.

No momento seguinte, depois de soltar a mãe, Lucas se virou e disse com sinceridade:

– Max, eu senti muito a sua falta. Fico muito feliz de você e a mamãe terem se encontrado de novo.

Tio e sobrinho se abraçaram e naquele momento as lágrimas correram livremente pelas bochechas magras de Paula.

– Tem outra coisa que você precisa saber, Lucas – disse Paula de repente. – Max e eu não somos só amigos. É mais do que isso.

– Tudo bem – disse Lucas. – Isso é ótimo.

Paula balançou a cabeça sem acreditar.

– Eu achei que você ficaria horrorizado. Estava morrendo de medo da sua reação quando descobrisse.

O sorriso de Lucas foi milagroso de se ver quando ele falou para os dois:

– Mãe, tudo que eu sempre quis foi ver você feliz de novo. Vocês dois. Se vocês estão felizes, eu também estou. Na verdade, hoje é o melhor dia da minha vida.

A situação virou um alegre reencontro. Os quatro se sentaram e conversaram, tomando xícaras de chá e comendo sanduíches. Lucas contou para a mãe e Max que seu relacionamento com Giselle tinha acabado sem mencionar a situação constrangedora da gravidez, porque não havia necessidade de eles saberem disso. Max fez uma segunda visita à lojinha da esquina para comprar mais donuts.

– Então vocês dois estão juntos agora? – perguntou Paula.

E Lucas respondeu na mesma hora:

– Não, não, Essie tem namorado. Nós somos amigos, só isso.

Perto das sete da noite, Paula e Max disseram que estava chegando a hora

de irem para a reunião do AA no centro de Carlisle, e Lucas e Essie se despediram.

– Bem – disse Lucas quando retomaram a estrada –, acho que algumas viagens de carro são mais agitadas do que outras.

Tinha sido uma tarde incrível.

– Ver sua mãe e Max assim… bem, se *eu* acho que ganhei o ano, posso imaginar como você deve estar se sentindo – disse Essie.

Ele manteve a atenção fixa na estrada à frente.

– É indescritível. Eu não estava brincando quando falei que foi o melhor dia da minha vida.

*E adivinha. Não acabou ainda.*

Essie guardou esse pensamento renegado para si. Enquanto o observava, ela se sentiu toda acesa por dentro porque a alegria dele era contagiante. A postura dele tinha mudado, o corpo estava nitidamente relaxado e ele não conseguia controlar o sorriso que erguia os cantos da boca.

Ah, aquela boca, aquela boca linda… Se ele soubesse quão desesperadamente Essie queria beijá-lo e…

– Você está me encarando… – disse Lucas.

– Eu estou muito feliz por você.

Ele expirou.

– Acho que venho carregando esse peso há tanto tempo que tinha esquecido que era possível me sentir leve assim.

– Sua aparência está diferente – disse Essie.

– E foi tudo culpa sua por insistir pra que eu fosse até lá. Se você não tivesse feito isso, nós não saberíamos.

– Você teria descoberto alguma hora. Quando o ano acabasse.

– Mas foi melhor ainda saber agora.

Ele esticou a mão e apertou o braço dela brevemente.

– Obrigado.

– Foi um prazer.

A sensação dos dedos quentes dele tocando seu antebraço foi eletrizante; ela precisou de todo seu autocontrole para não pular.

– Estou feliz que você estava comigo – disse Lucas.

Essie estava com a boca seca.

– Eu também estou feliz.

*Muito feliz.*

– Por outro lado, se você não tivesse me feito parar, nós não teríamos uma viagem de cinco horas pela frente – disse ele, irônico. – E a gente já estaria em casa.

– Tudo bem.

– Paul queria te ver hoje à noite? Se ajudar, eu posso te deixar na casa dele no caminho.

– Não precisa – disse Essie casualmente.

– Ele não ligou hoje…

Hora de falar a verdade.

– É porque não estamos mais juntos.

– Jura? – perguntou Lucas, parecendo revoltado. – Só porque você veio comigo? Ele terminou com você por causa *disso*?

*Que insolência.*

– Obrigada por essa suposição. Se você não estivesse dirigindo, eu te jogaria para fora do carro. Mas, na verdade, fui eu que terminei com ele.

Silêncio.

– Porque ele não ficou feliz de você vir comigo?

– Esse foi um dos motivos. Mas teve mais coisa.

Essie sabia que tinha que prosseguir com cuidado.

– Não estava dando certo. Os últimos meses me fizeram perceber… bem, certas coisas. Muitas, na verdade. Nós nunca devíamos ter voltado.

– Então você não está chateada?

– De jeito nenhum.

– Isso é bom.

– É mesmo.

– E você tem certeza de que está bem?

– Certeza absoluta. Estou perfeitamente bem. Aliviada por ter terminado.

Quando falou, Essie lembrou que ele tinha dito o mesmo sobre Giselle. Ela olhou para ele de soslaio, se perguntando se Lucas tinha notado, na

mesma hora em que ele olhou para ela. Por um momento, os olhares se encontraram, e a sensação foi a de duas estrelas colidindo.

Desta vez, o silêncio pareceu carregado e a mensagem tácita no olhar de Lucas foi suficiente para fazer a adrenalina acelerar a pulsação de Essie.

Se ele soubesse o que ela estava pensando…

Se ela soubesse o que *ele* estava pensando…

Deus, que coisa intensa.

Colocando de volta no rosto aquele sorriso irresistível e mágico, Lucas declarou:

– Estaremos em casa até a meia-noite.

# Capítulo 44

BEM, AQUILO ERA a gota d'água.

Conor procurou no restante da mochila, mas o carregador do celular não estava lá, nem no bolso lateral onde ele tinha deixado, nem em nenhuma outra parte.

Ele fez um gesto exasperado.

– Não acredito nisso. Eu falei para ela botar de volta depois e ela nem se deu o trabalho.

– Quem? – perguntou Belinda. – Evie?

– Não, Caz.

*Quem mais?*

– Ela pediu meu carregador emprestado ontem à tarde porque o dela estava quebrado e eu pedi expressamente para ela não esquecer de devolver. Ela me disse para relaxar, claro que ela não esqueceria. E adivinha? Ela esqueceu. Eu *sabia*.

– Se você sabia – disse Belinda –, devia ter checado se estava na sua bolsa antes de a gente sair.

– Devia mesmo, mas esqueci.

– E Caz também, ora. Acontece – protestou Belinda. – Não é como se ela tivesse feito de propósito!

Conor suspirou, porque qualquer crítica a Caz nunca descia bem, mas ele podia ficar irritado, não podia? Seu celular estava sem bateria e agora ele não tinha como carregá-lo. Deus sabia que ele nem queria ter ido para Winchester, mas Belinda insistira.

– Faz seis semanas desde que marcamos de encontrar Annette e Bill – dissera ela, repreendendo-o. – Eles começaram a te chamar de "Homem Invisível". E é aniversário de casamento deles… Ah, por favor, a gente tem que ir!

Esse tinha sido o argumento que o fizera ceder e tinham viajado na manhã anterior. Como Belinda tinha prometido, Annette e Bill eram pessoas adoráveis, mas Conor desejava que não estivessem tão entusiasmados com o relacionamento deles.

Quem os ouvisse falar pensaria que os convites de casamento já tinham sido enviados.

– Ah, não fica de mau humor – disse Belinda naquele momento, no quarto do sótão.

Ela pegou o celular descarregado de Conor das mãos dele.

– Estamos nos divertindo, não é? E agora, vamos todos sair para jantar, por que você precisaria do seu celular? Vai ser bom ter uma noite de descanso e viver sem ele.

*Hum.*

Quase em casa, quase em casa.

Quando chegaram no topo da colina antes de Bath, viram as luzes da cidade cintilar como uma constelação de estrelas, e o estômago de Essie se contraiu de expectativa, porque algumas daquelas luzes vinham da Percival Square e, em minutos, era lá que eles estariam.

E depois?

– Quase lá – murmurou Lucas.

– Quase.

*Aargh*, ela parecia um papagaio, mas não dava para evitar. Seu coração estava galopando. Se fossem parados por uma viatura e a polícia mandasse ela abrir a janela, será que conseguiriam saber o que ela estava sentindo? Será que ficaria claro na hora que ali estava uma garota com os hormônios descontrolados?

– Cansada?

– Não. Por quê?

Os fiozinhos de cabelo estavam arrepiados na nuca de Essie; dormir era a última coisa na mente dela.

– Nem eu – disse ele, olhando para ela. – Eu estava pensando que um drinque cairia bem quando a gente sair do carro. Se você quiser me fazer companhia.

*Se eu quiser…*

Era 00h05 e o Red House estaria fechado. Eles teriam o lugar só para eles, sem risco de serem incomodados. A tensão sexual entre os dois foi crescendo sem parar durante a viagem, ainda mais poderosa e emocionante por não ter sido citada. Como se por acordo mútuo, eles conversaram sobre tudo, menos sobre seus sentimentos e emoções.

O grau de expectativa aumentada era maior do que qualquer outra coisa que Essie já tivesse sentido.

– Acho que nós merecemos uma bebida, não é? – disse ela. – Foi um dia e tanto.

E, apesar de Lucas não ter respondido, a expressão nos olhos escuros e as sobrancelhas curvadas pareceram indicar que poderia continuar sendo uma noite e tanto.

Mas quando ele entrou com o carro na Percival Square e estava prestes a passar pela casa de Zillah, Essie falou:

– Na verdade, você pode me deixar aqui?

Lucas franziu a testa, mas fez o que ela pediu.

– É que eu queria trocar de blusa… e me refrescar.

Rapidamente, ela acrescentou:

– Me dá dez minutos e eu vou para lá.

A expressão dele se transformou.

– Certo, claro. Boa ideia. Acho que vou fazer o mesmo.

Lucas abriu um sorriso que pareceu de alívio e Essie achou que ele quase se curvou para dar um beijo nela. Mas tinham esperado aquele tempo todo; era melhor esperar mais um pouco.

Ela abriu a porta do passageiro.

– Vê se não pega no sono antes de eu chegar.

E Lucas, com o sorriso irresistível se alargando, engrenou o carro de novo.

– Te vejo em dez minutos.

Não havia luzes acesas no apartamento da Zillah, o que significava que ela devia ter saído. Essie entrou e subiu correndo a escada para seu próprio apartamento. Ela tinha dito trocar de blusa e se refrescar, muito casualmente, sim, mas, na verdade, ela iria tomar um banho a jato, escovar os dentes, encontrar roupas limpas e passar um perfuminho.

Quando entrou no fluxo de água quente, pensou ter ouvido alguém gritando. Ela colocou a cabeça para fora do chuveiro e prestou atenção, mas não houve nada. Devia ser uma raposa passando na praça, uivando por um parceiro.

*Rá, sei como é esse sentimento.*

Sete minutos depois, com um vestido de bolinhas azul e branco e sapatilhas azuis, ela pegou a bolsa e desceu a escada correndo. Seu cabelo ainda estava molhado, mas isso não importava. Se Lucas tivesse ido tomar um banho, o cabelo dele estaria molhado também, e…

Ela parou de repente no corredor, arrancada da fantasia feliz quando viu o que não tinha notado antes.

Havia seis envelopes espalhados no tapete em frente à porta. Estavam lá havia mais de 12 horas. O que devia significar que nem Conor nem Zillah estavam em casa.

Mas Zillah não tinha mencionado nada sobre viajar.

Essie olhou para a correspondência no chão e para a porta trancada do apartamento de Zillah. Se Zillah estivesse dormindo, não ia gostar de ser

acordada por alguém gritando o nome dela. Mas, se ela *estava* lá, por que não tinha recolhido as cartas?

Essie tinha a chave do apartamento de Zillah no chaveiro. Encontrou-a e enfiou-a na fechadura para abrir a porta o mais silenciosamente possível.

A sala estava vazia e escura.

Assim como a cozinha.

A porta do quarto estava entreaberta. Com o coração disparado, Essie espiou lá dentro e viu a cama king-size vazia, a cadeira virada, as fotografias em preto e branco espalhadas no tapete.

*Ah, Deus, o aconteceu? Onde ela está?*

– Zillah? – chamou ela, e então mais alto: – Zillah!

Nessa hora, ela ouviu o grito sinistro de novo, menos distante desta vez. Ela se virou e percebeu que estava vindo do banheiro. Seu sangue gelou.

Zillah estava caída de lado no piso ladrilhado em preto e branco, totalmente vestida e meio coberta com uma toalha de banho. O rosto estava mortalmente pálido, havia manchas de sangue seco na têmpora e seus olhos estavam fechados. A respiração estava fraca e irregular e, quando Essie se ajoelhou ao lado dela, ela soltou um gemido de dor.

– Zillah, está me ouvindo?

Não houve resposta.

As mãos de Essie tremiam quando ela ligou para a emergência.

# Capítulo 45

O TIQUETAQUEAR DO relógio na parede cinza-claro era o único som na sala de espera do hospital, até que a porta se abriu e um médico entrou.

Só que não era um médico qualquer, era um neurocirurgião. O que tinha feito a cirurgia de emergência no cérebro de Zillah durante a madrugada.

No *cérebro* dela.

– Bem, está feito – disse ele no momento em que Lucas pegou a mão de Essie. – Ela resistiu, mas agora temos que esperar e ver como vão ser as coisas a partir daqui.

– Correu tudo bem? – perguntou Lucas. – Até onde você consegue saber?

– O procedimento foi simples e isso é tudo que eu posso dizer agora. Só vamos saber se há chance de alguma sequela quando ela acordar e isso vai demorar um pouco.

Essie assentiu com impotência. O procedimento fora explicado para eles antes. Basicamente, o sangue seco na têmpora de Zillah era a menor das

preocupações. A lesão na cabeça tinha provocado um sangramento intracraniano lento, conhecido como hematoma subdural agudo. Esse sangramento tinha se acumulado entre as meninges, que, por sua vez, cobriam e protegiam a superfície do cérebro.

Como consequência do sangramento, o aumento de pressão intracraniana teria causado dores de cabeça, sonolência e confusão crescente, o que aparentemente explicava por que Zillah não tinha ligado para a emergência.

– Acho que o melhor que vocês podem fazer é ir para casa e dormir um pouco – disse o cirurgião para eles.

Pela milionésima vez, Essie se perguntou quanto tempo Zillah tinha ficado lá caída, impotente, sentindo dor e sozinha. Ela balançou a cabeça.

– Não, eu não consigo. Vou ficar aqui.

A 150 quilômetros dali, em Winchester, Conor levantou cedo e dirigiu até o centro da cidade. Comprou um carregador novo e voltou para a casa de Annette e Bill.

– Você está obcecado – disse Belinda, revirando os olhos quando ele ligou o celular na tomada. – Nós vamos voltar para casa hoje à noite. Você não pode mesmo esperar até lá?

– Eu tenho uma empresa, Belinda. Não é profissional deixar clientes sem resposta.

– Clientes com emergências no jardim, você diz? – perguntou Belinda, e então balançou as mãos imitando, debochadamente, uma pessoa em pânico. – Socorro, Conor! Minhas dálias murcharam e não sei o que *fazeeeer*!

Conor não reagiu à provocação. Nem observou que Belinda tinha passado 20 minutos conversando alegremente no celular com Caz e Evie, que estava na casa da amiga.

Dez minutos depois, chegaram inúmeras mensagens em sequência.

– Como assim, a gente tem que ir? Nós só vamos à noite – protestou Belinda. – Olha, está um dia lindo de sol. Nós vamos visitar a Catedral de Winchester!

Inacreditável!

– Se fosse Evie no hospital, você voltaria mais cedo? – perguntou Conor.

– Claro que sim, mas só se fosse Evie. Ela só tem 16 anos e eu tenho a guarda dela!

– Zillah está na unidade neurocirúrgica do Southmead Hospital. Ela acabou de passar por uma cirurgia de emergência no cérebro – repetiu Conor.

– Eu sei e entendo que você gosta dela, mas o que ela é sua? – perguntou Belinda, abrindo os braços sem acreditar. – Você é só inquilino dela, Conor.

No jantar da noite anterior, houve menções casuais sobre onde passariam o Natal e que seria legal uma viagem para Tenerife. Conor ficou silenciosamente impressionado com a certeza de Belinda de que eles ainda seriam um casal até lá.

Mas, naquele exato momento, ele se deu conta de que não aconteceria.

– Tudo bem. Sei que você está ansiosa para visitar a catedral – disse ele lentamente.

Belinda assentiu, evidentemente satisfeita por ele ter caído em si.

– *Estou*.

– Você deveria ficar. Mas eu vou embora agora.

Ela arregalou os olhos azuis.

– Você está falando sério? E como eu vou voltar para casa?

Com uma clareza impressionante, Conor ouviu a voz de Scarlett em sua mente, dizendo com inocência: "Na sua vassoura, quem sabe?"

Mas seria errado e nem um pouco apropriado dizer aquilo. De muitas formas, Belinda era uma pessoa gentil e atenciosa, nada bruxa.

Em voz alta, ele falou:

– Não se preocupe, eu pago sua passagem de trem.

– Ela podia ter *morrido* – disse Essie para Conor de novo.

Dois dias tinham se passado e ele devia estar cansado de ouvir aquilo, mas ela não conseguia evitar. Cada vez que dizia as palavras ou pensava nelas, sua pele se arrepiava de vergonha.

– E teria sido culpa minha. Eu devia estar lá.

O que Essie não tinha admitido para ele foi quão perto ela passara de não perceber as pistas e deixar Zillah lá, no chão do banheiro, na urgência de atravessar a praça para estar com Lucas. Bastava imaginar se aquilo tivesse acontecido e uma coisa levava à outra. Se ela só tivesse voltado para casa na manhã seguinte…

Porque aí a pior coisa imaginável teria acontecido. Zillah estaria morta.

O pensamento horrível ainda se repetia na mente de Essie.

– Mas ela não morreu – disse Conor. – E nada disso foi sua culpa. Você precisa parar de se culpar.

Claro que ele achava isso. Porque ele não sabia. Ele não fazia ideia.

– Eu estou me sentindo *muito* responsável. Quando ela não respondeu minhas mensagens de texto, eu só achei que ela tinha deixado o celular desligado no fundo da bolsa, porque ela faz esse tipo de coisa. Mas ela tem 83 anos – choramingou Essie –, e eu não devia ter suposto que o motivo do sumiço poderia ser esse. Devia ter mandado alguém dar uma olhada nela, ver se ela estava bem.

– Nós estamos falando da Zillah. Ter babás não é o estilo dela. Ela teria odiado.

– Bem, ela vai ter que se acostumar com isso de agora em diante – disse Essie sombriamente.

– E alguém tem que dizer para ela que seus dias de subir em cadeiras também acabaram.

Estava tudo bem para Conor; ele não tinha motivo para sentir culpa.

– Ela não vai dar ouvidos a nenhum de nós. Vamos ter que arrumar alguém assustador de verdade para falar com ela – disse Essie.

Conor fez uma careta.

– Caz.

O neurocirurgião, usando uma gravata borboleta estampada, saiu da ala. Quando os viu esperando no corredor, falou:

– Podem entrar agora. Já terminei de examiná-la.

– Como ela está? – perguntou Essie, prendendo a respiração.

– Incrivelmente bem considerando a idade dela – disse o médico com um sorriso seco. – E sei que se ela me ouvisse dizer isso, não ficaria muito feliz. Mas ela está se recuperando muito bem. Estamos muito satisfeitos com o progresso dela. Nesse ritmo, vocês vão poder levá-la para casa em dois ou três dias.

– Nós a estamos chamando de Mulher-Maravilha – disse uma das enfermeiras, sorrindo ao passar no corredor.

– Viu? – disse Conor, dando uma cutucada tranquilizadora em Essie. – Não precisa se sentir mal.

Mas Essie se sentia.

Enrolada em um roupão de seda vermelha, Zillah estava sentada como uma rainha na cadeira de espaldar alto ao lado da cama. O cabelo preto brilhoso estava penteado por cima do buraco no crânio por onde o hematoma subdural tinha sido extraído. Os olhos escuros estavam pintados com lápis e brilhosos como sempre, a pele estava aveludada e a boca com o costumeiro tom reluzente de escarlate.

– Espera aí, você me pediu para trazer a sua maquiagem!

Essie mostrou a bolsa contendo tudo que havia na penteadeira de Zillah em casa. Com indignação, ela apontou para os cosméticos caros na mesa de cabeceira.

– Onde você conseguiu *isso tudo*?

– Ah, eu não aguentei esperar – respondeu Zillah, esticando a mão e beijando-a nas duas bochechas. – Comprei on-line e recebi no mesmo dia. A tecnologia não é uma coisa maravilhosa?

– Você está com uma aparência ótima – disse Conor. – E falando melhor. Sua fala voltou ao normal.

Zillah fez uma careta.

– Eu sei. Ainda bem! Eu podia me ouvir falando arrastado como uma bêbada. Todos os efeitos colaterais, mas sem a diversão de tomar uns drinques.

Os olhos de Conor cintilavam.

– Seu cirurgião nos disse que você vai poder voltar para casa em poucos dias, mas vai precisar pegar leve por um tempo. Se concentrar em recuperar as forças.

– Pegar leve é chato. Mas chega de falar de mim. Como vocês estão?

Zillah os observou com ávido interesse; desde que soubera que os relacionamentos deles com Paul e Belinda tinham terminado, a vontade de que Essie e Conor ficassem juntos voltara com tudo.

– Eu e Ess? – disse Conor. – Nós vamos nos casar.

– *Sério?*

– Não – interveio Essie com firmeza. – Não vamos.

– Ah, obrigada por me encher de esperanças – disse Zillah para Conor. – Eu só estou tentando resolver a vida amorosa fracassada de dois solteiros tristes e solitários. Será que vocês podem considerar a opção, pelo menos?

Essie revirou os olhos, achando graça. Zillah elevava o conceito de ser direta a outro patamar.

– Desculpe, mas não vai rolar.

Mais tarde, quando Conor as deixou para descer e tomar café, Zillah disse:

– Você não parece a mesma, querida. Tem alguma coisa errada. Está chateada por causa do Paul?

Como, *como* ela conseguia perceber essas coisas? Era alguma espécie de radar extrassensorial? Essie poderia jurar que era capaz de esconder o que estava sentindo de verdade.

Dando de ombros, Essie respondeu:

– Não estou, não. E eu sei que você também não gostava tanto dele, então não precisa ser educada.

– Ah, querida, não é que eu não gostasse. Tenho certeza de que ele é uma boa pessoa, eu só não achava que ele fosse certo para *você*.

– Bem, Paul é passado agora.

Mudando de assunto, Essie enfiou a mão na bolsa.

– *Enfim*… Enquanto Conor está lá embaixo, eu queria te perguntar sobre isso aqui.

Zillah se inclinou para a frente para ver o que havia no envelope.

– Isso o quê?

– Eu arrumei seu quarto, guardei as fotos de volta na caixa. Mas havia essas folhas de papel arrancadas de um caderno e espalhadas na cama. Você estava tentando escrever uma carta. Se lembra disso?

– Não sei – disse Zillah, franzindo a testa. – Tudo está meio confuso. Eu não conseguia entender o que estava acontecendo de verdade e o que era sonho.

– Olha, eu não estava querendo ser intrometida, mas não pude deixar de reparar no nome. Ele meio que saltou na minha cara. Não sei o motivo, mas você estava escrevendo para Alice – disse Essie.

– Ah…

Zillah pegou as folhas arrancadas e assentiu lentamente.

– Isso mesmo, eu lembro agora. Alice estava lá comigo. Só que acho que não estava, porque como ela teria entrado na casa, certo? Com certeza foi um sonho, mas pareceu real. E ela estava tão… chateada comigo. E eu não conseguia fazê-la entender que eu estava arrependida… Eu ficava tentando dizer para ela, mas ela não ouvia…

– Não chora… – disse Essie subitamente.

Havia lágrimas descendo pelas bochechas imaculadas e cheias de pó de Zillah, e chorar não podia ser bom para alguém que tinha acabado de ter uma hemorragia no cérebro. E se o esforço fizesse o vaso sanguíneo consertado explodir?

– Você não deve chorar! Não foi real, Zillah. Não aconteceu!

– Me deixa ler, quero ver o que eu escrevi.

Zillah enxugou as lágrimas e pegou os óculos de leitura.

Essie a observou. Ela tinha tentado colocar as páginas em ordem, mas as frases estavam desconexas, eram pouco mais do que pensamentos aleatórios que Zillah tinha rabiscado durante seu estado de confusão. Claramente assombrada pelo passado, ela se enchera de remorso e sentira necessidade de se desculpar.

*Todos esses anos, eu me odiei… Você foi tão boa e gentil… e eu, tão egoísta…*

*Nossa, estou com tanta sede… Alice, você pode gritar comigo, eu mereço. Sou uma pessoa horrível e deveria morrer primeiro… Por favor, nada de lesmas… E agora eu acho que estou morrendo… minha cabeça está doendo tanto. Mas eu encontrei a sua foto e…*

Essas foram as últimas palavras que Zillah tinha escrito, e o estômago de Essie continuava embrulhando ao pensar que aquelas poderiam ter sido suas últimas palavras em vida.

– É isso… Eu estava procurando a fotografia de Alice e Matthew juntos quando caí. No fim, eu acabei encontrando.

– E quase morreu, também.

– Eu achei mesmo que ia morrer – disse Zillah, remexendo na borda do roupão de cetim. – E achei que realmente merecia.

– Bem, não merecia – disse Essie com emoção. – Ainda bem. E por que você foi procurar uma fotografia antiga de Alice e Matthew?

– Eu estive com ela – disse Zillah. – Na segunda-feira. Ela falou comigo.

Essie foi tomada de medo. Isso significava que Zillah ainda estava confusa? Delicadamente, ela disse:

– Não, isso foi no sonho, depois que você caiu e bateu a cabeça.

– Sei que você acha que eu fiquei lelé, mas eu não fiquei. Eu a vi na segunda, de tarde – insistiu Zillah. – Ela acabou de ser admitida como residente do Lar.

Essie ficou ao mesmo tempo chocada e aliviada.

*Bem, menos mal.*

– É mesmo? Nossa, que situação… Ela gritou com você? Houve uma cena constrangedora?

– Você vê novela demais, querida.

Zillah pegou um lenço de papel na caixa ao lado e secou cuidadosamente embaixo dos olhos.

– Não, foi bem pior do que isso. Ela foi *legal*.

Era como se uma pesada porta de metal tivesse se fechado na cara dele e Lucas sabia exatamente quando tinha acontecido. Claro que, naquela sala de espera de hospital, quando Zillah estava sendo operada, ele tinha entendido que Essie estava morrendo de ansiedade e nervosa demais para conversar.

O cirurgião apareceu para dizer que a cirurgia tinha acabado e Lucas segurou a mão de Essie, apenas para demonstrar apoio.

Mas ela puxou a mão como se a dele estivesse contaminada e não houve contato físico entre os dois depois disso. Aquele momento também marcou o fim de qualquer conexão emocional; era como se Essie tivesse voltado a si subitamente e se dado conta de que estava à beira de cometer o pior erro da vida dela.

Ficou brutalmente evidente que ela estava aliviada de nada ter tido chance de acontecer. A química tinha evaporado; a sensação de atração tinha sumido tão completamente que era como se nunca tivesse existido, a ponto de Lucas agora estar se perguntando se tinha imaginado a reciprocidade.

Porque os sentimentos ainda existiam do lado dele (sendo bem sincero, na verdade tinham só se intensificado), mas Essie estava deixando óbvio que não estava mais nem um pouco interessada nele.

Lucas se preparou mentalmente, porque estava prestes a tentar entender melhor a situação. Scarlett ainda estava cobrindo Essie no Red House, mas o trabalho dela como guia de turismo no horário de almoço seguido por uma viagem até Bristol significaram que Essie tinha sido obrigada a ir trabalhar naquele dia. O clima era parecido com o daquelas primeiras semanas: na frente dos clientes, ela era educada com ele, mas sem olhar diretamente para ele nem uma vez.

Mas agora, o turno dela tinha terminado e ela já estava indo embora. Ao voltar do armário com a jaqueta amarela no braço, ela foi direto para a saída.

Indo mais rápido do que ela, Lucas a interceptou.

– Podemos conversar? Lá em cima? A gente precisa…

– Eu não posso.

Essie continuou evitando o olhar de Lucas, se virando para longe dele, quase como se a proximidade fosse insuportável demais para ela tolerar.

– Desculpa, eu tenho que ir.

– Essie, por favor…

– Não, Lucas. Não faz isso. Não há nada sobre o que conversar.

Ela estava balançando a cabeça, enfatizando sua determinação.

– Estou falando sério… Não há nada a ser dito e eu tenho mesmo que ir.

Lucas chegou para o lado, porque não era possível ser mais claro do que isso. E ele não ia implorar de jeito nenhum. Ele ainda não conseguia acreditar que tinha interpretado os sinais iniciais de um jeito tão errado, mas obviamente tinha. O que parecera tão importante e inevitável não tinha passado de um momento de fraqueza para ela, bem parecido com o de Giselle, que na véspera de Natal resolvera passar a noite com o primeiro amor e acabou ficando grávida.

Uma história com uma mensagem de alerta das boas.

Tudo bem, hora de superar. Lucas viu Essie sair do Red House sem nem olhar para trás. Ele precisava deixar todo aquele "não relacionamento" no passado e esquecer aquilo de uma vez.

Mas, ao dar meia-volta, Lucas sentiu um aperto no peito. Ah, era difícil deixar de lado uma pessoa que nunca se teve.

Mas era isso que ele tinha que fazer isso, e era isso que faria.

# Capítulo 46

Cinco dias depois da cirurgia, tendo recebido alta, Zillah pôde ir embora do hospital.

– Ah, como é bom voltar pra casa.

Ela suspirou de alívio quando Conor a ajudou a sair do carro e Essie a cumprimentou na porta com um abraço.

– Entre – disse Essie. – Todo mundo estava morrendo de saudade.

– A casa está com cheiro de floricultura – comentou Zillah, maravilhada.

– Não é só o cheiro.

Sorrindo, Essie abriu a porta do apartamento de Zillah e a levou para dentro.

– Ah, minha nossa.

Zillah piscou, impressionada, porque havia arranjos de flores para todo lado, assim como caixas de presentes de cosméticos e chocolates e balões de hélio suspensos no ar.

– Vieram entregar coisas o dia todo. Todo mundo quer te ver. Vamos ter que fazer um sistema de marcação de horários, senão você vai ficar exausta.

– Eu adoro receber visitas.

– Nós sabemos – disse Essie. – Mas você se lembra da recomendação do médico de pegar leve, certo?

Pegar leve era absurdamente chato e Zillah não tinha a menor intenção de fazer isso, mas ela assentiu e disse:

– Claro, é claro que vou pegar leve. Ah, olha, que lindo! Onde vocês conseguiram isso?

Na cozinha, pendurados na altura dos olhos, havia vários triângulos de papel grosso dispostos em fileiras, em tons de cor-de-rosa e verde-claro, decorados com desenhos delicados e presos em fita amarela.

– Que coisa mais linda! – exclamou Zillah, batendo palmas de satisfação.

– Chega mais perto – disse Conor, entregando a ela os óculos de leitura. – Coloca isso e dá outra olhada.

Intrigada, Zillah obedeceu. Lentamente, ela se deu conta de que os desenhos não eram aleatórios; eram palavras. Cada triângulo tinha uma mensagem diferente e um nome embaixo.

*Minha querida Zillah, estamos sentindo a sua falta. Este lugar não é o mesmo sem você. Penny do 38.*

*Fique boa logo, moça adorável. Um grande abraço de Philippa do clube de bridge.*

*Desejo melhoras para a senhora mais gentil que conheço. Terence (carteiro)*

*Para a senhora de soriso lindo e bat*ão *vermeio. Desculpa escrever errado! Com amor do Ben (6) e Snowy (auau) bjs*

*Para a querida Zillah, nossa Rainha da Praça! Fique boa logo, por favor, nós a amamos e sentimos muito a sua falta. Jude e todos do Red House. Bjs*

*Mandando muito amor e estimando melhoras para a dama alegre e estilosa que por acaso é nossa cliente favorita. De todos os funcionários da Loja de Bolos da Kaye.*

Havia muitas outras mensagens, mas Zillah não conseguia mais lê-las; sua visão estava borrada demais com lágrimas. Engasgada de emoção, ela disse:

– Mas… como?

Essie entregou um lenço a ela e a abraçou.

– A notícia de que você estava no hospital se espalhou como fogo em

mato seco. Em todo lugar, as pessoas perguntavam por você e diziam o quanto é maravilhosa. E eu pensei: todo mundo ama Zillah, mas acho que ela não faz ideia de quanto, nem da diferença que faz na vida dessas pessoas. Então, comecei a pedir que escrevessem pequenas mensagens para você no meu Facebook e no meu Twitter… e a partir daí foi como uma avalanche. Essas são só algumas das mensagens, aliás.

Ela fez sinal para as fileiras de papéis, com a mão livre.

– Se eu tivesse usado todas, haveria o suficiente para decorar toda Percival Square.

Zillah balançou a cabeça, extremamente emocionada, tanto com as mensagens quanto com a atenção de Essie. Ela estava tão acostumada a apresentar ao mundo o rosto sorridente e perfeitamente maquiado que quase ninguém sabia que, por baixo, Zillah escondia a sensação de não ser uma pessoa boa o bastante.

Mas Essie sabia.

– As vendedoras de maquiagem da loja onde você compra seus batons enviaram isto.

Essie apontou para um vaso com rosas adequadamente vermelhas lindíssimas.

– E as frésias são de um dos seres humanos mais irritantes do planeta – disse Conor. – Mas, quando vi o que ele tinha escrito no cartão, eu quase chorei.

– Quem?

Zillah enxugou os olhos e ele lhe entregou o cartão: *Querida Zillah, eu ainda tenho a linda carta que você me mandou depois que a minha mãe morreu e nunca vou me esquecer das suas palavras gentis. Você é uma pessoa maravilhosa de verdade. Fique boa logo. Brendan Banks.*

Pobre Brendan. Ele *era* incrivelmente irritante, mas não era de propósito. Zillah se lembrou de certa tarde na primavera anterior. Ela estava sentada em um dos bancos da praça e ele se sentou ao lado dela, se perguntando se um dia teria uma namorada. Zillah garantiu que aconteceria no tempo certo e ele falou mais um pouco sobre a saudade que sentia da mãe… Bem, ela tinha

tentado animá-lo, mas mais um ano tinha se passado e o coitado ainda não tinha conseguido encontrar uma garota com quem dividir a vida.

– E essa cesta de flores é de todo mundo do Lar – continuou Essie. – Elspeth trouxe hoje de manhã. Ela pediu para dizer que todos estão mandando muito amor! E que esperam te ver lá assim que você estiver bem e recuperada.

Zillah olhou de novo para os papéis em tons pastel tremulando na brisa que entrava pela janela aberta. *Rainha da Praça…* Ela vibrava de alegria sempre que alguém a chamava assim de brincadeira. Tantas mensagens, tantas palavras gentis; era uma sensação extraordinária. Se ela morresse naquele momento, morreria feliz.

Era como se, magicamente, ela tivesse ganhado seu próprio último desejo.

Só que ela não estava para morrer, o que era ainda melhor.

Ela apertou o braço de Essie.

– Ah, eu vou ver todo mundo em breve, com certeza. Mal posso esperar para voltar.

# Capítulo 47

Era bom poder sair de casa sozinha. Zillah sorriu para si mesma; era como estar em liberdade condicional.

Ainda sem poder dirigir, ela insistira em chamar um táxi para ser levada até o St. Paul.

– Mas eu posso te levar – protestara Essie. – Não vou atrapalhar, prometo. Vou ficar esperando no carro e depois trago você de volta.

Zillah, ocupada passando perfume no pescoço e nos pulsos, dissera:

– Querida, você precisa parar de se preocupar comigo. Eu vou ficar *bem*.

– Mas e se não ficar? E se você passar mal?

– Você quer dizer quando eu estiver no Lar?

Achando graça, Zillah abriu as mãos.

– Ora, e teria lugar mais apropriado?

Uma hora depois, Zillah foi recebida com entusiasmo pela equipe e pelos residentes que estavam na sala e foi procurar Alice. Ela bateu delicadamente na porta e disse:

– Oi, sou eu. Aceita visita?

– Claro. Entre. Nossa, que colírio para os olhos – disse Alice, e, repetindo o que tantos já tinham dito, acrescentou: – Você está ótima.

– Obrigada. Eu tive muita sorte.

Quase 15 dias tinham se passado desde que Zillah tinha estado no Lar pela última vez. Pela janela, a primavera tinha chegado de verdade; o verde havia surgido e o terreno estava agora cheio de cores e vida.

Já naquele quarto, a mudança em Alice era igualmente notável, mas em outra direção. Ela estava mais magra, mais cinzenta, visivelmente mais exausta. Zillah se curvou sobre a cama para cumprimentá-la com um beijo na bochecha.

– Obrigada pelo cartão. É lindo.

– Estou feliz de você ter se recuperado tão bem.

Os olhos pálidos de Alice se enrugaram nos cantos.

– Se você morresse antes de mim, acho que eu teria me sentido culpada, como se eu tivesse feito acontecer.

E Alice nem sabia. Não tinha ideia. Desarmada pela sinceridade, Zillah disse:

– E quase foi mesmo. O motivo de eu ter caído da cadeira foi que eu estava procurando isso aqui para te dar.

Zillah pegou a foto na bolsa e a entregou para Alice, que a aceitou, perplexa.

– É. Eu achei que você podia gostar.

Alice observou a fotografia por alguns segundos, assentindo quando a lembrança da noite em que tinha sido tirada voltou a ela.

– Gostei, sim. Muito – disse ela, parecendo achar graça. – Mas não se isso tivesse custado a sua vida.

– Eu sei. Se bem que eu acho que eu provavelmente mereci. Mas claro que foi só uma coisa aleatória. Toda ação tem uma consequência, essas coisas.

– Bem, estou feliz por você ainda estar viva. Eu teria me sentido mal se tivesse te matado.

– Viu? E é por isso que você ainda é uma das melhores pessoas que eu já conheci.

Zillah puxou uma cadeira e se sentou.

– Elspeth te contou por que eu venho passar um tempo aqui?

Alice soltou uma tosse fraca e assentiu quando se encostou nos travesseiros.

– Contou. Ela me contou sobre os desejos. Uma coisa linda de se fazer.

– Eu queria organizar um para você – disse Zillah.

– Para mim? Ah… que gentileza. – Alice fez uma pausa. – Mas eu não consigo pensar em nada para desejar. Bem, nada que seja fisicamente possível… Acho que deixei passar tempo demais para começar a andar de skate.

– Ah, leve o tempo que precisar. Qual foi o momento mais feliz da sua vida? Qual era seu lugar favorito? O que você mais amava fazer quando era jovem?

Essas eram perguntas que Zillah sempre fazia, elaboradas para gerar lembranças e ideias.

– Tem alguma ocasião que se destaca?

O rosto de Alice se suavizou enquanto ela olhava ao longe.

– Me conta o que você está pensando agora – pediu Zillah delicadamente.

– Nada – disse Alice, abrindo um sorriso de desculpas. – Bem, tem uma coisa, sim, mas é algo bem além do que seria viável.

– Me conta mesmo assim.

Por experiência, Zillah sabia que relembrar coisas felizes gerava uma alegria própria.

– O balé – disse Alice com simplicidade. – Matthew me levou em um balé no Covent Garden no meu aniversário. Tinha comprado ingressos para vermos o Royal Ballet apresentando *O lago dos cisnes* e foi a experiência mais mágica da minha vida…

Os dedos magros se balançaram em uma tentativa de demonstrar como tinha sido perfeito.

– Eu não tinha ideia… Nunca tinha ido ao balé. E foi naquela noite que me apaixonei. A música, os bailarinos, a *sensação*… ah, tudo era tão lindo e deslumbrante, eu achei que estava no céu.

Os cantos da boca de Alice se ergueram novamente com a lembrança.

– E esse foi o começo da paixão da minha vida.

Zillah ergueu as sobrancelhas.

– Você *dançava*?

– Ah, não, não – disse Alice, e seu sorriso se alargou. – Eu era só a maior fã. Em toda oportunidade possível, eu dava um jeito de ir. Hoje em dia, eu vejo na televisão.

Ela apontou para trás de Zillah, para o aparelho de DVD e para as pilhas de caixas ao lado.

– Não é a mesma coisa, claro, mas é melhor do que nada. Você já foi ao Royal Opera House?

Zillah fez que não. Matthew uma vez perguntou se ela queria que ele comprasse ingressos para alguma produção, mas ela disse não. Nunca havia achado muita graça em balés. Na época, ir a clubes de jazz no Soho era mais a sua ideia diversão.

– Matthew gostava de balé.

Alice olhou com carinho para a foto em preto e branco.

– Ah, abençoado seja. Fico feliz que ele tenha sido feliz no final. Há quanto tempo ele morreu, você sabe?

Zillah levou um susto.

– Matthew? Ele não morreu. Está vivo.

– *Está?* – perguntou Alice, visivelmente abalada. – Ah, meu Deus…

– Por que você achou que ele estivesse morto?

– Recebi uma dessas cartas de Natal uns anos atrás. De Jessica Hurd-
-Stockton, lembra-se dela? Ela era uma daquelas pessoas que mantinha contato com todo mundo. Ela mencionou isso, disse que tinha ficado triste ao saber que Matthew Carter tinha morrido. Bom, a carta foi meio estranha, para ser sincera, um monte de coisas sobre pombos, mas não tive nenhum motivo para não acreditar.

Alice ainda estava com expressão incrédula.

– Você tem certeza de que ele está vivo?

Zillah pegou o celular.

– Seria bem estranho se não estivesse porque ele me mandou um arranjo lindíssimo de lírios tropicais ontem.

– Nossa…

Alice ficou surpresa e levou os dedos magros trêmulos até o peito.

– Por que Jessica teria dito isso se não fosse verdade?

Zillah pesquisou o nome no Google e fez uma careta.

– Hum, aqui diz que Jessica Hurd-Stockton morreu no ano passado. Ela estava sofrendo de demência.

– Pobre mulher. Isso explica os pombos. Nossa, não acredito que - Matthew ainda está vivo. Onde ele mora?

– Berkshire. Ele virou um monstro do golfe nos últimos anos. Ao que parece, deve estar morando dentro do clube de golfe, até. Mas isso o mantém ativo e ele gosta, então que mal faz, não é mesmo?

Uma centelha de ideia estava se formando no cérebro dela agora, motivada pela expressão no olhar de Alice. Casualmente, Zillah disse:

– Sabe, se eu falasse para ele que você está aqui, tenho certeza de que ele adoraria vir te ver.

Alice a encarou.

– Ah, é claro que não. Ele não ia querer. Por que *quereria*?

– Eu não diria isso se não achasse. E pode confiar em mim – disse Zillah –, ele adoraria, sim. Nós conversamos alguns anos atrás e ele se perguntou como tinha sido a sua vida. Ele te amou, Alice. Sei que ele partiu seu coração, mas ele nunca parou de gostar de você. E ele é um homem tão adorável…

Elas ficaram em silêncio por vários segundos. Alice enrolou a beira do lençol entre os dedos enquanto pensava sobre a questão. Finalmente, ela falou:

– Bem, talvez eu não possa ir ao balé, mas posso me sentar na cama para receber visitas, certo? E se vou ganhar um desejo, não consigo pensar em nada de que eu fosse gostar tanto quanto ver Matthew de novo. Seria o presente mais perfeito… se você achar de verdade que ele não se importaria.

– Ele ficaria feliz da vida – garantiu Zillah. – Deve estar jogando golfe agora, mas vou ligar para ele à noite. Deixa comigo.

# Capítulo 48

Era domingo à noite no Red House. Um homem, com quarenta e poucos anos, grandão, a cabeça raspada e muitas tatuagens, tinha se aproximado de Conor e agradecera a ele por mudar sua vida para a melhor.

– É mesmo? – perguntou Conor, intrigado. – Como eu consegui fazer isso?

– Minha esposa me deixou 6 meses atrás. Eu fiquei tão mal que não vi sentido em ir em frente. Até que vim aqui uma noite e vi uma das fotos que você tinha tirado. Estava ali.

Ele apontou para um lugar na parede ao lado da lareira.

– Era a foto de um cara no parque Victoria, rolando no chão com o cachorro. Havia folhas de outono na grama e o cara e o cachorro pareciam tão *felizes* juntos… Juro por Deus, eu não consegui parar de olhar pra foto. Acho que devo ter ficado olhando por umas duas horas.

Conor assentiu.

– Eu me lembro dessa foto.

É claro que ele lembrava. Todo mundo tinha ficado encantado com o laço evidente entre o homem e o cachorro amado.

– No dia seguinte, fui ao abrigo de cachorros e encontrei Bertie.

O homem indicou o vira-lata preto, pequeno e de olhos brilhantes sentado aos seus pés.

– E eu fiz isso graças a você. Ele é a melhor coisa que podia ter me acontecido e fez minha vida valer a pena de novo. Eu não conseguiria viver sem ele… bem, nós não conseguiríamos. Então viemos agradecer.

Conor ficou muito emocionado.

– Que fantástico, fico muito feliz. E agora, eu preciso tirar umas fotos de vocês. Quem sabe ela talvez inspire outra pessoa a adotar um cachorro também.

O homem pegou Bertie nos braços e sorriu de amor e orgulho quando o cachorro lambeu a orelha tatuada, e Conor tirou umas dez fotos. Quando estava terminando, seu pescoço ficou arrepiado e ele sentiu que estava sendo observado.

Quando o homem tinha ido embora, Conor se virou e viu Caz apoiada no bar, usando a jaqueta turquesa de estampa de pele de cobra e mais rímel do que todas as Kardashians juntas. Ah, e botas escarlate de salto agulha até os joelhos.

Ah, meu Deus, o que ia acontecer? Se ela estivesse ali para brigar furiosamente com ele por ter terminado com Belinda, como ele devia reagir?

Ele se preparou mentalmente. Poderia ser constrangedor. Ninguém gostava de um show de gritaria mais do que Caz.

– Preciso falar com você – disse ela friamente. – Vamos lá fora?

Na mesma hora, ele achou que aquilo podia ser má ideia.

– Nós podemos conversar aqui.

Com sorte, isso lhe daria vantagem. Scarlett, que ainda estava trabalhando no bar para que Essie pudesse ficar em casa com Zillah, estava observando a conversa com interesse. Ele colocou a câmera no balcão e perguntou:

– Qual é o assunto? – perguntou Conor.

Como se não soubesse.

Caz ergueu o queixo.

– Quero saber o que houve entre você e Belinda.

– Acho que não é da sua conta, é?

– Acho que é, sim. Belinda é minha *amiga* – respondeu ela, irritada.

– Não faz diferença para mim – disse ele, abrindo as mãos. – É particular, entre *mim e ela*.

– Ah, é?

*Deus, que mulher insistente.*

– O que você quer?

– Vim perguntar por que você terminou com ela – perguntou Caz com voz tensa –, e preciso saber a verdade. Foi por minha causa?

Maldição, *o quê?* Conor olhou para ela sem acreditar. Se ela achava mesmo que ele tinha terminado o relacionamento com Belinda porque queria secretamente ficar com *ela*…

– Me conta a verdade, por favor – pediu Caz, insistente. – Se eu for o motivo de você ter terminado com ela, nós podemos resolver.

Agora, ele estava mais confuso ainda.

– Não estou entendendo o que você quer dizer.

Scarlett, que estava ouvindo, disse de repente:

– Olha, eu posso explicar? Caz não acha que você está loucamente apaixonado por ela. Ela quer saber se o motivo para você e Belinda terminarem foi porque você não *a* suporta.

Scarlett fez uma expressão de desculpas para Caz.

– Desculpa, mas nós duas sabemos que é verdade.

Foi a vez de Caz ficar perplexa. Ela apontou o dedo para Conor.

– Ora, mas é lógico que é verdade. Ou você realmente achou que eu estava aqui porque achei que você estava a fim de mim? Rá, você ficou *louco*? Eu jamais pensaria uma coisa dessas! Sei que você não me suporta!

– Foi por isso que eu fiquei confuso – disse Conor, indignado.

Caz respirou fundo.

– Tudo bem, pelo menos agora a gente está se entendendo. Então vou perguntar de novo. Eu sou o motivo para você ter terminado com a Belinda? Porque, se for, vou me afastar. Não vou ser mais a melhor amiga dela; você nunca mais vai ter que me aguentar. E estou falando sério, viu? Se você e

Belinda entrarem no bar e eu estiver lá, vou embora, porque o que mais quero é que ela seja feliz e não suporto ser a pessoa atrapalhando isso.

– Ei – disse Conor, levantando a mão para fazê-la parar. – Não é você. Você não é o motivo.

– Mas você me odeia.

– Eu não te *odeio*. Você é barulhenta e irritante e às vezes a sua voz parece o som de unhas arranhando um quadro-negro, mas eu não te odeio, Caz. E juro que você não foi o motivo para o relacionamento não ter dado certo.

Caz estreitou os olhos, nada convencida.

– Mas vocês estavam tão felizes juntos. A única coisa com a qual você não estava feliz era eu.

Conor ficou inesperadamente comovido. Como Belinda sempre tinha lembrado a ele, Caz era uma amiga leal e de bom coração. Ela era uma pessoa gentil e bem-intencionada. Talvez ele precisasse, sim, explicar.

– Nós estávamos felizes no começo. Mas depois de um tempo começou a parecer que todos estavam tão empolgados com a história de como a gente se conheceu que nós precisávamos ficar juntos só para as pessoas terem seu felizes para sempre.

Caz assentiu lentamente.

– Faz sentido. Você quer dizer que se sentiu pressionado.

– Exato. E Evie é uma menina fantástica… essa foi outra pressão. Mas às vezes é preciso um tempo para se perceber que você não é um par tão bom quanto gostaria. E foi isso que aconteceu comigo – disse Conor. – Essas coisas nem sempre dão certo. Eu não queria magoar Belinda, mas não dá para ficar com uma pessoa só para não chateá-la, não é? Não seria justo com ela nem comigo.

Caz olhou para ele.

– Não mesmo.

– Obrigado. Finalmente concordamos sobre alguma coisa.

– Então definitivamente não foi mesmo por minha causa?

– Definitivamente, não – disse Conor, aliviado por não ter havido nenhum show. – E, para provar isso, vou pagar um drinque pra você, ok?

Isso animou Caz.

– Ah, eba! Quero uma voddy com tônica grande!

Se ela soubesse o quanto esse jeito de falar "voddy com tônica" o deixava irritado…

Conor sentiu uma mão pesada em suas costas e uma voz estrondosa falou:

– Começando uma rodada nova, é? Rá, rá, parece que cheguei na hora certa!

Ah, que maravilha. Era Brendan com seu inigualável talento de se apegar a pessoas que prefeririam que ele ficasse longe. Conor abriu a boca para explicar que ele e Caz estavam tendo uma conversa particular, mas Brendan já estava olhando com admiração descarada para Caz.

– Opa, mas que visão temos aqui! "Amiga" nova, Conor? Oi, eu sou Brendan, é um grande prazer conhecê-la! – disse ele para Caz.

– Você está louco? Eu e Conor? Hahahahaha.

Caz soltou uma risada aguda de papagaio capaz de furar os tímpanos.

– Até parece! Ele não me suporta!

– Ah, não acredito nisso – protestou Brendan.

– É verdade – disse Conor. – E é mútuo.

– Uma caneca de Heineken para mim, Scarlett. Ora, que loucura – disse Brendan, se virando para Caz. – Olha só você, você é uma deusa! Qual é o problema desse cara?

Conor piscou. Brendan parecia estar falando sério.

– Sabe de uma coisa? Eu sou areia demais para o caminhãozinho dele – disse Caz, ao mesmo tempo dando um sorrisinho e olhando para Brendan com interesse. – Prefiro homens maiores, alguém que saiba cuidar de uma mulher, entende?

*Urgh*, *urgh*, e agora ela estava piscando para Brendan com aqueles cílios gigantes como um espanador e lhe dirigia um sorriso safado e… Quase devolvendo que ele era perfeitamente capaz de cuidar de uma mulher, Conor olhou para Scarlett e se deu conta de que aquele não era o momento para se defender.

Mais ainda, Brendan tinha tirado a carteira do bolso e estava dizendo com empolgação:

– Essa é por minha conta! Eu gosto de uma moça que sabe o que quer. E

eu nem sei seu nome ainda!

– Caz – respondeu ela, que apertou os braços nas laterais do corpo para projetar e empinar os seios.

– Caz, é um prazer te conhecer. É apelido de Caroline, não é?

Ela abriu um sorriso largo para Brendan, como se ele tivesse dado uma resposta brilhante em um programa de televisão.

– É, sim.

Na mesma hora, Brendan começou a cantar em volume máximo:

– SWEET CAROLINE… BAM, BAM, BAMMM!

Caz deu um gritinho de prazer.

– É uma das minhas músicas favoritas no karaokê!

– Minha também!

Com o rosto vermelho, brilhando e tomado de prazer, Brendan segurou a mão dela e a pressionou contra o peito amplo.

– Está sentindo meu coração? Olha como está batendo forte. É você que está fazendo isso!

– Espera só pra ver – disse Caz com uma risada horrenda. – Eu posso fazer qualquer coisa acontecer quando coloco uma ideia na cabeça.

– Ora, ora – comentou Conor, três horas depois quando Brendan e Caz foram embora do Red House de braços dados. – Acho que isso é o que podemos chamar de final inusitado.

O bar já havia encerrado as atividades e Jude limpava as mesas enquanto Scarlett empilhava copos na lavadora atrás do balcão.

– Como a minha avó sempre dizia, toda panela tem sua tampa – disse Jude.

– Meu avô dizia que sempre tem um chinelo velho para um pé cansado – disse Conor, impressionado com a coincidência. – Você acha que vamos começar a dizer coisas assim quando ficarmos velhos?

Scarlett usou o antebraço para tirar o cabelo dos olhos.

– Para falar a verdade, você já é meio velho – provocou ela.

Ele balançou a cabeça com pesar.

– Você mudou. Lembra quando não conseguia parar de flertar comigo? Você dizia para todo mundo que gostava muito de mim.

– Gostava. Na época. Passado.

Meio brincando, Conor falou:

– Ah é? Então você me esqueceu? O que eu fiz de errado?

Scarlett secou algumas bandejas e olhou para ele com expressão de quem diz "tá brincando, né?".

– Você quer dizer além de não ter o menor interesse em mim e estar saindo com Belinda? Sei que sou péssima de várias formas, mas uma coisa que eu aprendi a fazer ao longo dos anos foi não perder tempo babando por homens que não gostam de mim. Porque isso só piora as coisas. Deus sabe que já fiz muito papel de boba sem acrescentar isso à lista. Terminou com esse copo aí?

Scarlett estava com a mão esticada como uma professora prestes a confiscar um celular.

– Ainda não – disse Conor.

Atrás dele, uma porta se abriu e uma voz masculina gritou:

– Scarlett! Não demora, tá? Estou na faixa amarela dupla e tem um carro de polícia rondando.

Conor se virou de lado no banco e viu um cara bonito com cabelo louro úmido parado na porta.

– Cinco minutos – respondeu Scarlett.

O homem desapareceu e Conor disse:

– Quem é?

– Danny.

– Danny, o ex? – Ele ergueu uma sobrancelha. – O cara que traiu você e depois tentou te convencer a dormir com ele mesmo assim?

Ela limpou o bar metálico de maneira vigorosa.

– Ele mesmo.

– E agora ele está te esperando lá fora?

Conor sentiu como se um ninho de cobras tivesse se alojado nas suas

entranhas.

– Está ouvindo?

Scarlett apontou para a janela mais próxima. Parecia que alguém estava jogando cascalho no vidro.

– Está caindo um temporal e Danny me ofereceu uma carona para casa. O que você queria que eu dissesse? "Ah, não, obrigada, prefiro ir andando"?

– Isso quer dizer que você voltou a dormir com ele?

As palavras saíram sem aviso, levando Scarlett a olhar para ele com hostilidade.

– E por acaso isso seria da sua conta? – perguntou ela, inclinando a cabeça para o lado. – Ah, não. Claro que não.

Como não havia resposta para isso, Conor terminou de beber e entregou a ela o copo vazio.

*Deem o fora de mim, cobras.*

Em voz alta, ele disse:

– Mesmo assim, você não devia.

# Capítulo 49

Eles tinham combinado de se encontrar em St. Paul às 14h, mas quando Zillah chegou cedo, de táxi, viu que Matthew já a aguardava no estacionamento.

Ela sorriu; a pontualidade excessiva dele sempre a deixara louca.

Enfim. Zillah tinha levado cinco dias para organizar tudo, mas agora estava prestes a acontecer. Pelo menos, o clima estava perfeito. Dedos cruzados para que todo o resto corresse de acordo com o planejado.

Quando ela saiu do táxi para a luz do sol, uma brisa quente soltou algumas flores das cerejeiras e fez chover pétalas rosa-bebê sobre ela.

– Zillah.

Matthew a cumprimentou com um beijo afetuoso em cada bochecha, sorriu e tirou cuidadosamente algumas das pétalas do cabelo dela.

– Você parece uma noiva, caso isso não seja algo inadequado de se dizer para uma ex-esposa.

Uma *ex-esposa*. O uso que ele fazia das palavras ainda a divertia.

– Eu tenho 83 anos – disse ela, dando um tapinha no braço dele. – Acho que esse navio já zarpou faz tempo. Obrigada por aceitar fazer isso, Matthew.

– Não precisa agradecer. Eu teria feito de qualquer jeito – disse ele, e então, observando o rosto dela, comentou: – Você está com uma aparência boa. Como está se sentindo?

– Estou bem, considerando tudo. Ainda fico um pouco cansada, mas tive sorte – respondeu ela, e então mudou de assunto. – E você parece bem saudável.

– Graças ao golfe. É um esporte maravilhoso. Você devia ir ao meu clube qualquer hora dessas, experimentar um pouco…

– Nem em um milhão de anos – disse Zillah imediatamente, antes que ele pudesse começar outra versão do sermão a que ele a tinha sujeitado no telefone em outra noite. – Não sou do tipo que usa calça xadrez.

– Você não *precisa* usar…

– E os cuidadores do gramado ficam irritados quando se joga golfe de salto. Mas você está muito elegante. Lindo terno – disse ela, tirando um fiapo na lapela do paletó. – Alice está no quarto dela. Ela está ansiosa pra te ver.

Matthew pegou uma cesta de flores no porta-malas do Peugeot limpíssimo e a seguiu para o prédio. Zillah o alertara sobre a fragilidade de Alice, para que ele não ficasse visivelmente chocado ao vê-la.

Quando chegaram no quarto, ela bateu na porta fechada.

– Alice! Sou eu.

O silêncio que veio em seguida foi suficiente para fazê-la se perguntar se Alice tinha dormido. Ou morrido, o que seria simplesmente insuportável.

*Ah, Deus…*

Mas ela ouviu Alice dizer:

– Entre.

*Ufa, está viva.*

Zillah sinalizou para Matthew esperar do lado de fora e abriu a porta com alívio considerável. Alice estava sentada na cama, usando seu melhor pijama de seda, cor de pêssego. O cabelo branco fino estava penteado para trás do rosto magro e a palidez de pergaminho da pele tinha sido suavizada com um

toque de pó e blush. Pelo que parecia, ela tinha acabado de passar batom alaranjado.

– Ele veio? – perguntou ela.

– Ah, veio. Mal pode esperar para te ver.

– Ele vai levar um susto quando me vir.

– Besteira. Você está ótima.

– Pode me fazer um favor? Eu tentei pegar uma coisa, mas não consegui alcançar.

– Claro.

Zillah foi até o armário ao lado da cama e abriu a gaveta para a qual Alice estava apontando. Entregou a ela o frasco de perfume que tinha rolado até o fundo e viu Alice passá-lo atrás das orelhas quase transparentes.

– Não se preocupe – confidenciou Alice. – Eu não estou tentando seduzi-lo. Só quero ficar cheirosa.

Zillah abriu a porta para Matthew e viu o rosto de Alice se iluminar.

Nenhum filtro de câmera digital conseguiria reproduzir aquele efeito.

– Ah… você veio, é você mesmo.

A voz dela tremeu de emoção quando olhou para ele.

– Sou eu mesmo. Ah, Alice, é tão bom rever você.

– Zillah te contou que eu achei que você tivesse morrido?

– Eu sei, mas eu não morri. E isso é para você.

Matthew colocou as flores na mesa de cabeceira e se curvou para abraçar o primeiro amor da vida dele. Ao fazer isso, ele murmurou:

– Você está usando o perfume que comprei no seu aniversário. L'Heure Bleue, da Guerlain.

– É o meu favorito – disse Alice, dando de ombros. – Eu o uso há sessenta anos.

Zillah saiu em silêncio. Uma história alternativa surgiu na cabeça dela, a vida que Alice e Matthew podiam ter tido se tivessem ficado juntos: uma linda casa no campo, férias felizes junto ao mar, filhos adoráveis que cresceriam adultos amorosos e responsáveis cheios de filhos…

*Só que, graças a mim, nada disso existe.*

Vinte minutos depois, Zillah viu o relógio e olhou para Essie.

– Tudo pronto. Hora de trazê-los.

O salão espaçoso tinha sido transformado por Essie e vários ajudantes e agora estava quase cheio. Do lado de fora, o sol ainda brilhava, mas ali dentro as cortinas escuras de veludo tinham sido fechadas. Havia pedaços de tule azul-marinho cobrindo o fundo do palco com holofotes. As fileiras de cadeiras estavam ocupadas por pacientes, parentes e funcionários. Alguns pacientes estavam em cadeiras de rodas. No centro da primeira fileira havia um espaço para a convidada mais importante.

– Vamos lá buscá-los – disse Essie. – Mal posso esperar. Vai ser lindo.

Desta vez, a porta do quarto de Alice estava aberta. Conor estava tirando fotos de Alice e Matthew.

Os sorrisos no rosto deles, sentados com a cabeça inclinada um na direção do outro, era algo mágico de se ver.

– Pronto? – disse Zillah quando Conor tinha terminado.

– Ah, você tem que ir agora? – perguntou Alice para Matthew.

– Ainda não.

Ele sorriu e enfiou a mão na cesta de flores, tirando um buquezinho de botões de rosa cor-de-rosa.

– Agora vamos prender isso em você – disse ele, prendendo o arranjo na blusa do pijama dela.

– Ah, que lindo! – exclamou Alice, feliz, mas intrigada. – Você não deve lembrar, mas você me deu um enfeite assim uma vez, na noite em que me levou ao Royal Opera House para ver…

– Eu lembro – disse Matthew. – E queria poder ter te levado de novo, mas…

– Ah, eu sei. – Alice assentiu. – Mas às vezes essas coisas não são possíveis.

– Com sorte, vamos ter a segunda melhor opção hoje – disse Zillah. – Como nós não podíamos te levar ao balé, Alice, pensamos em trazer o balé até você.

Alice foi colocada na cadeira de rodas reclinável e todos aplaudiram quando ela saiu para o corredor com Matthew ao seu lado.

– Ah, minha nossa, muito obrigada. Não estou acreditando. – Lágrimas de alegria dançavam nos olhos dela quando tocou na manga de Zillah. – Parece que estou sonhando…

Conor estava encostado na parede na lateral do salão, pronto para tirar mais fotos. As luzes principais estavam apagadas, as cordas etéreas de abertura de *O lago dos cisnes* de Tchaikovsky soaram no ar e um holofote apareceu no centro do palco. Quando os primeiros dançarinos surgiram das alas e a música aumentou, ele manteve o olhar fixado em Alice, sentada na fileira da frente entre Matthew e Zillah, seu rosto a própria expressão do prazer. Ele viu Matthew se virar para sorrir, segurar a mão dela e apertá-la de leve.

Ele tirou algumas fotos para registrar o momento e voltou a atenção para o palco. Não era o balé inteiro sendo executado, obviamente; isso teria sido pouco prático, complexo e longo demais para muita gente na plateia aguentar. Mas a apresentação foi uma versão cuidadosamente reduzida, com todos os pontos altos e 40 minutos de duração, apresentada por uma escola de balé de adultos de Bristol.

Quando Zillah contou a ideia para Conor, ele tinha imaginado que no fim das contas seria algo meio amador e constrangedor. Mas o que viam ali não era nada amador. Como Zillah tinha descoberto, a escola era frequentada por dançarinos de alto padrão vindos de grandes academias de balé, pessoas que trabalhavam com companhias de prestígio em todo o mundo. Talvez não estivessem atuando profissionalmente no momento, mas ainda faziam aulas a

fim de manter a habilidade e se apresentavam para arrecadar fundos para boas causas ou para entreter quem talvez não pudesse vivenciar a alegria do balé em primeira mão.

E foi uma alegria, Conor percebia naquele momento; o padrão era bem mais alto do que ele tinha esperado. Os dançarinos pareciam incríveis com os trajes brancos leves e enfeites de cabeça combinando. Ele não sabia os termos técnicos da maioria dos passos que executavam, mas fato é que estavam fazendo tudo incrivelmente bem, dançando na ponta dos pés com as pernas bem torneadas se movendo em sincronia absoluta quando pulavam e faziam piruetas.

Ele ergueu a câmera, hipnotizado pela elegância dos movimentos coordenados de braços e pernas e maravilhados com a uniformidade dos trajes. Até a maquiagem era idêntica, os olhos de cada dançarino delineado embaixo dos chapéus com penas cobrindo o cabelo…

Ah, o quê?

*O quê?*

Não podia ser.

Conor ficou paralisado, olhando a figura mais próxima dele no lado esquerdo do palco. Não podia ser, mas por um segundo a pessoa o fez lembrar tão fortemente de Scarlett que ele chegou a achar que era ela.

Ele prendeu o ar e observou o rosto dela quando ela executou uma série de movimentos de cisne. Aqueles olhos… o formato do rosto… a inclinação do queixo… Era mesmo uma coisa extraordinária…

No momento seguinte, o olhar dela encontrou o dele e, com um baque de reconhecimento, Conor se deu conta de que era mesmo Scarlett no palco, dançando como uma profissional. Além do mais, ela avistou o rosto dele, mas não reagiu e, em vez disso, tinha se virado e agora seguia a sequência de movimentos, dando passos e se esticando junto com a música e os companheiros de dança.

Todas as emoções complicadas que ele vinha sentindo por Scarlett nas últimas semanas se manifestaram de repente. Conor se sentiu revigorado, eletrizado. Quando a música aumentou e encheu o salão com a sua

magnificência atemporal, ele se deu conta de que Essie tinha virado a cabeça e o estava observando com um sorrisinho no rosto.

Ele tinha tantas perguntas a fazer. *Tantas.* E faltavam 40 minutos para a apresentação terminar.

Bem, era um bom momento para se lembrar do motivo de estar ali e tirar mais fotos…

# Capítulo 50

Os APLAUSOS AO FECHAR das cortinas foram trovejantes. Todo mundo que era capaz de gritar estava gritando. Os dez bailarinos no palco se curvaram, sorriram e aplaudiram a plateia, e havia lágrimas brilhando nas bochechas magras de Alice enquanto ela aplaudia e balançava a cabeça de prazer.

Os dançarinos pularam do palco para cumprimentá-la, e Conor tirou algumas fotos informais antes de ir se juntar a eles.

Essie, que tinha chegado primeiro, estava dizendo para Scarlett:

– Foi incrível. Todo mundo adorou.

– Que bom.

Ainda sem fôlego pelo esforço, Scarlett olhou para Conor.

– Mas acho que teve gente na plateia que não ficou tão impressionada.

Foi uma alfinetada. Conor a ignorou.

– Mas deviam ficar. Eu fiquei. Você foi incrível.

Ela deu de ombros e começou a controlar a respiração.

– Obrigada.

– Por que ninguém me contou que você ia dançar?

– Porque eu não queria que você supusesse que eu não era boa – disse Scarlett de forma direta. – Eu já estava nervosa mesmo. A última coisa de que precisava era você me dizendo que eu seria uma grande decepção e estragaria o show.

Conor ficou surpreso.

– Por que eu diria algo assim?

– Bem, você não confiou em mim para tirar as fotos com os cavalos, não foi? Ficou esperando que eu estragasse tudo.

– Mas… eu não tinha ideia de que você sabia fazer isso! – disse ele, indicando o figurino e o palco. – Você foi incrível. E obviamente você estudou, mas ninguém nunca me contou… nenhuma de vocês nunca mencionou!

– Eu mencionei – disse Essie. – Uma vez, mas você não se impressionou.

Conor se virou para olhar para ela sem acreditar.

– O quê? Não é verdade. Eu nunca soube disso!

– Soube, sim. Eu *contei*.

– Não contou.

– Foi na época do Natal. Nós estávamos na cozinha de Zillah e eu mencionei que Scarlett tinha feito umas apresentações de rua no verão e você fez uma careta e disse: "Fazendo o quê, cantando?", e eu falei que não, que ela era bailarina. E aí você fez outra careta e deu uma risadinha estilo "ah, meu Deus", então desisti e deixei para lá, porque você não estava…

– Não, não – disse Conor, que balançou a cabeça vigorosamente, lembrando-se da conversa. – Você disse *dança do ventre*.

– Eu falei balé, Conor.

Scarlett tirou o enfeite branco de cabeça e passou os dedos pelo cabelo roxo penteado para trás. E Conor, admitindo o erro, falou:

– Olha, eu peço desculpas. Se há essa dúvida entre balé e dança do ventre, devo ter suposto automaticamente que você faria apresentações de dança do ventre. Eu não tinha ideia. Você é *muito* talentosa.

– Eu já fui – disse Scarlett, dispensando o elogio. – Balé era o amor da minha vida. Eu ganhei uma bolsa para estudar no White Lodge, a escolinha

do Royal Ballet de Londres. Também fiz audição para a escola de Covent Garden. Eu tinha 16 anos e era meu maior sonho.

– O que aconteceu? – perguntou Conor, porque estava óbvio que algo tinha acontecido.

– Eu estava atravessando a rua uma manhã e fui atropelada por uma moto. Fiquei na sarjeta com o tornozelo quebrado e pronto. Foi o fim do meu sonho. Meu tornozelo acabou melhorando, mas nunca ficou tão forte quanto seria necessário para encarar a Royal Ballet School. Eles precisavam que eu estivesse cem por cento – disse ela, dando de ombros. – Agora, eu faço por diversão. Vou para Bristol fazer aulas toda semana e às vezes organizamos shows. Não é o que eu tinha sonhado, mas a vida é assim, né? Pelo menos ainda estou viva. Eu podia ter morrido.

A resignação tranquila de Scarlett fez Conor sentir como se seu coração estivesse sendo comprimido por um punho gigante.

– Pegaram o motociclista?

– Não.

– Bem, isso mudou *todo* o seu futuro.

– Eu sei, mas coisas como essa acontecem o tempo todo. Você largou seu emprego, não foi? Se não tivesse largado, tudo estaria diferente agora. Você ainda estaria trabalhando como advogado, provavelmente não estaria morando em Percival Square, não teria conhecido Essie… nem a mim. Imagine como isso teria sido horrível…

Ela estava brincando agora, mas Conor nunca tinha falado tão sério na vida.

– Você…

– E se Ess não tivesse escrito a tal carta de Natal, ela não teria conhecido Zillah. Todos os dias nós fazemos coisas que são capazes de mudar todo o nosso futuro, e é isso que torna a vida empolgante. Quando eu estava dançando na rua naquele verão, eu fantasiava que Steven Spielberg viria a Bath, me veria e ficaria *encantado*, e aí suplicaria para eu aparecer no próximo filme dele.

– Ele veio?

– Não, mas poderia acontecer, essa é a questão. Na semana passada,

quando eu estava trabalhando na minha barraca no mercado, vendi um dos meus colares de vidro pintado para uma mulher, e no fim descobri que ela é recepcionista do hotel em que Steven Spielberg ficou quando filmou *Cavalo de guerra* em Castle Combe…

Scarlett parou abruptamente.

– O quê? Por que você está me olhando assim?

De repente, a lembrança voltou a ele. Conor perguntou lentamente:

– No Natal… estava nevando muito, eu vi um cara tocando violino na rua Milson e uma garota apareceu e começou a dançar em volta dele… com passos de balé de verdade…

– Bem, não dá pra chamar de passos de verdade – disse Scarlett. – Eu estava de tênis.

Conor expirou e abriu as mãos.

– Era você.

Ela assentiu, achando graça.

– Era eu.

– Não acredito. Você foi incrível.

Ele não conseguia começar a explicar o efeito que a breve apresentação dela tivera sobre ele; Conor tinha ficado completamente encantado, tanto pela cena mágica quanto pela ideia de uma garota capaz de sair dançando daquele jeito só por amor. Durante semanas, ele não conseguiu parar de pensar nela.

E tinha sido Scarlett. Se ele tivesse conseguido falar com ela naquela noite, será que ela teria conquistado o coração dele desde o começo? Ele teria se sentido atraído por ela como se sentia agora?

Quem poderia saber?

Não havia mais nada a fazer: ele precisava aproveitar o momento.

– Podemos ir lá fora rapidinho?

Scarlett ergueu as sobrancelhas.

– Por quê?

Ah, que ótimo, agora ele parecia estar quase tendo um ataque cardíaco.

– Por favor. Nós precisamos conversar.

No jardim, Conor encontrou um lugar isolado onde não seriam ouvidos por outras pessoas, embora Scarlett ainda não conseguisse entender por que ele estava agindo daquela forma estranha.

Ela ajeitou com cuidado as camadas finas de tule branco que formavam sua saia e se sentou no banco de madeira.

– Do que se trata?

– Você. Eu. Pedir desculpas.

Conor se sentou ao lado dela e mexeu distraidamente na gola da camisa, como se preparando-se para uma admissão constrangedora.

– Olha, eu sei que não é da minha conta, mas você está saindo com alguém agora?

Scarlett piscou.

– Você quer dizer o Danny?

– Qualquer pessoa.

– Não. Com ninguém.

Em momentos assim, Scarlett achava útil canalizar mulheres tranquilas e controladas. Observando-o com aparência serena, ela conjurou sua Helen Mirren interior.

– Por quê?

Conor respirou fundo.

– Bom, vou te contar uma coisa. Quando eu conheci Belinda, gostei dela imediatamente. Só que, com o tempo, fui parando de gostar. Comigo costuma ser assim. Mas, quando eu te conheci, eu não gostei nem um pouco de você.

*Que encantador*.

– Eu reparei.

– Mas a questão é que, com o passar do tempo, o que eu sentia por você meio que… começou a mudar. Parei de te achar irritante e comecei a gostar de você. Só um pouco no começo, depois mais e mais. E agora, eu gosto mesmo de você – disse Conor. – Muito.

*Viva!*

– Você está dizendo que eu grudei em você? Tipo hera?

Scarlett pareceu achar graça, bem no estilo Helen Mirren.

– Acho que sim – respondeu ele, passando os dedos pelo cabelo já desgrenhado. – Olha, nunca aconteceu isso comigo. Mas está acontecendo agora e eu estou me perguntando se é pra ser assim mesmo…

– Que… romântico.

Conor sorriu.

– Desculpa. Eu só estou tentando explicar o que eu sinto. Eu não estava esperando que nada disso acontecesse.

– Só que você parece ter se esquecido de uma coisa.

*Ah, meu Deus, olha só pra mim! Eu sou brilhante nisso! Helen Mirren é a melhor!*

– O que eu esqueci?

– Eu comecei gostando *muito* de você. Mas aí você deixou bem claro que não estava interessado, então eu fui parando de gostar.

Scarlett inclinou a cabeça para o lado.

– Eu te contei isso naquela noite, lembra?

Ele pareceu surpreso.

– Mas agora eu *estou* interessado.

– Bem, só que agora é tarde. Eu desliguei esse botão, fechei essa porta, deletei o aplicativo.

– Sério? – perguntou Conor.

– Sério.

– Será que você não pode… ligar de novo?

*Êêêêêê!*

Scarlett franziu a testa.

– Não é assim que funciona pra mim. Quando acabou, acabou.

– Ah.

Ele pareceu consternado.

– Se bem que tem uma coisa que a gente pode tentar…

– O quê?

– Me beija.

Animada com a surpresa nos olhos dele, Scarlett deslizou pelo banco para

mais perto dele.

– Vamos lá, faz o melhor que puder. Vamos ver se conseguimos fazer esse meu coração frio e morto pegar no tranco, se conseguimos trazê-lo de volta à vida.

Quando os lábios deles se tocaram, ela se despediu de Helen Mirren, que tinha feito muito bem seu trabalho até ali. Mas não era mais necessário manter a fachada tranquila.

Para ser sincera, mesmo que tentasse, o jeito como seu corpo inteiro tremia a entregaria.

Finalmente, eles pararam para respirar. *Ufa.* E Conor estava sorrindo para ela.

– E aí? – perguntou ele. – Foi bom?

Scarlett levantou a mão e apoiou as pontas dos dedos na base do pescoço dele; quantas vezes ela tinha olhado para aquele ponto e desejado tocá-lo?

Ela também sorriu.

– Não foi ruim. Mas acho que talvez a gente precise de mais treino.

– Vou consultar minha agenda. Acho que a gente consegue.

E, então, ela abandonou totalmente a fachada.

– Você é lindo.

– Obrigado. Você tem ótimo gosto – disse Conor, prendendo uma mecha de cabelo roxo atrás da orelha dela. – Você até que não é ruim.

– Eu estou livre o resto da tarde.

Enquanto falava, Scarlett olhava com desejo para os lábios dele.

– Droga, eu bem que queria estar – disse ele, olhando o relógio. – Mas eu preciso estar em Bath às 16h30. Tenho um trabalho de duas horas na rua Albert.

Ele fez uma careta com a perspectiva.

– Rua Albert? Minha amiga Carrie mora no número 22.

– Minha cliente é Geraldine Marsh, do número 18.

O nome pareceu familiar.

– É a mulher mandona que reclama muito?

– Ela mesma.

Scarlett arregalou os olhos.

– Eu estava na festa da Carrie na noite da tempestade! Uma árvore enorme caiu no quintal da Geraldine e um cara passou horas com uma serra elétrica cortando os galhos…

– Não foi a melhor noite da minha vida – disse Conor, pesaroso.

– Nossa, eu vi você! E morri de pena! Quase fui levar uma bebida quente para te dar ânimo!

– Teria sido ótimo. Por que não levou?

– Acho que a minha música favorita começou a tocar – disse Scarlett –, e eu desci para dançar.

– Vou deixar essa passar.

Ele se inclinou para a frente e deu outro beijo nela.

– Você não sabia que era eu.

Cada toque da boca quente dele na dela gerava um show de fogos no estilo Disney dentro do peito dela.

– Qual é o número da Geraldine? – perguntou ela.

Conor o encontrou e ela esticou a mão para pegar o celular.

– Alô – disse ela quando a ligação foi atendida. – Estou ligando em nome de Conor McCauley para avisar que ele não vai poder ir hoje. Ele caiu de uma escada e está na emergência do Royal United… Não, ele machucou as costas e disse que vai ligar assim que puder trabalhar de novo… Sim, eu aviso. Tchau!

– Avisa o quê? – disse Conor.

– Ela disse que isso é muito inconveniente, porque as tulipas dela precisam ser replantadas.

– Parece algo que ela diria – disse ele, e depois de uma pausa: – E você sabia meu sobrenome.

– Eu perguntei a Essie, para treinar escrever meu nome novo caso a gente se casasse.

– Está vendo, você diz umas coisas assim, e eu odiava. Mas agora eu só acho engraçado e sincero. Você escreveu mesmo seu nome com o meu sobrenome?

– Bem, não no papel – disse Scarlett. – Mas tentei mentalmente. Algumas vezes.

Ela sorriu, nem um pouco arrependida.

– Bom, parece que você tem o resto da tarde livre agora.

– Parece que tenho – disse ele, e balançou a cabeça. – O que será que a gente pode fazer?

Scarlett estava sonhando? Não, não estava. Depois de tantos meses, ia acontecer. Eufórica com a expectativa alimentada pela adrenalina, ela disse:

– Não faço ideia, você decide. Mas é bom a gente tomar cuidado para não forçar as suas costas machucadas.

# Capítulo 51

Zillah carregou a xícara de chá até a sala, ligou a televisão e se sentou para ver os últimos dez minutos do noticiário do começo da noite.

Tinha sido um dia e tanto. Mas um bom dia. Ela tomou um gole de chá e estimou que tinha 20 minutos até Essie voltar. Sinceramente, era difícil ter que inventar uma lista de compras de coisas necessárias só para ter um pouco de paz para refletir sobre o que tinha acontecido.

Zillah esperava que Alice tivesse se divertido também. Ao visualizar o rosto dela, Zillah achava que sim, mas Alice era tão educada que jamais sonharia em dizer que não.

Será que ela tinha conseguido compensar um pouquinho o mal feito a Alice e Matthew no passado? Bem, é claro que não. A pobre Alice tinha perdido o amor da vida dela e o que poderia compensar isso? Zillah botou a xícara de chá de lado e pegou o controle remoto. Nossa, como o noticiário local estava chato. Ela precisava de um filme bom para distraí-la dos próprios fracassos.

– … E para encerrar a noite, a Duquesa de Cambridge fez uma visita ao Zoológico de Bristol hoje, para abrir oficialmente a nova gaiola dos suricatos.

O apresentador tinha adotado a voz alegre de fim de programa enquanto imagens da visita apareciam na tela.

– Fico feliz em dizer que os suricatos se comportaram bem com a visitante real, que depois foi apresentada a alguns funcionários do zoológico.

A câmera agora mostrava uma fila de funcionários com os uniformes verde-garrafa, esperando para apertar a mão da duquesa.

– Em um lado da balança temos Harry Critchley, que é cuidador aqui há 51 anos, um feito incrível, não é? Muito bem, Harry! E, do outro lado, temos o funcionário mais novo, Ben Gallagher, de 17 anos, que começou a trabalhar aqui na semana passada. Mas eles dois têm uma coisa em comum, a paixão pelos animais e o compromisso total com o trabalho que esse zoológico continua fazendo… então, parabéns aos dois, e vamos torcer para que ambos continuem aqui por muitos anos!

Zillah cobriu a boca, porque a expressão no rosto magro e feliz de Ben quando ele apertou a mão da duquesa foi preciosa. Era ele; ele tinha conseguido realizar o sonho de trabalhar no zoológico, e ela não poderia estar mais orgulhosa dele nem se fosse seu bisneto.

Quando o âncora encerrou a notícia e passou para a previsão do tempo, Zillah pegou um lenço de papel. Ainda bem que ela não tinha mudado de canal; teria perdido aquela notícia.

Era lindo saber que, no dia em que conheceu Ben e tomou aquela decisão impulsiva, tinha feito a coisa certa.

Na manhã seguinte, enquanto Conor estava no chuveiro, Scarlett começou a folhear distraidamente as fotos impressas em tamanho A4 que ele tinha tirado na semana anterior. Ela as espalhou na escrivaninha e observou cada uma, se perguntando quais ele escolheria para expor no Red House.

Mas ela reparou em duas fotos que a fizeram se inclinar para mais perto e

prestar atenção.

Ora, ora. Que *incrível*…

Cinco minutos depois, Conor saiu do banheiro com uma toalha azul-marinho em volta da cintura. Ele se aproximou por trás dela e beijou sua nuca.

– Queria não ter que ir trabalhar.

– Eu sei. Mas você tem.

A sensação da boca quente no pescoço dela gerou arrepios de prazer em seu corpo; ela se virou e passou as mãos nos ombros largos e bonitos.

– Nós dois temos.

– Mas vamos nos ver à noite?

– Eu devia estar bancando a difícil – disse ela, que sorriu e fez carinho no peito ainda úmido dele. – Mas não consigo. Vamos, por favor.

Ele olhou as fotos espalhadas.

– O que você estava fazendo?

– Admirando as fotos. Você é muito bom nisso, sabia?

Conor piscou.

– Eu sou muito bom em muitas coisas.

– Bem, eu já fiz essa descoberta.

Scarlett sorriu de novo porque Conor nem imaginava que, graças a ele, ela não tinha sucumbido à sugestão do Danny de terem uma amizade colorida. Mas isso era completamente irrelevante agora, porque a noite anterior e a manhã com Conor tinham sido de outro mundo; ele tinha valido a espera. Ela apontou para as fotografias.

– Mas eu estava me perguntando se você reparou em uma coisa interessante em duas delas.

– Quais?

– Isso seria trapaça. Estou testando seus poderes de observação.

Ela o viu observar as fotos com atenção.

– Não sei… Esta está desequilibrada… a luz não está muito boa naquela ali… e as pernas daquela mulher estão estranhas. Vou ter que cortar.

Ele estava falando de questões técnicas e de composição. Não tinha visto o que ela tinha visto.

– Posso levar duas comigo? – pediu Scarlett.

– Por quê?

Ela balançou a cabeça.

– Não vou dizer. Não ainda. Eu acho que não estou errada, mas posso estar.

– Tudo bem. Não tem problema, coloca elas aqui – disse ele, esticando o braço para pegar uma pasta.

Então, ele apertou a cintura dela e disse.

– Adoraria saber o que você está tramando.

Ah, Deus, o cheiro dele era delicioso, de limão, lima-da-pérsia, sol.

– Espere e verá – disse ela, e deu outro beijo na boca dele. – Vou te contar se estiver certa.

Vinte minutos depois, quando Conor tinha saído com relutância para o trabalho, Scarlett atravessou a praça. O Red House ainda não estava aberto. Quando Lucas abriu a porta para ela, deu um passo para trás e olhou de novo o relógio.

– Ainda são 10h30. Você está meia hora adiantada.

– Eu sei. Queria falar com você. Em particular.

Ele ergueu uma sobrancelha.

– Sobre o quê?

– Seja paciente. Aqui.

Ela abriu a pasta, tirou as duas fotos e as colocou lado a lado no bar.

– Dá uma olhada. Me diz o que você vê.

Elas tinham sido tiradas no bar na noite do sábado anterior. A primeira foto era de Brendan e Caz, as cabeças jogadas para trás de tanto rir porque Caz tinha acabado de fazer um comentário ousado sobre uma abobrinha. A segunda, com um homem abraçando o amado cachorro adotado, capturou o momento em que o cachorro tinha se virado e lambido a orelha dele com entusiasmo.

Mas não eram as pessoas em primeiro plano que tinham chamado a atenção de Scarlett, e ela soube na mesma hora, enquanto observava Lucas discretamente, que ele também tinha visto. Como ela, ele tinha focado sua atenção nas pessoas ao fundo.

Na primeira foto, ele estava atrás do balcão, e Essie e Zillah estavam a uma distância mediana. Elas tinham ido tomar um drinque porque Zillah tinha reclamado que ia ficar louca se continuasse em casa. Essie estava olhando para Zillah e Lucas estava olhando fixamente para Essie com uma expressão quase dilacerante de tão intensa.

Na segunda foto, Lucas estava servindo um cliente assíduo da casa e Essie, desta vez parada sozinha, estava olhando para ele com uma expressão quase idêntica de atração no olhar.

Duas chances em um milhão, mas Conor tinha conseguido capturar ambas sem querer.

Era destino ou o quê?

Naquele momento, parecia ser.

Scarlett olhou para Lucas, com sua camisa branca de algodão e a calça jeans preta, o cabelo escuro caindo nos olhos e um músculo contraído na mandíbula enquanto ele continuava evitando o olhar dela.

Finalmente, ele expirou.

– O que ela te disse?

Na mesma hora, ela teve vontade de inventar uma coisa absurda e o enganar para que confessasse. Mas, não, ele não tinha negado, então ela não devia fazer isso. Com sinceridade absoluta, ela respondeu:

– Ela não me disse nada. E é isso que torna tudo tão interessante, porque Essie é minha melhor amiga e ela sempre me conta tudo.

– Talvez não haja nada para contar.

Mas era claramente uma sugestão hipotética, e bastou Scarlett olhar para as fotos em cima do balcão do bar e para Lucas de novo.

Ele piscou.

– Então eu estou certa. Acho que você devia me contar o que está acontecendo. Vocês estavam juntos antes da Escócia?

Mas não era possível.

– Ou foi lá que aconteceu? Ah, *uau*…

– Não aconteceu nada – disse Lucas, balançando a cabeça. – Nem antes, nem depois da Escócia. A gente pode mudar de assunto?

Ele estava falando sério?

– Me desculpe, mas a gente precisa falar sobre isso. É importante. Você e Giselle terminaram e Essie terminou com Paul, coisa que eu adorei, aliás. Então, eu não estou entendendo.

Scarlett franziu a testa.

– Se vocês dois são doidos um pelo outro, e está na cara que *são*… bom, não tem motivo para vocês não… *Aaahh*.

Ela assentiu quando se deu conta.

– Tem a ver com o acidente da Zillah, não tem? Foi por isso que Essie se sentiu tão culpada… Agora estou entendendo.

Lucas pareceu surpreso.

– Ela se sentiu culpada?

Scarlett fez uma careta.

– Terra chamando Lucas! Você não viu como ela tem tratado a Zillah ultimamente? Acho que não, né? Mas, falando sério. Ela anda um cruzamento entre guarda-costas e coala bebê. Ela se sente péssima porque não estava lá quando Zillah se machucou. A gente fica dizendo que não foi culpa dela, mas ela se sente responsável porque está morrendo de culpa e vergonha… e é *por isso* que ela não deixa Zillah sozinha – concluiu Scarlett com um movimento triunfante do dedo. – E isso está deixando Zillah louca, aliás.

– Certo.

Lucas assentiu. Ele parecia atordoado.

– Você não sabia mesmo?

– Achei que ela tinha ficado em dúvida a meu respeito.

– Mas ela não te disse isso.

– Não, mas…

Sinceramente, tem uns homens…

– O quanto vocês conversaram sobre isso?

– Nada – disse Lucas.

Scarlett o observou com fascinação.

– E o que ela significa pra você?

– Ah, Deus. – Ele expirou alto. – Bem, tudo no mundo. E eu não consigo acreditar que falei isso pra você. As coisas não costumam ser assim comigo.

Ela sorriu, porque Lucas era *tão* bonito e costumava ser *tão* confiante que

descobrir aquele lado inseguro era uma revelação e tanto. Praticamente todas as mulheres que o conheciam caíam no feitiço dele, mas só daquela forma fantasiosa e distante na qual se gosta de alguém como Hugh Jackman ou Chris Hemsworth.

Mas, de alguma forma, ela sabia por instinto que desta vez ele tinha encontrado seu par.

– Está na hora de ter uma conversa com Essie – disse ela com gentileza.

Ah, e ela pretendia levar *todo* o crédito por aquilo depois que tudo estivesse resolvido.

Mas Lucas ainda parecia cauteloso.

– Confia em mim. Eu não estou errada. Por que você está com tanto medo?

Lucas passou os dedos pelo cabelo e disse simplesmente:

– Porque eu me importo muito.

# Capítulo 52

Saber que veria Lucas no trabalho e se preparar mentalmente antes era uma coisa. Mas era bem diferente abrir a porta de casa e dar de cara com ele, sem aviso, parado na entrada.

*Meu Deus, olha só esse homem. Olha só esses olhos… Não, não olhe para os olhos…* Com o coração disparado, Essie disse:

– Oi, estou ocupada.

– Tudo bem – disse Lucas, com um sorriso tranquilo. – Eu vim buscar Zillah.

– Ah, você chegou. Que maravilha!

Zillah se materializou no corredor atrás de Essie, usando o chapéu turquesa estilo turbante e carregando a bolsa prateada enorme.

– Muito obrigada, Lucas.

– Para onde você vai? O que está acontecendo? Estou preparando o jantar.

Zillah parou na frente do espelho no corredor, tirou um batom do bolso e o passou com habilidade, depois estalou os lábios.

– Ah, eu só estava a fim de companhia e de uma mudança de ambiente.

Lucas vai me acompanhar até o Red House.

– Eu poderia ter feito isso – disse Essie.

Além do mais, ela não era companhia suficiente?

– Só que você precisa estar aqui para fazer o jantar – disse Zillah, os olhos escuros se animando quando ela segurou no braço de Lucas. – Pode continuar o que você estava fazendo, querida. Não vou chegar tarde, prometo!

Bizarro. Então era com ele que Zillah estava trocando mensagens quando elas estavam na cozinha, vendo um episódio de *Pointless* enquanto Essie colocava o frango passa assar no forno e começava a preparar os legumes.

Ela voltou para a cozinha agora, um pouco chateada por Zillah ter preferido deixá-la sozinha cortando cenouras, fervendo molho de pão e preparando o recheio. Ah, bem, era melhor ela continuar.

Na noite anterior, Zillah tinha sugerido que as duas fossem ao Red House tomar uns drinques, mas Essie, sabendo que Lucas estaria lá, a tinha persuadido de que seria melhor ficarem em casa, jogarem Parole e assistirem a um filme. Mas ainda era meio irritante ser deixada sozinha enquanto a pessoa de quem você deveria estar cuidando sai passeando de braços dados com outra.

*Outra pessoa que por acaso era Lucas.*

Cinco minutos depois, quando ela estava descascando maçãs para o recheio, a campainha tocou de novo.

Essie foi até o corredor, parou na porta e perguntou:

– Quem é?

Para o caso de desta vez ser um ladrão.

Um ladrão educado, ao menos.

Uma voz disse "Sou eu" e Essie sentiu como se tivesse tocado em uma cerca elétrica.

Foi difícil recuperar o fôlego.

– O que você quer?

– Você pode abrir a porta? – pediu Lucas.

– Zillah está com você?

– Não, eu estou sozinho.

O coração de Essie entrou em pânico galopante.

– Não estou entendendo.

– Abrir a porta pode ajudar – disse Lucas.

– E se eu não quiser?

– Bem, Zillah me deu a chave dela.

Ela precisava se controlar. Essie destrancou a porta e a abriu.

– Ela esqueceu alguma coisa?

– Não.

– Cadê ela?

Lucas deu de ombros com tranquilidade.

– Sei lá.

– *O quê?*

– Brincadeira. Ela está sentada no bar, no sofá de veludo vermelho, cercada de fãs apaixonados.

– Você não devia brincar com isso, sabia? – disse Essie.

– E você não devia abrir a porta com uma faca na mão – respondeu Lucas com um leve sorriso. – Olha, agora que estou aqui, posso entrar?

Essie olhou para a faca em sua mão e a colocou na mesa de jacarandá ao lado da porta.

– Por quê?

– Bom, por dois motivos. Primeiro porque você está deixando Zillah louca.

– Não estou, não!

– Está, sim. Scarlett me contou e agora Zillah confirmou. Ela está se sentindo meio sufocada.

– Eu só estou cuidando dela. Isso não é sufocar!

Quando ela falou isso, um grupo de pessoas passou pela casa e olhou para ela com interesse. Ultrajada, Essie sibilou:

– Ah, Deus, agora todo mundo vai achar que eu sou uma assassina…

– *Shh*, não vai.

Lucas já estava no corredor, fechando a porta.

– Sinceramente, não consigo acreditar nas coisas que a Scarlett faz. O que ela andou dizendo sobre mim? Que audácia!

– Não se irrite. Nossa, o cheiro aqui dentro está fantástico. Ah, eu ouvi falar disso aqui.

Lucas parou na entrada da cozinha para admirar a decoração ainda pendurada.

– Está lindo.

– E eu continuo sem entender o que está acontecendo.

A boca de Essie estava seca. Era coisa demais para absorver; depois de praticamente forçar sua entrada ali, Lucas agora estava dizendo que tudo que ela tinha feito fora errado e era tão confuso, porque ele estava falando com o tom confiante e alegre que sempre usava antes de o acidente de Zillah ter mudado tudo.

– Bem, acho que você está fazendo frango assado, não é?

Ele abriu brevemente a porta do forno e disse:

– Sim, me parece um frango mesmo.

Essie piscou.

– Por que você está fazendo isso?

– Eu falei que havia dois motivos. Você não me perguntou qual é o segundo.

Ele estava brincando com ela, o que era bem perturbador. Como se não fosse difícil o suficiente controlar seus sentimentos. Essie disse:

– Eu não quero saber o segundo motivo.

E agora, Lucas estava sorrindo para ela daquele jeito arrasador e caótico, como se tivesse certeza de que aquilo não era verdade. Ele ergueu uma sobrancelha e murmurou:

– Sério? Tem certeza?

Essie sentiu a garganta apertar.

– Você pode parar de me olhar desse jeito?

– Eu não consigo evitar. Scarlett disse que você é louca por mim e que o motivo de você estar negando isso é porque se sente culpada pelo acidente da Zillah. E, bem, saiba que foi fantástico descobrir isso, porque, nas últimas duas semanas, eu estava começando a achar que eu tinha *imaginado* tudo…

– Calma aí! Como é? Como *Scarlett* pode ter dito uma coisa dessas?

Lucas deu de ombros.

– Ela disse. Ela sabia.

Essie balançou a cabeça, perplexa.

– Mas ela não ouviu de mim. Eu não contei nada para ela.

– Scarlett é mais observadora do que você pensa. – Os olhos escuros dele estavam brilhando de diversão. – Eu sei, eu também fiquei surpreso. Ela também me disse que eu sou louco por você.

Ele fez uma pausa.

– E, bem, sendo sincero, dessa parte eu já sabia.

Essie mal conseguia respirar. Ela se encostou na bancada da cozinha, a cabeça leve pelo choque e pelo medo e por estar vivenciando um tsunami de emoções: alegria, vergonha, pânico e uma descrença atordoante. Porque o que ele estava dizendo era tudo que ela queria ouvir, mas também tudo que ela tinha dito a si mesma que não merecia ouvir.

Com impotência, ela repetiu:

– Eu não contei pra Scarlett.

Lucas foi na direção dela.

– Foi assim que ela soube.

– Zillah quase morreu.

A voz de Essie estremeceu, seu peito doendo ao se lembrar de como a tragédia foi evitada por pouco. Ela não conseguia parar de pensar naquilo.

– *Quase.*

O olhar dele foi firme.

– Acredite em mim, eu sei como é a sensação de culpa, mas não foi culpa sua Zillah ter caído da cadeira. Também não foi sua culpa só termos chegado em casa à meia-noite.

– Fui eu que te convenci a visitar sua mãe.

– E eu estou muito feliz por isso – disse Lucas. – Afinal, olha só o que aconteceu.

Essie respirou fundo, trêmula; ela estava sufocando as emoções havia tanto tempo, ela tinha que confessar tudo.

– Mas eu quase não encontrei Zillah. Quando entrei na casa, eu passei por cima das cartas no tapete sem nem reparar que estavam lá. Eu ouvi alguém gritar quando estava no chuveiro, mas disse para mim mesma que devia ser

uma raposa na praça. Eu só conseguia pensar em ir ao Red House pra te ver e tudo isso me deixa enjoada e com *vergonha*.

– Ei, me escuta.

Lucas agora estava parado na frente dela, colocando as mãos em seus ombros, e sua pele pareceu estar pegando fogo.

– Você reparou nas cartas no tapete, você a encontrou a tempo, você *salvou* a vida dela. E agora ela está bem de novo. Graças a você, ela se recuperou completamente. E, além disso, hoje ela só conseguia pensar em ir ao Red House…

– Para ficar longe de mim – disse Essie com um sorrisinho pesaroso.

– Não, não isso. Ela quis ir porque ama sair, conhecer gente e ser independente.

Enquanto falava, Lucas massageou de leve a pele acima da clavícula dela com os polegares, o que estava sendo uma experiência divina.

– Além do mais, fui eu que pedi para ela ir lá, para eu poder vir aqui conversar com você.

Essie engoliu em seco; a coisa na clavícula estava mesmo sendo incrível.

– Ah…

– Você não pode ficar se punindo por ter salvado a vida de uma pessoa – disse Lucas com a voz baixa, a boca perto do ouvido dela agora. – Isso não faz sentido.

– Não sei…

Tinha se tornado a reação automática de Essie dizer a si mesma que fazia sentido, sim.

– *Shh*. Eu estou certo e você está errada.

Ele recuou um pouco para olhar para ela.

– Agora me diz, se Zillah não tivesse caído daquela cadeira, o que você acha que teria acontecido entre nós naquela noite em que voltamos a Bath?

*Ah, Deus…*

Essie sussurrou:

– Não sei.

– É mesmo? Você não faz ideia? Tem certeza disso?

Ele olhou para ela com uma expressão de questionamento.

– Porque eu sei o que eu queria que acontecesse em algum momento depois que você fosse para a minha casa.

Desta vez, ele estava tão perto que sentiu o corpo dela tremer em reação às suas palavras. Essie olhou pela janela, para o céu estrelado, e viu uma lua crescente perfeita sobre a praça. Ela olhou para Lucas.

– Agora você não está sendo justo.

– Eu não quero ser justo. Você não faz ideia do quanto eu senti a sua falta. Assim como não faz ideia do quanto eu quero te beijar. Está me matando.

Ele acariciou a lateral do rosto dela.

– Achar que você gostava de mim, depois achar que *não* gostava de mim… essas duas últimas semanas foram bem difíceis. Se você pudesse imaginar o que fez comigo…

– Ok, chega.

Essie, que era humana, passou os braços pelo pescoço dele e o beijou, e a onda de eletricidade pegou os dois de surpresa. Era o paraíso. Lucas beijava muito bem. Ele enfiou os dedos no cabelo dela e os corpos se colaram…

– Você é incrível – murmurou ele quando pararam para respirar.

Ela respirou fundo.

– Tem uma coisa que eu preciso te contar.

– Ah, Deus. Conta.

Ele esperou, preparado para o pior.

Essie sustentou o olhar dele.

– Eu não estou mais me sentindo culpada. – Era verdade; a vergonha e a autorrecriminação tinham desaparecido.

– Você não faz ideia de como isso me deixa feliz. Eu nunca senti isso por ninguém. Você acredita? Provavelmente não – disse Lucas –, porque eu mesmo quase não consigo acreditar. Mas é verdade, juro. Naquela primeira manhã, depois que o seu irmão mandou o e-mail… meu Deus, eu nunca tinha visto alguém tão furiosa, mas, mesmo naquele momento, eu só conseguia pensar, mesmo quando você estava gritando com ele, em como você era incrível. E eu sei que não faz sentido, mas é verdade.

– Eu não te achei incrível – disse Essie. – Não naquela hora.

– Eu imaginei.

Achando graça, ele deu outro beijo breve nela.

– Aí você foi trabalhar no Red House…

– Eu também não te achei incrível nessa hora. Mas depois que descobri que você não tinha enviado o e-mail, você foi me ganhando aos poucos. E quando eu percebi quanto você era mais legal do que eu tinha achado, você me ganhou de vez.

– Ainda bem – disse Lucas.

– Pois é, também acho.

Essie queria que ele massageasse a clavícula dela de novo.

– Eu não acredito que isso esteja acontecendo.

Os dois deram um pulo quando o timer do forno soou e os trouxe de volta à Terra. Agora, claro, o jantar era a última coisa na cabeça dela, mas Zillah estaria esperando por uma refeição quando voltasse para casa. Essie abriu o forno, regou rapidamente o frango com o caldo e programou o timer.

– Quanto tempo nós temos agora? – Lucas passou os braços pela cintura dela.

– Quarenta minutos.

A boca dele tremeu.

– Vai servir para começar.

E Essie, ao perceber que estava prestes a levá-lo para cima, para o apartamento dela, perguntou:

– E se Zillah decidir voltar? Você está com a chave dela.

– Ela vai tocar a campainha.

Lucas fez uma careta para indicar que eles não iam querer que isso acontecesse.

Essie pegou o celular e fez uma ligação. Foi atendida no quinto toque.

– Zillah! Oi, você está se divertindo?

Em meio ao ruído de fundo do Red House, Zillah disse com alegria:

– Muito, querida! E você?

*Em breve estarei, espero.*

– Está ótimo – disse Essie. – Eu só queria ver se estava tudo bem com você.

– Se você quer saber que horas eu vou voltar, eu ainda vou demorar. Todo

mundo está sendo um amor e Scarlett preparou um drinque delicioso para mim. Adivinha qual é o nome? Hanky-panky!

– Que… interessante.

Essie encarou Lucas e tentou não rir porque ele tinha segurado a mão dela e a estava puxando do apartamento de Zillah para o corredor.

– Bem, eu só queria falar com você e saber se você está bem…

Em meio ao som de música, falatório e gargalhadas, Zillah disse com alegria:

– Claro que estou bem, minha querida. Estou sendo muito mimada.

Essie sorriu quando Lucas a puxou até a escada. Para Zillah, ela disse:

– Ah, é claro que está. Você é a Rainha da Praça!

SOBRE A AUTORA

JILL MANSELL trabalhou por muito tempo em um hospital neurológico, mas nos últimos 20 anos tem se dedicado em tempo integral à escrita de romances. Desde então, foram mais de 30 livros lançados e mais de 13 milhões de exemplares vendidos. Em 2009, o *The Daily Telegraph* a incluiu na lista de maiores autores best-sellers da década. Jill também foi premiada pela Romantic Novelists' Association por sua notável contribuição ao gênero. Pela Arqueiro, já publicou *Desencontros à beira-mar*, *Onde mora o amor* e *Muito além do infinito*. Atualmente, mora em Bristol com a família.

CONHEÇA OUTROS LIVROS DA AUTORA

## *Muito além do infinito*

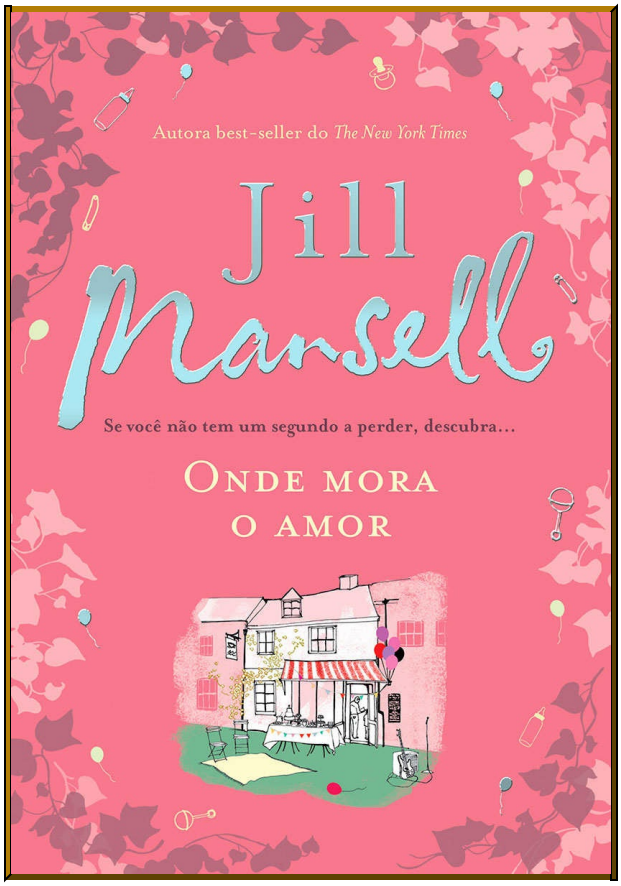
Quando perde tragicamente o marido, Ellie Kendall sente seu mundo desabar. Mas, depois de um ano, ela está pronta para um recomeço – no trabalho, é claro. Ela ainda nem pensa em um novo relacionamento.

Por insistência do sogro, Ellie se muda para um apartamento que ele possui na glamorosa região de Primrose Hill e lá faz amizade com Roo, uma vizinha excêntrica que também guarda segredos.

Já seu novo chefe, Zack McLaren, é exigente e parece ter tudo, mas o que ele mais quer é chamar a atenção da garota que não sai da sua cabeça. Ah, se ela o olhasse como olha para Elmo, o cachorro dele...

Enquanto tenta se adaptar ao emprego e se distrair com os amigos, Ellie não consegue deixar de pensar no falecido marido. Será que ela vai perceber que o homem dos seus sonhos está bem na sua frente?

Neste delicioso romance, Jill Mansell brinda o leitor com uma história de corações partidos, amizade, risadas e esperança, reunindo personagens apaixonantes, que iriam muito além do infinito para conquistar uma segunda chance no amor.




## *Onde mora o amor*

Dexter Yates adora sua vida despreocupada em Londres. Além de lindo e rico, mora em um apartamento chique e está sempre acompanhado de belas mulheres. Mas tudo se transforma da noite para o dia quando a irmã morre, deixando a pequena Delphi, de apenas oito meses.

Sem a menor ideia de como cuidar sozinho de um bebê, ele resolve se afastar da correria da cidade grande e se muda para sua casa em Briarwood.

Dex não está acostumado ao ambiente intimista do vilarejo, em que todo mundo se conhece e todas as histórias se entrelaçam. Os moradores o recebem de braços abertos, sobretudo sua vizinha de porta, a talentosa quadrinista Molly, que se oferece para ajudar com Delphi. Ela tem um

passado amoroso catastrófico e muita cautela, mas nasce entre os dois uma inegável conexão.

Se Dex vai conseguir se adaptar a essa nova vida e encontrar o amor de verdade, ele primeiro terá muito a aprender: sobre Molly, sobre Delphi, sobre os segredos dos outros e, principalmente, sobre si mesmo.

CONHEÇA OS LIVROS DE JILL MANSELL

Desencontros à beira-mar

Onde mora o amor

Muito além do infinito

Tudo pode mudar

Para saber mais sobre os títulos e autores da Editora Arqueiro,
visite o nosso site e siga as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos
e poderá participar de promoções e sorteios.

editoraarqueiro.com.br